O FENÓMENO INTERNACIONAL

Pior do que passar a noite numa ala psiquiátrica, é não conseguir sair de lá.



N.º 1 *TOP* DE VENDAS

ALA D

FREIDA McFADDEN

AUTORA DO *BESTSELLER* MUNDIAL *A CRIADA*

alma dos livros

FREIDA McFADDEN

ALA D

Tradução de

Carla Ribeiro

alma dos livros

info@almadoslivros.pt
www.almadoslivros.pt
© 2025 Direitos desta edição reservados
para Alma dos Livros
Ward D © 2023 by Freida McFadden
Edição publicada por acordo com Jane Rotrosen Agency, LLC.,
através de International Editors & Yáñez Co' S.L.
Título: *Ala D*
Título original: *Ward D*
Autora: Freida McFadden
Tradução: Carla Ribeiro
Revisão: Márcia Marto
Paginação: Maria João Silveira
Capa: Inês Monteiro/Alma dos Livros
Imagem de capa: © Magdalena Russocka/Trevillion Images
Impressão e acabamento: Cafilesa – Soluções Gráficas, Lda.
Depósito legal: 539122/24
1.ª edição: Janeiro de 2025
Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada
ou reproduzida em qualquer forma sem permissão
por escrito do proprietário legal, salvo as exceções
devidamente previstas na lei.
Este livro é uma obra de ficção.
Nomes, personagens, empresas, organizações, lugares e acontecimentos
são produto da imaginação do autor ou usados ficticiamente.
Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas,
acontecimentos ou locais é mera coincidência.

Para os meus pacientes.

1

PRESENTE

Cara AMY BRENNER,

Foi alocada ao turno noturno de hoje na nossa principal unidade psiquiátrica fechada, a Ala D. Ao preparar-se para o turno que lhe foi atribuído, por favor, considere as seguintes orientações:

- Ser-lhe-á dado um código numérico que pode ser utilizado para sair da Ala D. Salvo em caso de emergência, NÃO PODE deixar a unidade durante o seu turno.
- Não divulgue nenhuma informação pessoal aos seus pacientes. Isto inclui pormenores sobre a sua vida pessoal ou o endereço de sua casa.
- Não é permitido levar os seguintes objetos para a Ala D: álcool, líquidos inflamáveis, pioneses, canetas, agulhas, agrafos, clipes, alfinetes de ama, limas de unhas, pinças, corta-unhas, tabaco, cigarros eletrónicos, sacos de plástico, lâminas, armas ou qualquer artigo que possa ser utilizado como arma.
- Não espere dormir durante o seu turno.

O médico assistente de serviço esta noite é o DR. BECK. Por favor, apresente-se ao médico assistente quando chegar à Ala D.

Com os melhores cumprimentos,

Pauline Walter

Assistente administrativa do diretor de psiquiatria

A Sra. Pritchett não consegue dormir.

Ou pelo menos não conseguia da última vez que cá esteve na consulta externa de psiquiatria, onde estou há duas semanas a fazer um estágio do curso de medicina. Trabalho com um psiquiatra chamado Dr. Silver, a quem dei a alcunha de Dr. Sono (pelo menos na minha cabeça) porque oitenta por cento dos pacientes que vê vêm cá por problemas de sono. Supõe-se que o internato de psiquiatria em que estou me devia expor a uma prática ambulatória geral, com uma mistura de depressão, ansiedade, psicose, etc., mas só há problemas de sono por aqui, na verdade. E eu não me importo nada.

Ainda tenho as notas que tirei no meu caderninho de argolas sobre a última visita

da Sra. Pritchett. Não me tinha apercebido até este exato segundo de como a minha letra se tornou ilegível. Fora os seus sessenta e quatro anos de idade, só consigo distinguir duas frases:

Não consegue dormir.

E:

Gato.

Sublinhei a palavra «gato» várias vezes, por isso devia ser importante, mas não consigo ler nada do que escrevi por baixo dessa palavra. Algo sobre gatos, provavelmente. Talvez o gato se tivesse sentado na sua cara quando estava a tentar adormecer. Aconteceu-me isso uma vez.

A Sra. Pritchett está instalada na sala de exame, o cabelo grisalho à altura do queixo penteado num corte cuidado, a grande bolsa rosa apertada no colo. Ao contrário da maioria das salas de exame que vi, esta não tem uma marquesa de exame elevada. É só uma sala com duas cadeiras de madeira. A Sra. Pritchett está sentada numa delas, eu vou sentar-me na outra e então, quando o Dr. Sono chegar, ele ocupará a segunda cadeira e eu levantar-me-ei, ficando a pairar desconfortavelmente acima deles.

– Amy! – exclama a Sra. Pritchett, ao ver-me entrar na sala. – Estou tão feliz por a ver, querida!

– Oh? – Isto é diferente da habitual saudação cansada que recebo dos pacientes. – Como tem dormido?

– Muito melhor. Graças a si!

– A sério? – Tento não soar demasiado espantada, mas é difícil não dizer: *Mas eu não fiz absolutamente nada.*

– Sim! – Sorri-me. – Todos os outros se limitaram a receitar-me um monte de comprimidos para dormir, mas a Amy falou realmente comigo. E, mais importante, *ouviu-me*. E foi assim que eu percebi que a razão por que não conseguia dormir era ter tantas saudades do *Senhor Bigodes* desde que morreu, há seis meses.

Oh, *gato*. Agora tudo faz sentido.

– Fico muito feliz por ter podido ajudar.

Abre-me um sorriso lacrimoso.

– E foi por isso que, depois de falar consigo, arranjei um gatinho novo. Desde que levei o *Senhor Fofinho* para casa, durmo como uma pedra. Tudo graças a si. Porque tirou tempo para ouvir.

O que posso eu dizer? Enquanto estudante de medicina, não tenho muito conhecimento, mas tenho montes de tempo para passar com os pacientes. O que é bom, porque a Sra. Pritchett passa então a mostrar-me cerca de cinco mil milhões de

fotografias *Polaroid* do seu novo gatinho.

– Além disso – diz ela, quando acabo de ver as fotos –, trouxe-lhe um presente de agradecimento!

Um presente de agradecimento? A sério? Uau, é a coisa mais empolgante que me aconteceu nos últimos dois anos.

Ainda assim, parte do meu entusiasmo esmorece quando a Sra. Pritchett se ergue da sua cadeira. E diria que se desvanece por completo ao vê-la pegar num quadro enorme que não me tinha apercebido de que estava ao fundo da sala de exame. O quadro estava virado de costas para nós, mas agora vejo-o claramente.

É o retrato de um gato.

E é quase do meu tamanho.

– É um quadro que mandei fazer do *Senhor Bigodes* – diz orgulhosamente a Sra. Pritchett. – E gostaria que ficasse com ele.

– Oh – respondo eu. – Hum. Obrigada!

Um gato preto é a figura principal do gigantesco retrato. É nitidamente maior do que a versão real, a não ser que o *Senhor Bigodes* fosse um lince ou talvez um pequeno leão. E porque parece tão *zangado* no quadro?

– Não parece realista? – pergunta a Sra. Pritchett.

Sim. Parece realmente estar prestes a saltar do quadro e a atacar-me.

Levo o quadro para fora da sala de exame, sem saber muito bem onde vou pôr isto no meu apartamentozinho minúsculo. Por agora, deixo-o no corredor.

O Dr. Sono está a trabalhar no gabinete ao lado da sala onde tenho estado sentada com a Sra. Pritchett. Este outro gabinete tem uma secretária com um computador em cima e o Dr. Sono está a martelar nas teclas quando bato com o punho na porta aberta. Ao erguer o olhar para mim, empurra os seus óculos de leitura em forma de meia-lua para cima sobre a ponte do nariz e esboça-me um dos seus sorrisos plácidos.

– Olá, Amy. – O Dr. Sono fala sempre num tom calmo que é quase monocórdico. Estou bastante certa de que podia adormecer a maioria dos seus pacientes só com a voz. Provavelmente saem da consulta e adormecem imediatamente nos seus carros, possivelmente enquanto conduzem. – Está pronta?

– Sim – digo.

– Muito bem, então. Fale-me da senhora Pritchett.

Percorro a informação sobre a Sra. Pritchett que tenho no meu caderninho. O Dr. Sono assimila tudo em silêncio, soltando ligeiros resmoneios nos momentos adequados. Refiro o retrato do gato, na esperança de que ele se ofereça para mo tirar das mãos, mas não tenho essa sorte.

– Enfim – termino. – É tudo.

O Dr. Sono esfrega pensativamente a pera branca.

– E como está a *Amy*? Também não parece ter dormido lá muito bem.

Tem razão – não dormi bem ontem à noite. De certeza que tenho umas olheiras enormes por baixo dos olhos.

– Estou só um pouco nervosa por ir fazer um turno na Ala D esta noite.

– Ah, faz sentido. – Não sei até que ponto devo ficar perturbada com o facto de ele achar normal que eu tenha passado metade da noite acordada a preocupar-me com o meu turno da noite na unidade psiquiátrica fechada. – A Ala D pode ser desafiante. Mas acho que vai aprender imenso esta noite. Quem é o seu médico assistente?

– O doutor Beck.

Ele assente em aprovação.

– Um dos melhores psiquiatras que conheço. E um excelente professor. Terá uma ótima experiência esta noite.

Tenho sérias dúvidas disso.

– Não há motivos para preocupação – diz ele, na sua voz calma e tranquilizadora. – Lembre-se, terá o código para sair da unidade. Pode sair em qualquer altura.

Certo. Aparentemente, há um teclado com um código de seis dígitos que controla a porta trancada da unidade psiquiátrica. Mas eu não consigo memorizar um número de telefone, que não é muito mais longo. E se eu me esquecer do código e ficar presa? *O que acontece então?*

Ele abre-me um sorriso apaziguador.

– Fez um trabalho tão bom aqui nas duas últimas semanas, Amy. Todos os pacientes me dizem que é uma ouvinte maravilhosa. Muitos estudantes parecem esquecer-se de que os doentes psiquiátricos são seres humanos como nós. Só querem ficar melhor e parte do seu dever como médica será prestar-lhes os melhores cuidados possíveis.

– Eu sei.

Inclina a cabeça para o lado e fita-me com a expressão pensativa que tantas vezes adota.

– O que a preocupa tanto, Amy?

– Parece-me só que pode ser… perigoso.

– Vai ficar bem. – Fita-me com os seus olhos azuis. – Todos os pacientes estão muito bem controlados pelas suas medicações. Não há motivos para preocupação.

Parece-me mentira. Se estivessem bem controlados, a unidade não teria de ser fechada, não é?

Mas não é essa a verdadeira razão por que temo a minha noite na Ala D. Não posso dizer ao Dr. Sono o verdadeiro motivo por que passei a noite de ontem às voltas na

cama. Não posso dizer a ninguém porque tenho um pavor desesperado da Ala D.

– Escute. – O Dr. Sono olha para o relógio de ouro que tem no pulso. – Porque não me deixa acabar com a senhora Pritchett e sai mais cedo? Tire um pouco de tempo para si antes de rumar à Ala D.

Um pouco de tempo para mim parece-me fantástico. Já não tenho muito disso.

– Muito obrigada – digo-lhe eu.

Ele pisca-me o olho.

– Sem problemas. E não se preocupe. Quando chegar à Ala D, verá que não é assim tão má. Prometo.

Mordo a língua para me impedir de lhe dizer a verdade. A verdade é que eu já vi a Ala D. Já a visitei antes, há quase uma década.

Quando a minha melhor amiga era uma das pacientes lá.

Ainda me lembro do seu cabelo emaranhado e dos seus olhos desvairados durante a minha visita. Já não parecia a minha melhor amiga – parecia mais um animal selvagem preso numa jaula. Mas o que mais me marcou – o que jamais esquecerei – foram as palavras que ela me cuspiu segundos antes de eu fugir a correr da unidade, jurando a mim mesma que nunca mais voltaria:

Tu é que devias estar aqui trancada, Amy.

2

Vou passar as próximas treze horas da minha vida numa ala psiquiátrica fechada.

Tento não pensar nesse facto enquanto vou sentada no banco do passageiro do *Toyota* cinzento em terceira mão da minha colega de casa, a Gabby. (Era do pai, depois passou a ser do irmão e agora é dela – um dia destes, passará a ser do ferro-velho.) Teve a amabilidade de se oferecer para me dar boleia até ao hospital para o meu turno, que começa dentro de exatamente vinte minutos. Parece uma contagem decrescente para a minha execução.

– Não te passes, Amy – diz-me a Gabby. Passou as duas últimas semanas a trabalhar na Ala D durante o dia e não compreende as minhas preocupações. Até trabalhou com o Dr. Beck na primeira semana e tem uma absoluta adoração por ele. – Vai correr tudo bem.

Claro que, neste momento, estou um pouco mais assustada com o facto de a Gabby ter acabado de passar um sinal de STOP sem sequer abrandar. A Gabby é provavelmente a segunda pior condutora de Long Island (sendo eu a primeira, claro). Por outro lado, se a Gabby espetar o carro contra uma árvore, terei uma desculpa para faltar a este turno. Por uma vez, espero que soframos um terrível acidente.

Bem, talvez não *terrível*. Mas algo suficientemente mau para exigir uma visita ao hospital. Talvez um osso partido – um pouco importante, como o meu mindinho.

– Com quem estás de serviço esta noite? – pergunta-me a Gabby.

– Com a Stephanie.

– Oh! – Ela anima-se. – A Stephanie é incrível. Isso é tão perfeito.

Tenho de concordar com ela em relação a isso. Stephanie Margolis é uma das minhas colegas mais lúcidas. É o tipo de pessoa com quem queremos estudar na véspera de um teste porque sabe sempre tudo, mas não é insuportável quanto a isso. É uma presença tranquilizadora em qualquer sala. Saber que ela estará comigo esta noite faz-me sentir um pouco melhor com toda a situação.

A Gabby passa uma mão pelos espessos caracóis negros, mas fica lá presa e, por um momento, sinto verdadeiro pavor de ter de agarrar no volante e guiar eu mesma o carro enquanto ela desenreda os dedos com as duas mãos. Mas então consegue recuperar o controlo.

O meu telemóvel vibra-me contra a coxa. Ao tirá-lo, retraio-me ante a visão das minhas unhas gravemente roídas – estaria a roê-las agora mesmo se ainda restasse algo para roer. O nome Cameron Berger fita-me do ecrã do meu telemóvel. Seguido por uma mensagem de texto:

Olá.

Pensava que nada me poderia fazer sentir pior neste momento, mas eis algo que o faz. Uma mensagem de texto do meu ex-namorado, que acabou recentemente comigo de forma muito humilhante.

– O que foi? – pergunta a Gabby.

– É o Cameron – digo eu.

Faz uma careta. Foi a Gabby a estender-me os lenços de papel depois da nossa separação e até me ajudou a fazer uma pequena fogueira de namorados para me livrar de todos os pertences que o Cam tinha deixado em minha casa.

– O que tem esse idiota a dizer?

– Disse «olá».

– Como ousa? – Leva a mão à buzina, provavelmente sobressaltando o condutor do carro à nossa frente, que não fez absolutamente nada de mal. – Espero que não lhe vás responder.

– É claro que não.

– Não sei porque não o bloqueias simplesmente!

Tem razão – devia bloqueá-lo. E é o que farei.

Talvez amanhã.

Viramos uma esquina e o hospital aparece – é uma estrutura nova construída em forma circular, de modo que as unidades de internamento formem um anel. Foi construído de forma a ter um ar ultramoderno, como se vivêssemos num futuro não muito distante. Há dois anos que tenho vindo a ter aulas no hospital: anatomia, fisiologia, patologia, microbiologia, etc. Mas agora estamos finalmente a usá-lo para aquilo a que se destina: ver pacientes e aprendermos a ser médicos. Foi com isto que passei toda a minha vida a sonhar.

Embora *nunca* tenha sonhado tornar-me psiquiatra. De todas as especialidades que tenho vindo a considerar, essa é a única que nunca me passou pela cabeça.

Com uma brusquidão nauseante, a Gabby trava em frente à concorrida entrada do hospital, falhando por pouco um homem numa cadeira de rodas.

– Chegámos!

– Chegámos – repito eu, apertando o saco de papel pardo que tenho ao colo, com a minha sanduíche de queijo americano e um pacote de batatas fritas que encontrei num dos nossos armários. O saco amarrota-se sob as minhas mãos.

– Não te preocupes – diz-me ela. – Vai correr tudo bem.

– Envio-te uma mensagem quando entrar. – *Se não tiveres notícias minhas de hora a hora, envia ajuda*, apetece-me acrescentar.

– Na verdade… – A Gabby enrola uma madeixa de cabelo preto no dedo. – A rede não é muito boa lá dentro. É a modos que… inexistente.

Fico pasmada. Não pensei que fosse possível sentir-me pior em relação a esta noite, mas cá estamos.

– Não me disseste isso!

– Já estavas tão perturbada. Não quis fazer com que te sentisses pior!

Inclino a cabeça para trás e faço beicinho.

– Poderia ao menos ter-me *preparado*.

– Olha – diz ela. – Se fores à sala do pessoal e encostares o telemóvel à janela, mesmo a tocar-lhe, consegues apanhar um ou dois traços.

Aparentemente, vou passar a maior parte desta noite na sala do pessoal, com o meu telemóvel encostado à janela.

– Venho buscar-te de manhã – diz a Gabby. – Às sete em ponto. Vamos comer panquecas.

Sinto-me mal por arrastar a Gabby para o hospital às sete da manhã de um sábado, ainda que, em boa justiça, tenha sido ela a ter a ideia brilhante de tentarmos partilhar carro este ano. Até agora, parece uma experiência maioritariamente falhada, mas continuamos a tentar fazer com que resulte. E, seja como for, a ideia de saltar para o carro da Gabby amanhã de manhã e ir comer panquecas ao restaurante local dar-me-á algo por que ansiar.

– Está bem – assinto, mas não saio do carro. Não me mexo do lugar do passageiro.

– Amy. – Ela franze o sobrolho. – Tens de te acalmar. O que te preocupa tanto?

É a mesma pergunta que o Dr. Sono me fez. Abro a boca, desejando poder contar-lhe tudo, mas sabendo também que não posso. Só uma pessoa sabe a verdade e essa pessoa é a Jade. Não posso dizer a mais ninguém. Nem aos meus pais, nem à Gabby… nem ao Cameron podia dizer antes de descobrir o cretino que ele é.

– E se… – pergunto eu, baixinho. – Se, ao fim da noite, se confundirem e acharem que eu sou uma paciente de lá e não me deixarem sair?

Por um momento, a Gabby olha fixamente para mim. Mas depois, ao fim de alguns instantes, desata a rir sonoramente. O tipo de riso exuberante à Gabby que geralmente me faz querer juntar-me a ela, mas não hoje.

– Oh, meu Deus, Amy. És *tão* engraçada.

Acha que estou a brincar.

Ergo o olhar para o edifício de quinze andares que se ergue sobre mim. Apesar de

estarmos em julho, deve estar para chover, pois o Sol já desceu no céu e pesadas nuvens cinzentas formam-se ao longo do telhado do hospital, dando-lhe um ar ominoso. Nunca tive tanto medo.

Mas estou só a ser tola. O que aconteceu foi há muito tempo. É uma memória distante, na verdade.

Vai correr tudo bem.

3

OITO ANOS ANTES

Adoro esta camisola. Tipo, tanto.

Nunca fui muito uma pessoa de camisolas. Mas o tom de rosa realça na perfeição o meu tom de pele. E, ao passar a mão pelo tecido suave, é como se estivesse a tocar numa nuvem. Viro-me de um lado para o outro, admirando-me a um dos muitos espelhos da Ricardo's – uma movimentada loja de roupa no centro comercial.

– Fica-te *incrivelmente* bem.

Sobressalto-me um pouco ao ouvir o som da voz da minha amiga, Jade Carpenter. Tem graça, porque é uma das pessoas mais estrepitosas que conheço, com imensa personalidade, mas às vezes consegue aproximar-se de uma pessoa como uma ninja sorrateira. Viro-me e encontro-a atrás de mim, precariamente encostada a uma pilha de calças de ganga azuis tamanho trinta e quatro que provavelmente lhe ficariam demasiado grandes.

– Achas? – pergunto eu. Volto a passar a mão pelo tecido.

– Sim! – diz a Jade, enfiando uma madeixa do seu cabelo louro perfeitamente liso atrás da orelha. Pôs demasiada maquilhagem nos olhos esta manhã e temo que me acerte no rosto com as pestanas da próxima vez que pestanejar. – Nunca compras roupa nova para ti, Amy. Usas sempre as mesmas coisas.

Não é uma afirmação totalmente falsa. Sim, é certo que costumo ser vista de calças de ganga e camisolas largas com capuz. Mas eu *gosto* de camisolas com capuz. São quentes e aconchegantes e, se chover, posso puxar o capuz para cima. São a peça de roupa perfeita!

– Compra-a – diz a Jade. – Confia em mim.

Com estas sábias palavras, afasta-se para fazer as suas próprias compras. A Jade sairá da loja com pelo menos uma indumentária nova, talvez duas. E alguma bijuteria. É o que sempre faz.

Por uma vez, talvez devesse fazer o mesmo. A minha mãe deu-me algum dinheiro – duas notas novas de vinte dólares, que estreei numa garrafa de chá gelado de

pêssego (a minha bebida favorita do universo), mas cujo troco está ainda na minha carteira. Podia comprar uma camisola. Por uma vez na vida, podia ter algo bonito para vestir sem ser uma camisola com capuz. Seria divertido exibir a camisola na escola na segunda-feira.

Agarro na etiqueta com o preço pendurada na manga da camisola. E fico de boca aberta.

Bem, *não* vou comprar esta camisola hoje.

Dispo a camisola, volto a pendurá-la no cabide e devolvo-a ao suporte, tentando reprimir os meus sentimentos de anseio. Como pode uma estúpida camisola custar tanto dinheiro? É só um monte de fios, não é? Tenho de me afastar antes que desenvolva algum tipo de apego perigoso.

Enquanto estou no meio da Ricardo's, a tentar não acariciar a camisola proibida, vejo uma menina do outro lado. Tem seis ou sete anos, traz um vestido rosa da mesma cor da camisola e tem caracóis louros a emoldurar-lhe o rosto. É adorável, sobretudo quando me abre um sorriso desdentado.

– Essa camisola ia ficar bonita em ti – diz ela, na sua voz doce de menina.

– Oh, obrigada – respondo.

– Devias comprá-la.

Esboço um sorriso pesaroso à menina.

– Infelizmente é um pouco cara de mais.

A menina olha para mim. Tem uns olhos muito azuis, como duas pequenas poças de perfeita água do mar, orlados por longas pestanas escuras.

– Devias roubá-la, então – diz ela.

O quê?

Olho para a menina, pensando que devo ter ouvido mal. Pergunto-me onde estarão os pais dela. Uma rapariga tão nova não devia estar sozinha, pois não?

– Desculpa?

A menina volta a abrir-me o seu sorriso desdentado.

– Ninguém vai ver – observa. – É uma loja grande. Não darão pela falta dela.

Tem razão. A Ricardo's é enorme. E há muito poucos vendedores a trabalhar no espaço. Se enfiasse a camisola na minha mochila, ninguém daria por nada. Podia sair daqui com ela e não me custaria um cêntimo.

Mas seria incapaz de fazer isso. Seria roubar! Nunca roubei nada na vida, nem um pacote de pastilhas. Seria incapaz de roubar uma camisola.

Antes que eu possa explicar a esta menina que é errado roubar, uma mão fecha-se sobre o meu antebraço. A Jade está ao meu lado, com uma expressão desvairada nos olhos azuis salpicados de manchas amarelas. Põe a sua característica bolsa vermelha

ao ombro.

– Ei, Amy – diz. – Estou pronta para ir. Vamos sair daqui.

Antes que eu possa protestar, a Jade começa a puxar-me em direção à saída. No entanto, é melhor assim. Os trinta e sete dólares e trocos na minha carteira não chegarão para comprar nada de que realmente goste aqui.

– Queres ir à Sally's a seguir? – pergunto eu, enquanto serpenteamos por entre os suportes de roupa para chegar à saída. – Tem coisas mais baratas.

– Sim. Talvez.

– Ou talvez possamos beber outro chá gelado?

A Jade ri-se.

– Estou bastante certa de que, se te abrisse, o teu sangue seria para aí noventa por cento chá gelado de pêssego.

Bem, o que posso dizer? Adoro chá gelado de pêssego. Há vícios piores.

A Jade ainda tem os dedos magros a envolver-me o pulso quando chegamos à saída da loja. Ao passarmos, ouve-se um alarme ensurdecedor. Paraliso, surpreendida, e o aperto da Jade no meu braço intensifica-se.

– *Foge* – ordena-me ela.

Sem me dar sequer oportunidade de pensar, eu e a Jade desatamos a correr. Uma voz atrás de nós grita-nos que paremos, mas é óbvio que, chegadas a este ponto, não o podemos fazer. Corremos pelo centro comercial, atravessando-nos entre famílias com crianças pequenas a reboque, e quase tropeço num carrinho de bebé a dada altura. A Jade por pouco abalroa uma mulher de bengala. Mas, após virarmos mais duas esquinas, puxa-me para um pequeno recanto e paramos finalmente de correr.

A Jade respira pesadamente, mas ri-se também. Tem as faces muito coradas e o cabelo louro-claro oxigenado em desalinho.

– Oh, meu Deus – diz ela.

Aperto os braços contra o peito, massajando uma pontada no flanco.

– O que foi aquilo? – pergunto, embora tema já saber.

A Jade abre a bolsa vermelha. Espreito para o interior e ei-la: tem uma camisola com as etiquetas ainda presas lá dentro.

– Jade! – exclamo eu. – Não acredito que fizeste isto!

Ela encolhe os ombros.

– Aquela loja era *tão* cara. Não tive opção! Seja como for, não é nada de especial.

A Jade e eu somos melhores amigas desde o primeiro dia do jardim de infância, dia em que descobrimos que levávamos o mesmo vestido – branco com um coração rosa e púrpura no peito. Entre os nove e os onze anos, todos os fins de semana fazíamos festas do pijama; sabe de todas as paixonetas que alguma vez tive e jurou levar os

meus segredos para o túmulo. Nunca terei outra amiga tão boa como a Jade Carpenter.

Ultimamente, porém, sinto que já mal a conheço. Costumava ser mais como eu: gostava de ir à escola, gostava de ler e seguia as regras. Mas, ao longo do último ano ou assim, parece ter desenvolvido um monte de ideias malucas sobre as coisas que quer fazer. Na semana passada, por exemplo, ligou-me às duas da manhã a perguntar se queria invadir a piscina da Sra. McCloskey e ir nadar nua! Não, não queria.

– Não devias roubar, Jade. – Não quero parecer chata e passar-lhe um sermão sobre como é errado roubar, por isso faço apenas uma pergunta. – E se fores apanhada?

Sacode uma mão, como se isso não a preocupasse minimamente. Mas preocupa-me a *mim*. No próximo ano, vamos candidatar-nos à universidade. Não quero ter de explicar porque tenho uma acusação de furto em loja na minha candidatura.

– Toda a gente o faz. – A Jade lança-me um olhar contundente. – Devias ter trazido aquela camisola. Ficava-te mesmo bem.

Bufei.

– Sabes, aquela menina estava a dizer-me que devia roubá-la. Acreditas?

A Jade tira a camisola da bolsa e ergue-a, admirando as letras brilhantes na frente.

– Que menina?

– A rapariguinha loura que estava ao meu lado.

– Não vi nenhuma rapariguinha loura ao teu lado. Estás a falar de quê, Amy?

Reviro os olhos. Os poderes de observação da Jade não são propriamente brilhantes. Como pode não ter visto aquela menina? Saltava à vista, sozinha com aquele vestido rosa cheio de folhos. E estava mesmo ao meu lado.

Não estava?

4

PRESENTE

HORAS ATÉ DE MANHÃ: 13

A ala psiquiátrica fica no nono andar do hospital.

Estou diante das pesadas portas de metal dos elevadores, sem saber se quero que se abram mais depressa ou mais devagar. Se o elevador não descer em breve, vou chegar atrasada. Mas, por outro lado, cada momento passado aqui à espera do elevador é um momento que não passarei numa unidade psiquiátrica fechada. Portanto, há isso.

Enquanto espero, o meu telemóvel vibra dentro do bolso das calças da minha farda. A ideia de em breve deixar de poder usar o telemóvel é nada menos que aterradora. É como se me fossem amputar o braço. Admito que isto pode indicar uma relação pouco saudável com o meu telemóvel, mas não quero saber. *Preciso* dele. Que tipo de local não tem rede celular? É desumano.

Tiro o telemóvel do bolso, esperando que seja uma chamada da Pauline, a assistente administrativa da psiquiatria, a dizer que afinal não precisam que vá cobrir a Ala D. Mas claro que não é. É a minha mãe.

Fantástico.

A minha mãe é a última pessoa com quem me apetece falar neste momento, mas, se não atender e ficar sem rede, ela vai entrar em pânico. Portanto, é melhor atender a chamada agora e despachar isto.

– Olá, mãe – digo eu, no momento em que as portas de um dos elevadores finalmente se abrem. Deixo-o seguir.

– Amy – diz ela. – Como estás?

– Ocupada – respondo. – Vou passar a noite de hoje a estudar.

Sim, não disse propriamente à minha mãe que ia passar a noite na Ala D. Por mais ansiosa que eu esteja com a experiência, ela ficará ainda pior. Não é que se preocupe muito em geral, mas sabe que a Jade foi paciente aqui. Sabe essa história toda.

Não quererá que eu regresse à Ala D.

– Como vai a psiquiatria? – pergunta-me ela. Em pano de fundo, oiço o noticiário da noite a passar na pequena televisão que compraram há cerca de vinte anos. O meu pai vê-o todas as noites sem falta. Dava para acertar um relógio por ele.

– Vai bem – digo-lhe eu. – É fácil.

– Não estás interessada em…

– Não – interrompo. – Não estou interessada em seguir psiquiatria como carreira. Decididamente não.

Aceito qualquer outra coisa. Cirurgia, medicina interna, ginecologia e obstetrícia. Até posso ser o tipo de médica que não faz mais nada a não ser ver retos o dia inteiro, pois é um trabalho importante e seria capaz de o fazer. Mas não posso tratar pessoas com transtornos psiquiátricos. É a única coisa que nunca farei.

– Pergunto-me como estará a Jade – diz a minha mãe, de repente.

– De certeza que está bem – respondo eu, apesar de não ter tal certeza.

– Costumas ter notícias dela?

Há um par de anos, recebi um pedido de amizade da Jade Carpenter no *Facebook*. E não só não aceitei o pedido como a bloqueei.

– Nem por isso.

– Não a vejo desde o funeral…

Sinto uma pontada de culpa. Há dois anos, a mãe da Jade morreu de *overdose*. Ao que parece, andava a tomar narcóticos e, um dia, tomou demasiados e parou de respirar. O funeral foi no mesmo dia do meu primeiro grande exame de anatomia, por isso não fui. Calculei que a Jade nem ia reparar que eu não estava lá, tendo em conta o tempo que tinha passado desde a nossa última conversa.

Só que parte de mim acha que ela reparou de certeza. E ficou *fula*.

– Mãe. – Olho para o meu relógio e depois para as pesadas portas do elevador à minha frente, que se abrem com um baque surdo. – Tenho de ir.

– Está bem, boa noite então, querida. Amo-te.

– Ahã – digo eu, porque me sinto sempre estranha a dizer «amo-te» ao telefone em público. Só que, depois de desligarmos, sinto-me mal. Porque não disse eu à minha mãe que a amo? Teria sido algo fácil de dizer.

Afinal, e se esta tiver sido a última vez que falei com ela?

Expulso esse pensamento mórbido da cabeça enquanto volto a enfiar o telemóvel no bolso. Uma vaga de enfermeiras com batas às flores empurra-me pelas portas do elevador e acabo colada ao canto, o que é perfeito. Duas enfermeiras conversam mesmo ao meu lado e uma delas vai mesmo a meio de descrever o mau encontro que teve ontem à noite no seu berrante sotaque de Long Island quando as portas do elevador se voltam a fechar.

Aqui vamos nós…

Vejo como os botões se iluminam à medida que subimos de andar em andar. *Três, quatro, cinco…* O elevador parece ir quase em câmara lenta. Não devia o elevador de um hospital ser mais rápido do que isto? E se tivéssemos uma emergência? E se eu estivesse em *paragem cardiorrespiratória?* Estaria morta quando chegássemos ao laboratório de cateterismo.

Não que tenha pressa de chegar ao nono andar. Mas, por esta altura, já só quero acabar com isto.

– E usava o garfo para tirar a comida dos dentes! – exclama a jovem enfermeira à minha frente.

– Que nojo – comenta a amiga.

Não consigo evitar o pensamento de que trocaria esta noite por um encontro com um tipo que tirasse a comida dos dentes com um garfo. Que raio, até aceitava um tipo que *tirasse macacos do nariz* com um garfo.

Finalmente, as portas do elevador abrem-se e uma voz computorizada feminina de sotaque vagamente britânico anuncia:

– Nono andar.

Saio para o corredor, iluminado por lâmpadas fluorescentes que deixam ver cada racha na tinta da parede. Uma enorme placa azul mostra uma seta a apontar para a direita:

ALA D

Não sei porque se chama a unidade psiquiátrica Ala D. Perguntei à Gabby quando iniciou o internato e ela também não sabia. Não investiguei mais a fundo depois disso.

Ao virar da esquina, vejo uma pesada porta de metal mesmo ao fundo do corredor. Ao aproximar-me, consigo avistar as letras da placa pendurada na porta. Tem um grande sinal de STOP vermelho com o aviso:

PARE

ESTA PORTA ESTÁ SEMPRE TRANCADA

Há um intercomunicador montado junto à porta, provavelmente para quem quiser entrar poder contactar o posto de enfermagem. E um teclado por baixo que pode ser usado pelos que tiverem a sorte de saber o código. E há algo mais junto à porta. Algo que me faz temer ainda mais esta noite.

Cameron Berger.

Oh, meu Deus. Que diabos faz o meu ex-namorado aqui? Seria este o motivo do

seu «olá»?

– Amy! – O Cameron acena-me freneticamente, como se eu não estivesse a metro e meio de distância e pudesse não o ter visto. – Também estás de serviço esta noite?

Tal como eu, o Cam traz uma curta bata branca e um pijama cirúrgico azul-claro – provavelmente também comprados na livraria médica no terceiro andar do hospital – só que os dele são uns dez tamanhos acima dos meus porque o tipo tem a estatura de um defesa de futebol americano. Costumava jogar na universidade, mas não a um nível suficientemente bom para passar a profissional; e, seja como for, sempre quis ser cirurgião ortopédico, não atleta.

– Cameron – digo eu rigidamente. – O que fazes aqui?

– Estou de serviço esta noite. – Ergue o queixo, que se espeta um pouco mais do que devia e o faz parecer um pouco o pretensioso miúdo rico de um daqueles velhos filmes de adolescentes de John Hughes que a minha mãe me obrigava a ver em pequena. – Tu também?

– Onde está a Stephanie? Era suposto ser ela a outra estudante de medicina a estar aqui esta noite – acrescento eu, acusadora. – Estava no *plano*.

– Teve de trocar – responde ele, encolhendo um ombro.

Fantástico. Esta noite não para de melhorar.

O cabelo castanho-claro do Cam cai-lhe ligeiramente para os olhos, como é usual. E, como sempre costumava acontecer, sinto o impulso de lho afastar do rosto. É melhor não o fazer, contudo, porque se levar lá a mão posso acabar por lhe arrancar os olhos.

– Como tens passado, Amy?

– Estou bem.

– Continuas a viver com a Gabby este ano?

– Sim.

– Ótimo, ótimo. – Coça a ligeira barba no seu queixo quadrado. – Vais fazer algo divertido o resto do fim de semana? Depois disto, quero eu dizer?

– Nem por isso.

– Pois. – Acena pensativamente. – É como eu. Também não tenho feito grande coisa, sabes?

Não sei o que responder, por isso limito-me a fitá-lo. Não posso *crer* que tenho de passar a noite inteira com este tipo. A pior parte nem é ele ter acabado tudo comigo – já antes fui deixada e sei lidar com isso. Mas a pior parte é o *porquê*.

No início do verão, o Cam informou-me de que não podíamos continuar a ver-nos porque queria focar toda a sua energia em estudar para o Exame à Ordem e temia que passar tempo comigo interferisse com esse plano. Isso mesmo – deixou-me por

um *teste*. Bela forma de desferir um golpe na minha autoestima.

Amy – teste. Amy – teste. Bem, é uma escolha fácil. E isto para não falar no facto de eu ter de fazer *o mesmo exato teste* e, no entanto, estar miraculosamente apta e recetiva a conciliar os estudos com uma relação.

Ainda bem que não sabia que ele ia estar de serviço esta noite comigo. Porque então poderia ter-me sentido tentada a abrir a minha pequena bolsa de maquilhagem ou a fazer algo mais ao meu cabelo castanho-escuro além de o apanhar num rabo de cavalo baixo atrás da cabeça. E então perderia todo o respeito por mim.

Mantém os olhos em mim enquanto pego no telemóvel e procuro o número da secretaria da psiquiatria. Primo-o, fazendo figas, mas sabendo no meu íntimo que já toda a gente deve ter saído por esta noite. Sustenho a respiração enquanto o telefone toca do outro lado da linha.

– Então, vai ser uma noite interessante, hã? – comenta o Cam.

Continua a tocar. Já vai em cinco vezes agora.

– Suponho que sim.

«Chegou à caixa de correio de Pauline Walter, assistente administrativa do diretor de psiquiatria. O nosso gabinete está neste momento encerrado. Por favor, deixe mensagem ou volte a ligar durante o horário de…»

Fantástico. Sabia que ia estar fechado. E, mesmo que tivesse conseguido falar com a Pauline, o que lhe diria? Não posso fazer o turno que me foi atribuído porque o aluno com quem o vou fazer me deixou há um par de meses? É bastante fraco.

– A quem estás a ligar? – pergunta o Cam.

Volto a guardar o telemóvel no bolso.

– A ninguém.

– Olha, anima-te. Nem toda a gente tem a experiência de passar a noite numa unidade psiquiátrica fechada. É bastante fixe, não é?

Arqueio as sobrancelhas. Pois *claro* que ele ia achar que sim.

– Não te incomoda, então, de todo irmos passar a noite inteira ali trancados?

– Porque haveria de incomodar? Não é como se nos fossem torturar ou fazer terapia de choque. E, seja como for, teremos o código para sair.

– E se um dos pacientes nos atacar?

– É bastante improvável.

Não me surpreende que o Cameron não compreenda. Há nitidamente algo de errado com o seu gene da empatia. Isso existe? Acho que sou capaz de ter aprendido algo sobre isso em genética. Também aprendi sobre uma doença que faz com que a nossa urina saiba a xarope de ácer.

– Tudo bem. Como queiras. Parece que nada te incomoda.

E então ficamos simplesmente parados, inibidos. Pergunto-me se ele tocou ao intercomunicador para entrar. Bem, não vou ser eu a fazê-lo. Fico a noite inteira aqui fora, se for preciso, alegando ignorância. *Ninguém nos deixou entrar… oh, bem!*

– Olha. – As faces do Cam adquirem um ligeiro tom de vermelho. Fica sempre com o rosto às manchas quando se sente desconfortável. – Amy, eu…

Não sei o que o Cam me ia dizer e nunca saberei, pois, nesse momento, ouve-se um alarme ensurdecedor vindo da porta à nossa frente. Damos ambos um salto para trás e, passado um segundo, ouve-se um forte estalido. A porta da unidade psiquiátrica está destrancada.

O Cameron chega-se para o lado.

– Primeiro as senhoras.

Sim, a única vez que age como um cavalheiro…

Quando a porta se abre, cai-me o coração aos pés. A única coisa em que consigo pensar é que não quero estar aqui. Quero dar meia-volta e correr escadas abaixo até sair do hospital.

Tenho de invocar cada fibra do meu autocontrolo para me impedir de o fazer. Não quero mesmo, *mesmo* nada estar aqui.

E ninguém poderia entender porquê a não ser a minha antiga melhor amiga.

5

OITO ANOS ANTES

A Jade está atrasada.

Não é nada de novo. Pelo menos nada de novo nos últimos tempos. Desde há um ano ou dois que a minha melhor amiga me tem vindo a deixar constantemente pendurada. Esta tarde, já lá vão vinte minutos desde que estou em frente ao portão da nossa escola secundária e não há sinal dela em lado nenhum. De início, havia miúdos por toda a parte, mas já dispersaram o suficiente para eu poder constatar que ela não está em lado nenhum.

Fantástico.

Supostamente, eu e a Jade devíamos ir estudar juntas hoje. Estou absolutamente a *afogar-me* nas aulas de trigonometria do Sr. Riordan e a Jade sempre foi melhor do que eu a matemática. Preciso desta sessão de estudo porque em breve teremos o nosso exame intercalar e eu vou chumbar se não começar a saber muito mais de trigonometria do que sei agora.

O meu telemóvel vibra no bolso das minhas calças de ganga. Tiro-o e vejo uma mensagem da minha mãe.

Vens para casa em breve?

Envio-lhe uma resposta:

Estou a caminho. A Jade vai comigo para estudarmos.

Está bem, até já. Amo-te.

Volto a enfiar o telemóvel no bolso e bebo um gole da minha garrafa de chá gelado enquanto olho em volta em busca da Jade. Os meus olhos vagueiam para a cerca que delimita o pátio da escola. Mas a Jade não deve estar lá. É onde decorrem todas as atividades desportivas extracurriculares e ela nunca foi uma atleta. Nem consigo imaginar a Jade Carpenter a correr à volta do pátio. E nunca se interessou por rapazes atléticos. Gosta dos *arruaceiros*.

Enquanto examino a extensão da cerca, dou-me conta de que tenho companhia. Para minha surpresa, está uma menina na relva. Na verdade, é a mesma rapariguinha

de caracóis louros que vi no fim de semana, quando estávamos na Ricardo's. A que me disse para roubar aquela camisola da loja.

Mais uma vez, a menina está sozinha. Parece ainda mais deslocada aqui do que na loja – parada junto ao pátio de uma escola secundária, com o mesmo exato vestido cor-de-rosa aos folhos que tinha no outro dia e uns sapatos de tiras a condizer nos pezinhos. Vê-me a olhar para ela e abre-me o seu sorriso desdentado. Ergo uma mão em saudação e ela retribui-me o aceno.

Talvez seja irmã de algum dos alunos de cá. Isso explicaria o porquê de estar na Ricardo's, se tivesse ido às compras com uma irmã mais velha que a deixou sozinha. E, mais uma vez, deixaram-na sozinha aqui. Devia assegurar-me de que está bem.

– Amy!

Uma unha afiada espeta-se no meu ombro e faz-me virar. A Jade materializou-se por fim, mais uma vez demasiado maquilhada para a nossa sessão de estudo e com uma saia preta curta combinada com umas meias de rede rasgadas. Emana um cheiro dela que não consigo identificar.

– Caramba, o que se passa contigo? – Esfrega os olhos ligeiramente raiados de sangue. – Chamei pelo teu nome umas dez vezes!

– Não te ouvi. – Pego na minha mochila, que tinha pousado no chão porque pesa umas cinco toneladas. – Estava preocupada com aquela menina além.

– Que menina? – pergunta ela, semicerrando-me os olhos.

Olho por cima do ombro, na direção do pátio. A menina parece ter-se afastado. Oh, enfim, de certeza que está bem.

– Esquece. Pronta para estudar?

O plano é irmos para minha casa. Costumávamos ir constantemente para casa da Jade, mas, por alguma razão, ela começou a mostrar-se esquisita quanto a deixar-me ir lá. É pena, porque a mãe da Jade é muito mais fixe do que a minha. Em primeiro lugar, nunca está em casa. Geralmente, não há nenhum adulto por perto. Nunca conheci o pai dela. Nem sei se a Jade sabe quem é – no passado, já me disse que era militar e estava destacado no estrangeiro, que era um astronauta de visita à Lua e, uma vez, que tinha morrido antes de ela nascer.

– Não me apetece estudar agora – diz a Jade. – Estou farta de estudar. Porque não vamos socializar para trás da escola?

Apercebo-me então do que é o cheiro que emana da roupa da Jade. Esteve a *fumar erva* atrás da escola com os miúdos ganzados.

– Jade – digo eu. – Preciso mesmo de estudar.

– Uf, estás *sempre* a estudar. – A sua voz adquire um tom lamurioso. – Porque não te divertes um pouco, só uma vez? O Steve Alcott disse que te acha gira, sabias?

– Se eu não tiver boa nota neste teste, vou ter para aí um dez a matemática e a minha mãe vai matar-me. E as minhas candidaturas à universidade vão ficar lixadas.

– E então?

– E então prometeste que podíamos estudar juntas e que me ajudavas!

– E é o que vou fazer.

– Não. Não estás a ajudar-me *de todo*.

Olho para o rosto familiar da Jade e pergunto-me o que aconteceu à nossa amizade. Costumava importar-se com as mesmas coisas que eu. Não se limitava a encolher os ombros face à ideia de ter uma má nota.

– Tens de *relaxar*, Amy. – Pousa-me uma mão no ombro. – Tudo se irá resolver. Confia em mim.

– Como? Como se irá tudo resolver por magia?

A Jade revira os olhos.

– Tudo bem. Sê assim. Mas eu vou conviver com gente *divertida*.

– Jade…

Antes que eu possa dizer mais uma palavra, ela começa a afastar-se. Lá se vai a nossa sessão de estudo. Suponho que terei de me desenrascar sozinha.

Atiro a minha garrafa agora vazia para um caixote do lixo e lanço um último olhar ao pátio, onde aquela rapariguinha estava. Não vi outros miúdos ou pais aparecerem para a ir buscar, mas não a vejo em lado nenhum. Estico o pescoço, perscrutando a área à volta da escola em busca daquele vestido rosa aos folhos e dos caracóis louros, mas é como se se tivesse desvanecido no nada.

Deve ter-se ido embora.

6

PRESENTE

A pessoa que abre a porta da unidade é uma mulher na casa dos quarenta com um pijama cirúrgico às flores e um crachá preso ao peito que diz «Ramona» em grandes letras maiúsculas, com o apelido, «Dutton», por baixo em letras muito mais pequenas. Tem o cabelo apanhado atrás num prático puxo e parece o tipo de enfermeira pragmática que passou os últimos vinte anos a fazer este trabalho e continuará a fazê-lo por outros vinte. Consigo imaginar esta mulher a administrar terapia de choque sem pestanejar.

Semicerra os olhos ao olhar para mim e para o Cameron, tirando-nos as medidas com um mirar incisivo.

– Sim?

O Cameron é o primeiro a avançar, sempre encantador.

– Sou o Cameron Berger e esta é a Amy Brenner. Somos os estudantes de medicina destacados para trabalhar aqui esta noite.

A Ramona volta a examinar-nos e espreita para trás, por cima do ombro. Por um instante, hesita e eu quase temo que nos vá mandar embora. Bem, *temo* talvez não seja a palavra certa. É mais *espero*.

– Sim, tudo bem – diz ela. – O doutor Beck está no posto de enfermagem. Ele dar-vos-á uma orientação.

À semelhança de todas as outras unidades do hospital, a ala psiquiátrica tem a forma de um círculo. Eu e o Cameron percorremos um arco em direção ao posto de enfermagem. Atingimo-lo sensivelmente aos noventa graus. E, com efeito, está um homem no posto de enfermagem, com um pijama cirúrgico verde e uma longa bata branca com as palavras Dr. Richard Beck bordadas sobre o lado esquerdo do peito. Ao ver-nos aproximar, ergue entusiasticamente o braço direito.

– Ora viva! – diz ele. – Sou o doutor Beck. Devem ser… – Leva a mão ao bolso da sua bata e extrai uma cópia do plano de serviço dos estudantes de medicina, tirando um momento para o inspecionar. – O Cameron e a Amy. Certo?

O aspeto do Dr. Richard Beck surpreende-me. Quando a Gabby não parava de falar em como ele era inteligente, por alguma razão, visualizei alguém mais velho, com uma longa barba branca que afagava enquanto respondia ponderadamente a perguntas sobre a mente humana. (Sim, aparentemente acreditava que o nosso médico assistente esta noite ia ser o Dr. Sigmund Freud.) Mas o Dr. Beck não é assim. De *todo*. Em primeiro lugar, não é velho. Não o suficiente, decerto, para deixar crescer uma longa barba branca. Está na casa dos trinta e tem o cabelo castanho ligeiramente descorado pelo sol, bem como umas ligeiras covinhas nas faces quando nos sorri.

Compreendo finalmente porque gosta a Gabby tanto dele.

– Bem-vindos à Ala D – diz o Dr. Beck, aprofundando as suas covinhas ao abrir mais o sorriso. – Agradeço a vossa ajuda esta noite e espero que também possam aprender um pouco.

– Estou ansioso por isso – responde o Cameron.

Graxista.

O Dr. Beck olha para mim, como que à espera que eu acrescente algo.

– Obrigada – acabo por dizer.

Ele assente, satisfeito com a minha resposta.

– Deixem-me fazer-vos uma visita guiada.

– Pode mostrar-nos como funciona o teclado na porta? – peço eu, com um pouco de avidez a mais. Mas não consigo evitar. É a única forma de sair daqui. Não conseguirei relaxar enquanto não tiver o código.

– A Amy tem medo de estar numa unidade fechada – explica o Cameron. – Acha que vai ficar presa aqui.

Lanço-lhe um olhar.

O Dr. Beck ri-se.

– E faz muito bem! Não vos ensinam, sempre que estão num cinema ou num auditório, a saber onde estão as saídas de emergência assinaladas? Deixem-me mostrar-vos como sair daqui se precisarem.

Seguimos o Dr. Beck até à porta por onde entrámos. Ao passarmos pelos quartos dos pacientes, a porta do quarto 905 entreabre-se. Uns olhos azuis pontilhados de amarelo espreitam para mim e desce-me um arrepio pela espinha. Quem quer que esteja naquele quarto está a observar-nos.

E há também algo de terrivelmente familiar naqueles olhos.

Parecem-se tanto com…

Não. Impossível. Não pode ser.

Ao chegarmos à porta da unidade, vejo o ominoso sinal de STOP colado à porta e

que o teclado à esquerda desta emite um ligeiro brilho verde. O Dr. Beck ergue o indicador para o teclado.

– O código é três-quatro-sete-dois-quatro-quatro – diz-nos ele.

Tiro o telemóvel do bolso. Efetivamente, não há rede. Mas consigo abrir uma nota e introduzo os seis algarismos.

– Introduzem os números no teclado e primem cardinal – explica ele. Faz então uma demonstração. Depois de premir cardinal, um zumbido ensurdecedor ecoa por toda a unidade, ainda mais forte do que do lado de fora. Ri-se das expressões nas nossas caras. – Barulhento, não é?

Ainda sinto os ouvidos a tinir.

– Um pouco – admito.

– Queremos saber se houver alguém a entrar ou a sair da unidade – diz ele. – Já se alguém introduzir o código errado, ouve-se um zumbido mais baixo.

Demonstra-o introduzindo seis vezes o número um. O som resultante é como o de quando alguém dá uma resposta errada num concurso de perguntas e respostas.

– Ninguém sai daqui se não souber o código – acrescenta ele –, mas é útil saber se estiver alguém a tentar fugir.

Enquanto o vejo demonstrar o código, sinto um formigueiro na parte de trás do pescoço. Como se estivesse alguém a observar-nos. Tento ignorar a sensação, mas então não aguento mais. Rodo a cabeça para olhar e, com efeito, deparo-me com um paciente. A olhar fixamente para nós.

O homem é gigantesco – muito maior do que o Cameron e com o dobro do peso – e veste o que parece ser uma *T-shirt* em cima de outra em cima de *mais outra*, ensopadas em suor nas axilas, e umas calças de fato de treino que pendem por baixo da sua barriga enorme. Tem uma estranha expressão vazia no olhar.

– Vou-me embora amanhã – diz-nos ele, com sotaque espanhol.

O Dr. Beck fica em silêncio, por isso sou eu que respondo.

– Oh?

O homem volta a sua atenção para o Dr. Beck.

– O meu pai diz que saio amanhã. Por isso, amanhã vou embora.

– Claro – assente placidamente o Dr. Beck.

– Tem de me deixar ir – insiste o homem. – O meu pai diz que sim.

– Não se preocupe, Miguel – responde o Dr. Beck.

O homem lança-nos um olhar demorado e depois dá meia-volta e afasta-se pelo corredor. Os seus passos são lentos e arrastados, como se não soubesse bem para onde vai e não tivesse certamente pressa de lá chegar.

– Vai sair amanhã? – pergunta o Cam.

– Oh, não – responde o Dr. Beck. – De modo algum. Mas, se eu discordar dele, volta para o quarto e liga para o cento e doze. É mais fácil evitar essa situação.

– Porque tinha ele umas quatro *T-shirts* vestidas? – quer saber o Cam.

O Dr. Beck suspira.

– Temos de o supervisionar melhor ao vestir-se.

Aperto mais a minha bata branca contra o peito.

– De que estava ele a falar? Sobre o pai?

– Oh. – O Dr. Beck encolhe os ombros. – Acha que o pai é Deus.

As suas palavras causam-me arrepios na espinha, mas o Cam ri-se.

– É um esquizofrénico, então?

– *Não* – responde o Dr. Beck, franzindo o cenho. – Não é «um esquizofrénico». Não nos referimos aos pacientes assim. O Miguel é um ser humano e é mais do que o seu diagnóstico psiquiátrico. Não é um esquizofrénico, é um *homem* que tem esquizofrenia. Entendido?

O rosto do Cam cora ligeiramente.

– Certo. Claro. Desculpe.

Mas então, quando o Dr. Beck vira costas, o Cam abre-me um sorriso conspirador e revira os olhos na minha direção. Não lhe retribuo o sorriso. Gostei muito do que o Dr. Beck disse – é semelhante ao que me disse o Dr. Sono. Os pacientes fechados nesta unidade são seres humanos como todos os outros. Um diagnóstico de doença mental não é uma sentença de morte. Todos os pacientes nesta unidade estão apenas a tentar ficar melhor.

Vou sobreviver a esta noite. Vai correr tudo bem.

7

Em seguida, o Dr. Beck mostra-nos a sala do pessoal, que é mesmo junto à entrada, e afasta-se para nos dar um minuto para guardarmos a nossa comida no frigorífico.

A sala do pessoal é espartana. Tem um sofá que parece pior do que o que eu e a Gabby resgatámos da berma no ano passado, o que é dizer *muito*. Tem um só computador ao canto da sala, que parece o tipo de computador que eu costumava ver nas fotos antigas dos meus pais. Junto ao velho computador há uma janela. Se tinha na cabeça o menor pensamento de tentar apanhar um pouco de ar fresco, esse pensamento é imediatamente banido pelas grades que cobrem a janela.

O Cameron abre a porta do frigorífico para podermos guardar o nosso jantar lá dentro. O frigorífico parece não ser limpo desde o século passado. Há uma quebradiça película castanha sobre todas as superfícies e, para encaixar o meu jantar lá dentro, tenho de afastar um pacote de leite que parece ter-se tornado maioritariamente sólido. Não me atrevo a deitar nada fora, ainda assim.

Hum, poderá isto ser algum tipo de experiência psicológica? Talvez esteja alguém a observar-nos com câmaras para ver se alguém vai limpar este frigorífico nojento?

O Cameron ergue o telemóvel, espetando o dedo no ecrã.

– Não há rede aqui.

Apesar de este tipo me ter deixado *por um teste*, tento ajudá-lo na mesma.

– A Gabby disse que há rede mesmo junto à janela.

Sigo as suas instruções e dirijo-me à janela. Encosto o telemóvel à superfície fria e, com efeito, surge um único traço no ecrã. Seguido de um segundo. Dois traços de rede – viva!

Antes que os traços desapareçam, envio uma mensagem à Gabby:

Cheguei à Ala D. Não me disseste que o Dr. Beck era tão giro!

A mensagem é enviada, mas, passado um segundo, os traços desaparecem. O que é bom, porque o Dr. Beck está à nossa espera.

Quando regressamos ao posto de enfermagem, o Dr. Beck está a folhear um processo. Ergue o olhar e sorri ao ver-nos.

– Então, o vosso trabalho esta noite – diz ele – é estarem disponíveis para ajudar se houver alguma emergência na unidade. Mas, fora isso, estão aqui para aprender.

– Parece-me ótimo! – exclama o Cameron, com o entusiasmo de uma criança a quem foi dito que vai visitar a Disneyland.

– Mas eis a má notícia – continua o Dr. Beck. – O sistema informático está em manutenção esta noite. Portanto, teremos de nos apoiar nos processos e pedidos em papel.

Por mim, tudo bem. Tenho um *login* para o sistema informático, mas nunca o testei sequer. A julgar pela minha sorte recente, será necessária uma longa conversa com os serviços informáticos antes de eu o conseguir pôr a funcionar.

O Dr. Beck aponta para uma fila de grossas capas azuis alinhadas numa prateleira por cima do posto de enfermagem.

– Ali estão os processos em papel. O que recomendo que façam esta noite é que leiam sobre alguns dos pacientes e os entrevistem. Aprendam tudo o que puderem sobre eles e sigam-nos ao longo da noite.

Lá se vai o meu plano de passar a noite inteira escondida na sala do pessoal.

– Ensinar-vos-ei tudo o que puder esta noite – acrescenta o Dr. Beck. – É uma experiência única para ambos, uma excelente forma de aprender na prática sobre a psiquiatria de internamento. Algum dos dois tem interesse no ramo?

– Eu tenho – diz o Cameron.

Oh, meu Deus, que *mentiroso*.

– Então e a Amy? – pergunta o Dr. Beck.

– Nem por isso – admito eu.

O Cameron olha para mim, como que estarrecido por eu não *fingir* ao menos estar interessada em especializar-me em psiquiatria. Mas a verdade é que fui simpática. Se dissesse o que realmente estava a pensar, teria sido algo como *preferia enforcar-me pelas pálpebras*.

Seja como for, o Dr. Beck ri-se.

– A sua honestidade é refrescante – observa. – Fico um pouco farto de todos os estudantes de medicina fingirem ter interesse pela psiquiatria.

Faz-me sentir um pouco melhor quando as pontas das orelhas do Cameron ficam de um vivo tom de vermelho.

O Dr. Beck guia-nos de volta ao corredor. A unidade está silenciosa, salvo por um estranho ruído rítmico. *Clique, clique, clique*. Como uma pessoa pequena a fazer sapateado num dos quartos. Esforço-me ao máximo por o ignorar.

– Todos os pacientes na Ala D têm os seus próprios quartos – explica ele. – As portas não trancam, mas temos dois quartos de isolamento que fecham por fora com

um teclado. Fora isso, os pacientes podem vaguear pela unidade, se quiserem. Há uma sala para eles com sofás, uma televisão e até um piano.

– Eu toco piano – diz o Cameron. – Tive a oportunidade de estudar piano em Paris durante a universidade.

O Dr. Beck ignora o seu comentário.

– Aconselho-vos a que passem tempo com o paciente que vão seguir e mergulhem realmente a fundo. A maioria terá todo o gosto em falar convosco e podem aprender muito. É o tipo de oportunidade que não terão mais tarde na vossa formação, quando estiverem muito mais ocupados.

Clique, clique, clique. Que matraquear é aquele?

– Parece incrível – diz o Cameron.

Uf, está a ser tão horrivelmente graxista. Não acredito que costumava andar com ele. Não acredito que o costumava achar bonito. Ou bom a beijar. Mas parte da minha irritação com ele é amortecida pelo ruído irritante que não parece dar sinais de parar.

Clique, clique, clique. Como se alguém estivesse a tentar enviar-nos um sinal em código Morse.

– Que barulho é este? – pergunto eu.

– Oh! – O Dr. Beck ri-se. – É a Mary. Passa a vida a tricotar.

Aponta para o quarto mesmo à nossa frente. O quarto 912. Espreito para dentro e, com efeito, está lá uma mulher de cabelos brancos com um longo vestido de malha, sentada numa cadeira com um par de agulhas de tricô nas mãos nodosas. Parece estar a trabalhar num cachecol, mas é demasiado longo. Tipo, ridiculamente longo. Cai-lhe pelas pernas e depois dá três voltas à extensão do quarto. Dá a ideia de que já podia ser cinco ou seis cachecóis, por esta altura.

– Porque está *ela* aqui? – pergunta o Cameron.

Foi um pouco indelicada a forma como perguntou, mas a Mary parece realmente bastante inofensiva.

– Não tardarão a ver. – O Dr. Beck pisca-nos o olho. – Entardece bastante mal.

– Entardece? – pergunto eu.

– É muito comum em idosos com demência – explica ele. – Quando o Sol se põe, começam a ficar cada vez mais confusos e agitados. Fiquem de olho nela e verão.

– Está aqui por ter demência?

– Oh, não. – Abana vigorosamente a cabeça. – Está aqui por muito boas razões, acreditem.

Espreito para o quarto da Mary. Ao ver-nos à porta, o seu rosto enrugado abre-se num sorriso enorme que quase faz com que os seus lábios lhe desapareçam na boca.

Acena-nos.

Eu aceno-lhe também.

– Deixam-na ter agulhas de tricô? – pergunto, surpreendida. Era um dos objetos na lista de coisas que nunca, jamais, devíamos trazer para a unidade psiquiátrica.

O Dr. Beck anui.

– São agulhas de plástico para crianças, perfeitamente inofensivas. Não é uma paciente de alto risco e tricotar mantém-na feliz. Por isso, deixamo-la fazê-lo. Caso contrário, fica demasiado inquieta.

Imagino uma agulha de tricô a trespassar-me o olho a dada altura da noite.

– Oh.

– Portanto, como dizia anteriormente – prossegue o Dr. Beck –, temos dois quartos de isolamento que fecham, mas só um deles está ocupado neste momento. Deixem-me mostrar-vos.

Guia-nos ao longo do círculo até um par de quartos com teclados junto às portas. Uma das portas está aberta, mas a outra está fechada. Perturba-me o quanto estes quartos estão perto da sala do pessoal, que é onde vou provavelmente passar muito tempo esta noite. Suponho que seja intencional.

– O Quarto de Isolamento Um está neste momento ocupado – diz ele. – E não recomendaria visitar o paciente nesse quarto em nenhum momento da noite.

– Porque não? – pergunta o Cameron.

Por um momento, o Dr. Beck hesita, franzindo o sobrolho.

– O senhor Sawyer é… perigoso.

O meu coração acelera-me no peito.

– Perigoso?

– Não para vocês, claro – apressa-se a dizer. – Como veem, a porta está trancada. E também está manietado dentro do quarto. Completamente contido, portanto. Tencionamos transferi-lo para um estabelecimento mais seguro de manhã.

Oh, meu Deus.

– Estão perfeitamente seguros, prometo. – O Dr. Beck esboça um sorriso tranquilizador ao ver a expressão no meu rosto. – É impossível o senhor Sawyer sair daquele quarto. – Hesita. – A menos, claro, que o deixem sair.

Por um momento, o Dr. Beck fica em silêncio. É tal a quietude que consigo ouvir um som vindo do interior do Quarto de Isolamento Um. É um som terrível – quase inumano. Algo entre um gemido e um rosnido.

Meu Deus, quem está naquele quarto? Ou deveria dizer *o quê*?

– Não se preocupe – digo eu. – Manter-nos-emos longe.

– Ótimo – responde o Dr. Beck.

Damos meia-volta e regressamos por onde viemos. Pelo caminho, voltamos a passar pelo quarto 905. E, mais uma vez, a porta entreabre-se. E vejo aqueles olhos azuis salpicados de amarelo a olhar para mim.

A observar-me.

8

Eu e o Cameron temos de escolher pacientes para seguir durante a noite.

Os processos estão todos no posto de enfermagem, por isso é para lá que vamos para os ver e escolher. O Dr. Beck desaparece no seu gabinete enquanto a Ramona vela pelo espaço, apesar de estar a folhear uma revista de decoração neste momento.

Os processos estão dispostos numa prateleira por cima do posto de enfermagem, ordenados por número de quarto. Só há um processo que não está na estante, mas sim na mesa por baixo. A etiqueta na lombada da pasta tem impresso o nome SAWYER. Era esse o nome do paciente no Quarto de Isolamento Um. O Dr. Beck deve ter estado a consultar o processo.

Por um momento, olho fixamente para a pasta, dominada pela curiosidade. Quem está naquele quarto? Que tipo de pessoa precisa de ser enclausurada daquela forma? Como um *animal*. Parece cruel e desumano, mas não me compete a mim dizê-lo.

Não me atrevo a tocar no processo. Parece-me que fazê-lo seria uma traição à confiança do Dr. Beck. Ou que, se o abrisse, o monstro naquele quarto poderia saltar das páginas.

– Estás de olho em alguém? – pergunta-me o Cameron.

– Porquê? – replico eu. – Gostarias de mo roubar?

– Porque dizes isso? – pergunta ele, agarrando-se ao peito. – Se houvesse um paciente que estivesses interessada em ver, dava-te prioridade. Sou um cavalheiro.

– Oh, certo. Claro.

Espeta o lábio inferior.

– Vá lá. Quando é que me portei como um cretino contigo?

– Que tal quando me *deixaste*?

– Quer dizer, exceto dessa vez.

Reviro os olhos.

– Como queiras. Não importa. Escolhe o paciente que quiseres. Consegues sempre o que queres, seja como for.

– O que quer isso dizer?

– Quer dizer… – Baixo um pouco a voz para que a Ramona não nos oiça. Não

precisa de saber de todo o drama entre mim e o Cam. – Não estavas no plano de serviço para esta noite. Nem compreendo porque estás aqui. A Stephanie pediu-te mesmo para trocar?

O Cameron fica calado, sem saber o que dizer, por uma vez. Esperava que confirmasse a sua história de a Stephanie ter tido uma emergência terrível e lhe ter implorado para trocar de turno à última hora. Mas tenho o mau pressentimento de que a troca foi ideia dele.

Fiquei genuinamente chocada quando o Cam acabou tudo comigo. Não achava que fôssemos ficar juntos para sempre – sabia que tínhamos os dias contados. Havia casais na nossa turma que queriam fazer a candidatura ao internato complementar juntos para garantir que acabavam em locais próximos um do outro depois do curso de medicina, mas essa ideia nunca passou pela cabeça do Cam. Afinal, cirurgia ortopédica é um ramo muito competitivo. Ir para a candidatura ao internato complementar com outra pessoa só o iria puxar para baixo e reduziria as suas hipóteses de conseguir uma vaga.

Ainda assim, achava que íamos namorar pelo menos mais alguns meses. Talvez, quando as nossas agendas se tornassem apertadas, começássemos a afastar-nos. Ou talvez não. Talvez não concorrêssemos juntos ao internato complementar, mas acabássemos ambos por conseguir uma vaga na cidade, e talvez continuássemos até a namorar. Talvez.

Não contava que ele… acabasse simplesmente com tudo.

Pergunto-me quanto acabou o Cameron por ter no Exame à Ordem. Pergunto-me quantos pontos lhe valeu a nossa separação.

– Não me interessa que paciente vês – digo eu, expulsando da cabeça quaisquer pensamentos sobre a nossa miserável conversa de rompimento. – Escolhe o que quiseres.

– Se tens a certeza…

– É claro que tenho. Porque haveria de me importar com *isso*?

Ele retrai-se um pouco.

– Olha, queria falar contigo. E tu não atendes as minhas chamadas.

– Hum. Pergunto-me porquê.

– Podemos só… – O Cam lança um olhar à Ramona, que está suficientemente perto para ouvir. – Podemos conversar esta noite? Sinto que percebeste tudo mal.

– É melhor não, Cam.

– Por favor?

Tem o rosto ligeiramente franzido e, por um momento, sinto uma pontada de culpa por o tratar com tanta frieza. Mas então lembro-me do que ele me fez.

– Não posso falar sobre isto agora. Vamos só decidir quem vamos ver esta noite.

O Cam parece ir protestar, mas muda de ideias.

– Tudo bem.

Tento não pensar no Cameron enquanto estudo a fila de processos por cima do posto de enfermagem. Os meus olhos dardejam entre as etiquetas e acabam por pousar na pasta correspondente ao quarto 905. O dos olhos azuis pontilhados de amarelo. Todo o meu corpo gela ao ver o nome escrito na pasta:

CARPENTER

Oh, não.

9

OITO ANOS ANTES

A casa da Jade é muito diferente da minha.

Quando era pequena, mal reparava nas diferenças. Na verdade, costumava pensar na casa da Jade como a «casa divertida». Porque havia tantas regras em minha casa. Tinha de guardar os brinquedos depois de os usar. Os pratos tinham de ir para a máquina de lavar loiça logo depois de serem utilizados. Tinha de escovar os dentes antes de ir para a cama.

A casa da Jade não tinha essas regras. Tanto quanto sabia, não tinha *nenhuma* regra.

Há alguns meses que não vinha a casa dela, mas hoje convidou-me para estudarmos juntas. Bem, espero que vamos estudar. A Jade tentará seguramente distrair-me falando sobre os rapazes giros da nossa turma ou de como nos podia arranjar identificações falsas. Mas eu estou decidida a mantê-la na linha, apesar de isso se ter tornado bem mais difícil nos últimos tempos.

Enquanto sigo a Jade pelo caminho até à sua casa de estilo rancho, não posso deixar de reparar em como precisa desesperadamente de obras. Já estava um caos quando éramos pequenas, mas agora parece que um lobo podia facilmente soprar e soprar e deitá-la abaixo. Os quatro degraus que dão para a porta da frente quase se desintegraram ao fim de vários anos a serem corroídos por tempestades de neve e, ao agarrar-me ao corrimão para não cair, uma grande lasca espeta-se no meu indicador.

– Au! – grito eu.

A Jade vira bruscamente a cabeça para me fitar.

– O que foi agora?

Já está de mau humor. Talvez esta sessão de estudo não seja lá muito boa ideia. Mas preciso de ajuda para o exame intercalar e a Jade sempre foi a minha salvadora.

– Espetei uma lasca.

– Bem, quem te mandou tocar no corrimão?

Aparentemente, agora *há* uma regra em casa da Jade. Não tocar no corrimão, sob pena de ser empalada por uma lasca gigantesca.

– Deixa-me ver. – A Jade agarra-me na mão esquerda ferida. Semicerra os olhos à lasca de madeira. Com as unhas compridas, arranca-a enquanto eu solto outro grito. – Apanhei-a! Céus, és tão bebé, Amy.

Uma gota de sangue aparece na ponta do meu dedo e eu chupo-a. Pergunto-me se a Jade tem pensos rápidos em casa.

A porta de rede mal se aguenta nas dobradiças, mas não importa, pois está rasgada ao meio. A Jade abre a porta da frente e entramos as duas na sua sala de estar.

A primeira coisa a atingir-me é o cheiro.

Não que a casa da Jade alguma vez tenha cheirado propriamente bem. Sempre cheirou a uma combinação de fumo de tabaco com o perfume da Sra. Carpenter. E cheira decididamente a essas duas coisas hoje, mas há também algo mais. Como que um cheiro a algo podre, mas também com um matiz enjoativamente doce. Não sei o que é, mas não sei como me vou conseguir concentrar na matemática com este fedor no ar. Terei de passar o tempo todo a respirar pela boca.

– O que foi? – pergunta a Jade.

– Nada.

– Estás a fazer uma careta.

É difícil esconder a minha reação. Mas não posso propriamente dizer à minha melhor amiga que a casa dela cheira como um grande monte de lixo velho.

– Não estou nada.

A Jade atira a mochila para o chão, mas eu hesito em pousar a minha. Todo o chão está ocupado por roupas, livros ou outra tralha. Começo a pousá-la junto ao sofá, mas está lá uma pequena pilha de pratos. E o prato de cima ainda tem alguns restos de comida velha entranhados. Pergunto-me se a Jade quererá levar os pratos para o lava-loiça, mas não parece minimamente preocupada.

Finalmente, levo a mochila comigo para o sofá, que é o mesmo que têm desde que a conheço, e pouso-a cautelosamente no meu colo. Claro que, para me sentar, tenho de afastar um monte de casacos empilhados no sofá. Lanço um olhar à mesa de café, que tem cinco cinzeiros em cima, todos atulhados de beatas.

A casa da Jade nunca foi propriamente *limpa*, mas isto é todo um outro nível. É quase como se estivesse sentada no meio de uma lixeira. Pergunto-me se não devia dizer algo à minha mãe. A Jade matava-me, mas não pode estar certo viver assim.

Pois não?

– Vamos começar – diz a Jade, puxando-me a mochila das mãos. – Tens os teus apontamentos de hoje?

Pousa a minha mochila na mesa de café e eu estremeço ao vê-la aterrar num círculo do que parece ser sumo ou refrigerante velho que nunca foi limpo. Inspiro

bruscamente e a Jade vira-se para me franzir o sobrolho.

– *O que foi?* – pergunta.

– Nada.

– Porque estás a ser tão esquisita, Amy?

– É só que… – Aponto para a misteriosa mancha pegajosa na mesa de café. – Não quero ficar com a mochila toda suja, sabes?

– Oh, meu *Deus*. – Revira dramaticamente os olhos. – Peço imensa desculpa, vossa *majestade*. Não me apercebi de que tinha de *limpar* para a sua chegada. Queres que vá buscar líquido de limpeza e um pano e dê uma lavadela à mesa?

Está a ser sarcástica, mas a verdade é que queria. Nunca fui muito maníaca das limpezas, mas há algo nesta casa que me dá vontade de agarrar num aspirador e numa esfregona e deitar simplesmente mãos à obra. Só de estar aqui sentada, sinto um rastejar na parte de trás do pescoço.

E então uma mosca da fruta passa a voar junto ao meu ouvido. Seguida de uma segunda. Pergunto-me se o rastejar no meu pescoço não será mais do que apenas imaginação minha.

Antes que esta conversa possa disparar para algo pior, a porta da frente abre-se com um rangido e bate com tanta força que os próprios alicerces da casa parecem tremer. Olho para o teto, perguntando-me quais serão as probabilidades de o telhado me cair em cima. Não é muito provável.

– Jade! – É a voz áspera da Sra. Carpenter. – Jade! Onde estás?

A Jade pragueja baixinho.

– Estou aqui dentro, mãe!

Aos tropeções, a Sra. Carpenter entra na sala de estar. Tal como a casa, parece pior do que da última vez que a vi. Sempre usou o cabelo louro-platinado, mas agora tem cerca de cinco centímetros de raízes escuras à vista. Sempre usou muita maquilhagem, sobretudo em comparação com a minha mãe, mas a que usa agora é absurda. Tem as pestanas empastadas de rímel e sombra azul-escura nas pálpebras. O batom que usa devia tornar-lhe os lábios mais cheios, mas a ideia que dá é a de terem sido pintados por uma criança do jardim de infância que não sabia como se manter dentro das linhas.

A Sra. Carpenter pára por um instante ao ver-me sentada no sofá e os seus lábios pintados fixam-se numa linha zangada.

– Jade, quem te disse que podias convidar as tuas amigas a virem cá a casa roubar as minhas coisas?

A Jade cruza os braços magros sobre o peito.

– Ninguém quer a tua tralha, mãe.

– Ah, não? – Contorna o sofá e posta-se diante de nós, cambaleando nos seus tacões perigosamente altos. – Onde estão os meus comprimidos, então, hã?

– Não sei – retorque a Jade, embora sem olhar para a mãe. – E, seja como for, manténs tudo trancado.

– Sei que sabes como chegar às minhas coisas. Não me mintas na cara, Jade.

– Não estou a mentir.

– Sim, pois. Dá-me *imediatamente* os meus comprimidos.

– Não os tenho!

– Treta! – A Sra. Carpenter agarra num dos cinzeiros da mesa de café e, antes de eu me aperceber sequer do que está a acontecer, atira-o contra a parede, onde se estilhaça numa centena de pedacinhos, espalhando cacos de cerâmica e beatas pelo chão. – És uma ladrazinha mentirosa!

A Jade arregala os olhos alguns milímetros, mas não reage. Eu, por outro lado, sinto-me como se o meu coração estivesse prestes a explodir-me do peito. Agarro na alça da minha mochila e puxo-a da mesa de café.

– É melhor ir – murmuro.

Saio pela porta da frente o mais rápido possível. Não sei o que fazer agora. Sinto que devia dizer à minha mãe o que se passa em casa dos Carpenter. A Sra. Carpenter sempre pareceu diferente das outras mães, mas de uma forma divertida. Era o tipo de mãe que nos deixava comer massa de bolo, apesar de ter ovos crus.

Ou ficar acordadas até à hora que quiséssemos nas festas do pijama. E, quando nos levava a algum lado, costumava tentar acertar nos buracos da estrada de propósito, pois era divertido quando o carro abanava. E tinha um riso muito alto e contagiante que nos fazia querer rir também.

Mal cheguei ao fim do caminho de acesso quando oiço passos nas minhas costas. Viro-me mesmo a tempo de ver a Jade atrás de mim, com a respiração acelerada e o rosto ligeiramente corado.

– Ei – diz ela. – Desculpa a minha mãe ter agido de forma estranha.

– Sim – murmuro eu. – Tudo bem. É melhor ir.

– Está bem, mas… – Coça a parte de trás do pescoço. – Não vais falar a ninguém de tudo isto, pois não? Quer dizer, parece pior do que foi. Está só rabugenta por ter ficado a trabalhar até tarde ontem à noite no restaurante.

– Ahã.

O olhar da Jade percorre-me o rosto.

– Amy. Não podes dizer a toda a gente que a minha mãe é maluca. A nossa vizinha chamou a proteção de menores, por isso já temos uma queixa contra nós. Vou acabar, tipo, numa instituição. E a culpa será toda tua.

Cravo as unhas da minha mão esquerda na palma e sinto um ardor no indicador de onde a lasca se espetou. Não *quero* denunciar a mãe da Jade. Não quero que a minha melhor amiga vá parar a uma instituição – não tem mais ninguém com quem viver.

Pega-me no braço.

– Prometes-me que não dizes nada?

– De que comprimidos estava ela a falar?

– Quem sabe? – diz ela, encolhendo um ombro. – Toma uns medicamentos para a tensão arterial ou assim. Provavelmente perdeu-os, só isso.

Mas porque haveria a Sra. Carpenter de acusar a Jade de roubar medicação para a tensão arterial? Isso não faz sentido.

– Por favor, Amy? – Aperta-me o braço. – Não foi *nada* de especial. Tipo, o mais provável é que já esteja a dormir no quarto por esta altura. Como disse, ficou a trabalhar até muito tarde ontem à noite. Qualquer pessoa ficaria rabugenta.

O meu instinto diz-me que devia ao menos contar à minha mãe o que aconteceu. A minha mãe sabe sempre o que fazer. Mas a Jade é a minha melhor amiga e não quero que nada de mal lhe aconteça. E está a pedir-me que prometa. Como posso eu recusar?

– Está bem – assinto. – Não digo nada.

10

PRESENTE

Não. *Não*.

Dou um passo atrás, com um aperto no estômago. Queria que fosse algum tipo de erro, mas não é. Por alguma razão a pessoa no quarto 905 me parecia familiar.

Era a minha melhor amiga. Jade Carpenter.

É uma coincidência, mas ao mesmo tempo não é. Este hospital tem a maior ala psiquiátrica da região e estamos a uma curta distância da casa onde a Jade cresceu e talvez ainda viva. E, encaremos os factos, a Jade tinha problemas graves. Anda seguramente a entrar e a sair da Ala D desde que tínhamos dezasseis anos. Pelo que não me devia surpreender, na verdade, ver o seu nome nos registos.

Pergunto-me porque está aqui. Sei o que fez para merecer a sua primeira admissão numa unidade psiquiátrica, mas não sei porque está aqui neste momento. O que terá feito desta vez? Não pode ter sido pior do que o que fez quando éramos miúdas.

Podia ver. Nada me impediria de pegar no seu processo e folheá-lo para descobrir a resposta. Bem, seria moralmente errado fazê-lo. E há provavelmente também algumas questões legais, uma vez que nos foi dito que não devíamos consultar os processos de familiares ou amigos. Mas não é como se alguém fosse descobrir.

Nem tenho de ler o processo todo. Podia ler só as primeiras páginas. Ninguém saberia.

– Vai, teia! – grita uma voz, atrás do posto de enfermagem.

Em sobressalto, afasto-me dos processos, com o rosto em chamas. Sinto-me como se tivesse sido apanhada a fazer algo travesso, apesar de ninguém saber que pensamentos me passavam pela cabeça. E muito menos o homem com uma *T-shirt* do Homem-Aranha ligeiramente encardida e umas calças de fato de treino que está em frente ao posto de enfermagem, com uma pulseira branca a envolver-lhe o pulso que significa que é um paciente e não um de nós. Como se houvesse alguma dúvida.

O homem olha fixamente para os pulsos, estreitando os lábios ao concentrar-se.

– Vai, teia – repete, enunciando cada uma das duas palavras.

O Cameron pousa o processo que tinha tirado da prateleira.

– Quem é *aquele*?

– Ele? – A Ramona ergue o olhar de uma lustrosa fotografia das peças obrigatórias e proibidas da moda. – Oh, é o Daniel Ludwig. Mas todos lhe chamamos Dan-Aranha. – Torce ligeiramente os lábios. – Porque acha que é o Homem-Aranha.

Dan Ludwig olha para os pulsos.

– Vai, teia – diz uma vez mais, numa voz quase monocórdica.

O Cameron fica boquiaberto. Vira-se novamente para a fila de capas e agarra na que está rotulada como LUDWIG.

– É meu!

Lá se foi o cavalheirismo.

Viro-me novamente para a prateleira para fazer outra escolha. Não vou ver o processo da Jade. Isso seria muito, muito errado. Não posso crer que estava sequer a contemplar fazê-lo. Procurarei outro paciente para ver.

Olho para a pasta seguinte na fila. A do quarto 906. O nome no processo é SCHOENFELD. Tiro-o da prateleira e leio o nome completo do paciente na ficha com os dados demográficos: William Schoenfeld. Bem, não andei decididamente com ele no secundário. E não parece estar enclausurado num quarto de isolamento, amarrado à cama. Pode muito bem ser o melhor que se arranja.

Abro o processo na primeira página. A maioria da informação está provavelmente no registo médico eletrónico que neste momento se encontra inacessível, mas a pasta tem ao menos informações impressas da visita às Urgências que o trouxe para cá há algumas noites. William Schoenfeld é um homem de vinte e nove anos sem antecedentes médicos que se apresentou nas Urgências após vários meses a ouvir vozes que lhe diziam para matar pessoas.

A nota das Urgências prossegue descrevendo o Sr. Schoenfeld como alguém em desalinho e confuso, a balbuciar frequentemente para consigo. Foi diagnosticado com esquizofrenia e tratado com antipsicóticos. Em seguida, foi voluntariamente transferido para a unidade psiquiátrica para avaliação e tratamento adicionais.

É aí que as notas terminam.

Olho para a última página do processo, sem saber o que fazer. Supostamente, o Sr. Schoenfeld não é perigoso – se fosse, estaria enclausurado, como o Sr. Sawyer. Mas, por outro lado, trata-se de um homem que tem vindo a ouvir vozes que lhe dizem para *assassinar* pessoas. Talvez não seja este o paciente que quero ver.

No entanto, é precisamente por isso que quero vê-lo.

Afinal, conhecermos alguém verdadeiramente louco é a única forma de sabermos que estamos sãos.

11

O quarto 906 fica ao virar da esquina do posto de enfermagem. O Cameron já desapareceu para ir entrevistar o Dan-Aranha, por isso sou só eu a percorrer o círculo da unidade psiquiátrica. E, enquanto caminho, oiço um som:

Clique, clique, clique.

Por um momento, enerva-me, até que me lembro da Mary e das suas agulhas de tricô. Ao passar pelo quarto 912, vejo que continua sentada na sua cadeira, a tricotar. Vê-me e acena com a mão.

– Olá! – diz.

– Olá, Mary – respondo eu, retribuindo-lhe o aceno.

Ela sorri-me, entusiasmada por eu saber o seu nome.

– Como se chama, querida?

Por um momento, hesito.

– Amy – acabo por responder.

– Que nome bonito. – As suas rugas aprofundam-se ao sorrir. Deve ter pelo menos oitenta anos. Talvez noventa. – Tenha cuidado esta noite, querida Amy.

– Hã, está bem – digo.

Depois desse aviso ligeiramente ominoso, sigo caminho até ao quarto 906. O quarto ao lado é o da Jade, mas, felizmente, ela não volta a pôr a cabeça de fora. Ocorre-me que podia ter escolhido um paciente cujo quarto não fosse imediatamente ao lado do dela. Mas optei por não o fazer.

Talvez parte de mim espere cruzar-se com ela. Não posso negar que eu e a Jade temos muitos assuntos por resolver.

Não sei o que esperava ver ao olhar para dentro do quarto 906. A descrição na nota das Urgências fazia William Schoenfeld parecer um louco furioso. Surpreende-me, portanto, deparar-me com um homem de vinte e muitos anos, vestido com uma *T-shirt* e umas calças de ganga lavadas, com o cabelo escuro curto e impecavelmente aparado, uma igualmente escura barba de dois dias e uns óculos de armação de arame empoleirados no nariz. E não anda a deambular pelo quarto, furioso e a barafustar. Está sentado na cama, a ler tranquilamente um livro.

Bato suavemente à porta aberta.

– Olá? Senhor Schoenfeld?

O homem ergue o olhar. Pega no marcador de livros que estava em cima da cama e coloca-o no livro. Deposita-o então no topo de uma pilha de outros livros na cómoda junto à cama.

– Sim?

Torço as mãos.

– Chamo-me Amy. Sou estudante de medicina.

Tem um aspeto desarmante e banal, o que não é de todo o que eu esperava. Esperava que se parecesse mais com o Dan-Aranha ou com aquele tipo que achava que o pai era Deus. Este tipo parece… normal.

Tirando o facto de ouvir vozes que lhe dizem para matar pessoas.

– Posso ajudá-la, Amy? – pergunta. Parece simpático quanto baste, mas noto cautela no seu tom. Ergueu as defesas e não confia em mim.

– Sim, eu… – Céus, isto é realmente confrangedor. Mas então lembro-me de que a Sra. Pritchett disse que eu era boa ouvinte. Eu consigo fazer isto. – Estou de serviço aqui esta noite e estou a tentar conhecer melhor alguns dos pacientes. Medicamente, quero eu dizer – apresso-me a acrescentar, ao vê-lo arquear as densas sobrancelhas negras. – Ou, enfim, *psiquiatricamente*. Porque está aqui no hospital e tudo isso. Gostaria de ouvir a sua história.

Ele fita-me por um muito longo minuto.

– Com certeza – responde por fim. – Sente-se.

Pego na cadeira do outro lado do quarto e puxo-a para mais perto dele. Mas não *demasiado*. Deixo distância suficiente para poder sair rapidamente antes de ele me agarrar.

– Muito obrigada, senhor Schoenfeld.

Os seus olhos cor de avelã percorrem-me o rosto.

– Will. Por favor, trate-me por Will.

– Claro. Se prefere. – Pigarreio, cruzando uma perna sobre a outra. – Então, gostava de saber como tudo começou. Quer dizer, ouvi dizer que andava… enfim…

– A ouvir vozes?

– Bem, sim.

– Isso mesmo. – Os seus olhos estabelecem contacto com os meus. – Há alguns meses.

– E as vozes… diziam-lhe coisas?

Um dos cantos da sua boca arqueia-se para cima.

– Sim. Como é costume das vozes.

– O que diziam?

Um músculo contrai-se ligeiramente no maxilar de Will Schoenfeld.

– Diziam-me para matar pessoas. Tipo, estava com um amigo e havia uma voz que me sussurrava ao ouvido: «Empurra-o para a estrada.»

– Deve ter sido perturbador para si.

Um laivo de irritação atravessa-lhe as feições.

– Acha?

Cruzo e descruzo as pernas. Sentia-me orgulhosa do quanto me tinha tornado boa a falar com os pacientes insones do Dr. Sono – na sua maioria, estavam ansiosos por se abrir e por me contar tudo sobre as suas vidas (e os seus animais de estimação). Mas o Will é diferente. Não me quer facilitar a vida.

– Mas nunca… Quer dizer, só porque as vozes lhe diziam para fazer isso, nunca…

Ele arqueia uma sobrancelha.

– Se tivesse uma voz a dizer-lhe para matar alguém, fá-lo-ia?

Sinto uma náusea na boca do estômago. Esperava entrar aqui e ver um louco furioso. Mas Will Schoenfeld parece perfeitamente normal. Podia ser qualquer um. Alguém por quem passámos na rua. Um amigo. Um vizinho.

Podia ser um estudante de medicina.

– Ainda ouve as vozes? – pergunto eu.

– Tipo agora? Aqui sentado?

– Bem…

Empurra os óculos para cima sobre o nariz.

– Está a perguntar-me se há neste momento uma voz na minha cabeça a dizer-me que a devia matar?

Mordo o interior da bochecha, sem saber muito bem como responder a isso.

– Não – diz o Will. – Já não oiço as vozes. A medicação livrou-me delas.

De acordo com a lista de medicamentos impressa que a Ramona me mostrou, Will Schoenfeld toma uma mistura de dois antipsicóticos. Só recentemente os começou a tomar, mas parecem estar a dar resultado.

Ou pelo menos é isso que ele diz.

– Vive com alguém? – pergunto eu.

– Não. Vivo sozinho.

– Não é casado, então?

– Não. Nunca fui.

– Tem uma cara-metade?

Ele retorce-se.

– Não é propriamente a altura ideal na minha vida para me envolver com uma

mulher. Preciso de me recompor primeiro.

É a coisa mais lógica que ouvi dizer a alguém desde que aqui estou.

Lanço um olhar à pilha de livros na sua cómoda. Não tinha reparado antes, mas estava a ler *A Prayer for Owen Meany*, que é um dos meus livros favoritos de sempre. Não sei se alguma vez vi alguém mais ou menos da minha idade a ler esse livro e não sei como me sentir ao constatar que a primeira pessoa que vejo a lê-lo está numa ala psiquiátrica.

– O que foi? – pergunta o Will.

– É o meu livro favorito – respondo eu. – *Owen Meany*.

Pela primeira vez desde que entrei no quarto, arranco-lhe o que parece ser um sorriso genuíno.

– Adoro John Irving – diz ele. – É o meu favorito desde que tinha dez anos.

– Oh, meu Deus, o meu também! – exclamo eu. – Li tudo o que ele escreveu.

– Também eu. – Aponta para a pilha de livros, que vejo agora serem todos de John Irving. – Trouxe-os comigo para me fazerem companhia. Tenho estado a relê-los desde que cá cheguei. – Pega no grosso exemplar de capa mole de *Owen Meany*. – Li este umas cinquenta vezes.

– Eu li-o umas cem.

– É competitiva, não é? – diz ele, rindo.

– Bem, como disse, é o meu favorito.

– Adoro ler – continua ele. – Tento ler pelo menos um ou dois livros por semana e tento *reler* pelo menos um Irving por mês.

– Isso é impressionante – comento eu. – Não tenho tempo para ler mais do que alguns livros por ano. Em que trabalha?

Num instante, as muralhas voltam a erguer-se. Quando me responde, o seu tom é novamente seco.

– Sou motorista da *Uber*.

Bem, está decidido. Nunca mais volto a apanhar um *Uber*. A minha mãe vai ficar encantada. Mas a verdade é que me surpreende esta escolha de profissão. Tem mais ar de professor ou de escritor. Não parece alguém que escolhesse conduzir para ganhar a vida. Por outro lado, de certeza que é um trabalho seguro e flexível, se é isso que procura.

– Suponho que vê muita gente no decorrer do seu trabalho, então – digo eu.

Ele volta a empurrar os óculos para cima sobre o nariz.

– É verdade.

– E as vozes alguma vez lhe disseram para…

Will Schoenfeld inclina a cabeça para o lado. Fica muito tempo calado antes de

finalmente responder.

– Já lhe disse. Seria incapaz de fazer mal a alguém.

Mantém o contacto visual ao responder à minha pergunta. Porque não haveria de me dizer a verdade? O que ganharia com isso? Estamos aqui para o ajudar e, tanto quanto consigo perceber, ele está aqui voluntariamente. Não *quer* ficar melhor e deixar de ouvir vozes? Ainda assim, algo no meu instinto me grita isto:

Este homem está a mentir-me.

12

HORAS ATÉ DE MANHÃ: 12

Apesar de passarmos mais vinte minutos a conversar, o Will não se volta a abrir comigo – não como quando falei em John Irving. Até tento voltar a falar sobre livros numa fase posterior da nossa conversa, mas as suas barreiras já estão erguidas. Não confia em mim.

Suponho que é aquilo a que se chama *paranoia*. Os antipsicóticos podem ter-se livrado das vozes na sua cabeça, mas alguns dos sintomas da sua esquizofrenia mantêm-se.

Ao sair do quarto 906, não consigo evitar olhar para os quartos de isolamento ao fundo do corredor. O primeiro quarto continua trancado, o teclado a emitir um ligeiro brilho verde. Pergunto-me qual será a sensação de estar trancado num quarto minúsculo sem forma de sair.

Tenho de passar pelo quarto de isolamento a caminho do posto de enfermagem. Caminho em silêncio, temendo que o homem lá dentro esteja, de algum modo, a observar-me. Que me atraia para lá e me convença a libertá-lo. Afinal, a Gabby diz que sou muito impressionável. Diz-me que não posso ver mais publicidade porque compro tudo o que vejo num anúncio.

Quase consigo passar pelo quarto. Acabo de passar pela porta quando um som horrível se faz ouvir atrás dela. Um baque surdo, nauseante. Quase como se alguém se tivesse atirado contra a porta.

Salto uns noventa centímetros para trás, encostando-me à outra parede. Volto a ouvir o barulho e, desta vez, a porta do Quarto de Isolamento Um vibra. Enquanto olho fixamente para a porta, volta a acontecer. O baque forte, seguido da porta a vibrar.

E um rosnido angustiado vindo do interior.

Alguém ou *algo* está a tentar arrombar a porta. Mas como é possível? O Dr. Beck disse-me que o homem naquele quarto estava manietado.

A menos que se tenha conseguido libertar das amarras.

Sorvo ar, tentando acalmar o meu coração acelerado. E é então que oiço outro som, um bem menos ominoso. É o som de uma mulher a rir-se.

Viro a cabeça para a direita e, com efeito, está uma jovem a uma das portas. Tem o cabelo apanhado num rabo de cavalo no alto da cabeça e, embora se possa dizer que é loura, tem pelo menos três centímetros de raízes mais escuras. Veste uma camisola de alças sem soutien e umas calças de fato de treino cor-de-rosa. E tem os olhos azuis com manchas amarelas.

– Tu – diz ela – continuas a ser patética.

– Jade – arquejo eu.

Não posso acreditar que estou a vê-la outra vez ao fim de tantos anos. Quase uma década desde aquele dia no secundário em que… Bem, não quero pensar no que aconteceu nesse dia. Passei muito tempo a tentar não o fazer.

– Há quanto tempo – reconhece ela.

Coço a pele seca na parte de trás do meu cotovelo.

– Estás ótima – digo, quase de forma automática.

– Oh, *cala-te*, Amy. – Franze a ponte do nariz. – Estou gorda como uma casa. É da medicação. Faz-nos querer comer até explodirmos.

A Jade não está «gorda como uma casa», como tão excentricamente afirmou. Costumava ser demasiado magra no secundário – dolorosamente magra – e agora parece ter um peso mais saudável. Mas é certo que tem olheiras e que o cabelo que sai do rabo de cavalo parece empastado. Não a apanhei no seu melhor dia. Por outro lado, eu estou de pijama cirúrgico e ténis, sem qualquer resquício de maquilhagem. Ela tem ao menos um pouco de *eyeliner* e um toque de batom vermelho.

– Como estás? – pergunto cautelosamente.

– Não tão bem como tu. – Olha-me de cima a baixo, com uma expressão avaliadora nos olhos. – Suponho que foste para a faculdade de medicina, como sempre quiseste.

– Hum. Sim.

– Pena teres tido de destruir a minha vida para lá chegar.

Inspiro fundo. Pensava que, ao fim de tantos anos, talvez a Jade tivesse esquecido o que aconteceu. Bem, não *esquecido*. Mas talvez o visse com um pouco mais de perspetiva. Talvez entendesse que não fiz o que fiz para lhe arruinar a vida. Que não tive *opção*.

– Desculpa – murmuro. – Não queria que acontecesse como aconteceu. Sabes isso.

A Jade não responde ao meu pedido de desculpa. Cruza os braços sobre o peito e vejo um longo arranhão vermelho que lhe desce pela pele do antebraço esquerdo.

– Lamento pela tua mãe – digo eu, de súbito.

Ela lança-me um olhar furibundo.

– Sim, lamentas tanto que nem te deste ao trabalho de ir ao funeral.

– Foi… estava muito ocupada nessa altura.

– Sim, claro. A importante e ocupada Amy. Tem coisas melhores para fazer do que prestar a sua última homenagem à mãe da melhor amiga.

Não me dou ao trabalho de salientar que, quando a Sra. Carpenter morreu, há já muito tempo que eu e a Jade não éramos amigas. Não ajudaria em nada dizer isso.

– Leste o meu processo, então, suponho – diz.

– Não, não li.

– Mentirosa.

– Não li. – Ergo o queixo. – Seria incapaz. Isso seria errado.

– Sim, e tu és a rainha do comportamento moral, não és? – retorque, com um riso amargo.

– Não li – insisto. – Estive agora mesmo a entrevistar o tipo do quarto 906. Foi o único processo que consultei esta noite.

A Jade olha para o 906. A porta ainda está entreaberta e o Will continua provavelmente a ler lá dentro.

– Oh, ele. É giro, não é? Faz um pouco o teu género. Esgalgado, cromo.

– Jade… – Sinto as faces a arder. – Ele é *louco*. Tem esquizofrenia.

– Oh, têm algo em *comum*, então, não é?

Houve alguns momentos na minha vida em que quis partir a cara à Jade e este é um deles. Felizmente, sei o suficiente para me conter. Mas tenho de a evitar quando forem três da manhã, pois não estarei nem de longe a pensar com a mesma clareza por essa altura.

– Enfim – diz ela. – Faz mais o teu tipo do que o paspalhão do outro estudante de medicina. O grandalhão que não pára de te lançar olhares sonhadores. O que se passa? Está apaixonado por ti?

– *Não.* – A Jade não precisa de ouvir a história de como fui deixada pelo Exame à Ordem. – Mal o conheço.

– Se tu o dizes – diz, na sua voz cantarolada.

Não esperava que a Jade me recebesse de braços abertos, mas também não contava encontrá-la tão insuportável e zangada comigo. Tenho de fazer um esforço para a evitar o resto da noite. Não estou com disposição para os seus jogos psicológicos.

– Não tenho tempo para conversar agora – digo-lhe eu. – Tenho de voltar ao trabalho.

– Oh, que pena – responde ela, franzindo o cenho. – Porque eu tenho a noite inteira livre, sem absolutamente nada para fazer.

E então pisca-me o olho.

13

OITO ANOS ANTES

Não compreendo o objetivo da trigonometria.

Há duas horas que estou sentada à secretária do meu quarto, a tentar resolver problemas, e não estou mais perto de entender bem a matéria. Mais importante, não compreendo *porque* preciso de saber isto. Alguma vez estarei no supermercado e precisarei de saber o seno de trinta para calcular que troco vou receber? É a coisa mais estúpida e inútil de sempre. E, graças a ela, corro o risco de ter o meu primeiro dez no secundário.

Sou um caso perdido.

Oxalá a Jade tivesse aceitado estudar comigo. Em vez disso, está neste momento a apanhar uma moca com um bando de falhados atrás da escola. Costumávamos estudar sempre juntas para matemática – foi assim que sobrevivi a todas as minhas aulas de matemática do secundário até agora. Preciso de um plano alternativo.

Pego no globo de neve em cima da minha secretária e dou-lhe uma boa abanadela. Pequenos flocos de neve dispersam-se sobre uma Estátua da Liberdade verde. O globo foi um presente da Jade no ano passado. A nossa turma foi à cidade em visita de estudo para ver um espetáculo da Broadway e ela escapuliu-se do grupo para o comprar para mim numa banca de recordações. Podia ter sido proibida de ver o espetáculo por se ter saído com algo assim, mas fê-lo na mesma. A Jade é assim – sempre disposta a correr riscos.

Fecho o meu livro de trigonometria. Recosto-me na minha cadeira de escritório, fecho os olhos e esfrego as têmporas com as pontas dos dedos. Bem, o importante é não entrar em pânico.

Não entres em pânico, Amy!

Preciso apenas de me aplicar e de estudar. Eu consigo. Vai correr tudo bem. Ainda bem que o meu chá gelado tem montes de cafeína.

Abro os olhos, pronta para me atirar a mais problemas de trigonometria. Mas, ao fazê-lo, tenho uma surpresa terrível:

É a menina dos caracóis louros e do vestido rosa aos folhos.

E está ao canto do meu quarto.

Pestanejo algumas vezes. Já foi estranho ver essa menina sozinha na Ricardo's. E mais estranho ainda vê-la na escola secundária. Mas é muito, *muito* estranho, vê-la no meu quarto.

Na verdade, é impossível.

Olho para a rapariguinha. Abro os lábios, tentando formar uma pergunta. *O que fazes aqui?* Mas não me consigo obrigar a fazê-la. Porque é impossível que esteja uma menina no meu quarto. É absurdo pensar sequer nisso. E é uma loucura ainda maior falar com ela.

– Vais chumbar nesse teste – informa-me ela, na sua voz doce de menina.

Sinto a boca quase demasiado seca para falar.

– Não…

Pronto, está feito. Falei com a rapariga que não está realmente aqui.

– E então não entrarás para nenhuma universidade – prossegue ela. – Nunca irás para a faculdade de medicina. Toda a tua vida ficará arruinada.

Volto a abrir a boca para responder. Apesar de não ser real, quero dizer a esta rapariga que está errada. Vou passar neste teste, de alguma maneira. Vou entrar para a universidade e vou tornar-me médica, como sempre quis. Está *enganada*.

Apesar da sua presença me fazer temer seriamente pelo meu futuro.

Batem fortemente à porta do meu quarto. Bruscamente, viro a cabeça na direção da porta, segundos antes de a voz da minha mãe se fazer ouvir.

– Amy! São horas de jantar!

Olho novamente para a menina, mas desapareceu. Esfrego os olhos, com a cabeça subitamente a latejar. Perscruto o quarto, dos pósteres dos Jonas Brothers e da Taylor Swift nas minhas paredes à minha colcha verde e rosa, passando pela minha estante e pelo troféu que ganhei no ano passado pelo meu desempenho na equipa de debate. Mas a menina não está em lado nenhum.

A porta do meu quarto entreabre-se e a cabeça da minha mãe espreita para dentro.

– Amy? Já te disse que o jantar está pronto. Vem para baixo.

– Ahã – consigo responder.

A minha mãe semicerra os olhos. Tem o cabelo grisalho apanhado num coque desgrenhado atrás da cabeça. Não é um desgrenhado estiloso – apenas despenteado. Costumava ser das mais bonitas entre as mães dos meus amigos, mas parece ter envelhecido de repente nos últimos dois ou três anos.

– Estás bem, querida?

– Sim. – Cerro os punhos, cravando as unhas nas palmas das mãos. – Estou só… a

ter dificuldades com a trigonometria.

Ela não parece tão preocupada como eu.

– Bem, de certeza que vais resolver isso. Preocupas-te sempre com os teus testes de matemática, mas acabas sempre por te sair bem.

– Isso é por causa da Jade.

A minha mãe estreita os lábios da forma como sempre faz quando refiro a Jade nos últimos tempos. Quando éramos pequenas, gostava dela. Na verdade, encorajava-me sempre a convidá-la a vir cá a casa. Insistia sempre em que a Jade ficasse para jantar e depois levava-nos às duas a casa dela para garantir que chegava bem, apesar de serem só dez minutos a pé. Uma vez, entrou e disse que íamos fazer um jogo em que limpávamos a casa da Jade, o que passámos as duas horas seguintes a fazer, até a mãe dela chegar.

Mas algo mudou. Ultimamente, a minha mãe tem vindo a dizer-me que devia deixar de andar com ela. Não sei o que diria se eu lhe tivesse contado como a casa da Jade estava desarrumada ou como a mãe dela partiu aquele cinzeiro, mas cumpri a minha palavra e não lhe disse.

– Talvez devêssemos arranjar-te um explicador – diz ela. Apesar de não podermos pagar um. O horário de trabalho do meu pai foi reduzido e o dinheiro tem sido escasso.

– Hum – respondo eu. – Vai correr tudo bem.

– De certeza?

Se eu pedisse um explicador, a minha mãe arranjava-me um num instante. Diz sempre que nada é mais importante do que a minha educação. Mas não quero ter a família inteira a fazer sacrifícios só para eu poder ter uma nota melhor a trigonometria.

– Não, não te preocupes com isso – insisto. – Estou bem.

– Fazemos assim. – Sorri-me. – Vamos jantar e, depois de comermos, eu ajudo-te com alguns dos problemas.

– Está bem – concordo eu, apesar de a minha mãe ser a única pessoa no mundo que é pior do que eu a matemática.

– Não te preocupes, Amy. De certeza que te vais sair lindamente. Sais sempre.

Não tenho assim tanta certeza de que me vá sair bem neste teste. Mas, neste momento, estou um pouco menos preocupada com ele do que com a menina que não paro de ver para onde quer que olhe.

14

PRESENTE

O Cameron está sentado no posto de enfermagem, a trabalhar numa nota manuscrita sobre o Dan-Aranha.

Apesar de o Dr. Beck não nos ter dito que precisávamos de escrever uma nota, o Cameron nunca se poupa a esforços. É o seu modo de ser. Sempre que tínhamos um teste, lia e relia a matéria vezes sem conta, sublinhando cada frase do manual com uma cor diferente, e depois fazia todos os exercícios práticos a que conseguia deitar a mão. Duas vezes.

O Cameron diz que é por cirurgia ortopédica ser uma especialidade extremamente competitiva, pelo que as suas notas têm de ser excecionais para entrar num programa de internato complementar. Eu não preciso de ser tão competitiva porque não quero ser cirurgiã ortopédica. Quero ser… Bem, não sei o que quero fazer em termos de especialidade. Sei que quero ser médica e, para já, isso basta. Calculo que, quando chegar ao fim do terceiro ano, terei isso resolvido.

A única coisa de que tenho a certeza é que não quero ser psiquiatra. (Nem cirurgiã ortopédica.)

Costumava achar atraente que o Cameron trabalhasse tanto. Gostava do seu empenho. Quer dizer, sentia-me estúpida sempre que estudava com ele, mas acabava sempre por arrasar no exame porque ele impelia-me a dar o máximo. Não sei quando deixou isso de ser atraente e começou a ser irritante.

Talvez quando ele me deixou para estudar para o exame.

O Dr. Beck aparece para se juntar a nós no posto de enfermagem, de mãos enfiadas nos bolsos da sua bata branca. O meu coração acelera ao vê-lo.

– Doutor Beck – digo eu. – Preciso de falar consigo.

– Com certeza. – Sorri-me e as suas covinhas projetam-se. Ou encovam-se. Ou seja lá o que for que as covinhas fazem. – O que se passa, Amy?

Brinco com o cordão das calças do meu pijama cirúrgico.

– Então, aquele paciente que está no quarto de isolamento, sabe? O Sawyer?

– Sim…

– Ouvi um barulho estranho vindo do quarto. – Estico o pescoço para olhar para o corredor. – Disse que estava manietado, mas quase parecia que… que se estava a atirar contra a porta.

O Dr. Beck franze o sobrolho.

– Não vejo como se poderia ele ter soltado das amarras. Pusemos-lhas nos dois braços depois de jantar. – Olha para a Ramona, que está junto a um carrinho médico no corredor, a despejar comprimidos multicoloridos num pequeno copo de plástico. – Apertou ambas as amarras do Sawyer, não apertou?

– Sim, claro, doutor – responde a Ramona.

– É só que… – Cravo as unhas nos punhos. – Foi isso que me pareceu. Como se estivesse alguém a tentar sair.

Por um momento, o Dr. Beck fica parado, com uma expressão perturbada no rosto.

– Obrigado por me informar, Amy. Seremos cautelosos ao entrar no quarto de manhã.

Espero que isso não aconteça até *depois* de eu ter partido. O Dr. Beck foi enfático ao dizer que eu e o Cameron não correríamos qualquer perigo com o paciente isolado, por isso espero que aguarde até termos acabado e haver mais pessoal na unidade.

O Dr. Beck olha para o Cameron, que parece ir agora na página cinco do que promete ser uma nota épica. Espeta a língua pelo canto da boca, como sempre faz quando está profundamente concentrado. Costumava achar isso giro.

– Não disse que tinham de escrever uma nota sobre o vosso paciente – observa o Dr. Beck.

– Gosto de as escrever – responde o Cameron, mentindo com os dentes todos. – Ajuda-me a organizar os pensamentos.

O Dr. Beck lança-me um olhar e poderia jurar que revira ligeiramente os olhos. A Gabby tinha razão – gosto *realmente* dele.

– Claro. Esteja à vontade. Quem viu?

– O Daniel Ludwig.

– Dan-Aranha! – exclama o Dr. Beck, juntando as mãos. – O meu paciente favorito! Um caso clássico de esquizofrenia. O cérebro não é absolutamente fascinante?

– Concordo plenamente – diz o Cameron, que nunca discordou de um professor desde que o conheço.

– Sempre me intrigou o que leva um cérebro normal a criar delírios tão poderosos. – O rosto do Dr. Beck ilumina-se ao falar. Dá para perceber que é uma daquelas pessoas que são extremamente apaixonadas pela sua carreira, o que me faz respeitá-lo

mais. – Julga-se que a base da esquizofrenia seja um desequilíbrio nos neurotransmissores do cérebro que ocorre precisamente de modo a gerar a constelação clássica de sintomas.

O Cameron assente vigorosamente.

– É *tão* fascinante.

O Dr. Beck sorri-lhe.

– Cameron, pode, por favor, descrever-me os sintomas clássicos da esquizofrenia?

Por um momento, o Cam é apanhado desprevenido. Mas rapidamente recupera a compostura.

– Bem… – responde. – Tem tanto sintomas positivos como negativos.

– Como por exemplo?

O Cameron olha para a pilha de papéis manuscritos à sua frente, descrevendo tudo sobre o paciente desde o momento em que nasceu até há cinco minutos.

– Tem sintomas positivos, como os delírios de ser o Homem--Aranha, ouvir vozes e um discurso desorganizado. Mas também tem sintomas negativos, como não nos olhar nos olhos, não ter amigos e falar em voz monocórdica.

O Dr. Beck assente, impressionado.

– Alguém veio preparado esta noite.

O Cameron sorri. Oh, fantástico, agora que recebeu retorno positivo, tornar-se-á completamente insuportável.

– Acha que as teias das mãos estão ligadas à micção – explica-me o Dr. Beck. – Por isso, planta-se simplesmente junto à sanita a tentar disparar teias. E, claro, tudo isso é agravado pelo facto de a medicação que toma causar retenção urinária.

– Pobre homem – murmuro eu.

– Devia ir vê-lo, Amy – diz o Dr. Beck. – É um caso clássico de esquizofrenia, como disse. Será uma boa experiência de aprendizagem.

– Já vi um paciente com esquizofrenia. – É melhor do que dizer que a ideia de entrevistar um homem que acha que é o Homem--Aranha me deixa inquieta. – William Schoenfeld.

O Dr. Beck fica a pensar nisto.

– É interessante de uma forma diferente. Tem uma apresentação atípica de esquizofrenia paranoide.

– Tem?

– Diria que sim – responde o Dr. Beck. – Tem os sintomas positivos que o Cameron referiu, como alucinações. E decididamente paranoia. Mas não tem muitos sintomas negativos. Além disso, diz que só começou a ouvir as vozes há alguns meses e é bastante raro um homem em finais dos vinte ter um primeiro episódio de

esquizofrenia. Geralmente, os homens apresentam-nos em finais da adolescência ou inícios dos vinte.

Franzo o sobrolho.

– O que quer isso dizer, então?

– Pode ser uma apresentação atípica de esquizofrenia, como disse. – Encolhe um ombro. – Mas também há a hipótese de os sintomas terem começado há muito. Muito antes de há alguns meses. Afinal, muitas pessoas com esquizofrenia não têm consciência de estar a ter sintomas. – Tamborila com os dedos na mesa. – Pode andar a ouvir essas vozes há *anos*.

Tento imaginar como deve ser passar anos de vida a ouvir vozes a dizer-lhe para matar pessoas.

– Enfim – diz o Dr. Beck, sacudindo uma mão. – A medicação que faz atualmente suprime os sintomas do Schoenfeld. Vá ver o Daniel Ludwig. Julgo que o achará muito interessante.

– Tenho todo o gosto em apresentar-te, Amy – intervém o Cameron.

Fantástico. Estão ambos a olhar para mim. Vou ter de fazer isto.

– Claro – digo eu. – Vamos.

15

HORAS ATÉ DE MANHÃ: 11

Visto os quartos dos pacientes serem tão pequenos, e uma vez que somos dois, decidimos entrevistar o Dan-Aranha na sala dos pacientes.

A sala dos pacientes é maior do que a do pessoal, mas não é mais agradável. Além disso, deve ter sido pintada recentemente, pois paira um ligeiro cheiro a tinta fresca no ar. Fico à espera, sentada num sofá com um padrão de cerejas. Não consigo parar de bater com os pés. *Tac, tac, tac.* Entre mim e a Mary, com as suas agulhas de tricô, podíamos formar uma banda. *Tac, tac, tac. Clique, clique, clique.*

Tento não pensar na Jade. Eu posso sair daqui depois desta noite, mas ela está aqui presa indefinidamente. Não sei o que fez para vir parar a este lugar, mas não tenho dúvidas de que merece cá estar.

O que sei de ciência certa sobre a Jade é que é bipolar. Foi esse o diagnóstico que lhe fizeram aquando do seu internamento quando tínhamos dezasseis anos. Soube mais tarde que a mãe dela tinha o mesmo exato diagnóstico – estas coisas tendem a ser hereditárias. Deram-lhe um medicamento para o controlar, e depois um segundo. Ficou tão diferente depois de começar a tomar montes de medicação – como uma morta-viva. Já não era a minha melhor amiga. Era como se lhe tivessem feito uma lobotomia frontal.

Bem, o melhor que posso dizer é que parece o seu velho eu agora.

Céus, espero que não diga ao Dr. Beck que me conhece. Seria para lá de embaraçoso. Especialmente se lhe disser que…

– Não é suposto eu ter estas bolachas!

Está um idoso à minha frente, com um saco de papel amarrotado na mão. Não sei quem ele é, mas tem uma pulseira branca no pulso esquerdo, o que significa que é um paciente. Parece aquele ator que costumava fazer *westerns* há muito tempo, a minha avó costumava adorá-lo. Clint Eastwood, acho que era assim que se chamava.

– Desculpe? – digo eu ao velhote.

– Estas bolachas. – O sósia de Clint Eastwood sacode o saco junto à minha cara e vejo agora que contém cerca de uma dúzia de saquetas de bolachas de água e sal. –

Sou diabético! Quem me deu todas estas bolachas?

– Hum – digo eu. – Não sei.

– Não as devia ter – informa-me o Clint. – É um erro. Estas bolachas podem matar-me!

– Não creio que o vão matar.

– Como sabe? É médica?

– Sou estudante de medicina.

O Clint volta a sacudir o saco de bolachas na minha direção.

– Isto devia fazer parte da sua formação. Não se dão bolachas a um diabético.

– Bem – digo eu, apontando para o caixote do lixo ao canto da sala. – Pode simplesmente deitá-las fora, nesse caso.

– Não vou desperdiçar comida! Qual é o seu problema, raios?

– Hum. – De bom grado ficaria com as bolachas, mas não sei o que fazer com elas a não ser deitá-las ao lixo, o que parece ser inaceitável. – Porque não leva as bolachas de volta para o seu quarto e nós mandamos lá alguém para se livrar delas por si?

Ele fita-me durante longos momentos, contemplando a minha proposta. Em seguida, abana a cabeça. Afasta-se a resmungar.

– Inúteis. São todos uns inúteis.

Bem, isto foi estranho.

Antes que tenha tempo de ir ao *UpToDate* pesquisar se as bolachas de água e sal podem realmente matar um diabético, a voz do Cameron faz-se ouvir no corredor.

– Cá estamos nós! – anuncia sonoramente. Passado um segundo, ele e o homem com a *T-shirt* do Homem-Aranha aparecem à porta da sala. – Esta é a Amy. A outra aluna. Aquela de quem eu lhe estava a falar.

O que terá ele dito ao Dan-Aranha sobre mim? Nem posso imaginar. *A Amy é outra estudante de medicina que está cá a trabalhar esta noite. É inteligente, mas não tanto como eu. E está sempre a arrastar-me para ir comer comida indiana, e eu vou, apesar de me fazer sempre azia.*

O Dan-Aranha olha-me de cima a baixo e assente inexpressivamente. Não parece perturbado por eu estar aqui, mas também não parece feliz. É como falar com um robô. Lembra-me um pouco como a Jade era sob o efeito da sua medicação. E é muito diferente de como o *meu* paciente, Will Schoenfeld, agiu.

Chego-me para o lado no sofá para o Dan-Aranha se poder sentar, enquanto o Cameron puxa uma cadeira. O Cameron é muito maior do que o Dan-Aranha – entre os dois, o Cameron parece muito mais um super-herói disfarçado. O Dan-Aranha parece rondar os quarenta e cinco anos, com o cabelo castanho a rarear e uma papada. Ao sentar-se, estende as mãos com os pulsos voltados para cima e fita-as.

– Olá – digo eu. – Sou a Amy.

– Olá – responde o Dan-Aranha, ainda sem olhar para mim.

– Então, falei um pouco sobre si à Amy – começa o Cameron. – Sobre as suas teias.

O Dan-Aranha assente com um pouco mais de entusiasmo. Aponta para o tendão no seu pulso esquerdo.

– Vê isto? Acho que se parece um pouco com uma teia. As teias estão por baixo da minha pele. E tenho de as fazer sair. Acho que podia tirá-las daqui, mas não consigo. Não sei como o fazer. Mas acho que, se conseguisse puxar isto para fora, seriam teias.

– Tem problemas de teias – diz-me o Cam.

– Compreendo – murmuro eu.

– Sabe – diz o Cam ao Dan-Aranha –, muitos dos Homens- -Aranha não disparam realmente teias do próprio corpo. Fazem--nas eles mesmos. Por isso, tecnicamente, *podia* fazer as suas próprias teias.

O Dan-Aranha fita-o.

– Tipo, de fio dentário ou assim – acrescenta o Cam.

– Fio dentário – repete o Dan-Aranha.

Lanço um olhar ao Cameron, que encolhe os ombros.

– O que foi? – pergunta ele. – Estou só a fazer uma sugestão.

– Senhor Ludwig – digo eu. – Estava aqui a perguntar-me: tem superpoderes?

Volta a anuir.

– Tenho o sentido-aranha. Tipo, se se passar algo de errado, eu sei. Porque o sentido está na aranha. É assim que eu sei. É assim que toda a gente sabe.

Lanço um olhar ao Cam para ver se isto faz algum sentido para ele. Ele abana a cabeça.

– E tenho um anel – continua o Dan-Aranha. – O anel dá-me poder. Se usar o anel, tenho mais poder.

– Não – diz pacientemente o Cam. – Está a pensar no Lanterna Verde. É ele que tem o anel.

O Dan-Aranha olha para o Cameron com uma expressão ligeiramente irritada no rosto.

– Não, sou eu que tenho o anel. Não o Lanterna Verde. Preciso dele para combater o Doutor Octopus e o Duende Verde. É por isso que tenho de ter o anel. O anel está na pele. E é fiel. Como um cordel. E, se eu conseguir o cordel, então terei o anel. Logo, é por isso que preciso dele.

O Dan-Aranha olha para nós os dois. Não faz ideia de que o que acaba de dizer é um perfeito absurdo. Como chega alguém ao ponto de o seu cérebro deixar de funcionar como um cérebro normal?

De a sua realidade se separar por completo da realidade em que todas as outras pessoas do mundo vivem?

E o que impede que isso aconteça a qualquer outra pessoa?

– Dan – diz o Cam. – Acha que o Duende Verde está algures por perto e a tentar fazer-lhe mal?

O Dan-Aranha fica vários segundos a meditar nesta pergunta. Como se fosse realmente importante para ele dizer-nos se o Duende Verde anda ou não no seu encalço.

– Não, não creio que esteja – responde, pensativo. – Mas o meu sentido diz-me que há *alguém* aqui a tentar magoar-me…

– Quem? – pergunta o Cam.

O Dan-Aranha inspira tremulamente.

– Damon Sawyer.

O Cameron pestaneja algumas vezes, surpreendido por esta resposta. Obviamente, não é algo que o Dan-Aranha lhe tenha dito da primeira vez. *Sawyer.* É assim que se chama o paciente no Quarto de Isolamento Um. O que, de alguma forma, se libertou das suas amarras e tem estado a atirar-se contra a porta numa tentativa de a arrombar.

– Acha que o Damon Sawyer lhe quer fazer mal? – insiste o Cam.

O Dan-Aranha fica calado durante quase um minuto inteiro.

– E não é só a mim – responde, por fim.

– A quem, então? – pergunto eu, de súbito.

– A todos nós – diz o Dan-Aranha, na sua voz monocórdica. – Damon Sawyer quer matar-nos a todos esta noite.

– Porque… – A minha voz é um crocitar rouco. – Porque acha isso?

– Porque foi o que ele me disse que ia fazer.

16

Não achas mesmo que estamos em perigo, pois não, Amy?

Apesar de o Dan-Aranha ter regressado em segurança ao seu quarto, não consigo parar de tremer. Passei os últimos cinco minutos sentada no sofá da sala dos pacientes, incapaz de me obrigar a sair. Não paro de ouvir as palavras a ecoar nos meus ouvidos:

Damon Sawyer quer matar-nos a todos esta noite.

– O Sawyer está fechado naquele quarto de isolamento – salienta o Cameron. – Está manietado.

Estará? Ouvi-o atirar o corpo contra a porta, o que não estou certa de que pudesse fazer estando manietado.

– E, mesmo que não estivesse, não tem como sair do quarto – acrescenta o Cam. – Não sem o código.

– Não sabes isso.

– O doutor Beck não parecia preocupado.

Isso não é inteiramente verdade. Quando sugeri que Sawyer se podia ter libertado das suas amarras, o Dr. Beck pareceu decididamente preocupado, apesar de me ter parecido que tentou disfarçar por nós. Afinal, uma das primeiras coisas que nos disse ao chegarmos foi que o paciente no quarto de isolamento era perigoso.

Fez questão de nos dizer para evitarmos o quarto para nossa própria segurança.

– Olha – diz o Cam. – Não tens de te preocupar. Não vou deixar que nada te aconteça, está bem?

– Bem, que reconfortante – murmuro eu.

– Amy…

– Não sei porque continuas a agir como se fôssemos grandes amigos – continuo. – Não éramos amigos antes e não o somos agora.

Por um momento, ele fica a contemplar a minha afirmação.

– Escuta – diz então. – Trouxe-te uma coisa.

Leva a mão ao bolso da camisola e, para minha absoluta surpresa, tira uma embalagem de *Ring Dings*. Nem posso acreditar quando os vejo. Os *Ring Dings* são,

tipo, o meu doce favorito no mundo. Tenho por regra não os comprar para mim mesma, pois limitar-me-ia a empanturrar-me com eles. Prefiro-os a um *soufflé* de chocolate ou a qualquer tipo de sobremesa fina. São o alimento perfeito – temos o centro cremoso, o bolo de chocolate e depois a cobertura de chocolate. De que mais precisamos na vida?

Tenho de admitir que ver esses pequenos bolos me faz realmente sentir melhor.

– Trouxeste isso para mim? – pergunto.

– Bem, vi que ias estar aqui comigo esta noite e sei que são os teus favoritos…

O cabelo do Cameron volta a cair-lhe ligeiramente para os olhos e, mais uma vez, sinto o impulso de o afastar. É o tipo de coisa que costumava fazer antes de ele acabar tudo comigo por causa de um teste. Foi uma das primeiras coisas que fiz antes de ele me beijar pela primeira vez.

Foi numa festa. Só podia! Numa daquelas festas da faculdade de medicina, para celebrar o fim de outro exame, com demasiado álcool. Contrariamente ao que aconteceu nas outras festas universitárias, por essa altura já tínhamos todos idade suficiente para comprar álcool sem identificações falsas, por isso passávamo-nos sempre um pouco.

Foi na noite do nosso grande exame de patologia. Tinha estudado tanto para esse exame, mas foi uma das vezes em que não compensou. Foi um exame tão aleatório. O nosso professor, o Dr. Miller, fez perguntas do género: «O que dizia o parágrafo três da página 121 do manual sobre a etiologia do cancro do pulmão?» Essa pergunta apareceu *mesmo* no teste. Como se responde a algo assim? A única maneira é olhar para as quatro hipóteses, fechar os olhos e escolher aleatoriamente uma delas.

Nessa noite estava, pois, absolutamente convencida de que ia chumbar e decidida a embebedar-me o suficiente para o esquecer.

Ainda ia apenas na segunda cerveja da noite quando choquei literalmente contra Cameron Berger a caminho da casa de banho. Era fácil colidir com ele porque ocupava uns noventa por cento do corredor.

Nunca tinha sido amiga do Cameron. O grupo em que se movia era diferente do meu. Estranhamente, a faculdade de medicina tinha-nos feito reverter para os padrões sociais do secundário: havia os miúdos populares, os cromos, os ganzados – estão a ver a ideia. O Cam era um dos miúdos mais populares da nossa turma – muito bem-parecido, com notas excelentes e um charme fácil. Tinha até uns dentes perfeitamente direitos e brancos. Era quase enfurecedor. Em grande medida, eu e os meus amigos gozávamos com ele por ser ligeiramente perfeito de mais. Por se esforçar demasiado.

Desta vez, porém, o Cam tinha a mesma expressão assombrada que muitos dos

outros miúdos na festa. A expressão de alguém que estava bastante certo de ter chumbado a patologia. E era alguém que queria muito essa boa nota. Afinal, de que outro modo ia conseguir entrar para o internato complementar de cirurgia ortopédica?

Ergui a minha garrafa de cerveja. *Que se lixe o doutor Miller*, declarei, no brinde oficial da noite.

Ele fitou-me por um momento e o seu rosto abriu-se num sorriso. Vi então pela primeira vez que os seus dentes não eram tão perfeitos como eu julgava. O segundo incisivo do lado esquerdo estava ligeiramente lascado, algo que mais tarde ele me contou ter acontecido numa placagem de futebol. *Que se lixe o doutor Miller*, respondeu.

E graças a Deus pela avaliação em curva, acrescentei eu.

Esperemos, disse ele.

Esperemos, concordei solenemente.

Por um momento, quase senti que tinha de me apresentar, apesar de há já um ano sermos colegas numa turma de apenas cem alunos. Mal o conhecia, mas conhecia-o muito bem. Sabia já que queria seguir ortopedia, que jogava futebol universitário e que fazia *demasiadas* perguntas nas aulas sobre os estudos dos professores. Sabia ainda que tinha uma namorada na nossa turma chamada Jess, ainda que, segundo diziam os rumores, estivessem a passar por um período conturbado – e ela tivesse deixado a festa meia hora antes, alegando estar enjoada.

Mas algo que não sabia sobre o Cam, e que descobri nessa noite, era que beijava *muito* bem. E, além disso, depois dessa última cerveja, parou de beber para estar suficientemente sóbrio para me levar a casa em segurança.

Não contava apaixonar-me por ele, ainda assim. Pensava que, depois de darmos uns amassos nessa noite, ele ia acordar no dia seguinte e pensar para consigo: *Oh, meu Deus, o que fiz eu ontem à noite?* Não esperava que me ligasse na manhã seguinte para ver se eu estava bem e perguntar se me apetecia jantar com ele. Quando lhe perguntei pela Jess, disse-me que tinha acabado de se separar oficialmente dela.

Por minha causa, aparentemente.

Não esperava decididamente namorar com ele um ano inteiro. E, quando me deixou, não esperava que doesse tanto como doeu.

Apesar de me custar, pouso os *Ring Dings* no sofá.

– Não quero isto – declaro.

– É claro que queres.

– Não, não quero – replico. – Não quero os teus *Ring Dings*. Não quero a tua proteção. – Cerro os dentes. – Sinceramente, não me importaria de todo se nunca

mais te voltasse a ver.

O Cam deixa descair os ombros.

– Sei que estás zangada…

– Não estou zangada – digo eu. – Fizeste a escolha certa. Quer dizer, não é como se fôssemos *casar* um dia. Ainda bem que acabaste com tudo. Agora, podes fazer montes de sexo escaldante com enfermeiras este ano.

– Amy! – O rosto amplo do Cameron fica róseo. – Não é isso que eu quero.

– Mentiroso.

Afasta o cabelo dos olhos.

– E se eu tiver cometido um erro?

Está a falar a sério? Porque, se estiver, sou capaz de me passar mesmo esta noite. Sim, foi uma treta quando ele acabou tudo comigo. Mas acabou. Está *feito*. Não posso começar tudo outra vez. Quando mais não seja porque a Gabby me mata se tiver de me consolar depois de outra separação de Cam Berger.

– Cam, não faças isto – digo eu.

– Porque não? – Esboça-me um sorriso de esguelha. – Não podes dizer que não éramos bons juntos.

Estou prestes a dizer-lhe exatamente porque seria um erro terrível voltarmos a estar juntos quando me apercebo de que já não estamos sozinhos na sala dos pacientes. Como seria de esperar, um paciente entrou na sala. Ergo o olhar e reconheço Will Schoenfeld. O tipo que ouve vozes a dizer-lhe para matar pessoas. Bem, que *costumava* ouvir vozes a dizer-lhe para matar pessoas.

Ou pelo menos é isso que ele diz.

– Olá – diz o Will, olhando para nós os dois, juntos no sofá. – Esta sala está livre? Ia tocar piano.

– Hã… – O Cam olha para o Will, que está já a dirigir-se ao piano ao canto da sala. – Devíamos voltar para a sala do pessoal. Podemos jantar.

– Não tenho fome – digo eu, esperando que o Cam não consiga ouvir o roncar do meu estômago no momento em que digo as palavras.

– Podem ficar a ouvir-me tocar – sugere o Will, ao sentar-se no banco do piano. Faz estalar as articulações e pousa os dedos no teclado. Passado um segundo, o som de Mozart enche a sala.

O Cam lança-me um olhar que diz que quer que o acompanhe, mas eu não me mexo do sofá. Felizmente, ele não insiste. Vejo-o sair da sala, os seus passos pesados a acompanhar o som da música que se ergue do piano.

– Algum pedido? – pergunta o Will.

– O que está a tocar está ótimo. – Por um momento, fecho os olhos, deixando a

música banhar-me. É realmente bom. Quase ao nível de um profissional, mas que sei eu? – Está a praticar para algo em particular?

O Will sorri-me.

– Na verdade, só entrei porque parecia estar a tentar acabar com aquela conversa.

Não consigo evitar. Rio-me. É a primeira vez que o faço em toda a maldita noite.

– Então… o que é ele? O seu ex-namorado? – pergunta ele.

– Essa é uma pergunta bastante pessoal…

– Hum. Parece que também *me* fez muitas perguntas pessoais.

Volto a fechar os olhos.

– Isso é diferente.

– Tudo bem, quer que eu me cale – reconhece o Will, com bonomia. – Está bem, compreendo.

Recomeça a tocar e é agradável desligar ao som da música. É triste que alguém com tanto talento veja o cérebro falhar-lhe assim. Mas não é isso que dizem? Que as pessoas incrivelmente talentosas são mais suscetíveis a doenças mentais? Ou talvez eu tenha acabado de inventar isso.

O que quer que se esteja a passar no seu cérebro, o Will parece um tipo simpático. Salvou-me de uma conversa desconfortável com o Cameron. Talvez me possa ajudar com algumas das minhas outras perguntas.

– Ei – digo eu. – Posso fazer-lhe uma pergunta?

– Claro. Força.

– Até que ponto é perigoso aquele paciente no quarto de isolamento?

Os dedos do Will paralisam nas teclas.

– Ouviu falar nesse tipo?

– Um pouco. Chama-se Damon Sawyer, não é? – Estudo-lhe o rosto. – Conhecia-o?

– Não – responde ele, com um pouco de pressa a mais. – Só cá estou há um par de dias e ele mantinha-se maioritariamente no seu próprio quarto.

– Mas sabia que está em isolamento…

Deixou de tocar piano. Vira-se no banco para olhar para mim.

– Puseram-no lá ontem à noite. Mandaram-nos ficar nos nossos quartos, por isso não vi o alvoroço, mas *ouvi-o*. Todos ouvimos.

– Ouviram o quê?

A maçã-de-adão do Will agita-se.

– Estava aos gritos. A gritar que ia matar toda a gente aqui. Foi bastante perturbador, para ser sincero.

Concordo plenamente com essa avaliação.

– Mas está trancado no quarto de isolamento agora.

– Certo. Amarraram-no e tudo.

– Como sabe? – pergunto eu, franzindo o cenho.

– Ouvi-o gritar sobre isso – diz o Will, abanando a cabeça. – Não sei o que fez que os levou a atirá-lo lá para dentro, mas é obviamente um homem perturbado. *Muito* perturbado.

– Se ouvisse vozes a dizer-lhe para matar pessoas, fá-lo-ia, então?

O Will baixa os olhos.

– Sim. Imagino que sim.

Sinto um calafrio e abraço-me ao meu corpo, esfregando os braços com as mãos.

– O doutor Beck disse que ele vai embora amanhã. Vão transferi-lo para um sítio mais seguro.

– Ótimo.

O Will levanta-se do banco do piano. Todo o humor parece ter desaparecido do seu rosto e continua a evitar olhar-me nos olhos.

– Vou voltar para o meu quarto. A medicação… deixa-me muito cansado.

– Mas vale a pena, certo?

Ele hesita.

– Sim. Claro.

– Está bem. Bem, obrigada pela música.

– Sem problemas. – Demora-se um momento junto ao piano e parece querer dizer-me algo. Mas então abana a cabeça.

– Boa noite, Amy.

– Boa noite – respondo eu.

Apesar de, na verdade, a noite ainda agora ter começado.

17

HORAS ATÉ DE MANHÃ: 10

Regresso à sala de descanso do pessoal para ir buscar a minha sanduíche de queijo e tentar comê-la. Continuo a não ter grande apetite, mas preciso de algum alimento para aguentar a noite. Além disso, quero enviar uma mensagem de atualização à Gabby.

Ao abrir o frigorífico, vejo que o meu jantar está agora *encostado* ao leite que solidificou, mas tento não pensar nisso. A sanduíche está embrulhada e dentro de um saco – não haverá problema nenhum. Todo o frigorífico cheira a leite azedo. Talvez vá mesmo limpá-lo esta noite. Dar-me-á algo em que pensar além do tipo no quarto de isolamento que aparentemente nos quer matar a todos.

Mas, antes disso, preciso de enviar uma mensagem à Gabby.

Tal como antes, sigo as suas instruções. Colo-me à janela, encostando o telemóvel ao vidro. Mas, ao passo que da última vez consegui dois traços, desta vez o meu telemóvel continua a dizer «Sem Rede». Não consigo, pois, receber mensagens que me tenham sido enviadas desde que aqui estou e também não consigo enviar nenhuma.

Fantástico.

Volto a guardar o telemóvel no bolso e regresso à minha sanduíche nojenta. É pão, mostarda e queijo americano com dois anos. É capaz de ser a pior sanduíche que alguma vez comi. Mas é a única comida que trouxe esta noite.

Quando vou a dar uma dentada na sanduíche, oiço passos cada vez mais altos do outro lado da porta. Pouso a sanduíche na mesa.

– Cam? – chamo.

Ninguém me responde.

Desta vez, empurro cuidadosamente a cadeira para trás e levanto-me. Semicerro os olhos à porta aberta da sala do pessoal.

– Cameron? – pergunto. Ao não obter resposta, volto a tentar. – Doutor Beck?

Ninguém me responde. Mas os passos tornam-se mais altos.

– Jade? – digo eu, em voz embargada.

Não há motivos para pânico. Lá porque vai alguém a passar junto à porta, não quer dizer que alguém me vá tentar atacar. De certeza que estou perfeitamente segura. Só há um paciente perigoso nesta unidade e está trancado no quarto de isolamento.

Não está?

Hesitante, dirijo-me à porta da sala. Mesmo antes de lá chegar, surge uma figura à entrada, preenchendo por completo o espaço aberto. Tardo um segundo a reconhecer o Miguel, o homem que nos recebeu quando chegámos. O tipo que pensava ser o filho de Deus.

Continua com quatro *T-shirts* vestidas umas em cima das outras, somando ainda mais largura à sua forma já corpulenta. Só que agora tem algo no rosto. Tem riscas brancas nas faces que parecem pinturas de guerra. Ainda que, ao chegar-se mais perto, me pareça que é capaz de ser queijo creme.

– Menina – diz ele.

Olho-o fixamente.

– Está… está bem?

– Não, não estou bem – responde ele, no seu inglês com sotaque. – Já disse, o meu pai diz que preciso de sair daqui. *Quiero ir.*

– Lamento. – Espreito-lhe por cima do ombro, esperando que mais alguém esteja a assistir a esta conversa. Que não estejamos só nós os dois sozinhos aqui. – Não tenho autoridade para o deixar sair.

Os seus olhos raiados de sangue estabelecem contacto com os meus.

– Tem o código?

347244. Tenho-o escrito no meu telemóvel, mas também o memorizei.

– Não. Temo que não.

– Raios. – O seu rosto esmorece. – Temos de descobrir o código. O meu pai diz que temos de sair daqui.

– Que tal de manhã? – sugiro delicadamente.

– Não, não compreende – diz o Miguel, cerrando os dentes. – De manhã é tarde de mais.

– Mas porquê? – insisto eu.

– Porque o meu pai diz que Damon Sawyer nos vai matar a todos até de manhã. Matar-nos a todos. *Muerto.*

No momento em que ele diz as palavras, um baque doentio ecoa das profundezas do corredor. Toda a parede parece vibrar, desta vez. Não tenho a certeza, mas acho que vem do Quarto de Isolamento Um.

O homem que está lá dentro está a tentar desesperadamente sair.

Mas não pode. *Não pode.*

– Com licença – consigo dizer. Passo pelo Miguel e corro para o corredor, respirando pesadamente. Independentemente de tudo o resto, não quero continuar sozinha. Tenho de procurar o Cameron, o Dr. Beck, a Ramona ou *alguém*. Não posso ser o único membro do pessoal aqui. Não é seguro. Isso é óbvio.

Só que o corredor está completamente silencioso. Onde *estão* todos?

Olho para trás de mim. O Miguel não me seguiu. Oiço um zumbido suave, o que significa que está a tentar sair, mas não sabe o código. Oiço-o uma segunda vez. Está a testar números, a tentar escapar.

Caminho rapidamente pelos corredores silenciosos, as lâmpadas fluorescentes a tremular sobre a minha cabeça. É certo que é tarde. Mas não devia estar tanto silêncio numa ala psiquiátrica. Pois não?

Finalmente, dou a volta completa ao círculo e chego à porta identificada com as palavras Médico Assistente. Não quero incomodar o Dr. Beck, mas acho que devia saber que um dos seus pacientes está a tentar fugir da unidade. Pelo que, após alguns segundos de contemplação, bato à porta.

Após um breve rumorejar, a porta abre-se. O Dr. Beck surge à entrada, só em pijama cirúrgico, a bata branca casualmente atirada para cima de um sofá ao canto do gabinete que suspeito que também serve de cama nos turnos da noite.

– Olá, Amy. – Semicerrando os olhos, ele observa-me o rosto. – Está bem?

– Ótima – minto eu.

– O que se passa?

Por um momento, fico paralisada, esquecida da razão que me trouxe aqui em primeiro lugar. Então lembro-me.

– Aquele tipo, o Miguel, está a tentar sair. Está a introduzir códigos na porta, a tentar abri-la.

– Oh. – O Dr. Beck encolhe os ombros. – Bem, não faz mal. Não sabe o código, por isso não vai a lado nenhum.

Sinto-me um pouco desanimada com a sua resposta. Esperava que marchasse até à porta e lidasse com a situação. Mas suponho que tem razão. Desde que nenhum dos pacientes da unidade saiba o código, ninguém vai a lado nenhum. As únicas pessoas que podem sair somos eu, o Cameron, a Ramona e o Dr. Beck.

– De certeza que está bem, Amy? – pergunta ele delicadamente.

– Sim – respondo, ainda que com ligeiramente menos certeza do que antes. – É só que é difícil passar aqui a noite inteira. Mais nada.

Ele assente, compreensivo. Ao contrário do Cameron, tem a questão da empatia toda dominada. Aposto que é incrível com os pacientes. É jovem, mas tem ar de

quem já faz isto há muitos anos.

– Compreendo. Esqueço-me de como pode ser assustador da primeira vez.

Consigo esboçar um sorriso.

– Teve medo na sua primeira noite numa ala psiquiátrica?

– Nem faz ideia. – Sorri-me. – Um dos pacientes, um tipo com a estatura de um defesa de futebol americano, passou a noite inteira a seguir-me pela unidade. Não me tentou fazer mal, mas, fosse eu para onde fosse, estava lá. Como a minha sombra. – Inclina a cabeça. – Em retrospetiva, só queria falar comigo. Mas estava demasiado assustado para perceber isso.

– Alguma vez… algum paciente lhe tentou fazer mal? Tipo fisicamente?

– Sim. – Os seus olhos castanhos ensombram-se ligeiramente, mas decide não se alongar. – Mas isso foi uma situação completamente diferente. Não lhe vai acontecer nenhum mal aqui hoje. Ninguém aqui a quer magoar.

– Exceto o Damon Sawyer – sai-me de repente.

O Dr. Beck arregala os olhos.

– Ele… Não abriu a porta do quarto de isolamento, pois não?

– Não! É claro que não!

– Ótimo. – Os seus ombros relaxam. – Olhe, é invulgar termos pacientes como ele aqui. Mas irá embora de manhã. E não vai fazer mal a ninguém desde que esteja fechado naquele quarto. Não pode sair. Confie em mim.

Só que já se libertou das amarras.

O Dr. Beck olha para o relógio e depois de novo para mim.

– Não tarda, irão todos dormir. Tente estudar um pouco e, se estiver tudo tranquilo, pode dormir num dos quartos dos pacientes vazios.

Não há a menor hipótese de eu ir dormir na cama de um desses quartos. *Nem pensar.* Fico-me pelo sofá da sala do pessoal. O Cameron ainda anda a tentar ser simpático depois do que me fez, por isso deixar-me-á decididamente ficar com ele.

O Dr. Beck regressa ao seu gabinete, deixando-me sozinha no corredor. Tem razão. Devia tentar estudar um pouco e depois dormir. Não tardará a amanhecer.

Viro-me para regressar à sala do pessoal, na expectativa de acabar a minha sanduíche. Mas, assim que o faço, dou-me conta de que está alguém atrás de mim.

É a Jade.

18

OITO ANOS ANTES

Eu e a Jade devíamos encontrar-nos na biblioteca da escola, mas, mais uma vez, ela está atrasada.

Estou à entrada da biblioteca, a beber o resto do meu chá gelado de pêssego. Na aula de trigonometria, à última hora, a Jade prometeu que nos encontraríamos depois das aulas para estudar. A biblioteca da escola está aberta até às cinco, pelo que pensei que seria um bom local para o fazermos. Sem desculpas.

E, ao que parece, sem Jade.

Acabo a minha bebida e deito o recipiente ao caixote do lixo junto à entrada da biblioteca. Olho para o relógio. São três e meia, o que significa que a maioria dos miúdos e dos professores já saíram, exceto os de alguns clubes extracurriculares em curso. A Jade provavelmente também já foi embora. Ou está atrás da escola, a fumar erva. Fui estúpida em pensar que talvez desta vez aparecesse mesmo.

Devia ir simplesmente para casa.

Só que preciso que ela me ajude. A minha mãe tentou fazê-lo ontem à noite e foi uma anedota. Era ainda pior do que eu a compreender a matéria. Acabámos as duas frustradas e aos gritos uma com a outra. Prometeu arranjar-me um explicador e eu cedi finalmente e concordei. Ainda assim, o exame intercalar é um caso perdido.

Mas, pelo lado positivo, não vi aquela menina em lado nenhum hoje.

– Amy!

Oh, meu Deus, é um milagre – a Jade vem a descer apressadamente o corredor em direção à biblioteca, com a mochila pendurada ao ombro. Acena-me freneticamente.

– Desculpa estar atrasada, Amy!

– Não faz mal – digo.

Ao aproximar-se, sinto o cheiro a marijuana, mas não tão forte como ontem. Com sorte, conseguirá na mesma estudar matemática ligeiramente pedrada. A Jade é a modos que um prodígio na matemática, por isso de certeza que vai correr tudo bem.

– Estás pronta? – pergunto eu.

Ela sacode a cabeça.

– Sim! Oh, meu Deus, vamos estudar *tanta* matemática hoje. Tipo, nem fazes ideia do quanto vamos fazer. Vamos passar as próximas oito horas a estudar. Acredita, oito horas seguidas de matemática. Vais vomitar senos e cossenos quando isto acabar!

Rio-me. Não parece estar pedrada neste momento – parece uma bola de energia.

– Está bem… vamos começar, então.

– Sim! Temos de começar imediatamente. – Começa a dirigir-se à biblioteca, mas então pára. – Oh, espera! Que estúpida, esqueci-me do meu manual na sala de aula. Deixa-me só ir buscá-lo, está bem?

Faço uma careta.

– Jade, sabes que todas as salas já devem estar trancadas por esta altura. Usamos só o meu livro.

– Usar o teu livro? Não, que tolice! – Enfia o braço no meu. – Pedimos ao zelador para nos abrir a sala. Anda. Só vai levar um segundo.

Antes que eu possa protestar, a Jade começa a arrastar-me pelo corredor em direção à escadaria. A mão que me agarra o braço tem uma furiosa marca vermelha circular na parte carnuda entre o polegar e o indicador. Quase parece uma queimadura. Pergunto-me como fez *isso*. Mas, se lhe perguntar, ela limitar-se-á a inventar uma história maluca.

Quando chegamos às escadas, a Jade começa a subi-las duas a duas e eu tenho de correr para a acompanhar. A sala do Sr. Riordan é no quarto andar, que, por esta altura, costuma estar deserto, com exceção do pessoal das limpezas. Efetivamente, quando lá chegamos, não há qualquer sinal de alunos ou professores – só um homem de meia-idade a arrastar uma esfregona pelo chão diante dos cacifos.

A Jade vai direta ao zelador, sorrindo com os seus lábios vermelhos-vivos.

– Olá!

O zelador ergue lentamente o olhar do balde no chão.

– Sim? – pergunta, com um sotaque que não consigo identificar.

– Esqueci-me do meu manual na sala 428 – diz alegremente a Jade. – Acha que me podia deixar entrar?

Não posso deixar de notar que, ao fazer o pedido, a Jade espeta o peito para fora. Os olhos do zelador descem-lhe fugazmente para os seios.

– Será só um segundo – acrescenta ela. – Preciso *mesmo* do livro para estudar para o teste de amanhã. Ficaria *tão* agradecida.

Após nova hesitação, o homem assente. Leva a mão ao bolso e tira um porta-chaves que contém um número impossível de chaves. Seguimo-lo pelo corredor até à sala 428 e, por alguma razão, o meu coração vacila ligeiramente no momento em que a

fechadura roda.

– Muito obrigada! – exclama efusivamente a Jade. – É só um minuto.

O zelador assente e volta para junto da sua esfregona e do seu balde. Entro na sala com a Jade, segurando a porta aberta enquanto ela vai buscar o livro. Mas, para minha surpresa, ela empurra-me para fora do caminho e fecha a porta atrás de mim. Leva o indicador aos lábios.

– Fica de guarda – ordena. – Avisa-me se vier alguém.

– O quê? – pergunto eu. – De guarda a quê? De que estás tu a falar?

Para meu horror, a Jade dirige-se à secretária do Sr. Riordan e abre a gaveta do fundo. Os seus olhos iluminam-se.

– Bingo!

– Jade…

– São as cópias do teste de amanhã! – Extrai um pequeno documento agrafado da gaveta e ergue-o. – Assim, nem temos de passar oito horas a estudar! Temos só de resolver estes problemas e tiramos ambas um cem por cento. Não sou esperta? Tens *tanta* sorte em eu ser a tua melhor amiga.

– Não vou fazer isso! – Olho pela janela da sala para garantir que não está ninguém a olhar para dentro. – Jade, tens de pôr isso onde estava. Isso é batota. Podemos ter muitos problemas.

– Oh, meu Deus. – Revira os olhos. – És tão dramática, Amy. É só um teste! Nem é nada de importante. Quando vais voltar a usar senos ou cossenos na tua vida?

Não fazia ideia de que era isto que ela planeava. É tão estúpido. Não sei o que é pior – a ideia de fazer batota ou a possibilidade de ser *apanhada* a fazê-lo. Sim, o quarto andar está maioritariamente vazio agora, mas isso não significa que ninguém nos vá ver. Olho novamente pela janela da sala de aula, em busca de alguém que nos possa denunciar.

E é então que a vejo.

A menina.

Está mesmo à porta da sala de aula, os caracóis louros a emoldurar-lhe o rosto. A olhar para mim.

– Jade! – Desvio os olhos da janela. – Temos de sair daqui. Já.

A Jade enfia a cópia do exame na mochila e junta-se a mim à porta. Quando voltamos a sair para o corredor, a única pessoa que lá está é o zelador. Nada de professores nem de alunos. Nada de rapariguinhas.

A Jade meneia os dedos num aceno ao zelador.

– Já tenho o meu livro! Mais uma vez, obrigada!

Volta a agarrar-me no braço e começa a puxar-me em direção à escadaria enquanto

eu vou internamente a passar-me. Pensava que íamos fazer uma sessão de estudo. Não fazia ideia de que era isto que ela tinha em mente.

– Jade – silvo-lhe eu. – *Não* vou olhar para esse teste.

Ela puxa-me para as escadas e pára, cruzando os braços magros sobre o peito.

– Porque não? Queres sair-te bem no exame intercalar, não queres?

– Sim, mas não assim!

Solta um suspiro exasperado.

– Não sejas estúpida, Amy. Não fazes a mínima ideia do que se passa nesta disciplina. Não podemos resolver isso até amanhã de manhã. A única forma de passares neste teste intercalar é com uma cópia do exame. Caso contrário, estás totalmente lixada!

Tem razão, claro. Sem ajuda, vou chumbar neste exame. Nem uma sessão de estudo de oito horas seria suficiente para me salvar e duvido que a Jade esteja sequer disposta a fazer isso comigo.

Mas não quero saber. Não vou fazer batota. Jamais faria algo assim.

Jamais.

19

PRESENTE

HORAS ATÉ DE MANHÃ: 9

– Estás com um aspeto terrível, Amy – diz a Jade.

– Obrigada – murmuro eu.

– Parece que andas a tomar lítio.

O que quer que isso signifique.

– Estou bem. A sério.

As suas feições suavizam-se e, por um segundo, os anos desvanecem-se. E é a velha Jade, com quem costumava ir todos os dias para casa depois da escola. A primeira pessoa a quem dizia quando algo de bom me acontecia. A minha melhor amiga.

– Ei – diz ela. – Podemos falar?

Não concordo de imediato. Por mais que se pareça, por vezes, com a velha Jade, tenho de me lembrar de que passaram muitos anos. Já não sei que tipo de pessoa ela é, só que está aqui.

É certo que teria uma ideia melhor se consultasse o seu processo. Mas não vou fazer isso.

– Estou a modos que ocupada – respondo.

A Jade põe a sua pequena língua rosada de fora.

– Mentirosa. Não tens absolutamente nada para fazer. Estás só a passar o tempo e a assegurar que nenhum de nós se enforca ou assim.

– Tudo bem – assinto eu. – Vamos conversar.

– Não aqui.

Antes que eu a possa impedir, a Jade agarra-me no braço e começa a puxar-me pelo corredor. Passamos pelo quarto 912, onde a Mary continua a matraquear com as suas agulhas de tricô, e depois pelo 906, onde a luz está acesa e o Will está provavelmente a ler *Owen Meany*. Paramos então junto ao quarto 905.

A Jade abre a porta e arqueia as sobrancelhas na minha direção. Respiro fundo e entro no quarto. A Jade não me vai fazer mal. Pelo menos, não *fisicamente*.

Depois de entrarmos, a Jade senta-se na única cadeira do quarto, deixando-me duas opções: sentar-me na sua cama ou ficar de pé. Opto por permanecer de pé.

– Olha, Amy – diz ela. – Desculpa ter sido tão cabra contigo antes.

Pestanejo, surpreendida. Tão surpreendida que me sento realmente na cama, que range ameaçadoramente sob o meu peso. O colchão não é propriamente de alta qualidade.

– Tens de compreender. – Brinca com a pulseira plastificada branca à volta do pulso esquerdo, que indica o seu nome, data de nascimento e número de identificação do hospital. – Quando te vi, senti-me simplesmente uma falhada tão grande. Eis-te aqui, a viver basicamente a vida que sempre quiseste. Quer dizer, vais ser *médica*. E aqui estou *eu*. Não sou nada. Não cheguei a lado nenhum. E sinceramente… – Sorve uma inspiração trémula. – Não sei se algum dia irei fazer algo com a minha vida. Nem consegui manter um maldito emprego como empregada de mesa. Até a minha *mãe* conseguia fazer isso.

– De certeza que vais ficar bem.

A Jade lança-me um olhar.

– Em que te baseias ao certo para dizer isso? Estou neste momento internada numa unidade psiquiátrica. O que te faz pensar que vou ficar bem?

– Estás a receber ajuda – saliento eu. – Os médicos estão a ajustar a tua medicação e vão resolver os teus problemas. E então podes fazer… o que quiseres. Podes ser *designer* de moda, se for isso que queres.

Era o que a Jade queria fazer durante grande parte da escola primária e do segundo e terceiro ciclos. Depois, quando chegámos ao secundário, todas as semanas parecia ter uma aspiração profissional diferente e parecia sempre super empolgada com essa nova futura carreira. Em retrospetiva, era apenas a sua mania.

– Nunca vão acertar com a minha medicação – resmunga a Jade. – Passaram os últimos oito anos a tentar.

– É só uma questão de tempo…

– Há ser otimista e há ser simplesmente estúpida – diz ela, puxando a pulseira. – Adoraria viver nessa tua alegre terra mágica em que é desta vez que finalmente acertam. Mas, ao fim de oito anos, desiste-se da esperança. Não sei se ainda há esperança para mim. Quer dizer, nunca conseguiram resolver as coisas para a minha mãe.

Franzo o sobrolho, recordando a mulher que tinha o nariz e o queixo da Jade, mas uns olhos mais escuros e umas mamas maiores. Nunca soube os pormenores da sua *overdose*. Pergunto-me se terá sido a Jade a encontrá-la. Nem posso imaginar. A Jade não era muito chegada à mãe, mas eram muito protetoras uma com a outra.

Tal como eu, a Jade tem apenas vinte e quatro anos. Não consigo imaginar perder a minha mãe tão nova. Apesar de poder ser irritante às vezes, não sei o que faria sem ela. Uma rapariga precisa da sua mãe.

Oxalá lhe tivesse dito que a amava antes de lhe desligar a chamada.

Subitamente, sinto a compulsão de envolver a Jade nos meus braços e abraçá-la. Passou por tanto e costumávamos ser tão próximas. Mas, sendo ela uma paciente aqui, seria extremamente inapropriado.

– Enfim. – Ergue os olhos azuis pontilhados de amarelo. – Chega de falar na minha vida patética. Fala-me de ti.

Encolho um ombro.

– Não há nada para dizer. Sou estudante de medicina. O que consome cada instante da minha existência, desde a manhã até à noite.

– Dizes tu. – Esboça-me um sorriso matreiro. – Mas então e aquele outro estudante de medicina? Cameron, não é? Nem me tentes dizer que não se passa nada ali. Vi a forma como ele olhava para ti.

A Jade sempre foi absurdamente boa a perceber estas coisas.

– Costumava passar. Mas já não.

– Porque não? É tão bonito!

– Acabou tudo comigo. Disse-me que precisava de mais tempo para estudar.

– Não! – exclama a Jade, com uma gargalhada. – Oh, Amy, lamento imenso! Mas, como disse, ele nem faz o teu género.

Tem razão. O Cameron não faz o meu género. Mas, estúpida como sou, tinha realmente começado a gostar dele. Apesar de ser um graxista e de estudar demasiado, também pode ser muito querido. Tipo, se fôssemos a um restaurante, puxava sempre a cadeira para mim. E também gostava de me abrir a porta do carro. Não se conhecem muitos rapazes de vinte e quatro anos que se esforcem tanto por ser cavalheiros.

Mesmo que ele não tivesse acabado com tudo, ainda assim, nunca chegaríamos a lado nenhum. Nunca senti que o Cameron fosse o homem com quem ia acabar. Ainda assim, não queria que *terminasse*.

– Devias enrolar-te com o Will – diz a Jade.

Tardo um segundo a perceber sequer a quem se refere.

– Queres dizer o tipo do quarto 906?

– Claro – confirma ela. – É o teu género, não é? Ouvi-vos a criar laços em torno dos mesmos livros cromos de que gostavas no secundário. E não é como se algum dos dois tivesse algo melhor para fazer esta noite. Por isso, porque não?

Fico a olhar para ela.

– Porque é meu *paciente*. E está numa *ala psiquiátrica*.

– Uf, foste sempre tão quadrada.

Nem sei o que responder a isso. Mas posso dizer com cem por cento de certeza que não me vou enrolar com ninguém esta noite. Nem com o Cam, nem com o Will – só quero sair daqui inteira.

– E como estás tu… de resto? – pergunta a Jade.

Há uma ideia subjacente à sua pergunta que me deixa muito inquieta.

– Bem – respondo.

– Continuas a… – Baixa um pouco a voz. – A ver coisas?

Olho-a fixamente.

– *Não.*

– Porque costumavas ver, às vezes…

– Não, não costumava. – Levanto-me da cama, as minhas pernas a vacilar sob o meu corpo. Estou farta desta conversa. – Estás enganada.

Ela arqueia as sobrancelhas.

– Oh, é assim que queres fazer, Amy Brenner? – Levanta-se também para me poder olhar nos olhos. – Não queres que ninguém aqui saiba que és mais parecida connosco do que eles julgam.

Cerro os dentes.

– Não quero que ninguém saiba porque *não é verdade.*

A Jade arreganha os lábios.

– Ora, ambas sabemos que isso é uma mentira descarada.

Quase dou um salto ao ouvir bater à porta do quarto da Jade. Passado um segundo, a Ramona espreita com a cabeça para dentro.

– Tenho uns comprimidos para si, Jade – cantarola.

Há quanto tempo estaria a Ramona à porta do quarto 905? Quanto terá ouvido da nossa conversa? Estudo-lhe o rosto, mas não tem qualquer expressão. Não parece ter ouvido nada daquilo de que a Jade me estava a acusar. Pestaneja ao ver-me no meio do quarto.

– Amy. – Coça o queixo. – Não estava a seguir o Schoenfeld, do quarto 906?

A Jade abre-me um sorriso presunçoso.

– Decidi ver um segundo paciente – murmuro eu. – Mais me vale. Tenho a noite inteira.

– Bom para si – observa a Ramona. – A maioria dos alunos que passam por aqui só querem fazer o mínimo. Veem todos a psiquiatria como a rotação fácil.

– Não – digo eu. – Eu não acho certamente que seja fácil.

20

Não tenho apetite nenhum.

Regresso à sala do pessoal depois de falar com a Jade e tenho a minha sanduíche de queijo à espera. Mas não é nada apetitosa. Sei que o queijo americano nunca perde a validade e que provavelmente continuará a ser seguro comê-lo muito depois de eu ter terminado a faculdade de medicina, feito o internato complementar e me ter reformado e mudado para a Florida, mas continuo a não a querer. Nem quero olhar para ela. Volto a enfiá-la no saco de papel e deito-a ao lixo.

Tiro o telemóvel do bolso e tento outra vez apanhar rede. Por uma fração de segundo, tenho um traço. Mas depois desaparece.

Suponho que podia ligar à Gabby de uma das linhas fixas. Mas, claro, está a fazer-se muito tarde. E não estou certa de alguma vez lhe ter realmente ligado. Nos dois anos inteiros desde que somos colegas de casa e melhores amigas não sei se alguma vez falámos ao telefone. Só trocámos mensagens de texto. Além disso, se vir uma chamada do hospital, é quase certo que a deixará ir para o correio de voz.

Quase desejo que o Cameron estivesse aqui. Não sei para onde foi. O jantar dele não está no frigorífico, pelo que é óbvio que voltou cá para o comer depois de termos entrevistado o Dan--Aranha, mas não o vejo desde então. Provavelmente, está a entrevistar outro paciente. Sei que quer impressionar o Dr. Beck, porque quer impressionar toda a gente.

Depois de deitar o meu jantar ao lixo, decido cumprir o que disse à Ramona sobre ver um segundo paciente. Afinal, tenho tempo de sobra. Assim, regresso ao posto de enfermagem para procurar outro processo.

Noto que, desta vez, a pasta identificada com o nome SAWYER desapareceu. É uma pena, porque tinha muita curiosidade em ver o que foi ao certo que o mandou para cá. E seria reconfortante examiná-la e assegurar-me de que não é algum tipo de assassino. Claro que não posso garantir que nada nesse processo fosse ser reconfortante. Pelo que talvez seja melhor não ver.

O processo da Jade ainda está na prateleira. Ainda que ela ache que eu seria capaz de o consultar sem a sua autorização, vou mostrar-lhe que sou melhor do que isso.

Não vou ver esse processo. O que quer que tenha enviado a Jade para a ala psiquiátrica só a ela diz respeito. Em vez disso, estendo a mão para a capa do quarto 912.

Mary Cummings.

Depois de toda a excitação desta noite, será uma mudança de ritmo agradável entrevistar uma velhota doce sentada numa cadeira a tricotar um cachecol. Não há muito de assustador na Mary.

Folheio o seu processo para descobrir o que foi ao certo que a trouxe à Ala D. Descubro que a Mary tem setenta e oito anos e que, um dia, enquanto estava no seu jardim das traseiras, ouviu o som de uma criança na casa ao lado a balançar para a frente e para trás no baloiço. Achou o som tão irritante que marchou até à casa, atirou a criança do baloiço e recusou-se a deixar que alguém se voltasse a aproximar dele. Até que a própria Mary teve de ser removida à força pela polícia.

Em sua defesa, os baloiços podem ser *muito* irritantes. Tipo, quando rangem muito. Não a posso censurar por completo.

Tenho de passar pelo Quarto de Isolamento Um para chegar ao quarto da Mary. Felizmente, não se ouvem batidas vindas do interior. O homem dentro do quarto calou-se, pelo menos por agora. Por um momento, fico parada, a olhar para a porta de metal, que se curva para fora no centro, como seria de esperar se alguém se tivesse estado a atirar contra ela. O teclado junto à porta irradia um brilho verde.

– Deixe-me… sair…

O som é como um silvo vindo do interior do quarto. Mal consigo distinguir as palavras. Parece alguém a falar com a boca cheia de berlindes.

– Deixe-me… sair…

É óbvio o que Damon Sawyer quer. Sei o código da porta e, se quisesse, podia introduzi-lo.

Podia libertá-lo.

– Deixe-me… sair… – Uma longa pausa. – Por favor…

Abano a cabeça e afasto-me da porta. Nem pensar. Posso não saber o que Sawyer fez para ir parar àquele quarto, mas sei o que fará se conseguir sair.

Apresso-me a descer o corredor até ao quarto 912 – o quarto de Mary Cummings. Ao aproximar-me, oiço novamente o barulho familiar. *Clique, clique, clique*. Continua a trabalhar no seu cachecol, apesar de se estar a fazer bastante tarde. Sorri-me e vejo como tem os dentes amarelos e que três deles estão a apodrecer na frente.

Olho para as agulhas de tricotar com que trabalha. Não sei exatamente que aspeto têm as agulhas para crianças, mas estas parecem verdadeiras agulhas de tricô, feitas de aço. Facilmente poderiam ser usadas para furar um olho a alguém.

– Bem, olá, querida. – Pisca os seus aquosos olhos castanhos. Parecem ter uma película a cobri-los. – Nicole, não é?

Lembro-me de ver o nome Nicole num dos processos da prateleira. Deve ser uma paciente daqui que a Mary conhece. Não fico propriamente encantada com o facto de ela me ter confundido com uma das pacientes.

– Lamento que o doutor Beck não a tenha deixado sair ontem, Nicole – diz a Mary. – Deve ter sido tão perturbador.

– Não – corrijo-a eu. – O meu nome é *Amy*. Sou estudante de medicina.

– Oh! – exclama a Mary, pousando as suas agulhas de tricô e juntando as mãos. – Oh, que maravilha! Uma *médica*! Os seus pais devem estar tão orgulhosos!

Sento-me na cama ao seu lado, cruzando as pernas.

– Na verdade, sim.

Ela inclina a cabeça para o lado e suspira.

– Que bom para si. Tem um pretendente?

Fazem-me muitas vezes essa pergunta, mas nunca a tinham feito desta exata forma.

– Não, não tenho.

– Bem, é uma pena! – Faz estalar a língua. – Uma menina tão bonita? Devia ter um milhão de pretendentes.

– Hã, obrigada.

– Já sei! – Os seus olhos iluminam-se e ela inclina-se para a frente, permitindo-me ver o que talvez seja um pouco de pasta de dentes nos cantos dos seus lábios. – Devia sair com aquele médico simpático, o doutor Beck. É um homem *tão* simpático. E tão bem-parecido. E distinto!

– Hum – digo eu. Depois de Will Schoenfeld (e do Dan-Aranha), Richard Beck é a pessoa *mais* inapropriada com quem me poderia envolver nesta unidade. Andar com um médico assistente não é decididamente visto com bons olhos, mesmo que ele tenha umas covinhas *sexy*.

– Claro – acrescenta ela – que não lhe pode dizer que está interessada. Isso fá-la-ia parecer *desesperada*. Mas podia namoriscar com ele. Maquilhar-se um pouco, talvez. Pôr um vestido bonito que lhe realce o peito. E se usar o par de sapatos certo…

– Senhora Cummings – interrompo-a eu. – Na verdade, queria fazer-lhe algumas perguntas sobre *si*.

Ela agarra-se ao peito.

– Sobre mim? Oh, eu sou tão aborrecida. A minha vida está acabada.

– Porque diz isso?

– Bem, para começar, tenho quase oitenta anos!

– Mas a esperança média de vida está a crescer. – A Mary precisa de um discurso

motivacional e eu sou boa nisso. – Dizem que os oitenta são os novos setenta! Facilmente poderia chegar aos cem anos.

– Aqui entre nós… – diz a Mary, baixando a voz. – Nem tenho a certeza de que vá sobreviver a esta noite.

A forma como o diz causa-me um arrepio na espinha.

– Porque diz isso?

– Oh, sei lá. – Sorri-me. – É só um pressentimento que tenho. De que o meu tempo pode ter acabado.

Não sei ao certo de que está ela a falar, se isto é conversa de loucos ou se tem algum tipo de premonição. Pigarreio.

– Não quer viver para a sua família?

– O meu marido morreu há dez anos. – Recomeça a tricotar, as agulhas novamente a bater entre si. *Clique, clique, clique.* – Eu e o Harvey nunca tivemos filhos. A única família que me resta é a minha irmã, que é uma velha megera.

– De que morreu o Harvey? – pergunto eu.

– Porquê? – Semicerra os olhos. – Acha que o matei?

De início, penso que deve estar a gozar, mas há uma tensão na sua voz que me leva a crer que não está.

– É claro que não – respondo.

– Porque *não* matei. – Franze o sobrolho. – As pessoas caem das escadas, sabe? Constantemente!

– Com certeza…

– E eu *amava-o*. – Puxa um pouco de lã do novelo no seu colo. – Apesar de ele ter por hábito visitar outras mulheres, amava-o na mesma. Jamais o teria matado.

Bem, agora começo a achar que a Mary matou decididamente o marido.

– Enfim – continua ela. – Agora que o Harvey partiu, não há muito para fazer. Passo a maior parte do tempo a trabalhar no meu jardim. É a única coisa de que gosto.

– E de tricotar – acrescento eu.

Ela ri-se.

– Não, não ligo nada ao tricô.

O cachecol que cai das agulhas nas suas mãos atravessa a extensão do quarto. Não fez mais nada a não ser tricotar desde que pus os pés nesta unidade.

– Estava em crer que gostava de tricô. Quer dizer, tem feito imenso.

Volta a rir-se.

– Não faço tricô porque *goste*. Faço-o por *proteção*.

– Como assim? – pergunto eu, abanando a cabeça.

Olha para as duas agulhas de tricô nas suas mãos.

– Não se pode propriamente trazer uma arma para uma unidade psiquiátrica. Mas, caso precise de proteção, julgo que estas aqui servirão lindamente, não acha?

Olho para as reluzentes agulhas de tricotar em aço, uma em cada uma das suas mãos nodosas. Tem razão. Podiam servir de armas, se preciso fosse.

Pergunto-me se devia avisar o Dr. Beck de que ela pensa assim.

A Mary leva a mão à bolsa junto à sua cadeira. Vasculha-a por um instante e extrai outra agulha de tricô. Estende-ma.

– Tome – diz ela. – Vai precisar disto.

Fico boquiaberta.

– Não acho realmente que…

– Fique com ela, Amy. – A mão que me estende a agulha treme ligeiramente. – Vai querer tê-la quando o Damon Sawyer a atacar.

Damon Sawyer. Mais uma paciente obcecada por ele, certa de que nos vai tentar fazer mal esta noite. Oxalá pudesse simplesmente ignorá-los. Provavelmente, é o que devia fazer. Mas é difícil quando estou sempre a ouvir a mesma coisa, uma e outra vez.

– Damon Sawyer está trancado no quarto de isolamento – digo-lhe eu.

– Sim. – Os olhos aquosos da Mary fixam-se em mim. – Por enquanto.

– Mary, eu…

– Leve a agulha de tricô. Por favor, Amy. Não quero que nada lhe aconteça.

Começo a abanar a cabeça, mas, em vez disso, tiro-lhe a agulha de tricô da mão. A Mary fica a ver-me guardá-la no grande bolso lateral das calças do meu pijama cirúrgico.

Afinal, um pouco de proteção nunca fez mal a ninguém.

21

HORAS ATÉ DE MANHÃ: 8

Passo a hora seguinte com a Mary.

Aprendo mais sobre a sua vida. Durante trinta anos, trabalhou como secretária para um homem chamado Sr. Timmerman. O Sr. Timmerman gostava de tomar uma chávena de café todas as manhãs às nove e meia em ponto e gostava do seu café com uma colher de açúcar e uma de natas, mexidas uma vez, mas não mais do que isso. Na verdade, aprendi muito sobre o café do Sr. Timmerman.

– Bem – diz a Mary por fim, em voz rouca. – Falei pelos cotovelos, não foi?

– Eu gosto de ouvir.

– É muito boa ouvinte – diz-me ela. – É uma bela qualidade. Vai dar uma ótima médica, Amy.

Sinto o rosto corar.

– Obrigada.

– Além disso… – acrescenta a Mary. – Pode, por favor, dizer ao doutor Beck que eu jamais teria feito mal àquela menina? Ia só tirá-la do baloiço para os rangidos pararem. Sabe o quanto podem ser irritantes esses baloiços, não sabe?

– Sem dúvida. Sempre odiei baloiços.

Ela parece aliviada.

– Obrigada, Amy. Só quero ir para casa. Diga ao doutor Beck que estou bem para ir para casa, pode ser?

– Direi – prometo eu. Como se o médico assistente me fosse dar ouvidos.

Fecha os olhos por um momento e, de repente, parece muito velha. Podia ter cem anos.

– Temo realmente não sobreviver a esta noite.

– Porque se sente assim?

A Mary abre a boca, como se fosse responder, mas então muda de ideias e abana a cabeça.

– Estou demasiado cansada para continuar a conversar. Devia ir.

Parece realmente cansada e está a ficar tarde. Posso falar mais com ela de manhã.

– Está bem, se é isso que quer.

Quando me levanto para sair do quarto, a Mary estende a mão para me agarrar no braço com os dedos magros.

– Guarde bem essa agulha de tricô que eu lhe dei, Amy. Vai precisar dela.

É bom que esta noite não acabe comigo a ter de apunhalar alguém com uma agulha de tricô.

Ao sair do quarto da Mary, quase colido de frente com Clint Eastwood. Arrasta-se pelo corredor, ainda com aquele saco de papel cheio de bolachas de água e sal numa mão e a segurar as calças do pijama com a outra. Tem um pouco de saliva branca ao canto da boca.

– Ninguém levou as minhas bolachas! – exclama, acusador. – Ainda as tenho!

– Lamento muito – digo eu.

– Tenho diabetes – lembra-me ele. – Estas bolachas podem matar-me. Porque haveriam de mas dar?

– Não faço ideia. Mas… teria todo o gosto em ficar com elas por si.

O Clint resmoneia qualquer coisa em surdina. Parece estar prestes a dar-me o saco com as bolachas de água e sal quando é distraído pelo quarto 912. Coça os pelos grisalhos que se projetam do seu queixo.

– Espere – diz então.

Arrasta-se até ao quarto da Mary. Não sei se é suposto estar lá, mas parece bastante inofensivo e a Mary não parece perturbada com isso. Ao vê-lo, ergue o olhar e sorri.

Ele leva a mão ao saco e tira uma saqueta de bolachas de água e sal.

– Isto é para si, minha linda senhora.

A Mary aceita a embalagem.

– Bem, que querido!

O Clint pisca-lhe o olho e os dois sorriem um ao outro. É tão giro que quase não aguento. Deixo-os ter um pouco de privacidade.

Só me apercebo de como é tarde ao ver que muitas das luzes nos quartos dos pacientes estão apagadas. Muitas das portas estão fechadas e parecem ter ido todos dormir. Suspeito que o Cameron está a dormir profundamente no sofá da sala do pessoal. Talvez o possa expulsar, apesar de, na verdade, não estar assim tão cansada.

Em vez disso, regresso ao posto de enfermagem. Apesar de não ser obrigatório, talvez escreva uma nota sobre Mary Cummings. Assim, terei ao menos algo para dar ao Dr. Beck de manhã quando o Cameron lhe entregar a sua obra-prima, longa como um romance, sobre o Dan-Aranha.

A Ramona está sentada no posto de enfermagem, a folhear a mesma revista. Lê agora uma página com dicas sobre como apimentar a sua vida amorosa. Ergue o olhar

e sorri ao ver-me.

– Parece cansada – comenta.

E estou cansada, mas, ao mesmo tempo, sei que não vou conseguir dormir.

– É estranho fazer um turno da noite.

– Oh, é verdade. – Dá uma risadinha. – Está mesmo no início do terceiro ano. Ainda não se habituou ao horário.

– Ainda não. – E, infelizmente, só vai piorar. Psiquiatria é a rotação mais fácil do ano. Temo a de cirurgia. Não tenho a energia do Cam. – Vou ficar bem, ainda assim.

– Não se preocupe – diz ela. – As noites aqui costumam ser tranquilas. A menos que a Mary Cummings comece a fazer das suas.

Penso na Mary e nas suas agulhas de tricô. Instintivamente, apalpo o contorno da agulha no bolso das minhas calças. Mal cabe lá dentro.

– Há muito tempo que faz o turno da noite? – pergunto eu.

– Oh, desde sempre. – Sorri. – É bom ter os dias livres para compromissos e assim. E não tenho um companheiro para me importunar por estar sempre a dormir quando ele está acordado.

– Os pacientes dão muitos problemas aqui?

Não precisa de pensar antes de abanar a cabeça.

– Na maioria, são muito tranquilos. De vez em quando, recebemos um desordeiro.

– Como Damon Sawyer?

Os seus olhos ensombram-se ligeiramente.

– Sim, como ele. – Ao dizer essas palavras, lança um olhar ao corredor, na direção dos quartos de isolamento. O primeiro continua bem fechado. – Mas é uma exceção. Geralmente, limito-me a distribuir a medicação e basicamente mais nada. – Ergue a revista. – Depois, posso passar a noite inteira a ler.

Lanço um olhar à fila de processos.

– Bem, não quero incomodá-la. Queria só fazer um apontamento rápido sobre os pacientes que vi esta noite.

– Não incomoda nada. – A Ramona ergue-se da cadeira e puxa uma pasta da prateleira, depositando-a diante de mim. – Estará a fazer-me companhia.

– Obrigada – digo eu.

Sento-me numa das cadeiras com rodas e puxo o processo para mais perto de mim. É então que me dou conta de que não foi a pasta da Mary que ela tirou da prateleira. Viu-me no quarto da Jade, portanto foi esse o processo que extraiu para mim. Tenho a ficha da Jade mesmo à minha frente.

Não é uma capa grossa, como eu não esperava que fosse. Não creio que esteja aqui há muito tempo. E a maioria das suas notas está provavelmente no computador, ao

qual não posso aceder neste momento devido à manutenção que está a ser feita esta noite. Mas pelo menos a nota das Urgências deverá estar no processo. Bem como o seu historial psiquiátrico e o motivo do internamento.

Seria tão fácil ver.

Ponho a mão no processo. Agarro na capa de plástico, perguntando-me se devia abri-la. Se os papéis se invertessem, a Jade leria decididamente a minha ficha. E não sentiria a menor culpa por isso.

Vou só dar uma espreitadela. Nada mais.

Abro a capa, mas, antes que possa ler sequer a primeira frase, as luzes do teto tremulam e apagam-se.

– Que raio? – exclama a Ramona.

Deve ter falhado a luz. Está uma escuridão de breu aqui dentro – não consigo ver nem a minha mão à frente do rosto. A Ramona pragueja baixinho e oiço uma cadeira cair ao chão. É óbvio que também não consegue ver grande coisa.

Oh, meu Deus. Se falhou a luz, quererá isso dizer que o fecho das portas deixou de funcionar?

Incluindo no quarto de isolamento?

– Ramona? – chamo eu.

– Estou aqui. – Viro a cabeça na direção da sua voz, mas não consigo ver nada. – Não se preocupe. Não sei porque falhou a luz, mas há um gerador. Devemos ficar bem.

– Ramona – digo eu, com urgência. – Se falhou a luz, isso quer dizer que o fecho das portas já não funciona?

Fica tanto tempo calada que começo a temer que se tenha ido embora.

– Não sei – responde por fim.

Oh, não.

Mas, antes que eu possa entrar demasiado em pânico, as luzes voltam a acender-se. Solto um suspiro de alívio por não ter de ir passar o resto da noite completamente às escuras. Mas, antes que tenha oportunidade de celebrar o regresso das luzes, um homem cambaleia em direção ao posto de enfermagem.

É o Miguel, só que já não tem quatro camisolas vestidas. Na verdade, não tem absolutamente nada vestido.

E está coberto de sangue.

22

OITO ANOS ANTES

A Jade partiu de rompante depois de eu me recusar a olhar sequer para o exame. Mas nem pensar que ia fazer batota. Preferia chumbar.

E, infelizmente, será essa a alternativa. Já não tenho hipóteses de passar neste exame.

Claro que não tenho a certeza de que o maior dos meus problemas neste momento seja esse. Mesmo que chumbe no teste intercalar, se os meus pais me arranjarem um explicador ainda posso dar a volta à situação. O que não é tão simples de resolver é o facto de estar constantemente a ver uma menina loura que não está realmente lá.

O que se passa comigo? Terei enlouquecido por completo? Devo ter. As pessoas lúcidas não veem rapariguinhas que não estão realmente lá.

Mas não me *sinto* louca.

Estes pensamentos rodopiam na minha cabeça enquanto tento desfrutar do jantar com a minha família. O meu pai fala com o meu irmão mais novo, o Trevor, sobre o seu próximo jogo de basebol. Dominam a conversa ao jantar, o que não é problema para mim. Não paro de remexer na minha comida, construindo um pequeno castelo de puré de batata no meu prato. Comi umas três garfadas desde que estamos aqui sentados. Não tenho apetite.

– Amy. – A minha mãe lança-me um olhar contundente. – Queres fazer o favor de parar de brincar com a comida? Já não és uma criança.

Subitamente, toda a atenção à mesa se volta para mim e para o meu prato de comida não ingerida. O Trevor, claro, devorou tudo em cerca de cinco segundos. Esse miúdo é uma máquina de comer – sobretudo desde que entrou na puberdade.

– Não tenho fome – murmuro.

A minha mãe olha-me para o rosto, perscrutando-me de uma forma que me deixa convencida de que consegue ver as minhas entranhas como se estivessem do lado de fora.

– Estás doente?

– Não, não estou. Simplesmente não tenho fome.

– Deixa-a em paz, Dina – diz o meu pai. – Não tem de comer se não lhe apetece.

– Estás preocupada com aquele teste? – pergunta a minha mãe. – Porque eu posso falar com o teu professor…

– Está tudo bem. – Espeto o garfo num pedaço de carne de vaca, mas não faço o menor esforço para o aproximar da boca. A minha mãe age como se eu ainda tivesse cinco anos e pudesse resolver todos os meus problemas falando com o professor. – É só que…

– O quê? – pergunta ela, arqueando as sobrancelhas.

– Bem… – Espeto mais o garfo na carne. – E se alguém andasse a ver algo que não estava realmente lá? O que significaria isso?

A minha mãe arregala os olhos.

– Quem anda a ver coisas que não estão lá? Estás a falar de quê?

– De nada. – Baixo os olhos. Em que estava eu a pensar? Nunca devia ter falado nisto. Mas tem-me pesado tanto. – Estava só a perguntar, tipo, *hipoteticamente*. Foi algo de que falámos, enfim… nas aulas.

– É a Jade? – A minha mãe estende o braço e fecha os dedos sobre o meu pulso. – A Jade disse-te que anda a ver coisas?

Torço o braço para o soltar do seu aperto.

– Não! É claro que não.

– Por favor, diz-me a verdade, Amy. – O seu rosto está cheio de preocupação. – É a Jade, não é?

– Dina, deixa-a em paz – murmura o meu pai.

– Tem de ser a Jade! – declara a minha mãe. – Sempre foi tão problemática. E lembras-te de que a mãe dela teve aqueles problemas com…

– *Dina* – corta bruscamente o meu pai.

– Querida. – A minha mãe olha-me nos olhos. – Se a Jade está com problemas, podemos procurar ajuda para ela. Há médicos e hospitais…

– Não é como se fosse segredo que a Jade é maluca – intervém o Trevor. – Todos na escola sabem disso.

Será verdade? Saberão até os caloiros que a minha melhor amiga é louca? Mas não é. Sou *eu* quem anda a ver coisas que não estão lá.

O que significa que eu é que sou louca – não a Jade.

Não posso dizer a ninguém. Não quero que falem de mim como falam sobre a Jade. Ou que me enclausurem num hospital.

– Tenho mesmo de ir estudar. – Arrasto a cadeira pelo soalho, ávida por me levantar. – Dão-me licença, por favor?

A minha mãe semicerra os olhos na minha direção. Temo que me vá dizer que não, que não posso sair. Que tenho de ficar aqui e discutir mais isto com ela. Mas acaba por assentir.

– Tudo bem. Mas vamos falar mais sobre isto depois.

– Tudo bem – concordo eu, ainda que jamais lhe possa dizer a verdade.

23

PRESENTE

Não consigo parar de gritar.

O Miguel está no meio do corredor, completamente nu e raiado de sangue. O que lhe aconteceu? Ter-se-á Damon Sawyer libertado? Andará neste momento a vaguear pelos corredores com uma faca, pronto para nos matar a todos?

Levo a mão à agulha de tricotar no bolso das minhas calças.

– Miguel! – exclama a Ramona. – Onde arranjou essa geleia toda?

Tardo alguns segundos a processar as suas palavras. O Miguel não está coberto de sangue. Na verdade, está coberto de geleia vermelha, espalhada por todo o seu corpo nu. Agora que os meus olhos se ajustaram à luz, é muito óbvio o que é a substância vermelha.

– Peço desculpa – murmuro à Ramona, embaraçada. – Pensei que era sangue.

Ela ri-se.

– A sério? Não se parece nada com sangue.

Bem, talvez tenha razão. Mas não tinha de o dizer *assim*.

Passado um momento, o Dr. Beck corre em direção a nós, travando bruscamente ao avistar o corpo nu do Miguel. Fica de boca aberta.

– Miguel!

– O meu pai diz que eu vou para casa hoje – declara este.

Ao longo dos quinze minutos seguintes, o Dr. Beck e a Ramona reconstituem o que aconteceu. Aparentemente, o Miguel despiu as suas muitas camadas de roupa e urinou na tomada, o que causou um breve curto-circuito na rede elétrica de toda a unidade. Em seguida, dirigiu-se à sua cómoda, onde há vários dias andava a armazenar geleia de morango. E deitou mãos à obra.

Agora, precisamos de convencer o Miguel a vestir algumas roupas.

– Miguel. – O Dr. Beck cruza os braços sobre o peito. – Por favor, por amor de Deus, vista uma camisola e umas calças. Há *senhoras* aqui.

É tal o vigor com que o Miguel abana a cabeça que todas as suas banhas tremem.

Devia desviar o olhar – a sério que sim.

– Tudo bem. – O Dr. Beck aponta para o quarto de isolamento que resta. – Nesse caso, vou precisar que entre para ali.

O Miguel não se mexe. O Dr. Beck espreita por cima do ombro para o sítio onde eu estou, no posto de enfermagem.

– Amy, onde está o Cameron?

Não me ofende que ele preferisse o Cameron a mim numa situação destas. Se tiver de obrigar o Miguel a entrar naquele quarto, serei completamente inútil. O Cameron, por outro lado, tem músculos de sobra. Dito isto, está estranhamente ausente. Para onde foi? Provavelmente, conhecendo o Cameron, está escondido algures, a estudar.

– Escute, Miguel – diz o Dr. Beck. – Se entrar no quarto, asseguro-me de que vai para casa amanhã.

Está a mentir. É óbvio que está a mentir. Mas, de algum modo, o Miguel acredita. Entra no quarto de isolamento e, antes que possa mudar de ideias, a Ramona fecha a porta.

O Miguel apercebe-se quase instantaneamente do seu erro. Tal como no outro quarto de isolamento, a porta vibra quando ele atira o corpo contra ela.

– Ei! – grita ele. – Trancaram-me aqui dentro!

O Dr. Beck olha para a porta, de rosto impassível.

– Só por esta noite, Miguel. Falamos de manhã.

– Não! *Não!* – A histeria na voz do Miguel intensifica-se. – Socorro! *Ayúdame*!

– É para seu próprio bem, Miguel – diz o Dr. Beck.

– Não podem fazer isto! – grita ele. – Não podem manter-me aqui! É o que o meu pai diz. Ele vai matar-me!

– Porque haveria o seu pai de o matar, Miguel? – pergunta o Dr. Beck, num tom calmo, controlado.

– Não! Não o meu pai! – exclama ele. – Damon Sawyer!

Viramos os três a cabeça na direção do Quarto de Isolamento Um. Não ouvi batidas vindas do interior desde que as luzes se apagaram. Mas isso não quer dizer que Sawyer já não esteja no quarto. De certeza que está, a conspirar para se libertar. Deve estar. Afinal, para onde poderia ter ido?

Viro-me. Vários pacientes saíram dos seus quartos para assistir ao espetáculo. O Dan-Aranha está no corredor, de pulsos estendidos, esperando disparar uma teia e salvar miraculosamente o dia. A Jade está junto ao seu quarto, um ligeiro sorriso a brincar-lhe nos lábios. Também o Will saiu do quarto, um dos seus livros ainda na mão direita. Inclina-se para a Jade e diz-lhe qualquer coisa, ao que o seu sorriso se

expande. Ela acena-lhe.

Pergunto-me o que lhe terá ele dito.

A Mary também saiu do quarto. Deixou o seu cachecol gigante para trás, mas vejo que tem uma agulha de tricô na mão direita. Os meus olhos encontram os dela e ela lança-me um olhar sabedor.

– Damon Sawyer! – grita o Miguel. – Vai matar-me! Vai matar-nos a todos! Têm de me deixar ir!

– Miguel. – O Dr. Beck mantém-se incrivelmente calmo. Estou impressionada. Mas de certeza que tem muita experiência com pacientes assim. – O senhor Sawyer está neste momento manietado. Não vai fazer mal a ninguém. Prometo.

O Dr. Beck passa ainda vários minutos a tentar acalmá-lo, mas o Miguel continua a gritar até ficar com a voz rouca. Ao fim de cerca de vinte minutos, o Dr. Beck desiste, abanando a cabeça.

– Acabará por adormecer – diz. – E esperemos que vista alguma coisa.

A Ramona ri-se, mas eu fico apenas parada. Todo este incidente deixou-me abalada. O Dr. Beck capta a expressão no meu rosto e põe-me uma mão no ombro.

– Ele vai ficar bem, Amy – declara. – Não se preocupe.

Como *pode* aquele homem ficar bem? Acha que o pai é Deus. Alternou entre não usar roupa nenhuma e usar *todas* as suas roupas. E cobriu o corpo nu com geleia de morango. Vou arriscar um palpite e dizer que *não* é um homem que tenha um futuro brilhante pela frente.

– Vá dormir um pouco, Amy – diz o Dr. Beck. – Procure um dos quartos vazios e deite-se um pouco. Parece que é isso que o seu colega está a fazer.

É verdade. Durante todo este alvoroço, o Cameron manteve-se ausente. Mesmo que esteja a dormir, o que parece improvável, conhecendo o Cam, é difícil imaginar que todos estes gritos não o tivessem acordado. E calha eu lembrar-me de que o Cam tem um sono bastante leve.

Onde está ele, então?

24

HORAS ATÉ DE MANHÃ: 7

Depois de as coisas acalmarem na Ala D, dou uma volta à unidade em busca do Cameron.

O primeiro sítio onde vou é a sala do pessoal. É o local mais óbvio para o procurar. Os meus olhos dardejam do velho sofá para a janela com grades e para o recanto poeirento atrás da porta que está coberto de teias de aranha. Mas ele não está aqui.

A minha paragem seguinte é a casa de banho do pessoal. A porta está fechada, por isso bato – não obtenho resposta. Testo o puxador e roda na minha mão. Mas, ao espreitar para dentro, a casa de banho está vazia.

Inicio então uma volta à unidade, verificando todos os quartos dos pacientes.

Verifico primeiro o quarto do Dan-Aranha. A porta do seu quarto está aberta, tal como a da casa de banho. Está diante da sanita, de pulsos apontados à parede. Está a tentar fazer chichi e disparar teias. Mas, seja como for, o Cam não está aqui.

O quarto seguinte está entreaberto e tem um homem sentado na cama. Espreito para o interior e vejo que lambe repetidamente os braços. É muito bizarro – quase como um gato a lavar-se. Sigo em frente.

O quarto que se segue tem uma paciente lá dentro. Ao ver-me junto à porta, põe-se apressadamente em pé. Tem o cabelo preto despenteado e uns óculos enormes que lhe dão um aspeto de coruja.

– Vou para casa? – pergunta-me ela.

– Oh – digo eu. – Hã, não. Quer dizer, não sei.

– Tenho de ir para casa. – Tenta passar uma mão pelos cabelos emaranhados. – O meu filho está em casa. Preciso de ver o meu filho.

– Eu… lamento… Eu não…

– *Preciso de ver o meu filho!*

Consigo ver a dor nos olhos desta mulher, mas o que posso eu fazer? Nem sei quem ela é.

– Vou ver o que posso fazer – murmuro. Apesar de estar a mentir.

A mulher lança-me um olhar venenoso, pois quase de certeza que sabe que eu não

vou ver o que posso fazer. Regressa ao seu quarto e bate com a porta com tanta força que toda a ombreira treme.

Devia dizer ao Dr. Beck que não consigo encontrar o Cameron, mas o Cam ficaria furioso comigo se eu o denunciasse assim por sair – se foi isso o que aconteceu.

Algo que nem toda a gente sabe é que o Cam tem mau feitio. Consegue disfarçá-lo bem. E, honra lhe seja feita, não se passa muitas vezes. Mas age como se fosse sempre um tipo simpático e é bastante fácil manter esse papel com os amigos, mas é mais difícil esconder esse temperamento à namorada.

A primeira vez que vi o mau génio do Cameron foi quando ele soube que não tinha conseguido uma vaga numa prestigiada bolsa de investigação de um ano na Costa Oeste. Cirurgia ortopédica é uma especialidade competitiva e fazer investigação é – segundo o Cam – fundamental para conseguir uma vaga no internato complementar. Ele e vários outros alunos da nossa turma tinham-se candidatado à vaga de investigador, que o teria levado para a região da baía da Califórnia entre os seus segundo e terceiro anos da faculdade de medicina, e estava convencido de que estava no papo.

Estávamos no seu quarto, sentados juntos na cama, quando ele recebeu o *e-mail*. Tinha o braço esquerdo a envolver-me os ombros e tirou-o.

Que raio? O rosto quadrado do Cam tinha adquirido um tom róseo. *Não me escolheram? A sério?*

Tentei espreitar-lhe por cima do ombro para o *e-mail*, mas ele tinha já atirado o aparelho para o lado da cama. Levantou-se então de um salto.

Não posso acreditar nisto!, protestou. *Como podem ter-me defraudado assim?*

É assim tão importante?, perguntei eu. *Quer dizer, é só uma bolsa. Há outras oportunidades de investigação.*

Mas esta é a melhor. Começou a andar de um lado para o outro no seu pequeno quarto. *Não percebo. Tenho as melhores notas da turma. Não é como se* tu *te tivesses candidatado à bolsa.*

Ignorei a farpa por ele estar tão perturbado. *Não podes deixar que isso te afete. Haverá outras oportunidades.*

E escolheram o David Tobin! A sua voz ia aumentando de volume à medida que o seu rosto adquiria um tom mais próximo do púrpura. *Como podem ter escolhido esse cretino? Quer dizer, qual é o problema deles? A sério?*

O Cam estava agora quase aos gritos, mas só percebi realmente como estava perturbado quando o seu punho voou contra a parede do quarto.

O estuque estalou sob os seus nós dos dedos, cedendo para criar uma cratera do tamanho de um punho na parede. Com um grito, ele afastou a mão enquanto eu

saltava da cama. Por um momento, não soube se devia fugir ou ir ver se ele estava bem. Mas a cor do seu rosto tinha voltado ao normal e já não estava aos gritos. Estava apenas agarrado à mão.

Acabei por ter de o levar às Urgências para fazer radiografias à mão, que felizmente não mostraram uma fratura. Enquanto o levava a casa às duas da manhã, com a mão direita numa tala, ele baixou a cabeça e disse-me: *Desculpa ter tido uma reação tão exagerada, Amy.*

Estava envergonhado com toda a situação e pediu desculpa. Não era a primeira vez que via esse lampejo de raiva. A maior parte do tempo, o Cam conseguia manter o seu mau feitio escondido, mas estava lá. A rondar sob a superfície, à espera de ser libertado.

Pelo que a última coisa que quero fazer é irritá-lo.

– Andas à procura do teu amigo?

Não me devia surpreender ver a Jade à porta do quarto seguinte. O 905. Ainda tem as mesmas calças de fato de treino rosa e a mesma camisola de alças, sem soutien por baixo. Parece divertida com a minha incapacidade de encontrar o Cameron.

– Está algures por aqui – murmuro eu.

– Talvez tenha sido esperto – diz ela. – Talvez se tenha posto a andar daqui antes que algo realmente mau aconteça.

Ergo bruscamente o olhar.

– Estás a falar de quê?

– Sei lá. – Encolhe os ombros. – Há algo no ar esta noite. Vai acontecer qualquer coisa. Não o sentes?

Sinto?

– Suponho que terias de passar um pouco mais de tempo em unidades psiquiátricas para reconheceres a sensação – diz a Jade.

– Pois – murmuro eu.

Os seus olhos azuis percorrem-me o corpo, fazendo-me retorcer. Conhece-me como só alguém que foi a minha melhor amiga desde o jardim de infância me poderia conhecer.

– Não acredito que acabaste por nunca ir ver um psiquiatra.

– Não foi preciso.

– A sério? – As suas sobrancelhas sobem-lhe até à linha do cabelo. – Vais mesmo dizer-me isso com ar sério?

Não dou resposta a esse comentário.

– Sabes… – diz ela. – Essas coisas não desaparecem sozinhas. Quando começas a ver coisas que não estão lá e a ouvir vozes, elas nunca se limitam a desaparecer.

– Não sei do que estás a falar – replico eu rigidamente. – Agora, se me dás licença, tenho de ir procurar o Cameron.

Sinto os seus olhos em mim ao afastar-me. Céus, oxalá ela não estivesse aqui esta noite. Sabe demasiado sobre mim. E se decidisse contar ao Cameron ou ao Dr. Beck…

Não importa. Fosse como fosse, eles não acreditariam nela.

Continuo a descer o corredor até chegar ao fundo, onde se situam os dois quartos de isolamento. O Miguel ainda não acalmou. Dentro do quarto, canta em altos berros uma versão desafinada de *I Touch Myself*. Mas ao menos não está a gritar que Damon Sawyer nos vai matar.

Quanto a Damon Sawyer, está em absoluto silêncio. Na verdade, é a primeira vez que passo por este quarto e não oiço nenhum som vindo do interior. Não me implora que o deixe sair. Não se atira contra a porta.

Mas o teclado continua a emitir o seu brilho verde. Continua trancado lá dentro.

Certo?

25

OITO ANOS ANTES

É quase meia-noite quando alguém bate à janela do meu quarto.

Ainda estou acordada, claro. Ainda a estudar, numa desesperada tentativa de sacar uma nota positiva a trigonometria. É um caso perdido, mas ao menos saberei que tentei.

Ao ouvir as batidas na minha janela, quase não me viro. Alguém a bater à minha janela do segundo andar à meia-noite *tem* de ser uma alucinação minha. Mas, ao ouvir outra pancada mais alta, viro-me.

Oh, meu Deus, é a *Jade*. O que faz a Jade à minha janela?

Abandono o meu livro de trigonometria e corro para a janela. A Jade tirou uma escada da nossa garagem, encostou-a ao flanco da casa e está agora no topo, com o nariz encostado ao meu vidro. Sorri-me.

Abro a janela.

– Jade, que raio…?

A Jade brande um molho de papéis na mão direita.

– Resolvi todos os problemas por ti. Só tens de decorar como os fazer. Não tens de *quê*.

Fico de boca aberta.

– Já te disse. Não posso…

– Oh, meu *Deus*, Amy. – Abana a cabeça. – És tão irritante. E a trigonometria é tão estúpida, seja como for. Porque não haverias de ver as respostas? Que importa se sabes realmente estas coisas ou não? Estou a dar-te um vinte fácil! Esforças-te sempre tanto. Porque não aceitas simplesmente a ajuda por uma vez?

Cruzo os braços sobre o peito.

– Não vou fazer batota num exame, Jade. Não vou fazer isso.

– Preferes chumbar?

– Sim! Prefiro chumbar!

– Então és uma idiota – diz a Jade, atirando a folha de teste que tem na mão para

dentro do meu quarto. – Pronto. Só para o caso de decidires deixar de ser estúpida.

Dito isto, desce a escada. Vejo-a descer para o jardim das traseiras e depois correr rua abaixo, desaparecendo ao virar da esquina. O nosso bairro não é muito perigoso, mas provavelmente não é boa ideia ela andar sozinha à noite. A minha mãe jamais me deixaria andar fora de casa sozinha a estas horas. Mas a mãe da Jade… bem, não parece importar-se muito com o que a filha faz.

Viro costas à janela. A folha de teste jaz no chão do meu quarto, as respostas às perguntas preenchidas na letra angulosa da Jade. Seria muito fácil pegar no teste e decorar as respostas. Então, amanhã teria apenas de as preencher. A Jade é ótima a matemática, pelo que de certeza que acertou em tudo.

Mas não posso fazer isso.

Apanho os papéis do chão e deposito-os diretamente no meu caixote do lixo. Pronto. A decisão está tomada.

– Se não vires esse teste, vais chumbar de certeza.

Ergo o olhar, mas reconheço a voz antes mesmo de o fazer. É aquela menina. A dos caracóis e do vestido rosa pouco prático. Está ao canto do meu quarto, como antes, os seus olhos azuis fixos em mim como um laser. Ergue o rosto em forma de coração para mim.

– Só uma espreitadela – exorta-me. – Não estarás a fazer mal a ninguém.

Limpo as mãos às pernas das minhas calças de ganga, espalhando duas manchas de suor pelas coxas.

– Tu não és real – digo eu.

Ela sorri-me.

– Se eu não sou real, o que significa isso para ti?

Significa que estou a enlouquecer.

Fecho os olhos com toda a força de que sou capaz. Conto mentalmente até dez, respiro fundo e volto a abri-los.

A menina desapareceu.

Mas nem me sinto aliviada. Pode ter desaparecido por agora, mas só hoje já a vi duas vezes. Voltará de certeza. Passa-se algo de muito errado comigo.

O que vou eu fazer?

26

PRESENTE

HORAS ATÉ DE MANHÃ: 6

O Cameron deve ter saído da unidade.

É a única solução possível. Porque procurei em toda a parte e ele não está aqui. Talvez se tenha fartado de não ter rede no telemóvel e tenha decidido sair no pior momento possível. Não o posso culpar – sinto-me tentada a fazer o mesmo, mas sou incorrigível no que toca a seguir as regras. Só houve uma vez em toda a minha vida em que violei as regras e fiz algo imoral, e paguei um alto preço por isso.

Podia sair da unidade e ir ver se ele está lá fora. Ou podia esgueirar-me para apanhar finalmente alguma rede no meu telemóvel. Sei o código do teclado. Seria relativamente fácil sair. Mas tecnicamente não devo. E o que acontece se eu abrir a porta e um paciente aparecer atrás de mim e forçar a saída? Como explicaria eu isso?

Decido, pois, não sair da unidade para ir procurar o Cam. De certeza que voltará em breve. Não correria o risco de ter uma má nota, nem mesmo a psiquiatria. Afinal, isso arruinaria o seu sonho de se tornar cirurgião.

Entretanto, acato o conselho do Dr. Beck e tento dormir um pouco. Mas nem pensar que vou dormir num dos quartos dos pacientes.

O sofá da sala do pessoal pode ser velho, estar sujo e ter molas a projetar-se visivelmente, mas terei uma melhor noite de sono lá do que em qualquer outro lugar.

Antes de me deitar, tiro o telemóvel do bolso e dirijo-me à janela. Encosto-o ao vidro, que está frio contra os meus dedos. Olho para o ecrã, esperando que um traço apareça. Se conseguir apanhar rede, a primeira coisa que farei será ligar ao Cam e dizer-lhe que arraste o traseiro de volta para cá.

Por favor. Só um traço. Por favor.

Mas não. Nada.

Desisto. É uma da manhã. Vou tentar dormir um pouco.

Só que, mal me deito e apago as luzes, torna-se evidente que o sono não vai surgir.

Olho para o teto, com o cérebro acelerado. Tento lembrar-me dos truques que o Dr. Sono ensina aos seus pacientes para os ajudar a dormir à noite. Na sua maioria, são coisas que não posso controlar neste momento, como evitar as sestas e a cafeína e manter um horário de sono regular. Mas algo que ele diz sempre aos pacientes é que, enquanto estão deitados na cama, podem fazer o método de respiração quatro-sete-oito.

Agora, tenho apenas de me lembrar como se faz.

Bem, já me lembro. Temos de pôr a língua entre os dentes superiores da frente, de exalar por completo e, em seguida, de inspirar pelo nariz enquanto contamos até quatro, suster a respiração enquanto contamos até sete e depois expirar enquanto contamos até oito. E de fazer isto outras três vezes. É suposto emitirmos uma espécie de ruído estranho enquanto o fazemos, mas não estou para me dar a esse trabalho.

Aqui vamos nós…

Inspirar até quatro. Suster até sete. Expirar até oito.

Inspirar até quatro. Suster até sete. Expirar até oito.

Inspirar até quatro. Suster até sete. Expirar até oito.

Isto não está a resultar. De *todo*. Do que realmente preciso é de um *Ambien*. Oxalá tivesse pedido uma receita ao Dr. Sono antes de sair do consultório. Seja como for, não vou adormecer nos próximos tempos.

Onde está o Cameron? Consigo imaginá-lo a desaparecer por alguns minutos, mas dou-me conta de que não o vi nem uma vez desde que estivemos juntos na sala dos pacientes a entrevistar o Dan-Aranha. Isso foi há *horas*. Não é típico dele desaparecer assim. O Cameron pode não ser tão obcecado como eu por seguir as regras, mas ninguém se preocupa mais do que ele com ter uma boa nota numa rotação.

Independentemente do que mais se possa dizer sobre o Cameron, a sua energia e a sua paixão pela medicina são inigualáveis. Sente-se verdadeiramente empolgado com a ideia de ser «médico dos ossos». Quer fazer cirurgia de trauma. Gosta da ideia de reconstituir as pessoas após um acidente terrível.

Isso é mesmo mórbido, comentei eu, da primeira vez que ele mo disse.

Porquê? Ficou verdadeiramente confuso. *Alguém tem de o fazer. Não queres consertar pessoas?*

Quero efetivamente consertar pessoas, mas não da mesma forma. Quando era pequena e brincava com *Barbies*, as bonecas estavam sempre a ficar «feridas» e eu tinha de as tratar. A Jade costumava queixar-se de que estava farta de brincar ao consultório da *Barbie*. Por isso, entendi o que o Cam queria dizer com isso.

Mas quero consertar pessoas sem ter necessariamente de as *cortar*. Posso deixar as partes sangrentas para gente como o Cameron.

Ao fim de cerca de uma hora a olhar para o teto, reconheço que o sono não vai surgir. Ao invés, decido dar uma volta pela unidade, na esperança de me poder livrar de alguma da minha energia ansiosa.

Passo pelos dois quartos de isolamento. O primeiro continua inquietantemente silencioso. Depois de todo o barulho que lá ouvi mais cedo e da voz a implorar-me para o deixar sair, é perturbador o silêncio em que está. Encosto o ouvido à porta, à escuta. Mas não oiço nada. Nem um pio.

Não desde que a luz falhou.

– Senhor Sawyer? – digo baixinho. – Sente-se bem?

Não me responde.

– Damon? – insisto eu.

Mais uma vez, não obtenho qualquer réplica.

De certeza que está apenas a dormir, ainda assim. Tem de estar.

As luzes do corredor foram reduzidas às dez da noite para um nível mais ténue, pelo que o brilho verde do teclado parece ainda mais intenso. Podia introduzir o código e confirmar que Sawyer está bem lá dentro. Ou que continua lá sequer. Seria relativamente fácil fazê-lo. E então poderia ficar tranquila.

É suficientemente tarde para estar tudo calmo na unidade agora, mas, enquanto estou aqui parada, o som de passos torna-se mais alto a cada segundo que passa. Olho para a distância para ver quem caminha em direção a mim. Uma sombra surge ao virar da esquina, mas, antes que eu consiga ver quem é, desaparece.

– Olá? – chamo.

Um som ecoa ao fundo do corredor. Quase parece um homem a rir para consigo.

Antes que possa ir investigar, sou distraída por um som vindo do Quarto de Isolamento Dois. Ainda que Damon Sawyer se tenha calado, o Miguel não o fez de certeza. Continua a cantar para consigo no quarto. Desta vez, berra uma canção de Britney Spears. Aparentemente, quer que lhe bata outra vez. Não tem má voz, atendendo às circunstâncias.

O corredor escuro está cheio de quartos de pacientes. A luz do quarto 906 está acesa – Will Schoenfeld ainda está acordado, provavelmente a ler. Continuo a achar esse paciente um mistério. Pareceu-me incrivelmente normal para um paciente de uma unidade psiquiátrica. Como o tipo de pessoa de quem poderia ser amiga se o conhecesse num contexto diferente.

E, tal como a Jade observou, faz o meu género. Giro, cromo, esgalgado, culto. E gostei do seu sorriso, da única vez que o pude ver. Se o tivesse conhecido em qualquer outro sítio que não aqui e ele me mostrasse esse sorriso tímido e me convidasse para sair, dar-lhe-ia o meu número.

Claro que não faria ideia de que ele ouvia vozes a dizer-lhe para matar pessoas. Portanto, safei-me de boa.

Ocorre-me então que podia pedir emprestado um dos livros da coleção de John Irving do Will. Seria reconfortante ler um desses livros e talvez bastasse para me fazer adormecer. Provavelmente, estaria disposto a emprestar-me um e eu devolver-lho-ia de manhã.

A porta do quarto do Will está entreaberta e eu bato levemente. Não obtendo resposta, abro-a um pouco mais. O quarto está vazio, mas a porta da casa de banho está fechada e a luz está acesa lá dentro. Provavelmente, não tardará a sair.

Ainda tem a pilha de livros de John Irving em cima da cómoda. *Owen Meany* está mesmo no topo, pois é o que tem estado a ler. Como é evidente, não lhe pediria esse, pois está atualmente a lê-lo. Tiro-o da pilha e pego no segundo livro. *O Estranho Mundo de Garp*. Outro dos meus favoritos. Este serviria lindamente.

Pego no exemplar de *Garp* para o folhear. Mas, ao abrir a primeira página, o meu coração para.

O livro foi esvaziado.

Alguém escavou um grande buraco no centro do livro, deixando um espaço onde se podem armazenar objetos em segredo. Como, neste caso, um grande número de comprimidos de várias cores. Reconheço-os, são semelhantes aos que a Ramona tem vindo a distribuir.

Há mais de uma dúzia de pequenos comprimidos escondidos no espaço vazio. Uma dúzia de comprimidos que o Will devia ter tomado para suprimir as vozes na sua cabeça – as que lhe dizem para matar pessoas. Disse que as vozes tinham parado depois de tomar a medicação. Mas agora parece que não tem vindo de todo a tomar esses medicamentos.

E então o autoclismo soa dentro da casa de banho e a torneira do lavatório abre-se. Está quase despachado lá dentro.

Vai sair a qualquer instante.

27

Oh, meu Deus.

O Will vai sair, perceber que estive a mexer nos seus livros e descobri o seu segredo. Já tem esquizofrenia paranoide e agora descobri que não está medicado. O que vai ele fazer quando perceber que eu sei a verdade?

Fecho o exemplar de *Garp* e devolvo-o à pilha de livros. Em seguida, volto a pôr *Owen Meany* por cima. Mal acabei de os posicionar corretamente quando o Will emerge da casa de banho.

Pestaneja algumas vezes ao ver-me, como se não soubesse bem se sou ou não fruto da sua imaginação. O que faz sentido, atendendo a que tem vindo a esconder a medicação desde que cá está.

– Amy? – diz por fim.

– Desculpe – apresso-me eu a dizer. – Estava a tentar dormir um pouco e não consegui, por isso pensei que lhe podia pedir um livro de John Irving emprestado por esta noite. Mas compreendo se não mo quiser emprestar.

O Will ajeita os óculos na ponte do nariz.

– Hã, claro. Tudo bem. Qual quer?

Sinto-me tentada a pedir *Garp*, só para ver o que ele dirá. Mas isso seria tentar o destino. E reconheço que estamos os dois sozinhos no seu quarto neste momento. E que ele é mentalmente desequilibrado.

– Talvez… *As Regras da Casa da Sidra*?

– Claro.

Dirige-se à pilha de livros. Ao percorrê-los, hesita no exemplar de *Garp*. Lança-me um olhar, semicerrando os olhos, e eu sustenho a respiração. Abre a boca e tenho a *certeza* de que me vai perguntar se estava a mexer no livro… mas não o faz. Passa-o e tira um dos exemplares de capa mole da pilha.

– Aqui tem – diz ele. – Boa leitura.

– Obrigada. – Tiro-lhe o livro das mãos e os meus dedos roçam ligeiramente contra os dele. – Fico muito grata.

Agora que tenho o livro, sei que devia sair daqui. Nada de bom pode resultar de

me demorar neste quarto. Mas parte de mim pergunta-se se posso ajudar este homem. Talvez o consiga levar a confessar o que fez e a perceber que a única forma de ficar melhor é tomar a medicação. Afinal, o Dr. Beck referiu que a maioria dos pacientes com esquizofrenia paranoide nem reconhece que tem um problema.

– Foi de loucos o que aconteceu mais cedo com o Miguel – digo eu. – Não foi?

A expressão do Will continua a ser cautelosa, mas anui.

– Sim, é a segunda noite louca seguida. Sempre que fecham alguém num daqueles quartos, é um grande acontecimento.

– Sim – concordo. Mudo o exemplar de *As Regras da Casa da Sidra* de uma mão para a outra. – Parece decididamente algo que se quereria evitar a qualquer custo.

– Sim.

– Quer dizer… – digo eu. – Não quereria fazer nada que os levasse a pensar que devia estar num desses quartos, pois não?

Com uma inspiração brusca, ele dá um passo atrás.

– Porque acha que *me* quereriam pôr lá?

– Não acho – corrijo eu. – Não era isso que eu queria dizer. Referia-me só a que parece que não seguir as regras aqui dentro pode deixar uma pessoa em apuros.

– Ele urinou numa tomada. Eu não vou fazer isso.

– É claro que não. – Forço um sorriso. – Mas há outras regras importantes. Tipo, quer ficar melhor, não quer?

Dizem que um dos sintomas negativos da esquizofrenia é a incapacidade de estabelecer contacto visual, mas o que o Will está a estabelecer neste momento é bastante bom. Tem os olhos cravados em mim.

– Vou deitar-me agora – anuncia rigidamente.

– Tem a certeza? – Aponto para a cadeira ao canto do quarto. – Porque eu estou acordada, se quiser falar. Teria todo o gosto em…

– Não quero – retorque o Will, com brusquidão.

O Will é um enigma para mim. É certo que não sou psiquiatra. Mas parece ser um tipo inteligente que adora o meu autor favorito e é um pianista extremamente talentoso. Se eu estivesse nessa situação e andasse a ouvir vozes…

Bem, talvez não seja um bom exemplo.

– Está bem – assinto. – Vou deixá-lo dormir. Se tiver dificuldades, conheço uma técnica de respiração excelente chamada quatro-sete-oito. O que se faz é…

– Não, obrigado. Vou passar.

Forço um sorriso.

– De certeza? Porque…

– De certeza.

O Will segue-me até à porta do seu quarto e, depois de eu sair, bate-a atrás de mim. Pode não ter a certeza de que eu descobri o seu segredo, mas sabe que desconfio de *algo*.

Claro que, depois de sair do quarto, tenho um verdadeiro dilema. O Will não anda a tomar a sua medicação. E a razão por que está internado aqui é para ficar melhor. O Dr. Beck tem de saber disto. Não quero denunciar o Will, mas não é como se ele me tivesse feito confidências. Descobri o seu segredo por acaso.

Apertando o exemplar de *As Regras da Casa da Sidra* na mão direita, percorro o círculo em direção ao gabinete do médico assistente. Ao aproximar-me do gabinete, passa-me pela cabeça que, a esta hora, talvez seja demasiado tarde e que talvez devesse guardar simplesmente esta informação até de manhã. Mas, por outro lado, é importante, não é? E se acontecer algo durante a noite?

E, seja como for, a luz está acesa por baixo da porta. O Dr. Beck ainda deve estar acordado.

Bato suavemente à porta, esperando não ter de o acordar caso esteja a dormir. Passado um segundo, oiço um arrastar atrás da porta e algo que quase parece um estrondo.

– Quem é? – pergunta o Dr. Beck.

– É a Amy.

Segue-se outra longa pausa, com uma misturada de sons. Ao fim de outro minuto, a porta abre-se. O Dr. Beck aparece, só em pijama cirúrgico, com o cabelo ligeiramente espetado do lado direito. Não me tinha apercebido com a bata branca vestida, mas tem uns belos bíceps a espreitar das mangas da farda.

– Peço imensa desculpa! – digo eu. – Acordei-o?

– Não… – Boceja e esfrega os olhos. – Bem, mais ou menos. Não tinha intenção de adormecer. Mas não faz mal. Estou acordado agora, em todo o caso. – Passa os dedos pelo cabelo em desalinho. – Enfim, o que se passa? Está tudo bem?

– Mais ou menos… – Olho para trás. – Estava a falar com o Will Schoenfeld e descobri que…

O Dr. Beck fita-me atentamente. Começo agora a duvidar de mim mesma. Se eu lhe disser a verdade não será bom para o Will. Podem ter de o obrigar a tomar os seus medicamentos e, independentemente do que isso possa envolver, não será bonito. Mas é para seu bem, na verdade. Quer ficar melhor, não quer? Não pode passar a vida a ouvir vozes na sua cabeça.

– Tem andado a esconder a medicação – digo de repente. – Encontrei um monte de comprimidos escondidos dentro de um livro no quarto dele.

– Merda – murmura o Dr. Beck. – Desculpe. Estou cansado – apressa-se então a

acrescentar. – Mas… uf. Não posso acreditar que anda a fazer isso.

Aperto o exemplar do livro que o Will me entregou.

– O que acontece agora, então?

– Podemos ter de mudar para uma administração intramuscular – diz o Dr. Beck. – Não sou o médico assistente de serviço esta semana, por isso transmitirei a informação à equipa principal de manhã. Se houver problemas durante a noite, teremos de ir pela via injetável. Ainda bem que me disse.

– Sem problemas – digo eu, apesar de sentir uma pontada de culpa. Mas não devia. É para ajudar o Will que estou a fazer isto.

– Mais alguma coisa? – pergunta-me o Dr. Beck.

Há realmente outra coisa. Sinto-me culpada por denunciar o Cameron, mas tenho de dizer algo – começo a passar-me por não o conseguir encontrar.

– Não sei para onde foi o Cameron. Acho que pode ter saído da unidade.

– Oh. – Olha para o seu gabinete. – Na verdade, o Cameron deixou uma mensagem no meu atendedor de chamadas. Apa-rentemente, teve uma emergência familiar e teve de partir de imediato.

Suponho que isso resolve o mistério do que aconteceu ao Cam e de não o conseguir encontrar em lado nenhum. Mas é estranho que tenha deixado uma mensagem de voz com essa informação. Sobretudo estando o Dr. Beck aqui mesmo, na unidade, e sendo bastante fácil de localizar. Porque não falou diretamente com o Dr. Beck? E, além disso, porque não me disse o Cam que aconteceu algo? Não é como se fôssemos perfeitos estranhos.

– Compreendo…

– Achei estranho – admite o Dr. Beck. – Gostaria que tivesse falado diretamente comigo sobre o assunto. Mas parecia bastante perturbado ao telefone. Embargado. Pelo que provavelmente não estava a pensar com muita clareza.

O Cameron, embargado? É difícil de imaginar. Sempre que víamos um filme triste juntos e eu ficava chorosa, ele olhava para mim como se eu tivesse enlouquecido. Mesmo quando acabou tudo comigo, mal parecia perturbado.

– Espero que esteja bem – acabo eu por dizer.

– E a *Amy*, está a aguentar-se bem? – Estende um braço e pousa a mão no meu ombro. – Parece estar a ter uma noite difícil. Sei que foi bastante chocante a situação do Miguel. Lamento que tenha tido de ver aquilo.

Não sabe da missa a metade, mas não me vou abrir com ele, apesar de ser psiquiatra – ou talvez *por* ser psiquiatra. Não quero o homem a julgar-me. E seria pouco profissional ter esse tipo de conversa com o meu supervisor desta noite. Não quereria que se soubesse na faculdade que sou…

– Estou bem – digo. – Só cansada.

– Tente dormir um pouco, está bem? – replica ele, com um aceno compreensivo.

Aquiesço, mas, por esta altura, é um caso perdido.

Despeço-me do Dr. Beck e arrasto-me de regresso à sala do pessoal para tentar ler até adormecer. Mas, ao chegar lá, apercebo-me de que não estou sozinha. Está alguém à minha espera na sala.

É a Jade.

E parece verdadeiramente fula.

28

OITO ANOS ANTES

Não gosto do Sr. Riordan.

É o professor de que menos gosto. Na verdade, é o professor de que toda a gente menos gosta. Se todos na escola escolhessem o professor que mais detestam, ele estaria em todas as listas. (Bem, não em todas. Nem toda a gente o teve como professor. Mas sabem o que quero dizer.)

Em primeiro lugar, cheira mal. Não como se não tivesse tomado banho ou assim, mas tem um estranho cheiro a queijo bolorento. A Jade disse-me que é de seja o que for que almoça, visto que temos aulas com ele à tarde. Da segunda fila, onde infelizmente estou sentada, consigo sempre sentir o cheiro a emanar dele.

Tem também o pior penteado de *todos os tempos*. São, tipo, uns dez fios de cabelo penteados para cima da careca. É seriamente difícil de contemplar.

Mas a pior parte é que é mau a explicar matemática. Podia lidar com o cheiro e com a sua cabeça calva se ao menos ele conseguisse explicar melhor as coisas. A sua voz tem dois níveis: monocórdica e aos gritos. A voz monocórdica é a que usa quando nos está a explicar problemas de matemática. Gritar é o que faz quando a turma fica irrequieta por ninguém entender do que está ele a falar porque nos aborreceu quase ao ponto de nos adormecer.

E, no entanto, os seus testes são famosos por serem extremamente difíceis.

Neste momento, está a distribuir os exames. Ao passar por mim, sinto um sopro do seu cheiro a queijo bolorento e tenho de me obrigar a não tapar o nariz com as pontas dos dedos. Em vez disso, respiro pela boca.

Depois de ele passar, a Jade dá-me um toque do lugar ao lado do meu e faz uma careta engraçada. Bem, ao menos já não está zangada comigo por causa de ontem à noite.

Ao chegar ao último aluno, o Sr. Riordan hesita. Olha para a folha de teste na sua mão e franze o sobrolho à sala de aula.

– Alguém recebeu dois testes? – pergunta.

Vinte e dois miúdos abanam a cabeça em uníssono.

Estreita os lábios.

– Pensava que tinha um a mais, mas…

Tinha realmente um a mais. E agora está no caixote do lixo do meu quarto.

Eu e a Jade trocamos um olhar. Estaríamos ambas em graves apuros se ele fizesse ideia do que realmente aconteceu a esse teste extra. Mas ninguém sabe a verdade, exceto nós as duas.

Finalmente, o Sr. Riordan entrega o último teste ao aluno, mas há uma expressão conturbada no seu rosto. Não importa, ainda assim. Pode ter acontecido seja o que for a esse teste extra. Ele não faz ideia.

E nunca fará.

29

PRESENTE

Não mudaste mesmo nada, pois não?

A Jade tem os braços cruzados sobre o peito e o batom ligeiramente esborratado, o que faz parecer que tem um perpétuo sorriso escarninho nos lábios. Apesar de, em boa justiça, me estar *realmente* a lançar um.

– O que foi? – Atiro o exemplar de *As Regras da Casa da Sidra* para o sofá. – O que fiz eu de mal?

– Não te faças de inocente. Vi como denunciaste o Will.

Olho para ela, surpreendida.

– Sabias que ele não andava a tomar a medicação?

Por uma fração de segundo, a Jade hesita.

– Não, não sabia. Mas tem o direito de não a querer tomar.

– Jade…

– Não, não te atrevas a dar-me sermões. – Ergue a mão. Tem as unhas roídas até ao sabugo, cobertas por um escuro verniz púrpura lascado. – Não sabes o que é estar sob o efeito de um antipsicótico. Não fazes ideia de qual é a sensação de se estar drogado com *Haldol*. E os efeitos secundários… Primeiro, passas metade do tempo a sentir-te uma morta-viva. E o aumento de peso…

– Jade…

– E alguns dos efeitos secundários nunca desaparecem – continua ela. – Da última vez que estive no hospital, conheci uma mulher que, por causa dos medicamentos que tomava, não conseguia parar de estalar os lábios. A cada dois segundos, estalava o raio dos lábios. E é *permanente*. Vai ficar assim *para sempre*.

Continua de braços cruzados e fulmina-me com o olhar, como se fosse minha a culpa de essa pobre mulher não conseguir parar de estalar os lábios.

– Fi-lo para o ajudar – digo eu.

– Porque achas que sabes sempre mais do que todos os outros, não é?

Retraio-me.

– Isso não é *de todo* verdade.

A Jade bate com o pé no chão. Traz umas meias cinzentas, sem sapatos, e tem um buraco no dedo grande do pé direito.

– O que achas que diria o doutor Beck se descobrisse que também tiveste um pequeno problema com *alucinações*?

Engulo em seco.

– Não tenho. Isso seria mentira.

– Oh, por favor, Amy. Sou *eu*. – Bate agora o pé mais depressa, quase como um tique. – Ambas sabemos o quanto és avariada. Só não queres ser drogada como eu fui. E o Will.

– Eu não sou como tu – crocito eu. – *Jamais* faria algo como o que tu fizeste. *Jamais.* Não sou…

Interrompo-me antes de dizer a última palavra dessa frase, mas é demasiado tarde. A Jade já sabe o que eu ia dizer.

– Não és *louca*? – cospe contra mim. – Era isso que ias dizer? Era, não era? É isso que pensas de mim, não é verdade? Sou só a maluca da tua velha amiga do secundário que deu cabo da vida toda por ser simplesmente *tão* louca.

– Vá lá, Jade…

– Nada de desculpas! – Bate com o pé no chão. – Quando éramos pequenas, eras a minha melhor amiga. Prometemos uma à outra que íamos ser amigas para o resto da vida e que os nossos filhos seriam amigos. E os filhos *deles* também. E, mal as coisas se complicaram, agiste como se nem me conhecesses. Sabes o quanto me senti sozinha da primeira vez que fui internada? Como foi assustador para mim?

Está a ser injusta. Não é como se eu não tivesse tentado estar lá para ela, apesar do que fez. Mas dificultou-me *tanto* a vida. E o que fez…

– Desculpa – digo. – Devia ter-me esforçado mais. Estava… estava errada.

Ela fica parada no meio da sala, a contemplar o meu pedido de desculpa.

– E se, depois de eu sair daqui, fôssemos jantar fora um dia?

– Oh – digo eu.

– Posso apresentar-te o meu namorado – continua ela. – Pode-mos fazer uma saída a pares contigo e com o Cameron.

O sorriso que consigo plasmar nos meus lábios parece muito falso.

– Eu e o Cameron já não andamos, lembras-te?

– Oh, bem, podemos ser só nós as duas, então. – Arqueia as sobrancelhas. – O que me dizes, Amy?

Hesito por um instante a mais e a expressão da Jade ensombra-se.

– Oh, já percebi – diz ela. – Esquece.

– Não, quero fazê-lo – insisto, apesar de estar decididamente a mentir. A última coisa que quero é voltar a ser sugada para a teia da Jade. – É só que estou muito ocupada neste momento. Quer dizer, a faculdade de medicina dá muito trabalho…

– Pois claro. Como me pude eu esquecer?

– Talvez daqui a uns meses, quando a minha agenda estiver mais calma. É suposto medicina familiar ser bastante leve. Talvez então possamos…

– Esquece – corta a Jade. – Não queres jantar comigo. Já não queres ser minha amiga. Sei reconhecer uma dica, acredita.

Disto isto, sai de rompante. Parte de mim quer segui-la, mas é melhor deixar simplesmente as coisas como estão. A questão é que ela não está errada. Quando penso nos primeiros dias, quando eu e a Jade éramos pequenas, tenho tantas boas memórias da nossa amizade. Mas então ela mudou. E não havia como a trazer de volta.

Não quero jantar com a Jade. Não quero conhecer o namorado dela. Não quero ser de todo sua amiga, para ser sincera. Quero manter-me tão longe dela quanto for humanamente possível.

E o pior é que não confio inteiramente nela. Se há algo que sei sobre a Jade é que fará seja o que for para conseguir o que quer. Tenho de me proteger.

Para minha própria segurança, tenho de saber exatamente do que a Jade é capaz.

E a única forma de o fazer é ler o seu processo.

30

HORAS ATÉ DE MANHÃ: 5

Tecnicamente, não estou a fazer nada de errado.

A Jade é minha paciente esta noite. Sim, temos uma relação anterior. Mas foi há muito tempo. E não é como se a Jade me tivesse dito que *não podia* consultar o seu processo. Pareceu partir do princípio de que já o tinha feito.

Está uma quietude total no posto de enfermagem. Até a Ramona desapareceu algures. E, claro, o Cameron partiu por esta noite. Nem posso imaginar qual terá sido a emergência familiar. Espero que os pais dele estejam bem. Estive com eles uma vez e o pai ficou sem fôlego só de subir os degraus até à sua porta da frente. Parecia um ataque cardíaco ambulante.

Afasto os pensamentos sobre o meu ex-namorado enquanto puxo da prateleira a pasta rotulada com o nome CARPENTER. Sento-me num dos bancos e passo um segundo apenas a olhar para o processo. É o momento da verdade. Assim que abrir isto, terei cruzado um limite.

Por outro lado, não é a primeira vez que o faço.

Viro para a primeira página, onde estão guardadas as notas das Urgências. Com efeito, são várias as páginas da sua admissão inicial. Chegou no mesmo dia que o Will, mas o seu diagnóstico é diferente. O diagnóstico da Jade está mesmo no topo e não mudou desde quando tínhamos dezasseis anos: doença bipolar tipo 1.

Começo a ler toda a história sórdida da mais recente aventura maníaca da Jade. Ao que parece, não estava sozinha nesta. Ela e o namorado decidiram assaltar uma série de bancos da região. Estaria agora na prisão e a enfrentar acusações de roubo se não fosse pelo facto de os dois só estarem armados com garrafas de cerveja, que apontaram aos pobres funcionários do banco como se fossem armas, e de não terem saído de nenhum dos bancos com qualquer dinheiro efetivo.

Um típico episódio maníaco para a Jade. E, ao que parece, o namorado não é propriamente a melhor das influências. Ainda bem que disse não à saída a pares.

Leio um rápido resumo das hospitalizações anteriores da Jade e a lista deixa-me doente. Da primeira vez que foi internada, a minha mãe garantiu-me que ia receber

ajuda e que isso a faria ficar melhor. Mas *não* a fez ficar melhor. Tem vindo a entrar e a sair do hospital a cada poucos meses desde que éramos adolescentes. Nunca conseguiu controlar a sua doença bipolar.

As doenças mentais são muito difíceis de tratar.

Enquanto folheio o processo, ouve-se um ruído ao virar da esquina do posto de enfermagem. É um som nauseante, como de alguém engasgado ou a sufocar. E é então que me apercebo do silêncio que está desde que estou aqui sentada. Desde que trancaram o Miguel no Quarto de Isolamento Dois que ele tem vindo a alternar entre cantar êxitos da *pop* e gritar sobre Damon Sawyer. Mas agora a cantoria parou. Na verdade, não vem qualquer som dos quartos de isolamento.

Abandono o processo da Jade em cima da secretária. Saio para o corredor, tateando instintivamente a agulha de tricô que a Mary me deu e tranquilizando-me com a sua presença. Pode haver armas melhores no posto de enfermagem, como uma tesoura, mas pareceria louca se começasse a andar pelos corredores com uma tesoura na mão. Não que uma agulha de tricô seja melhor.

Atravesso o corredor escuro em direção aos quartos de isolamento. Oiço novamente o som embargado, vindo do Quarto de Isolamento Dois, e agora quase parece alguém a arquejar.

– Miguel? – chamo eu. – Sente-se bem?

Então, algo emerge da fresta por baixo da porta. Um líquido escuro.

É sangue. E vem de baixo da porta.

31

M-iguel! – arquejo eu.

Não sei o que aconteceu no Quarto de Isolamento Dois. Talvez o Miguel se tenha automutilado. Não faço ideia. Mas é óbvio que está a sangrar ali dentro. Tenho de o ajudar.

Começo a introduzir o código da porta, mas então hesito. E se isto for um truque? Ou, pior, e se o Miguel estiver lá dentro com uma faca e, quando eu abrir a porta, me fizer o que fez a si mesmo? Ou pior.

Não, é melhor não abrir a porta. Não até ter a Ramona ou o Dr. Beck comigo.

Apresso-me a percorrer o círculo até ao gabinete do Dr. Beck. A luz está apagada lá dentro, o que significa que pode estar a dormir, mas nem hesito em bater à porta. Bato-lhe com a palma da mão até ele a abrir, com um ar ligeiramente irritado. O seu pijama cirúrgico parece amarrotado e está descalço. Estava barbeado ao início da noite, mas começa agora a surgir-lhe um laivo de barba no queixo.

– Amy. – Boceja sonoramente. – O que se passa?

– Há sangue – arquejo eu. – A escorrer por baixo da porta do Quarto de Isolamento Dois.

O Dr. Beck tarda um momento a processar o que eu acabo de dizer.

– O quê?

– O chão está cheio dele. – Sinto lágrimas nos olhos. – Deve ter acontecido algo ao Miguel. Mas não tinha a certeza se devia abrir a porta…

Ele pestaneja algumas vezes.

– Espere. Disse que há *sangue* no chão?

– Sim…

– Tem a certeza? – pergunta, de olhos semicerrados.

– Sim! – Limpo os olhos. – Por favor, venha ver.

Finalmente, o Dr. Beck assente.

– Sim, está bem. Claro. Deixe-me só… Deixe-me calçar os sapatos. Vou só…

Parece um pouco desorientado, o que suponho que seja justo, tendo em conta que o acordei a meio da noite. Mas, por outro lado, está de serviço. Devia estar à espera de

algo assim. Bem, talvez não exatamente *assim*.

O Dr. Beck enfia os pés nos ténis e segue-me pelo corredor até aos quartos de isolamento. O meu coração palpita com tanta violência que me dói o peito. Nem consigo imaginar o que está dentro daquele quarto. Havia tanto sangue no chão. É impossível que ele esteja bem. Pobre Miguel…

Vamos ter de chamar o 112. Ou melhor, uma vez que estamos num hospital, suponho que não será preciso ligar-lhes. De certeza que terá de ir diretamente para as Urgências. Se estiver sequer vivo.

Por favor, que esteja vivo. Por favor.

Só que, ao chegarmos ao quarto, apanho o choque da minha vida. Não está absolutamente nada no chão à porta do Quarto de Isolamento Dois.

Nem sangue. Nem *nada.*

O Dr. Beck vira-se para olhar para mim.

– Disse que havia sangue no chão… aqui?

Olho para o chão, que está completamente limpo. Não há nem um resquício de sangue. Nada que pudesse ser *confundido* com sangue.

Que raio?

Mordo o lábio inferior.

– Talvez não fosse exatamente aqui. Talvez fosse…

Mas tinha de ser aqui. Era à porta dos quartos de isolamento. Sei porque ia a tentar introduzir o código para abrir a porta. Não há nenhum outro local onde pudesse ter sido. Não estou confusa…

Mas onde está o sangue? *Sei* que vi sangue.

Não vi?

– Talvez tenha sido um sonho? – sugere o Dr. Beck, franzindo as sobrancelhas. – É muito tarde, Amy…

– Talvez…

Mas não estava a sonhar. Eu vi-o. Sei que vi…

– E ouvi um barulho lá dentro – lembro-me eu. – Como… um som embargado. E está tão calado. Lembra-se de como não parava de gritar e de cantar? Parou de fazer isso.

– Provavelmente adormeceu.

Aperto as mãos.

– Podemos ver como está, por favor? É só que estou muito preocupada.

– Amy. – O Dr. Beck abana a cabeça. – Se está a dormir, devía- mos simplesmente deixá-lo em paz.

Vai contra o meu caráter, mas, mesmo assim, passo pelo Dr. Beck e bato com o

punho na porta do Quarto de Isolamento Dois.

– Miguel! Está bem aí dentro? Miguel!

– Amy! – O Dr. Beck parece ofendido. Nem me lembro da última vez que vi as suas covinhas. Está decididamente irritado comigo. – Por favor! O Miguel passou a noite inteira exaltado e está finalmente calmo. Preferia vivamente que não o perturbasse.

Afasto-me da porta, a respirar pesadamente. Jamais irei convencer o Dr. Beck a abri-la, sobretudo quando o sangue no chão desapareceu por magia. Não dei propriamente mostras de ser de confiança.

– Sinto só que, se pudéssemos ver como ele está, saberíamos ao menos que…

Os lábios do Dr. Beck fixam-se numa linha reta.

– Amy, *chega*. *Não* incomode o Miguel. Quero que vá para um dos quartos e que durma o resto da noite. Foi uma noite longa, com muita agitação. Considere-se dispensada dos seus deveres.

Estou mortinha por lhe falar das minhas outras suspeitas em relação ao Quarto de Isolamento Um. Dos barulhos estranhos que ouvi vir de lá mais cedo durante a noite e que parecem ter, de algum modo, parado. Mas dá-me a impressão de que ele não vai levar nada que eu diga a sério. E até aos meus próprios ouvidos tudo parece uma loucura. Talvez ele tenha razão. Talvez precise de me deitar e de dormir um pouco.

– Está bem. – Deixo descair os ombros. – Vou-me deitar.

– Ótimo.

O Dr. Beck olha-me fixamente. Olha-me de uma forma como eu nunca quis ser olhada. Da forma que sempre temi.

Como se achasse que perdi o juízo.

32

OITO ANOS ANTES

– Amy, Jade… Gostaria de falar com as duas por um momento.

O toque de saída já tinha soado e eu estava a arrumar os meus livros, preparando-me para rumar a casa, quando o Sr. Riordan nos abordou. Tem os braços cruzados sobre a camisa aos quadrados e ligeiras manchas de suor em ambos os sovacos. O cheiro a queijo bolorento que emana dos seus poros é quase avassalador. Paraliso a meio de enfiar um caderno na mochila.

– Agora? – pergunto.

O Sr. Riordan assente solenemente.

Lanço um olhar à Jade, que não parece minimamente preocupada. Coça o cotovelo e volta a sentar-se na sua carteira. Ergue o olhar para o Sr. Riordan com uma expressão aborrecida no rosto. Se eu não soubesse que lhe roubou o exame da secretária – se não o tivesse visto com os meus próprios olhos – poderia jurar que não tinha feito nada de mal.

Mas roubou-o, não foi? Não foi tudo apenas imaginação minha…

Céus, o que se passa comigo ultimamente?

Sento-me na minha própria carteira, com uma sensação de inquietude na boca do estômago. O Sr. Riordan olha fixamente para as duas, mas sobretudo para mim. Tem o couro cabeludo suado e os fios puxados para cima do seu crânio calvo tornaram-se frisados. Uma madeixa de cabelo perdida desliza-lhe para a testa, transformando-se numa franja.

– Quero falar convosco sobre o exame intercalar de ontem – começa o Sr. Riordan. – Sobre a folha de teste que estava em falta.

Oh, não.

Arrisco outro olhar à Jade, que tem o mais ligeiro dos sorrisos a brincar-lhe nos lábios. Quero arrancar-lho à chapada. É por culpa dela que estamos aqui agora. Foi ela que teve a estúpida ideia de roubar esse teste.

– Encontrou-a? – pergunta a Jade, em tom seco.

– Não, não encontrei. – Olha de uma para a outra. – E preocupava-me para onde teria ido. Por isso, perguntei ao zelador ontem se algum aluno tinha estado cá depois das aulas no dia anterior. E ele descreveu-vos às duas. – Chega-se mais perto e o cheiro a queijo bolorento dá-me vontade de vomitar. – Disse-me que vos deixou entrar na sala.

– Confundiu-nos com outra pessoa – diz a Jade, sacudindo uma mão. – De certeza que parecemos todos iguais para ele.

Por um momento, o Sr. Riordan fica calado.

– Mostrei-lhe as vossas fotos no livro de curso do ano passado.

O meu futuro passa-me diante dos olhos. Uma nota negativa teria sido má, mas poderia recuperar disso. Roubar um teste da secretária de um professor é motivo para suspensão, no mínimo. É o tipo de coisa que acaba nos nossos registos permanentes. *Fraude.*

Vejo todo o meu futuro ir pelo cano abaixo.

A Jade, por outro lado, não parece preocupada.

– Vá lá. Esse tipo mal fala inglês.

– Ainda assim. – Os seus lábios curvam-se num sorriso escarninho. – Irei referir este assunto ao diretor amanhã de manhã. Podem explicar-lhe a ele porque andaram a bisbilhotar na minha sala de aula mesmo antes de um teste desaparecer.

Dito isto, o Sr. Riordan regressa à sua secretária e começa a recolher os seus pertences. Quero fazer o mesmo, mas o meu corpo parece petrificado. Vejo-o debruçar-se, os botões da camisa retesados sobre a sua pança. De todos os professores que nos podiam apanhar a roubar um exame, ele é facilmente o pior. Não haverá clemência da parte deste homem.

Quando finalmente me consigo levantar, as minhas pernas fraquejam debaixo de mim. Nem tenho a certeza de conseguir sair da sala, mas, de alguma forma, chego à porta sem ajuda. A Jade não parece nem de longe tão abalada. Espera por mim à porta da sala, examinando as unhas, que estão cobertas por uma camada lascada de reluzente verniz dourado.

Ergue os olhos para mim.

– Estás bem, Amy?

– Não, não estou bem – replico eu. Agarro-a pelo braço e arrasto-a até ao fundo do corredor, longe do alcance dos ouvidos do Sr. Riordan. – Estamos em graves apuros. Sabes disso, certo?

A Jade resfolega.

– Estás tão preocupada com o quê? Não viste o teste. Se chumbaste, ele não pode alegar que fizeste batota, certo?

E então eu calo-me.

– Amy! – A Jade dá uma gargalhada. É desesperante o quanto está divertida. – Não foste capaz! Oh, meu Deus, depois de todo o alvoroço que armaste sobre como era errado fazer batota e blá, blá, blá, viste o teste?

– Não queria chumbar – murmuro eu.

Teria chumbado se não tivesse vasculhado o lixo do meu quarto e tirado a cópia do teste que a Jade me levou. Na altura, pareceu-me o mais certo a fazer. Mas devia ter seguido o meu instinto. Uma negativa honesta teria sido melhor do que o que está prestes a acontecer-me.

Seja como for, é irritante que a Jade não pare de rir.

– Não tem graça! – exclamo eu. – Jade, dás-te conta do quanto estamos lixadas? Vamos ser suspensas de certeza. Talvez expulsas.

– Não. – Encolhe um ombro. – Duvido.

Sinto o rosto aquecer.

– Talvez tu não te importes, mas eu tenho verdadeiros planos para a minha vida. Quero ir para a universidade e estudar medicina. Não quero ser expulsa da secundária por fraude, está bem?

– Certo, e eu sou só uma falhada sem futuro, por isso, que me importa?

As feições delicadas da Jade enchem-se de mágoa. Em qualquer outra altura, sentir-me-ia mal pelo que disse. Mas não me sinto mal neste momento. É ela a culpada de tudo isto.

– Sabes? – diz ela. – Não devias agir como se fosses assim tão superior. És mais parecida comigo do que julgas.

Por alguma razão, vem-me ao pensamento aquela rapariguinha. Voltei a vê-la esta manhã. Estava na casa de banho enquanto eu escovava os dentes. Desta vez, não disse nada. Limitou-se a fitar-me por um momento e, depois de cuspir a pasta de dentes, olhei para cima e ela tinha desaparecido.

Se disser a alguém o que tenho andado a ver, não sei o que irá acontecer. Estive a pesquisar na Internet ontem à noite. *O que significa quando vemos coisas que não estão lá?*

As respostas iam do mau ao horrível. Podia ser um problema de visão, apesar de isso não explicar o porquê de a menina falar comigo. Ou podia ter epilepsia. Podia ter um tumor no cérebro.

Ou podia estar a desenvolver esquizofrenia.

E, se for esse o caso, que tipo de futuro tenho pela frente?

– Isto não vai dar em nada – diz a Jade. – De certeza.

– Não estou assim tão certa – murmuro eu.

– Olha. – A Jade fixa os olhos em mim. – Disse-te que te ajudava com o exame e foi o que fiz, não foi? Bem, agora estou a dizer-te que vai correr tudo bem. Não te preocupes com isso. Eu trato de tudo. Prometo.

A Jade trata de tudo? O que *significa* isso sequer? Como poderia alguém resolver esta situação?

Estou bastante certa de que a minha vida tal como a conheço acabou e de que o meu futuro está lixado.

33

PRESENTE

Só depois de o Dr. Beck ter voltado para o seu gabinete é que me apercebo de que a Jade assistiu a toda a nossa interação.

Viu-a da porta do seu quarto, encostada à ombreira, com uma expressão divertida no rosto. Continua com o batom esborratado e agora também o rímel o está. A luz do seu quarto está apagada e o seu rosto brilha sob as luzes ténues do corredor.

– Quer dizer – diz ela – que continuas a ver coisas.

– Não. – Estremeço. – Isso não é verdade.

– Certo… Não acabas de alucinar com uma poça de sangue no corredor, então?

Não há nada que eu possa responder a isso. Tem razão. É certo que imaginei uma poça de sangue no corredor. Parecia tão real. Mas vejo agora claramente que não está lá sangue nenhum. Nem sequer há nada que pudesse ser confundido com sangue.

Não posso acreditar que isto me está a acontecer. Não outra vez.

– E também ouves coisas – diz ela. – Não ouves?

Os meus joelhos quase cedem debaixo de mim. Desde que pus os pés nesta unidade que tenho vindo a ouvir barulhos vindos do Quarto de Isolamento Um. Barulhos que mais ninguém parece ouvir ou que não parecem incomodar ninguém. Quererá isso dizer que…?

– Devias ter procurado ajuda quando tínhamos dezasseis anos – diz a Jade. – Podias tê-lo feito. Podias ter sido honesta com todos.

– Estou bem – respondo eu debilmente. – Sim, tive… tive problemas por algum tempo. Mas passou. Talvez fosse… sei lá, hormonal.

– Hormonal! – explode a Jade. – Oh, Amy. É realmente essa a mentira que tens vindo a contar a ti mesma?

– Fala baixo…

– Não devias ter vergonha de quem és.

– Pelo menos não assaltei um banco com uma garrafa de cerveja!

A Jade arregala os olhos e, por um momento, temo ter ido longe de mais. Mas

então ela atira a cabeça para trás e ri-se.

– Oh, meu Deus, eu *sabia* que ias acabar por ler o meu processo. És tão previsível!

– Sim, bem…

Pisca-me o olho.

– Se te der uma oportunidade, acabas sempre por agir da forma errada.

– Vou tentar dormir – resmoneio. – Eu… devo estar apenas cansada e foi por isso que pensei que tinha visto o sangue.

– Sim, continua a dizer isso a ti mesma…

A Jade ainda se está a rir para consigo quando me afasto dela, de regresso à sala do pessoal. Quero desvalorizar os seus comentários, mas é difícil. Tinha tanta certeza de ter visto sangue no chão. Mas não estava lá. Não posso discutir com isso.

E também não posso contestar que não é a primeira vez que vejo algo que não estava lá.

Quando regresso à sala, as luzes estão apagadas. Franzo o sobrolho, tentando recordar se as apaguei ou não. Não, tenho a certeza de que as deixei acesas. Lembro-me de pensar para comigo que não queria regressar a uma sala escura e, por isso, fiz questão de não as apagar.

Claro que é perfeitamente possível que a Ramona tenha passado por cá e apagado as luzes. Para poupar eletricidade e tudo isso. Não quer necessariamente dizer nada.

Mas então vejo-o.

O vulto negro ao canto da sala. À minha espera. E a porta fecha-se.

Nem tenho tempo de gritar.

34

A mão do Will tapa-me a boca, quase me cortando o ar.

Pergunto-me há quanto tempo estava à minha espera nesta sala. O melhor que posso dizer é que não parece estar armado. E que, quando os seus olhos cor de avelã encontram os meus através dos óculos, não há lá qualquer malícia. Quando muito, parece tão assustado como eu.

– Por favor, não grite – pede ele. – Preciso apenas de falar consigo.

Olho-o fixamente, tentada a morder-lhe os dedos que me apertam os lábios. Finalmente, assinto com a cabeça. Enquanto ele me tira a mão trémula da boca, olho para a porta, perguntando-me quanto tempo levaria a chegar lá do sítio onde estou. Mas o Will é maior e mais rápido do que eu – podia travar-me, se quisesse.

– Peço desculpa – diz ele. – Mas precisava de falar consigo. Em privado.

– Está bem…

Lança um olhar à porta fechada e volta a olhar-me para o rosto.

– Também vi o sangue no chão.

Era a última coisa que esperava que ele dissesse.

– O quê?

– Estava *lá*. – Uma ruga profunda instala-se entre as suas sobrancelhas. – Foi exatamente como disse ao doutor Beck. O sangue escorreu por baixo da porta e eu ouvi o Miguel a fazer sons como se estivesse… sei lá… como se estivesse a *morrer* ou assim. A morrer sufocado. Como se alguém lhe tivesse cortado a garganta.

Qualquer ideia de fugir da sala voa da minha cabeça. Afundo-me no sofá, com os pensamentos a mil.

– O que aconteceu ao sangue, então?

– Aquela enfermeira, a Ramona, livrou-se dele.

Inspiro bruscamente.

– *O quê?*

– Limpou tudo enquanto a Amy ia buscar o doutor Beck – diz ele. – Vi-a fazê-lo. Apareceu a correr assim que partiu, limpou o sangue e foi-se embora antes que voltasse e o doutor Beck pudesse ver.

Sinto a cabeça à roda.

– Porque haveria ela de fazer algo assim?

O Will começa a deambular pela sala.

– Não sei. Não sei que raio se passa aqui esta noite. Sincera-mente, estou a ficar a modos que assustado.

Não sei o que pensar neste momento. Uma coisa seria o Cameron estar aqui e dizer-me que viu o sangue. Mas o que devo pensar quando a única pessoa que viu o que eu vi foi um tipo com esquizofrenia paranoide que não tem vindo a tomar a medicação? E, neste momento, o Will parece-se bastante mais com a pessoa descrita nas suas notas das Urgências. Tem o cabelo espetado e os seus olhos cor de avelã parecem desvairados.

Pára de deambular e fita-me.

– Não acredita em mim.

Brinco com o cordão das minhas calças. É hora de lhe dizer a verdade.

– Sei que não tem andado a tomar os seus medicamentos. Encontrei-os escondidos no seu exemplar de *O Estranho Mundo de Garp*.

Ele baixa os olhos.

– Oh.

– Por isso, é um pouco difícil acreditar à partida no que me está a dizer.

Lentamente, ele anui.

– Está bem, compreendo porque sente isso. Mas, sinceramente, não acho que precise desses medicamentos. As vozes… melhoraram sozinhas. Deve ter sido… enfim, uma dessas coisas.

– Uma dessas *coisas*?

– Olhe. – Cerra os dentes. – Eu *queria* tomar a medicação, está bem? Tomei-a nas Urgências, mas… faz-nos sentir mesmo mal. Não consegui lidar com ela. Os efeitos secundários…

Não sei o que responder a isso.

– Eu vi o sangue – insiste ele. – Não alucinei com ele e a Amy também não. Estava lá. Quer dizer, mesmo que não confie em mim, porque não confia *em si mesma*?

O Will fita-me intensamente, perscrutando-me o rosto em busca de respostas. Não compreende e eu não estou prestes a explicar-lhe nada sobre a minha história.

– É só que… – Esfrego as têmporas com as pontas dos dedos. – Estou cansada. Já não sei em que estou a pensar.

– Bem, vou dizer-lhe outra coisa em que talvez não tenha pensado. – Senta-se no sofá ao meu lado. – Aquele outro estudante de medicina… Como se chamava? Carter?

– Cameron…

– Certo. – Baixa um pouco a voz. – Ouvi-o gritar.

– *O quê?*

– Isso mesmo. – Os seus olhos dardejam para a porta e tem uma expressão receosa no rosto. – E foi há *horas*.

– Mas… onde?

– Ouvi-o do meu quarto – diz ele. – E depois há a parte mesmo louca… – Respira fundo. – Quando saí para o corredor para ver o que se passava, pareceu-me ver a porta do Quarto de Isolamento Um fechar-se.

Sinto-me como se alguém me tivesse acabado de dar um murro no estômago.

– O quê? Tem a certeza?

– Não, não tenho – admite ele. – Disse que me *pareceu*. Foi tudo muito rápido. Mas, se a porta desse quarto estava aberta, então…

Não tem de completar o pensamento. Se a porta do Quarto de Isolamento Um estava aberta, então Damon Sawyer saiu. E nem consigo contemplar essa possibilidade, tendo em conta o quanto o Dr. Beck nos avisou de que ele era perigoso.

– Esperava que tivesse sido tudo imaginação minha – diz o Will. – Mas, quando ele não apareceu para toda aquela situação com o Miguel, temi que algo lhe tivesse acontecido.

Recosto-me no sofá, tentando acalmar os meus pensamentos acelerados.

– O Cameron foi para casa. Teve uma emergência familiar.

– Ele disse-lhe isso?

– Não. Deixou uma mensagem no correio de voz do doutor Beck.

O Will arqueia uma sobrancelha.

– E acha que o Cameron é o tipo de pessoa que faria isso? Deixar simplesmente uma mensagem de voz e partir?

Talvez. Se algo o tivesse assustado…

– Deixe-me tentar ligar-lhe – digo eu. Salto do sofá e atravesso a sala para chegar ao telefone fixo ao canto da divisão. Claro que não sei o número do Cameron de cor, mas, felizmente, não o apaguei do meu telemóvel num acesso de raiva, apesar de me ter sentido muito tentada a fazê-lo. Abro o número no ecrã e pego no auscultador.

Não chama.

O Will está sentado no sofá, a observar-me com uma expressão neutra.

– Os telefones não funcionam – informo eu.

– Sim – diz ele. – Eu sei. Pararam de funcionar quando a luz falhou.

Maldito Miguel – porque tinha de urinar naquela tomada?

– Passa-se algo aqui – continua o Will. – Não acha?

Tenho de admitir que tem argumentos bastante fortes. Mas tenho de me lembrar de que estou a falar com um homem com esquizofrenia paranoide. Um homem que tem vindo a ouvir vozes a dizer-lhe para fazer coisas terríveis e que decidiu que não precisava de tomar a sua medicação. É *claro* que vai achar que se passa algo suspeito. Faz parte da sua doença. Mas há algum tipo de explicação racional para tudo. *Tem* de haver.

– Tenho de falar com o Cameron. – Olho para o ecrã do meu telemóvel. Naturalmente, não há rede.

– A única forma de conseguir ter rede no seu telemóvel é se sair da unidade – salienta o Will.

Tem razão. Se sair por um minuto, posso ligar ao Cameron e confirmar que ele está bem e que tudo isto não passa de uma loucura.

– Tudo bem – digo.

O Will segue-me para fora da sala do pessoal e até à porta trancada da Ala D. O corredor está tão escuro aqui que a brilhante luz verde do teclado parece quase sobrenatural. Não preciso de verificar o código, pois sei-o de cor. 347244. Tenho vindo a recitá-lo para comigo a noite inteira para o caso de precisar de sair daqui.

– Está à espera de quê? – pergunta o Will.

Está atrás de mim, a mudar o peso de um pé para o outro nas suas grossas meias brancas, sem sapatos. Abre e fecha as mãos repetidamente. Parece não conseguir parar de se mexer.

Passa-me pela cabeça que talvez tudo isto seja um truque da parte do Will. E se ele me procurou e me disse todas estas coisas só para me convencer a abrir a porta da Ala D? Porque quer sair e sabe que sou a única suficientemente estúpida para abrir a porta.

Mas não, não creio que seja isso que se passa. O Will colocou algumas questões muito boas. E, seja como for, está aqui voluntariamente. Foi ele quem foi às Urgências dizer-lhes que andava a ouvir as vozes. Se não quisesse estar aqui, não tinha de ter vindo.

Respiro fundo e introduzo o código no teclado.

35

Depois de introduzir o último algarismo do código, espero ouvir aquele alarme ruidoso e o estalido da porta ao destrancar-se. Mas, em vez disso, oiço apenas um zumbido suave.

Devo ter marcado o código errado.

Volto a introduzi-lo, desta vez tentando firmar as minhas mãos trémulas. 347244. É isso. Foi esse o código que o Dr. Beck introduziu esta manhã. Podia recitá-lo a dormir.

Só que, ao voltar a introduzi-lo, não oiço senão o mesmo zumbido suave.

O que se passa aqui?

– Não está a resultar – digo eu ao Will.

Ele passa uma mão pelo cabelo.

– De certeza que tem o código certo?

– Eu… acho que sim… – Tiro o telemóvel do bolso para verificar o código que gravei nas notas. 347244. Tento outra vez. – Suponho que está errado…

– Jesus Cristo – murmura o Will. – Isto é…

– Olhe – digo eu. – Vou falar com a Ramona. Vou perguntar-lhe pelo sangue no chão e ela dir-me-á qual é o código. Devo tê-lo percebido mal, mas… de certeza que ela o sabe.

– E confia nela?

A forma como o Will o pergunta dá a ideia de que seria uma idiota em responder na afirmativa. Mas tenho de me lembrar novamente de que a paranoia faz parte do seu diagnóstico. É claro que se vai sair com uma teoria da conspiração absurda. Quando, na realidade, há provavelmente uma explicação lógica. Quer dizer, o que é mais provável? Que a porta tenha avariado e não tenha soado o alarme quando o Cameron saiu ou que ele esteja morto ou inconsciente algures nesta unidade?

– Confio – digo eu.

– Não deixe que ela a manipule – exorta o Will, coçando a espessa barba no seu queixo. – Aquele sangue estava *lá*. Ambos o vimos.

– Certo…

Por um momento, fica parado, mas então percebe que eu não o vou deixar seguir-me enquanto falo com a Ramona. Afinal, se aparecer com ele, perderei toda a credibilidade. Dá um passo atrás, erguendo as mãos.

– Diga-me só o que descobrir.

Não lhe respondo, mas ele parece aceitar isso e afasta-se em direção ao seu quarto. Ao passar pelo Quarto de Isolamento Dois, olha para o chão, para o exato local onde ainda há pouco tempo o sangue manchava os azulejos. Estava em todo o lado e então, de repente, desapareceu.

Quero tanto que haja outra resposta que não a de que estou simplesmente louca. Talvez a Ramona me possa dar essa explicação.

Começo a dar a volta à unidade. Passo pelos dois quartos de isolamento, que estão ambos num silêncio sepulcral. Estamos a meio da noite. Está praticamente toda a gente a dormir.

Ao chegar à casa de banho do pessoal, oiço o autoclismo no interior. Solto um suspiro. Tem de ser a Ramona. E efetivamente, depois de a água correr durante tempo suficiente para uma pessoa cantar os parabéns, a Ramona sai da casa de banho.

– Amy! – Leva a mão ao peito. – Meu Deus, sobressaltou-me!

– Desculpe – murmuro eu.

Semicerrando os olhos, fita-me no corredor escuro.

– Sente-se bem? Parece um pouco…

– Estou ótima – interrompo, antes que ela possa terminar o pensamento. Nem quero saber como pareço neste momento. – Precisava só… de lhe fazer uma pergunta.

A Ramona sorri-me. Parece demasiado animada para esta hora da noite, mas suponho que está habituada aos turnos noturnos.

– Claro.

Aponto para os quartos de isolamento.

– Esteve a limpar sangue do chão do corredor?

– *Sangue?* – Parece à beira de se engasgar. – De modo algum!

Oh, meu Deus. Foi mesmo imaginação minha.

A menos que ela esteja a mentir.

– Vi alguma geleia de morango no chão – diz ela. – Bastante, na verdade. Por isso, fui buscar a esfregona para a limpar. O Miguel armou mesmo uma grande confusão, não foi?

– Geleia de morango?

– Sim. – Puxa a gola do seu pijama cirúrgico às flores. – Espalhou-a por todo o lado, não foi? Mas acho que consegui limpar o resto, graças a Deus.

Geleia de morango. Poderá realmente ter sido *geleia de morango* o que estava no chão? Não parecia decerto que o fosse. E tinha a *certeza* de ter visto o líquido fluir por baixo da porta.

Não vi?

– Achou que era *sangue*? – A Ramona desata a rir. – Oh, Amy, querida. Precisa de dormir.

Uma vaga de tonturas apodera-se de mim. Tem razão. Preciso realmente de dormir. Mas tenho um pressentimento de que, se tentar, vou apenas ficar acordada, a olhar para o teto.

– Pode… – Mudo o meu peso de um dos meus ténis para o outro. – Pode dizer ao doutor Beck que havia algo no chão e que o limpou? Quero que ele saiba que não imaginei por completo o incidente. Que não sou louca.

A Ramona semicerra os olhos.

– Quer acordar o doutor Beck a meio da noite para lhe dizer que eu limpei geleia de morango do chão?

Bem, dito dessa forma…

– Escute – digo eu. – Preciso de apanhar um pouco de ar fresco.

Ela assente, compreensiva.

– Sim, concordo.

– Mas, quando tentei o código da porta da unidade, não resultou! – Olho por cima do ombro. – Pode ajudar-me a sair? Volto já.

É mentira. Assim que essa porta se abrir, vou-me embora. Chegada a este ponto, prefiro desistir do curso de medicina a voltar aqui.

A Ramona inclina a cabeça para o lado.

– Oh, Amy, oxalá pudesse. Mas, quando o fusível fundiu, as portas reiniciaram. O código parece ter deixado de funcionar. E os telefones também avariaram. Infelizmente, é possível que estejamos aqui presos até de manhã.

Cai-me o coração aos pés.

– Não há outra maneira? Quer dizer, temos de ter uma forma de sair. E se houver um incêndio?

– Acredite, não estou nada satisfeita com isto – diz a Ramona. – Mas, com o sistema informático em baixo por esta noite devido à manutenção, não sei o que podemos fazer. Esperemos só que não haja um incêndio, certo?

Não adoro essa resposta. Mas tem razão. Se os telefones estão avariados e o código da porta reiniciou, o que podemos fazer além de esperar que a equipa da manhã chegue?

Só espero que sobrevivamos até lá.

36

Pondero não dizer nada ao Will sobre a minha conversa com a Ramona, mas desconfio que estará a deambular de um lado para o outro no seu quarto, a remoer no sangue no chão do corredor. Devo-lhe o esforço de o tranquilizar. Assim, mal acabo de falar com a Ramona, dirijo-me ao seu quarto.

Antes de bater, lanço um olhar ao quarto ao lado. O quarto 905.

O quarto da Jade. Não a vejo desde que me repreendeu por ter dito ao Dr. Beck do sangue no corredor. Pergunto-me o que pensaria das teorias do Will.

Tenho a sensação de que não lhes daria grande importância. Afinal, sabe que ele não toma a medicação.

Mal acabei de bater à porta quando o Will a abre, como se estivesse à minha espera atrás dela. Fita-me com os seus olhos raiados de sangue, o que me faz lembrar a mim mesma que ele não é inteiramente inofensivo. É um homem que ouve vozes há sabe Deus quanto tempo, que lhe têm vindo a dizer para matar pessoas. É paranoico e constrói teorias da conspiração na sua cabeça. Embora parecesse bem ao início da noite, com o passar das horas parece cada vez mais em desalinho.

Está a perder o controlo.

E, embora não seja propriamente musculado, como o Cameron, é pelo menos quinze centímetros mais alto do que eu e bastante mais forte. Mesmo sem estar armado, facilmente me poderia dominar.

Tenho de ter cuidado.

– Olá – digo eu. – Falei com a Ramona.

– Eu ouvi.

Pois claro que ouviu. Surpreender-me-ia se *não* estivesse a rondar nos corredores, a ouvir as conversas.

– Parece que era só geleia de morango, afinal. Nada que nos deva preocupar.

– Deve estar a gozar comigo. – Abana a cabeça. – *Geleia de morango?* Era *sangue*, Amy. Ambos o vimos, raios! Ela mentiu-lhe.

– Porque haveria de mentir?

– Não sei. – Passa as mãos pelo cabelo e vejo o quanto treme. – Escute, Amy…

– O que foi?

Por um momento, o Will fica parado. Parece debater-se com algum tipo de conflito interno.

– Nada. Esqueça.

– Devia ir dormir – digo-lhe eu. – É o que eu vou fazer.

Resfolega.

– Acha mesmo que vai conseguir adormecer?

Parece incrivelmente improvável.

– Bem, nesse caso, passarei simplesmente o resto da noite a ler *As Regras da Casa da Sidra*. – Hesito. – Teria adorado ler *Garp* esta noite se não o tivesse desfigurado.

Os lábios do Will curvam-se para baixo.

– Tem de saber que jamais o teria feito se não tivesse uma boa razão.

É claro que tinha uma boa razão. Não querer tomar os seus medicamentos e ficar melhor.

– Boa noite, Will – digo eu.

Lança-me um olhar demorado.

– Prometa-me que vai ter cuidado.

– É claro que vou.

Viro-me para sair, mas o Will demora-se à entrada do seu quarto. Fica a ver-me partir. Só quando estou prestes a virar a esquina é que me viro por um momento para ver se ele ainda lá está.

Só que, por alguma razão, em vez da do 906, parece ser a porta do quarto *905* a fechar-se. A do quarto da Jade.

Mas devo tê-lo imaginado. Afinal, porque haveria o Will de entrar no quarto dela?

37

OITO ANOS ANTES

Tenho um teste de História dos Estados Unidos amanhã e devia estar a estudar para ele, mas, em vez disso, estou a beber chá gelado e a ver televisão.

Quer dizer, que importa? Vou ser expulsa da escola, afinal, quer arrase ou não no exame de amanhã. Por isso, mais me vale desfrutar de um pouco de *Netflix* em vez de aprender todos os pormenores da Primeira Guerra Mundial.

– Amy? – Subitamente, a minha mãe posta-se diante de mim, fitando-me através dos seus óculos em meia-lua. – Estás bem?

Bem, vejamos. Fui apanhada a cometer fraude num exame e provavelmente vou ser expulsa. Além disso, ando a ver uma menina que não existe realmente e que não pára de me exortar a fazer coisas más. Mas, fora isso, estou absolutamente fabulosa. Obrigada por perguntares, mãe!

– Estou ótima – digo eu.

– Tens falado com a Jade? – pergunta-me ela.

– Mais ou menos – murmuro, sem tirar os olhos da televisão.

Uma ruga profunda escava-se entre as suas sobrancelhas.

– Amy, passa-se algo com a Jade? Se sim, podes dizer-me. Posso ajudar.

– Não.

Senta-se ao meu lado no sofá.

– Os anos da adolescência são um período muito difícil. Muitas raparigas têm dificuldades. E pode ser uma altura em que problemas de saúde mental vêm à tona…

Ergo bruscamente o olhar ante a referência aos problemas de saúde mental.

– Como assim?

– Amy… – A minha mãe passa um dedo pelo maxilar. – Nunca te disse isto antes, mas a mãe da Jade… tem muitos problemas de saúde mental. E esse tipo de coisa pode ser de família. Por isso, temo que a Jade…

– A Jade está ótima – corto eu, com um pouco de brusquidão a mais.

Não é mentira. Quer dizer, é certo que mudou muito nos últimos dois anos. O seu

comportamento tem vindo a tornar-se cada vez mais bizarro. Mas não é a Jade quem tem alucinações. Sou eu.

– Tens a certeza de que não há nada que me queiras dizer? – insiste a minha mãe.

Não lhe quero falar sobre nenhuma das coisas que se passam comigo. Parte de mim espera ir para a cama esta noite e que, quando acordar, tudo volte a estar melhor.

Não lhe posso dizer a verdade, ainda assim. Não quero que me olhe da forma como olha para a Jade. Se descobrir que sou eu quem anda a ter alucinações, continuará a amar-me da mesma forma? Sempre me disse o quanto se orgulha de mim e das minhas boas notas. Deixará de ter orgulho em mim quando souber a verdade.

– Não me apetece conversar – digo eu. – Preciso de um pouco de ar fresco.

Antes que a minha mãe possa protestar, pego no comando e desligo a televisão. Agarro na minha garrafa de chá gelado e saio. Espero um pouco junto à porta da frente para ver se a minha mãe me segue, mas não o faz. Não sei se devo ou não ficar desiludida.

O inverno chegou finalmente ao fim e deu lugar a um daqueles dias mesmo bonitos de primavera. O Sol desceu no horizonte e todo o céu se tingiu de tons de vermelho, laranja e amarelo. Veem? Mesmo que esteja louca, ainda posso desfrutar de um belo pôr do sol.

Até ouvir o barulho da buzina.

Viro a cabeça mesmo a tempo de ver a Jade encostar no velho *Dodge* da mãe, que está a poucas dezenas de quilómetros de se desfazer por completo. Um dos espelhos laterais está literalmente preso por um fio e não há uma só parte dos para-choques frontal e traseiro que não tenha uma amolgadela.

– Amy! – chama ela.

Limito-me a fitá-la, apertando a garrafa de chá gelado na minha mão direita.

– Amy! – Carrega na buzina com tanta força que um cão começa a ladrar na porta ao lado. – Preciso de falar contigo.

– Não tenho nada para te dizer.

– Sei que estás zangada comigo. – Enfia uma madeixa perdida de cabelo louro atrás da orelha. – Mas resolvi tudo. Fiz com que voltasse a ficar tudo bem.

Tento não revirar os olhos, mas é difícil.

– É claro que sim.

– A sério! Juro, Amy.

Os seus olhos azuis pontilhados de amarelo estão fixos em mim. Não sorri, como se estivesse a dizer uma piada. Di-lo a sério. Só que não sei como pode ter resolvido nada disto.

– Como? – pergunto finalmente.

– Entra no carro. – Aponta para o banco do passageiro. – Vou mostrar-te.

Cada fibra do meu ser me diz para não entrar no *Dodge* da Jade. Mas, ao mesmo tempo, tenho de admitir que estou curiosa. Quando a Jade decide fazer algo, é muito boa a fazê-lo acontecer.

Assim, abro a porta do lado do passageiro, subo para o carro e, antes de ter acabado sequer de apertar o cinto de segurança, ela arranca a toda a velocidade.

38

PRESENTE

Desta vez, decido ir tentar dormir para a sala dos pacientes, quando mais não seja porque o sofá parece um pouco mais confortável. Tem menos molas a projetarem-se visivelmente das almofadas. Talvez consiga dormir lá.

Há muitos quartos disponíveis vazios, com camas perfeitamente boas e até cobertores dobrados por cima. Mas não vou passar a noite num dos quartos dos pacientes. *Não* vou.

A sala dos pacientes tem uma casa de banho dentro e faço um desvio por lá. Mas, ao acender as luzes da casa de banho, quase desmaio. Não sei o que me aconteceu nas últimas horas, mas estou com um aspeto *terrível*. Parte do meu cabelo soltou-se do rabo de cavalo e as madeixas perdidas caem-me, frisadas e em desalinho, à volta do rosto. Os meus olhos estão tão raiados de sangue como os do Will e têm olheiras negras por baixo. Não admira que o Dr. Beck e a Ramona parecessem tão preocupados.

Se adormecesse num dos quartos, facilmente poderia ser confundida com uma paciente. Só me falta a pulseira.

Sinto um sobressalto de medo ante a ideia de ter essa pulseira plastificada à volta do pulso, revelando o meu nome, o meu número de registo médico e a minha data de nascimento e identificando-me como paciente do hospital. Por um vertiginoso momento, pergunto-me se não terei percebido tudo mal. E se…?

Não. Pára com isso, Amy. Pára de ter pensamentos insanos.

Ergo o pulso esquerdo. Não está lá nenhuma pulseira. Respiro fundo algumas vezes, obrigando-me a acalmar. Estou bem. Vou ficar *bem*. Só preciso de aguentar o resto da noite.

Depois de esvaziar a bexiga, borrifo o rosto com um pouco de água, apesar de não ajudar. O que preciso acima de tudo é de dormir um pouco. E de sair daqui.

Oxalá o Cameron não tivesse partido. Não acredito na teoria paranoica do Will sobre ele ter desaparecido num dos quartos de isolamento. De certeza que se limitou

a ir embora e, por alguma razão, eu não ouvi o alarme. É de longe a explicação mais lógica.

Mas, ao mesmo tempo, porque não me disse que estava de saída? Sabia o quanto eu estava assustada. Porque partiria sem sequer dizer adeus?

Há muitas coisas negativas que podia dizer sobre o Cameron. Mas não é o tipo de pessoa que faria isso.

Saio da casa de banho e dirijo-me ao sofá. Felizmente, tem um cobertor dobrado na lateral. Abro o cobertor, que é mais uma colcha e nem é suficientemente comprido para cobrir por inteiro o meu metro e sessenta de estatura. Mas é melhor do que nada.

Subo para o sofá. E, para minha surpresa, as minhas pálpebras começam a pesar-me. Talvez vá realmente adormecer. É um pequeno milagre.

Só que, no momento em que os meus olhos se começam a fechar, oiço passos.

De início, quase consigo ignorá-los. Mas então começam a soar cada vez mais alto. Até eu ficar convencida de que está alguém mesmo à porta da sala. E então os passos param.

Desço do sofá, agarrada à colcha. Olho para a porta fechada da sala.

– Olá? – chamo.

Não obtenho resposta. Naturalmente.

Furtivamente, atravesso a sala até à porta. Encosto-lhe o ouvido. Só oiço silêncio.

Levo a mão ao puxador. Demoro lá os dedos enquanto me armo de coragem para o rodar. Conto mentalmente até três e abro a porta.

O corredor junto à sala está completamente às escuras, exceto pela luz brilhante do teclado da saída trancada. Semicerro os olhos aos cantos negros, mas não vejo nenhuma figura à espreita, pronta para atacar. Não vejo nada.

– Olá? – chamo novamente. Pigarreio. – Senhor Sawyer?

Não obtenho resposta.

Não está ninguém aqui. Ninguém que possa ver, em todo o caso. Ou talvez devesse dizer ninguém que queira ser visto. Fecho a porta, desejando que tivesse uma trava. A toda a pressa, atravesso a sala até ao sofá e enterro-me debaixo da colcha.

Não vou conseguir dormir. É impossível. Por mais cansada que esteja, simplesmente não vai acontecer.

E esses são os meus últimos pensamentos antes de adormecer.

39

HORAS ATÉ DE MANHÃ: 4

Quando abro os olhos, está alguém a pairar sobre mim.

É a silhueta de um homem. O seu contorno é visível ao luar que entra pela janela. Aperto a colcha contra o peito, quase demasiado apavorada para gritar.

E então apercebo-me de quem é.

– Senhor Ludwig? – pergunto.

É o Dan-Aranha que se ergue sobre mim, aparentemente a ver-me dormir. Este homem é a pessoa mais louca da Ala D, com a possível exceção de Damon Sawyer. Retorço-me no sofá, procurando com os dedos a agulha de tricotar que ainda está enfiada no meu bolso.

– Não se preocupe – diz o Dan-Aranha, na sua voz monocórdica. – Não deixarei que ele lhe faça mal.

É então que me apercebo de que o Dan-Aranha está postado em pose de super-herói, de punhos cerrados sobre as ancas e pernas abertas. Tem uma expressão decidida no rosto.

– Está a falar de quê? – pergunto eu, com um bocejo. Não acredito que consegui adormecer. – Não vai deixar que quem me faça mal?

O Dan-Aranha não sai da sua pose.

– Damon Sawyer. Não deixarei que ele a apanhe.

– Hum – digo eu. – Obrigada. Mas acho que estou bem. Não creio que ele me queira fazer mal.

Orgulho-me do meu raciocínio lógico. Há algumas horas, uma afirmação destas ter-me-ia deixado apavorada. Mas agora, com um par de horas de sono em cima, posso ser mais realista. Damon Sawyer está trancado no Quarto de Isolamento Um. Não vai fazer mal a ninguém.

– Quer, sim – insiste o Dan-Aranha.

Espreguiço-me no sofá e uma articulação estala no meu pescoço.

– Porque acha isso?

– Porque foi o que ele me disse.

– O quê? – Quaisquer boas sensações obtidas da minha sesta desaparecem de imediato. Sim, este homem está delirante. Quer dizer, não posso confiar em alguém que acha que pode disparar teias dos pulsos. Mas está a ser horrivelmente específico. – Está a falar de quê?

– Foi ao meu quarto – explica o Dan-Aranha. – Andava à sua procura, mas eu não lhe disse onde estava. Não deixarei que ele lhe faça mal.

– Espere. – Qualquer possibilidade de alguma vez voltar a adormecer abandonou oficialmente o edifício. – Andava especificamente à minha procura?

– É a Amy, não é?

Oh, meu Deus. Estou oficialmente aterrorizada. Como pode Damon Sawyer andar à *minha* procura? Nem sequer sabe quem eu sou! A primeira vez que cá vim foi ao início da noite! Porque haveria ele de andar à minha procura?

E porque não está fechado no Quarto de Isolamento Um?

– Está trancado – digo ao Dan-Aranha.

– Não, não está – responde ele, com um olhar eloquente. – Saiu mais ao início da noite.

Oh, meu Deus. Oh, meu Deus, oh, meu Deus, oh, meu Deus.

Salto do sofá, atirando a colcha para o lado. Talvez esteja a exagerar – o Dan-Aranha não é seguramente uma fonte credível. Mas ouvi o mesmo do Will. Para não falar em todo aquele sangue no chão, que ainda não estou totalmente convencida de que fosse geleia de morango. E o barulho dentro do Quarto de Isolamento Um deu lugar a um silêncio suspeito.

Mas, antes que possa pensar nisso, um som estridente invade-me os pensamentos.

É uma mulher a gritar.

40

Tenho duas opções ao ouvir os gritos. Esconder-me ou ir ver o que se passa.

Decido ir ver. É uma escolha invulgarmente corajosa da minha parte, mas preciso de saber o que está a acontecer. E os gritos soam-me inquietantemente familiares.

É muito óbvio de onde vem o barulho. Vários pacientes reuniram-se no corredor para assistir ao espetáculo, que consiste em Mary Cummings à porta do seu quarto e a gritar a plenos pulmões. Todas as veias do seu pescoço se projetam.

– Damon Sawyer! – grita ela, fazendo voar saliva dos lábios. – Damon Sawyer!

São precisos o Dr. Beck e a Ramona para a conter. Para uma mulher de quase oitenta anos, tem certamente muita energia. Tem uma das suas agulhas de tricotar em aço apertada na mão direita e a Ramona tem de lha arrancar. Cai ao chão com um tinido e rebola para longe.

– Damon Sawyer vai matar-vos a todos! – grita ela ao seu público. – Vai fazê-lo! Vai matar cada um de vós!

Lembro-me de o Dr. Beck ter descrito este exato comportamento no início do turno. Entardecer, chamou-lhe ele – quando, ao anoitecer, um idoso fica confuso e agitado. Bem, agora estou a vê-lo na prática.

– Mary. – O Dr. Beck fala entredentes enquanto ele e a Ramona a fazem recuar para o seu quarto. – Tem de se acalmar, Mary. Por favor.

– Não! – grita ela. Dirige-se ao público que a rodeia. – Ele vai fazê-lo! Temos de o impedir! É maléfico! Um homem maléfico e sádico!

– Ramona. – O Dr. Beck vira-se para olhar para a enfermeira. – Preparou o *Ativan* intramuscular?

Ela anui.

– Vamos pô-la na cama primeiro.

– Não! – uiva a Mary. Desvairadamente, olha para a multidão e os seus olhos acabam por pousar em mim. – Amy! Amy, tem de o deter! Por favor!

Recuo, sem saber o que dizer. Olho em volta, em busca de ajuda. Clint Eastwood está nas imediações, franzindo as sobrancelhas bastas e agarrado ao saco de papel com as bolachas de água e sal como se a sua vida dependesse disso. Os meus olhos detêm-

se fugazmente no Will e na Jade, na periferia do grupo. E, estranhamente, a Jade tem a mão no ombro do Will.

– Não! – A Mary grita tão alto que as suas cordas vocais se retesam. – Por favor, não! Por favor, não façam isto!

Mas o Dr. Beck e a Ramona conseguiram conduzi-la ao quarto. A Ramona fecha a porta atrás de si e, de forma assim tão simples, o espetáculo termina.

A maioria dos pacientes arrasta-se de regresso aos seus quartos. A Jade e o Will ainda estão na periferia do grupo. Por uma fração de segundo, os olhos da Jade encontram os meus e então ela tira a mão do ombro do Will.

Foi horrivelmente estranho.

O Will e a Jade regressam aos seus quartos. Ele desaparece no 906 e ela entra no 905. Mas, mesmo depois de as portas de ambos se fecharem, continuo a olhar nessa direção. É estranho como os dois pareciam ter algum tipo de familiaridade um com o outro. A Ala D não tem sessões de grupo e nenhum deles está aqui há sequer uma semana inteira. Não há, pois, razão para se terem tornado amigos num tão curto período de tempo.

E, quando descobri que o Will não andava a tomar a medicação e falei ao Dr. Beck sobre isso, foi a Jade quem gritou comigo. Acusou-me de o trair. Só que eu nunca entendi muito bem porque se importava ela tanto com um perfeito desconhecido.

Penso no que li no processo da Jade. Foi de banco em banco, assaltando-os com uma garrafa de cerveja. Mas não estava sozinha. Segundo o processo, lançou-se na sua vaga de crimes com o namorado. Que presumivelmente terá chegado ao hospital na mesma exata altura que ela.

Na noite em que o Will deu entrada nas Urgências.

Oh, meu Deus.

O Will é o namorado da Jade.

41

OITO ANOS ANTES

Não faço ideia de para onde vamos.

A Jade guia demasiado depressa. Vai muito rápido e leva o rádio num volume ensurdecedor. Pergunto-me o que diria a Sra. Carpenter se soubesse que a Jade andava a conduzir tão depressa no seu carro. Por outro lado, duvido que a mãe da Jade se importasse.

A mãe da Jade tem muitos problemas de saúde mental.

E esse tipo de coisa pode ser hereditário.

Retorço-me no banco, ajustando o cinto de segurança, que pode ser a única coisa a impedir-me de voar pelo para-brisas se a Jade chocar contra outro carro ou uma árvore. Olho pela janela, vendo-a voar pelo bairro residencial. Não me parece de todo familiar.

– Onde vamos? – pergunto pela décima vez.

– Pára de perguntar. Estamos quase lá.

Bebo um gole do meu chá gelado. Sinto um ligeiro latejar na têmpora direita. Nunca devia ter entrado no carro. O Sol não tardará a pôr-se e a minha mãe vai *passar-se* quando vir que não estou em casa. Não fazia ideia de que íamos viajar para tão longe.

Mas então o *Dodge* trava bruscamente. Pára em frente a uma casa branca que parece já ter visto melhores dias. O exterior é feito de painéis de madeira e a tinta está gravemente lascada. O relvado em frente à casa não passa de remendos esparsos de relva moribunda. Sinto um aperto terrível no peito. Não devia ter vindo aqui.

– Chegámos! – anuncia a Jade.

Hã…

– Onde estamos? – Estico o pescoço para ver melhor a casa. – De quem é esta casa?

A Jade pisca-me o olho.

– Já vais ver.

Desce do carro e, relutantemente, sigo-a. Só que não desce o passeio em direção à

porta da frente. Em vez disso, segue pelo caminho de acesso até à entrada das traseiras. Uma porta de rede bate ao vento e ela abre-a, abrindo depois também a porta interior. Vejo-a entrar na casa.

– Anda, Amy! – Faz-me sinal para a seguir. – Aqui.

Não devia segui-la. Isto é um erro. Devia sair daqui e ir a correr para casa.

A Jade gesticula mais vigorosamente.

– Anda *lá*.

– Está bem – digo. – Mas só por um minuto.

Atravesso a relva transviada que cresceu para o caminho até à porta dos fundos. Subo os três degraus e cruzo a entrada da cozinha. E é então que percebo de quem é a casa.

Fico de boca aberta. O chá gelado de pêssego que tinha na minha mão direita cai ao chão, vertendo líquido castanho sobre os azulejos encardidos da cozinha, misturando-o com as gotas escarlates. E percebo então que nunca mais serei capaz de beber um chá gelado de pêssego. Que ficarei doente só de pensar nisso.

– Tcharã! – diz a Jade, e desata a rir.

Oh, não. Isto é pior do que eu podia ter imaginado.

42

PRESENTE

O Dr. Beck e a Ramona emergem do quarto da Mary cerca de dez minutos depois, com um ar desgastado. O cabelo da Ramona está quase solto do seu puxo e o Dr. Beck tem um longo arranhão vermelho no antebraço.

– Jesus – declara ele. – Nunca a tinha visto tão mal.

Olho para a porta fechada do quarto da Mary.

– Ela está bem?

O Dr. Beck anui.

– Está finalmente calma, graças a Deus. Não creio que nos vá dar mais problemas o resto da noite. Mas, a partir de amanhã, devia tomar uma dose mais alta de *Seroquel* ao deitar. Não precisamos de outro episódio como este.

Mordo o lábio inferior.

– Devo ir ver como está? Conversámos muito mais cedo e ela confia em mim.

– Deixe-a em paz – diz a Ramona. – Está a adormecer.

– Mas…

– Sei que está ansiosa por ajudar – intervém o Dr. Beck. – Mas, quando ficam assim, não há como argumentar com eles. Nem saberá quem é.

Isso não é verdade. Viu-me numa multidão e estava a gritar o meu nome. Sabia exatamente quem eu era.

A Ramona apanha a agulha de tricotar de aço do chão e ergue-a.

– Meu Deus, pensei que me ia espetar esta coisa no olho. Isto *não* são as agulhas para crianças que aprovámos. Como raio arranjou ela isto?

É claro que não me surpreende que a Mary tenha conseguido, de algum modo, deitar as mãos a uma verdadeira agulha de tricô e fazer a troca. É uma mulher desenvolta. Pena que tenha acabado por não compensar.

O Dr. Beck rabisca uma rápida nota, que enfia no processo, e regressa ao seu gabinete, deixando-me e à Ramona para trás. A Ramona tem a ficha da Mary aberta e está a escrever a sua própria nota.

– Ramona – digo eu. – Posso fazer-lhe uma pergunta?

– Claro – responde ela, sem erguer o olhar.

– Existem… casais entre os pacientes da unidade?

Desta vez, ela pára de escrever e fita-me.

– Está a perguntar-me se anda alguém a *enrolar-se*?

– Bem… – Lanço um olhar aos quartos 905 e 906, do outro lado do corredor, lado a lado. A proximidade ideal para uma visita noturna. – Perguntava-me só se a Carpenter e o Schoenfeld…

– Oh! – exclama ela, rindo. – Sim, esses dois estão decididamente juntos.

Uau. A Jade mentiu-me mesmo na cara. Bem, tecnicamente não mentiu, mas omitiu uma informação muito importante. Até sugeriu que eu e o Cameron fôssemos sair com ela e com o «namorado» sem se dar ao trabalho de referir quem era esse namorado.

Tanto quanto sei, pode ter sido a Jade a dar-lhe a ideia de abrir aquele buraco no livro e esconder os comprimidos lá dentro.

Claro que o Will também mentiu. Quando lhe estava a fazer perguntas, perguntei especificamente pelas suas relações e ele disse-me que não estava envolvido com ninguém. *Não é propriamente a altura ideal na minha vida para me envolver com uma mulher. Preciso de me recompor primeiro.*

Nenhum deles queria que eu soubesse que estavam juntos.

Lembro-me de, quando estava a falar com o Will no seu quarto, me parecer que havia algo que ele me queria dizer. Bem, agora sei o que era. Mas porque haveria ele de me esconder isso?

De uma coisa tenho a certeza:

Deve ter sido ideia da Jade.

43

Não há hipótese de voltar a adormecer, por isso mais me vale ir obter respostas para as minhas perguntas.

Marcho até ao quarto da Jade. Bato à porta com a palma da mão. Tenho de bater bastantes vezes antes de a Jade finalmente a abrir. Tem uma expressão divertida no rosto. Tento não visualizar o aspeto que o meu reflexo tinha no espelho.

– Olá, Amy – diz ela. – O que te traz ao bairro?

Empurro-a e entro no quarto sem pedir autorização, mas é ela quem fecha a porta atrás de mim. Continua a ter a mesma curva divertida nos lábios, apesar de a maior parte da sua maquilhagem já ter saído por esta altura.

– Nunca me disseste que o Will era teu namorado – digo eu.

Por um momento, ela fica parada, num silêncio estupefacto. E então ri-se, atirando a cabeça para trás de tal modo que consigo ver as obturações na parte de trás da sua boca. A Jade nunca foi a uma consulta no dentista em que não precisassem de lhe reparar uma cárie.

– Oh, Amy…

– Não negues. – Ponho as mãos nas ancas. – É, não é?

Ela sorri e encolhe os ombros.

– O que posso dizer? Descobriste o meu segredinho. Mas teria sido hilariante se fizéssemos uma saída a pares e eu o levasse comigo.

Faço um esgar.

– Sim, de certeza.

– E é giro, não é?

– É *perturbado*. – Franzo o sobrolho. – O Will não anda a tomar a medicação. Isso é obra tua?

– Porque haveria de a tomar? – Encolhe um ombro. – É *muito* mais divertido sem ela.

– É melhor ouvir vozes que lhe dizem para matar pessoas, então?

– Oh, vá lá! Ele não vai realmente fazê-lo.

– Não sabes isso.

Na verdade, é difícil não ver o Will de forma diferente agora que sei que não anda a tomar os comprimidos que o impedem de ter alucinações. Sem esses comprimidos, do que será ele capaz? Disse-me que ouviu o Cameron gritar e depois ele desapareceu. Mas não posso acreditar à partida em nada do que ele diz.

E se foi *ele* quem fez o Cameron desaparecer?

– Talvez devesses ter cuidado com o Will – digo eu. – As pessoas que ouvem vozes… Não se pode confiar em gente assim.

– E tu que o digas, não é?

A Jade olha-me fixamente, o mesmo sorriso escarninho ainda nos lábios. Nunca irá dar ouvidos a nada do que eu tenho para dizer. Não o fazia quando tínhamos dezasseis anos e não o fará agora. A Jade nunca quis ser ajudada. Nunca acreditou que tinha um problema e é por isso que nunca quis ficar melhor.

– Acho que o Will pode ser extremamente perigoso – digo eu. – Acho que podemos estar todos em perigo esta noite. Mas, se não queres ouvir, é contigo.

Por uma fração de segundo, a compostura da Jade foge-lhe.

– Tu… achas mesmo que ele pode ser perigoso?

– Sim, acho mesmo.

Parece estar a pensar no assunto.

– Não acredito nisso.

– Tem só cuidado com ele, Jade – digo eu. – Está bem?

Ela baixa os olhos.

– Devias ir, Amy.

Apesar de estar preocupada com a Jade, faço o que ela me pede. Afinal, não é neste momento que a vou convencer. Talvez acabe por perceber que tenho razão.

Só espero que o faça a tempo de salvar a vida.

44

HORAS ATÉ DE MANHÃ: 3

Acha que a Mary está bem? – pergunto eu à Ramona.

Está de volta à sua revista no posto de enfermagem, a folhear as páginas. Há uma fotografia enorme de um homem muito garboso de vinte e tal anos na página que ela está a ver, que me recorda o tempo que passei a estudar nos últimos dois anos, pois não faço a mais pálida ideia de quem é esse famoso galã.

– Está a dormir – diz a Ramona. – Deixe-a estar. Quer que fique outra vez toda exaltada?

Fico a pairar junto dela.

– Sim, mas, se lhe demos um monte de *Ativan*, não devíamos ir ver como está?

O *Ativan* é um sedativo. Lembro-me das aulas de farmacologia que pode causar depressão respiratória – ou seja, pode fazer com que uma pessoa pare de respirar – sobretudo em idosos. Estava *no cartão de memorização*. Tanto quanto sabemos, a Mary pode ter parado de respirar lá dentro.

– Ela está bem – diz a Ramona, lançando-me um olhar incisivo. – As instruções do doutor Beck foram para a deixarmos em paz. Não quer que volte a ficar agitada e que tenhamos de lhe dar mais *Ativan*, pois não?

Não, não quero isso. Mas podia na mesma ir ver como está e assegurar-me de que respira. Nem tenho de a acordar. Podia simplesmente entrar, assegurar-me de que o peito da Mary sobe e desce e sair.

Mas a forma como a Ramona me fita diz-me que não quer que eu o faça.

– Está bem – assinto, por fim. – Suponho que vou tentar voltar a dormir, então.

– Faça isso.

Vou a cerca de meio caminho da sala do pessoal quando me apercebo de que não poderei viver comigo mesma se não for ver como está a Mary. Gosto realmente dela e quero que viva até de manhã. Assim, vou ver como está, quer a Ramona queira, quer não.

Mas não posso deixar que a Ramona saiba. Já estou suficientemente em apuros com ela e com o Dr. Beck. Estou para aí a uma infração de uma chamada para o reitor.

Pelo que tenho de ser sorrateira em relação a isto.

Continuo a percorrer o círculo da unidade, tendo o cuidado de seguir um caminho que não passe pelo posto de enfermagem. Continuo a andar até chegar ao quarto 912. O quarto da Mary.

Vou só entrar por um segundo e assegurar-me de que respira. Depois, posso sair.

Tento ser o mais silenciosa possível ao baixar o puxador que controla a porta. Esta entreabre-se e está tudo completamente às escuras lá dentro. O mais silenciosamente possível, entro no quarto.

A Mary está embrulhada nos cobertores da cama. Mas são muitos cobertores e é difícil ver se respira ou não. Atravesso o quarto e dirijo-me à cama. Inclino-me para olhar para a Mary e…

Ela não está na cama.

Que raio?

Puxo os cobertores, já sem me dar ao trabalho de não fazer barulho. Vi um alto na cama e apercebo-me agora de que era o cachecol em que a Mary estava a trabalhar. Estava estendido e parecia a forma de uma mulher adormecida.

– Mary? – chamo.

Não obtenho resposta.

A porta da casa de banho está entreaberta e está escuro lá dentro, pelo que não me parece provável que ela esteja lá, mas verifico na mesma. Procuro dentro da casa de banho e até debaixo do lavatório, como se ela pudesse estar lá escondida. Mas não está na casa de banho. Não está em lado nenhum.

Sinto o coração a palpitar ao sair da casa de banho. Mas não tanto como quando me dou conta de que está uma silhueta à porta do quarto da Mary. Está lá um homem, à espera que eu saia da casa de banho. E, quando o faço, ele fecha a porta, fechando-nos aos dois no interior.

É o Will.

45

Não se aproxime de mim, Will. Falo a sério.

Os olhos do Will parecem buracos negros à luz ténue do luar. Apesar do meu aviso, ele dá um passo na minha direção. Eu dou um passo atrás e bato contra a porta da casa de banho.

– Will… – digo eu. – O que lhe fez? O que fez à Mary?

Ele pára abruptamente. Olha para a cama da Mary e franze o sobrolho.

– O que lhe fiz *eu*? Está a falar de quê? O que acha exatamente que eu fiz?

– Não faço ideia. – A minha voz é um arquejo rouco. – É óbvio que fez algo à Mary. E… e ao Cameron… e ao Miguel…

– Eu? – Agarra-se ao peito. – Está a falar a sério? Vim aqui para falar consigo porque não sei que diabos se passa. Porque haveria de pensar que fui *eu* que fiz isto?

Dá outro passo em frente e eu arrasto-me ao longo da parede em direção à janela. Não que vá fugir por uma janela do nono andar, mas, por alguma razão, faz-me sentir mais segura.

– Sei de tudo, Will.

– Tudo? – Lança-me um olhar perplexo. – Sabe o quê? Não compreendo. – Franze o sobrolho às minhas mãos trémulas. – Quer fazer o favor de relaxar? Não vim aqui para lhe fazer mal, por amor de Deus.

Sim, pois.

– Sei de si e da Jade. Que é sua namorada. Mentiu-me.

O seu maxilar parece estar à beira de se lhe soltar do crânio.

– Eu e a *Jade*? Refere-se àquela rapariga psicopata do quarto 905? Acha que é minha *namorada*?

– Não minta.

– Não estou a mentir! – Leva a mão ao coração. – Juro pela minha vida que a Jade *não* é minha namorada. Mal a conheço!

– Daí ela ter a mão no seu ombro mais cedo, quando estávamos no corredor?

Franze o cenho.

– Parecia perturbada por causa da Mary. O que havia eu de fazer? Enxotá-la?

– E vi-o desaparecer no quarto dela…

– Garanto-lhe – diz ele – que isso nunca aconteceu. A Jade é… É alguém de quem devemos manter a distância. Pelo que é isso que tenho vindo a fazer. Nem sei o apelido dela. Juro.

Atrás dos óculos, os olhos do Will são abertos e sinceros. Parece realmente estar a dizer a verdade.

– Desculpe – digo eu. – Mas é muito difícil acreditar em si depois de ter mentido sobre aqueles comprimidos. Quer dizer, não tomou nenhum dos antipsicóticos que lhe foram receitados. Como posso confiar em si?

– Olhe, não tomei esses comprimidos porque não preciso deles.

– Oh, a sério? Acha que não precisa de tratamento para o facto de ouvir vozes?

– Não, não preciso – diz ele, com firmeza. – Porque… eu não oiço vozes.

Resfolego.

– Compreendo. Desapareceram simplesmente sozinhas, então, é isso?

– Não, eu… – Lambe os lábios enquanto respira fundo, medindo cuidadosamente as suas próximas palavras. – Não desapareceram porque eu nunca as ouvi em primeiro lugar. Nunca ouvi vozes. Eu… menti sobre isso.

Bem, é a última coisa que eu esperava que ele dissesse.

– Perdão?

– Menti, está bem? – Coça a barba. – Li um monte de coisas sobre como é suposto um esquizofrénico paranoide agir e depois fui às Urgências e li o guião. E mandaram-me para aqui.

Olho-o fixamente.

– Porque haveria de fazer algo assim? Está louco?

– Não, *não* estou. É essa a questão. – Baixa tanto a voz que tenho de me esforçar para o ouvir. – Eis o que se passa. Não sou motorista da *Uber*. Sou jornalista. Fui abordado por um antigo paciente da Ala D com uma história sobre como sentia que os pacientes eram maltratados aqui. Mas, enfim, é difícil obter uma história clara de muitos dos pacientes de cá e eu não queria publicar um monte de alucinações de alguém. Por isso, achei que a melhor forma de obter a minha história seria vivê-la em primeira mão.

Abro a boca, mas nem sei o que dizer. Mentiu sobre ter esquizofrenia paranoide? Isso é bastante… Nem tenho palavras para o descrever.

– Dentro de alguns dias, tencionava dizer que as vozes desapareceram – diz ele. – Tipo, tomei uma droga ilegal que as acionou e agora estou bem. Era esse o meu plano, em todo o caso. Mas não está a correr da forma que eu pensava.

– Uau, acha?

– Mesmo antes desta noite, já tinha algumas questões sobre que escrever. – Olha para a porta do quarto da Mary, ainda bem fechada. – Os quartos de isolamento aqui… Não sei até que ponto tudo isso é ético. Deviam ter ao menos janelas nas portas para o pessoal os poder verificar regularmente. Não o vi acontecer, mas devia ter ouvido o tal Damon Sawyer a gritar quando o trancaram lá dentro. E o Miguel também estava a gritar que queria sair… Pelo menos, até…

Estudo-lhe as feições ao luar. Poderei acreditar no que ele me diz? Parece uma história tão insana. Quem fingiria ouvir vozes só para conseguir uma reportagem?

– Não queria dizer a ninguém a verdade sobre mim, obviamente – diz o Will. – Mas já chega. Entre o desaparecimento do Cameron, aquele sangue no chão e agora a Mary… – Os seus ombros descaem. – E, bem, é a única pessoa aqui em quem confio.

– Oxalá pudesse dizer o mesmo – murmuro eu.

– Eu sei, eu sei. – Solta um suspiro. – Oxalá tivéssemos acesso à Internet, porque então podia pesquisar por si e provar-lhe quem sou. Will Schoenfeld. Escrevo para o *The Daily Chronicle*. Estou lá há dois anos. O meu sonho é trabalhar para o *The New York Times*, mas não se chega lá a escrever artigos de encher chouriços.

– Chega-se fingindo ter esquizofrenia?

Deixa-se cair na cama.

– Como é óbvio, arrependo-me de ter feito isso. E estou a pagar o preço agora. Amy, tem de saber que algo de muito mau está a acontecer neste momento na Ala D.

Quanto a isso, está certo. Passa-se algo terrível aqui esta noite. Não faço ideia do que é, mas começo a temer seriamente que não vá sobreviver. Não estou certa de que o Cameron o tenha feito.

– Não confia na Ramona? – pergunto eu.

– Nem pensar. Quer dizer, *geleia de morango*? Ambos sabemos que o que estava no chão era sangue.

Tem razão. De todas as pessoas com quem falei, o Will é o único que está disposto a admitir que o sangue não foi uma alucinação.

– E quanto ao Dr. Beck?

Ele hesita.

– Não tenho a certeza. Mas, seja como for, não acredita que algo esteja errado aqui esta noite. Pelo que não está a *ajudar* à situação.

– Suponhamos então que *decido* acreditar em si – digo eu. – O que fazemos quanto a isto?

– Eis o que temos de fazer. – O branco dos seus olhos brilha ao luar. – Sobreviver a esta noite.

46

OWill diz que a única forma de sobrevivermos à noite é mantermo-nos juntos. O seu raciocínio é que, se não estivermos sozinhos, ficaremos seguros.

Ainda não estou inteiramente certa de confiar nele. Por outro lado, o seu plano consiste sobretudo em regressarmos ao seu quarto e passarmos o resto da noite a ler livros de John Irving. Parece-me o tipo de plano em que posso alinhar bastante facilmente.

– Ainda não posso acreditar que desfigurou o seu exemplar de *Garp* – digo eu, ao regressarmos ao quarto. – É difícil de ver.

– Eu sei. – Franze o cenho. – Mas não tive escolha. Tentei tomar a medicação… enfim, pela autenticidade. Mas não conseguia pensar como deve ser com ela.

A Jade sempre se queixou de como era difícil estar sob o efeito de antipsicóticos. Não que eu achasse que estava a inventar, mas começo a aperceber-me do que passou ao longo dos últimos oito anos. De como a doença lhe dificultou a vida. Embora continue perplexa quanto ao porquê de ter inventado uma mentira sobre o Will ser seu namorado.

– Então… – digo eu. – Algo do que me disse sobre si era verdade?

– Claro. As melhores mentiras mantêm-se perto da verdade.

– Tipo o quê?

– Bem – responde ele, pensativo. – Costumava ser realmente motorista da *Uber* quando arranjei o meu primeiro emprego manhoso num jornal *online* e o salário não dava para pagar as contas sem um trabalho complementar. Além disso, vivo mesmo sozinho e sou solteiro. E John Irving é *mesmo* o meu autor favorito.

– Leu todos os livros dele? – Estudei agora toda a pilha na sua mesa de cabeceira, que inclui ainda *Viúva por Um Ano* e *Avenue of Mysteries*.

– Claro. – Bate na armação dos seus óculos. – Acha que tenho estas lentes grossas porque não gosto de ler?

– Também sempre adorei ler. – Folheio o exemplar com as pontas dobradas de *Owen Meany*. – Quando nos mandavam ler um livro na escola, acabava-o sempre ao fim de dois dias, apesar de só nos terem mandado ler para aí dois capítulos.

– Isso só faz de si uma croma – diz ele. – Eu, por outro lado, era um *renegado* da leitura. Nas aulas, enquanto o professor ensinava a matéria, eu punha-me a ler um livro por baixo da minha carteira. Cheguei a ser posto de castigo por *ler*. O meu professor estava sempre a dizer: «Will, guarda esse livro!»

Apesar de tudo, tenho de me rir.

– Tem razão. Nunca fui uma renegada da leitura.

– Foi assim que sempre soube que queria uma carreira que envolvesse escrever – observa ele. – Sempre que lia algo realmente bom, dava-me vontade de escrever.

A paixão nos seus olhos é inconfundível. Está a ser totalmente sincero. Apostaria a minha vida nisso.

– Will, diga-me a verdade. O que acha que se passa aqui?

Os seus olhos cor de avelã toldam-se atrás das lentes.

– Sinceramente? Não sei. Mas sei isto. O Sawyer tem sido um problema desde que cá chegou. Já o tinham separado de todos os outros mesmo antes de o porem em isolamento. E desde que trancaram o Sawyer no Quarto de Isolamento Um que ouvia barulhos fortes vindos desse quarto. Mas, desde que a luz falhou… nada.

– Então…?

– Acho que deve ter conseguido sair. – Estremece. – Quando a luz foi abaixo, os fechos também se devem ter desligado. E ele aproveitou-se disso.

Tapo a boca com a mão.

– Acha que sim?

– Espero estar enganado. Porque, por aquilo que ouvi, é um homem gravemente perturbado.

Ao fechar os olhos, vejo Mary Cummings a gritar o seu nome. *Damon Sawyer vai matar-vos a todos!* E depois a insistência do Dan-Aranha em como Sawyer o tinha procurado e lhe tinha dito que me ia fazer mal.

Porque haveria ele de *me* querer fazer mal?

Estremeço.

– Não se preocupe. – Estendendo o braço, o Will pousa a mão na minha. – Nem pensar que o vou deixar aproximar-se de si. Como disse, se nos mantivermos juntos, vamos ficar bem. Não tardará a amanhecer.

Quero tanto acreditar nele. Lembro-me da minha primeira impressão do Will ao entrar no seu quarto ao início da noite. Apesar do seu diagnóstico, achei que parecia um tipo simpático e normal. Um tipo giro. O tipo de homem com quem talvez aceitasse ir jantar fora, se ele alguma vez o sugerisse. Mas as aparências iludem.

Poderei confiar nele?

– Não se preocupe – repete o Will, apertando-me a mão. – Não deixarei que nada

aconteça.

Mas tenho um pressentimento terrível de que o Will não me pode proteger de Damon Sawyer. Ninguém pode.

Tal como ninguém me pôde proteger de mim mesma quando tinha dezasseis anos.

47

OITO ANOS ANTES

Não consigo desviar o olhar do homem amarrado com fita isoladora a uma cadeira no centro da sua minúscula cozinha. Tem as mãos e as pernas atadas com a opaca fita cinzenta e uma tira a tapar-lhe a boca. Escorre-lhe suor pelo rosto e tem um dos olhos inchado. E tem sangue no couro cabeludo, misturado com os esparsos fios de cabelo penteados para cima da sua careca.

– Senhor Riordan – murmuro eu.

O Sr. Riordan geme ao ouvir o som do seu nome. O olho que não está inchado está raiado de sangue e vira-se na minha direção. Há desespero no seu olhar.

– A porta nem estava trancada! – informa alegremente a Jade. – Quer dizer, quem não tranca sequer a porta? Foi tão fácil. Claro que tudo o que ele tem aqui é um monte de tralha que nem vale a pena roubar. Por isso, talvez esperasse que alguém lhe invadisse a casa e, sei lá, a limpasse ou assim. – Dá uma risadinha. – Era isso que esperava, senhor Riordan?

Ele não responde e a Jade dá-lhe um pontapé na canela com a sua *Doc Marten*. Em resposta, ele solta um sonoro gemido.

– O que fizeste, Jade? – consigo eu perguntar.

Ela abre um sorriso prazenteiro, como se não estivesse um homem ensanguentado amarrado a sessenta centímetros de nós.

– Limitei-me a dizer-lhe que, se não fizesse o que eu mandava, o apunhalava no olho. Foi *muito* cooperante depois disso.

– Não podes achar que isto vai resolver o que quer que seja – exclamo eu, com a voz embargada. – Quer dizer, assim que o libertares, vamos ter muito mais sarilhos.

– Certo – diz ela, assentindo com a cabeça. – Só que não o vamos libertar. Vamos matá-lo.

Ante as palavras da Jade, o olho bom do Sr. Riordan arregala-se de súbito. Começa a debater-se contra a fita isoladora, apesar de não lhe servir de muito. Toda a exibição só faz a Jade rir.

– Faremos com que pareça um assalto. – Olha para a cozinha, perscrutando as superfícies com o olhar. – Bem, não teremos de levar muito. Só de desarrumar um pouco as coisas. Certifica-te de que não tocas em nada que não vás levar contigo, está bem? Temos de ter cuidado com as impressões digitais.

– Jade…

– Quer dizer, não é como se alguém fosse sentir sequer a falta dele. Não acho que tenha amigos. Não tem *decididamente* namorada.

Basta disto. Não posso deixar a Jade pensar que isto vai realmente acontecer. *Não* vamos matar ninguém, seja em que circunstância for. Agarro-lhe no braço e puxo-a para o lado.

– Isto é muito estúpido, Jade. Não vamos fazer isto.

– Não com *essa* atitude.

– Jade! – Arrisco um olhar ao Sr. Riordan, que se debate agora mais violentamente contra as amarras. Mas a Jade imobilizou-o bem. Apesar do quanto ele foi horrível para mim, sinto vontade de chorar ao ver o que ela lhe fez. – A sério, estacionaste mesmo à porta. Vamos ser apanhadas. E, mesmo que não fôssemos, não vou matar ninguém. Nem pensar.

– Certo. – Solta um resfôlego. – Não foi isso que disseste sobre fazer batota? Mas viste o teste, não viste?

Tem uma certa razão.

– Isso é diferente. Isto é muito mau, Jade. Se achas que te vou ajudar a matar alguém, perdeste realmente o juízo.

As sobrancelhas finamente depiladas da Jade arqueiam-se bruscamente.

– Bem, não seria a única, nesse caso, pois não?

Por um momento, é como se o tempo tivesse parado. Olho-a fixamente, as suas palavras a ecoar-me nos ouvidos.

– O quê?

– Não penses que não sei – silva-me ela ao ouvido. – Sei da menina que passas a vida a ver em todo o lado. Estás sempre a falar nisso. *Viste-a, Jade?* Ninguém a vê, Amy. Ninguém a não ser tu.

Abro a boca, mas tudo o que sai é um guincho.

– Não há menina nenhuma, Amy – diz ela. – Achas-te tão superior, mas acontece que és ainda mais louca do que eu. E, se não me ajudares, vou dizer a toda a gente.

Não. *Não.*

– O que achas que te vai acontecer? – Esboça-me um sorriso presunçoso. – O que achas que te vão fazer quando descobrirem que andas a ver coisas?

O ténue latejar na minha têmpora direita transformou-se num martelo

pneumático. Por um momento, fecho os olhos com força e, ao abri-los, dou-me conta de que já não estamos sozinhas. Temos uma convidada na cozinha.

É a menina do vestido rosa.

– Amy… – A rapariguinha chama o meu nome. Quero correr para ela e torcer-lhe o pescoço, mas nem sequer é real. – Amy…

Viro a cabeça na direção da menina.

– Cala-te – digo-lhe eu.

– Amy, ela tem razão – declara a rapariga, na sua voz infantil. – Tens de o matar. É a única maneira.

– Não… – sussurro.

Ela sorri-me, erguendo o rosto em forma de coração para me fitar.

– Mata-o, Amy.

– Cala-te! – grito eu.

A Jade dá um passo atrás, sobressaltada pela minha explosão. Até o Sr. Riordan se aquietou e interrompeu a sua luta contra a fita isoladora. Olho para o canto da divisão e a rapariguinha voltou a desaparecer.

– Amy – diz a Jade. Estende o braço e tenta tocar-me no ombro.

– Pára – crocito eu.

– Amy, é a única forma. Vês isso, não vês? Não queres que este sacana nos arruíne a vida, pois não?

Dou por mim a abanar a cabeça. Não. Não quero isso.

– Muito bem, então. – A Jade dirige-se à bancada da cozinha e pega numa faca de trinchar, já manchada com gotas de sangue. – Queres fazer as honras ou faço-as eu?

Sei então que a minha vida nunca mais voltará a ser a mesma.

48

PRESENTE

HORAS ATÉ DE MANHÃ: 2

Não o fiz.

Não matei o meu professor de trigonometria. Obviamente.

E também não deixei que a Jade o fizesse. Quando me tentou entregar aquela faca de trinchar, saí a correr de casa do Sr. Riordan em direção à estrada principal. Apanhei boleia para minha casa, procurei a minha mãe e desatei a chorar enquanto lhe contava tudo.

Bem, não tudo. Não lhe falei da rapariguinha loura. Mas essa menina desapareceu pouco tempo depois. E nunca mais a voltei a ver. Nunca mais voltei a ver nada que não estivesse realmente lá.

Até esta noite.

Não. Isso não é verdade. O sangue no chão era *real*. O Will também o viu.

Depois de a minha mãe ter chamado a polícia, felizmente a tempo de salvar o Sr. Riordan, a Jade foi sujeita a uma avaliação psiquiátrica e recebeu o seu diagnóstico de doença bipolar. Foi o que a salvou de ser acusada de rapto e tentativa de homicídio. Quando a voltei a ver, estava aqui mesmo, na Ala D. Estava cheia de lítio, deitada numa cama de hospital em desalinho, a olhar para o teto com uma expressão vazia.

Tentei falar com ela. Pedi-lhe desculpa por a ter denunciado e expliquei-lhe que o tinha feito para seu próprio bem. Estava a tentar *ajudá-la*. Passei quase uma hora a tagarelar enquanto ela não dizia uma palavra. Foi tão difícil ver a minha melhor amiga cheia de fármacos que a faziam parecer uma morta-viva.

Pelo menos, foi nos fármacos que eu comecei por pôr as culpas. Mas então, quando me preparava para sair, a Jade virou finalmente a cabeça na minha direção. A expressão de fúria nos seus olhos era inconfundível.

Nunca te perdoarei, disse-me ela. *Nunca.*

Ainda assim, acreditei estupidamente que ela o superaria. Eu e a Jade já tínhamos

discutido antes, mas fazíamos sempre as pazes. Voltei mais algumas vezes, mas ela passava a maior parte do tempo sem dizer uma palavra. Na última visita, sentou-se na cama, os olhos margeados de púrpura cheios de veneno.

Se voltares a vir aqui, Amy, mato-te.

E foi essa a minha última visita à Jade.

Mas tento não pensar em nada disso agora, enquanto estou sentada no quarto do Will, a tentar perder-me num livro – algo que costumava achar fácil.

Não tive muito tempo para me divertir nos últimos dois anos. Passei a maioria deles a estudar o ciclo de Krebs, montes de cartões de memorização de farmacologia e os intrincados pormenores do plexo celíaco. E, claro, a dar umas voltas com o Cameron, de vez em quando. Mas arranjava sempre tempo para ler. Sempre que pego num livro é como uma fuga. Por uma ou duas horas, posso fazer parte do mundo do livro em vez do meu, muito mais aborrecido.

Não é fácil fugir do mundo que me rodeia agora. Há uma probabilidade bem real de um homem psicótico estar neste momento às voltas do outro lado da porta. Mas o Will está sentado na sua cama a ler e eu estou na cadeira ao seu lado, também a ler; e, a cada cinco ou seis minutos, olhamos ambos para cima para confirmar que está tudo bem. E enquanto estou neste quarto, a ler este livro, é como se tudo fosse ficar bem. Afinal, faltam poucas horas para o amanhecer.

E então batem à porta.

O Will ergue bruscamente o olhar. Olha para a porta e depois para mim. Leva o indicador aos lábios e fala.

– Não estou decente! Volte mais tarde!

A voz da Jade entra por baixo da porta.

– Will, sei que a Amy está aí dentro. Vou entrar.

Inspiro bruscamente enquanto a porta se abre. A cabeça da Jade espreita para o interior e os nossos olhares cruzam-se através do quarto.

– Amy – diz ela. – Podemos falar?

Pouso o livro no colo, mas não me mexo da cadeira.

– Claro. Fala.

– Lá fora?

O Will abana enfaticamente a cabeça.

– Prefiro falar aqui dentro – digo eu.

A Jade franze o sobrolho. Há algo na sua expressão que me desorienta. Não parece a sua habitual personagem espertalhona. Na verdade, parece…

Assustada.

– *Por favor*, Amy – pede ela. – Só por um momento.

O Will continua a abanar a cabeça, mas, apesar de tudo, ainda não tenho a certeza de poder confiar nele. Afinal, conheço a Jade de quase toda a minha vida e só o conheço há menos de vinte e quatro horas. Sim, o meu instinto diz-me que posso confiar no Will. Mas não é como se o meu instinto nunca se tivesse enganado. Namorei com o Cameron, afinal.

– Volto já – digo ao Will. – Cinco minutos.

Há uma expressão cautelosa nos seus olhos ao olhar para a Jade e depois de novo para mim.

– Cinco minutos.

Saio do quarto, deixando o meu livro para trás na cadeira. Depois de eu sair, a Jade fecha a porta do quarto do Will atrás de nós. Não quer que ele oiça o que está prestes a dizer-me.

Mal deixamos o quarto, a Jade fecha os dedos sobre o meu braço e arrasta-me até ao posto de enfermagem, onde a Ramona aguarda. Têm expressões igualmente preocupadas nos rostos.

– Está bem? – pergunta-me a Ramona. – Ele tentou fazer-lhe mal?

– Não, é claro que não – digo eu.

– Estava tão preocupada! – A Jade aperta as mãos e, para minha surpresa, os seus olhos enchem-se de lágrimas. – Não te conseguia encontrar e, quando percebi que estavas com ele, tive tanto medo de que te estivesse a fazer algo terrível.

– Nada disso. – Lanço-lhe um olhar duro. – Mas disse-me que os dois não são realmente namorados.

As pestanas da Jade tremulam.

– Disse isso? A sério?

– Sim…

Estendendo o braço, ela toma-me a mão nas suas.

– Eu e o Will namoramos há *três anos*. Juro. Não compreendo porque haveria ele de dizer algo assim. Bem, até *compreendo*, na verdade. Sempre foi um mentiroso compulsivo. Que mais disparates te disse?

Abro a boca, mas não sei o que responder. O Will disse-me muitas coisas, mas nenhuma delas me pareceu mentira.

– Adora inventar empregos para parecer mais importante – diz a Jade. – Como piloto. Ou professor. Ou jornalista. Apesar de, desde que namoramos, não ter feito mais do que guiar um *Uber* de vez em quando, e a maior parte do tempo nem isso. Os pais têm vindo a dar-lhe dinheiro para se manter à tona, caso contrário acabaria na rua.

Só posso abanar a cabeça.

– Não acreditaste nele, pois não? – A Jade aperta-me a mão. – Não te sintas mal se o tiveres feito. Céus, nem te sei dizer em quantas das mentiras dele acreditei ao longo dos anos. Mas, depois de falar contigo, temi pela primeira vez que pudesse ser perigoso.

– Eu… não sei se é… – gaguejo eu.

– Como podes dizer isso? – explode a Jade. – Foste tu que me convenceste! Fez coisas terríveis aqui esta noite. Foi por isso que fui procurar a Ramona e lhe contei tudo.

– Não acho que tenha feito nada de errado – digo eu. – Ele… Acha-mos que o Damon Sawyer conseguiu sair do quarto de isolamento…

– O senhor Sawyer ainda está no Quarto de Isolamento Um – declara a Ramona. – Fui ver como estava há cerca de vinte minutos. Dorme profundamente.

Lembro-me da resposta do Will quando lhe perguntei se podíamos confiar na Ramona. *Nem pensar.*

Mas isso é irrelevante se não puder confiar nele.

– O Will é muito persuasivo quando quer – diz a Jade. – Não te sintas mal se te tiveres deixado levar.

– Não compreendem. – Olho de uma para a outra. – O Will não é perigoso. Sei o que te disse, Jade, mas…

– Amy – interrompe-me a Ramona. – Há algo que precisa de ver.

Disse ao Will que voltava em cinco minutos, mas não tenho a certeza de que vá conseguir. Ainda assim, tenho de ver o que a Ramona me quer mostrar. Embora fique com uma sensação horrível no estômago ao aperceber-me para onde ela me leva.

Ao quarto da Mary.

– Vi-o escapulir-se do quarto dela pouco depois daquele episódio de agitação – diz-me a Ramona. – E depois, mais tarde, vim ver como ela estava e foi isto que encontrei.

Abre a porta do quarto 912. Parece basicamente igual a quando o vim verificar, mais cedo. A Mary desapareceu, os lençóis continuam na cama e o cachecol está disposto de forma a quase parecer um corpo. Mas então a Ramona acende as luzes.

Oh, meu Deus.

A cama está coberta de sangue. Nem o vi quando as luzes estavam apagadas.

Cubro a boca com as duas mãos. Acho que vou vomitar. Debruço-me para a frente e começo a agoniar-me – ainda bem que não consegui comer grande coisa ao jantar esta noite.

Sinto a mão da Jade nas minhas costas. Esfrega-mas em círculos, o que a modos

que ajuda. Mas não muito. A única coisa que ajudaria, chegada a este ponto, seria *pôr-me a andar daqui*.

Endireito-me, desviando o olhar para não ter de ver todo o sangue na cama da Mary. Não sei o que lhe aconteceu, mas é impossível que esteja bem. Não com todo este sangue a ensopar os lençóis.

– Onde está ela? – arquejo.

– Deitada num dos quartos vazios limpos – diz a Ramona. – Vai ficar bem, graças a Deus, mas disse-nos que o Will a atacou com uma arma.

Solto um suspiro de alívio por ao menos a Mary ir ficar bem. Ainda não posso acreditar que o Will tenha sido capaz de lhe fazer algo assim, mas não acredito que ela fosse mentir a esse respeito.

– O Will sempre foi desequilibrado – diz a Jade, baixinho. – Mas temo que agora se tenha realmente passado. Temo o que fará a seguir.

– Temos de falar disto ao doutor Beck – continua a Ramona. – Temos de nos assegurar de que o Will não pode fazer mal a mais ninguém.

A Ramona e a Jade estão ambas a olhar para mim, à espera de ouvir o que eu tenho para dizer. Há cinco minutos, confiava no Will. Confiava nele, apesar de mal o conhecer. E agora apercebo-me de que me enganou. Teve-me o tempo todo exatamente onde queria.

Limpo os lábios às costas da mão.

– O que precisam que eu faça?

49

Quando regresso ao quarto do Will, ele pousa o seu exemplar de *Owen Meany* e fita-me.

– Foram mais do que cinco minutos.

– Eu sei. Desculpe.

– O que lhe disse ela? – pergunta ele, estreitando os lábios.

Sabia, claro, que ele me ia perguntar isto. Tenho de agir com muito cuidado.

– Estava ansiosa com tudo o que aconteceu. Queria apenas falar comigo.

– Só isso?

– Só isso.

Semicerra os olhos. O diagnóstico no seu processo é esquizofrenia paranoide, mas ele alegou que era mentira. Que estava a fingir. Em retrospetiva, porém, tudo o que disse ou fez desde que aqui estamos foi incrivelmente paranoico. Criou toda uma teoria da conspiração. Quando, na verdade, é ele o mais suspeito de todos.

– Tem as mãos a tremer – observa ele.

– É assim tão surpreendente? – replico eu, tentando controlar as minhas mãos trémulas. Não é fácil. – Quer dizer, atendendo a tudo o que se está a passar aqui…

– Sim, mas não estavam a tremer antes de sair para ir falar com a Jade. – Salta da cama, mantendo alguns passos de distância entre nós. – Sobre o que falou com ela? Diga-me a verdade.

– Já disse.

– Não acredito em si. – Agora, também as suas mãos tremem enquanto puxa a bainha da sua *T-shirt* gasta. – Olhe, sei que tudo isto é uma loucura, mas juro-lhe, Amy, tudo o que lhe disse é verdade.

Não sei o que responder a isso. Não é verdade, seja como for. Desde o primeiro momento em que falámos que ele me tem estado a mentir. E sabe-o.

– Tem de acreditar em mim. – Está de olhos arregalados. – Preciso que esteja do meu lado aqui. Não posso confiar em mais ninguém. Se não nos mantivermos juntos…

Batem-lhe à porta. Ambos nos sobressaltamos e viramos para a fitar. Sem esperar

por uma resposta, a porta abre-se. O Dr. Beck e a Ramona estão à entrada. Uma seringa projeta-se do bolso das calças da Ramona.

– Olá, Will – diz o Dr. Beck. – Tem um momento para conversar?

Toda a cor se esvai do rosto do Will. Recua contra a parede.

– Oh, não. *Não.*

– Will… – O Dr. Beck entra no quarto, o rosto franzido de preocupação. – Não há razões para ter medo.

– Por favor – diz o Will. – Eu… não quero causar problemas…

– É um pouco tarde para isso – repreende a Ramona.

O Dr. Beck dirige-se à mesa de cabeceira, à pilha de livros do Will. Percorre-os e, ao chegar ao exemplar de *Garp*, abre-o. Franze o sobrolho ao centro esvaziado com os comprimidos escondidos no interior.

– Oh, Will – murmura. – Isto é tão incrivelmente dececionante. Não quer ficar melhor?

– Eu estou bem. – O Will retorce-se. – A sério. Eu… as vozes desapareceram sozinhas. Já não as oiço. Por isso, estou bem.

O Dr. Beck inclina a cabeça para o lado.

– E o que aconteceu à Mary Cummings, Will?

O Will fica de boca aberta e abana a cabeça. Parece estar à beira de desmaiar.

– Não temos de falar sobre isso agora – diz o Dr. Beck. – Mas, de manhã, a polícia virá aqui e acredite que vamos chegar ao fundo da questão. Entretanto, temos de garantir que não faz mal a mais ninguém.

– Eu nunca… – começa o Will, com a voz embargada.

– Não podemos propriamente confiar na sua *palavra*, Will – replica a Ramona.

É então que o Will vê a seringa no seu bolso e um pânico intenso inunda-lhe o rosto. Como eu no quarto da Mary, olha pela janela, perguntando-se se seria possível fugir do nono andar. Mas, tal como eu, apercebe-se de que é inútil.

– Amy. – Apela agora antes a mim, como a Mary fez nos seus últimos momentos. Tenho uma doentia sensação de *déjà vu*. – Por favor, diga-lhes. Eu não fiz nada à Mary. Não fiz mal a ninguém. *Diga-lhes.*

Mas eu não digo nada.

O Dr. Beck acena à Ramona e avançam ambos para ele. O Dr. Beck atira-se ao braço direito e a Ramona ao esquerdo.

O Will debate-se como um louco, mas, entre os dois, conseguem deitá-lo ao chão. Mesmo depois de o terem imobilizado, continua a gritar e a resistir.

– É só um sedativo ligeiro, Will – resmoneia o Dr. Beck. – Seria muito mais fácil se pudesse só ficar quieto.

São precisos os dois para o manter imobilizado, o que significa que a Ramona não consegue chegar à seringa no seu bolso. Por cima do ombro, olha para mim.

– Amy, pode pegar na seringa? É só injetar no deltoide.

Cai-me o coração aos pés.

– Quer que seja *eu* a fazê-lo?

– Amy, não! – grita o Will. – Por favor! Eu não fiz nada! Tem de acreditar em mim!

Seria relativamente fácil fazê-lo. A seringa sai do bolso das calças da Ramona e eu teria apenas de lha espetar no braço. Estão duas pessoas a segurá-lo, pelo que não deveria ser assim tão difícil.

Só que então oiço um risinho atrás de mim.

Rodo a cabeça e é então que vejo a Jade mesmo à porta. Tem as mãos cruzadas sobre os seios e um sorriso presunçoso nos lábios. Há muito tempo que conheço a Jade e conheço essa expressão.

É então que percebo. Não tem o menor medo do Will. Mentiu-me. Mentiu à Ramona e ao Dr. Beck. Está a *gostar* disto.

– Amy? – diz a Ramona.

Engulo o nó duro na minha garganta.

– Eu… não acho que…

– Oh, por amor de Deus – resmunga a Ramona. Apoia o peso do seu joelho no braço do Will e puxa a seringa com a mão esquerda. Tira a tampa com os dentes e espeta a agulha no deltoide do Will.

O efeito não é instantâneo, pelo que a Ramona e o Dr. Beck têm de o manter imobilizado no chão. Mas, aos poucos, a luta esvai-se do seu corpo. Pára de se debater e fica lânguido no chão.

– Ramona – diz o Dr. Beck. – Por favor, ajude o senhor Schoenfeld a voltar para a cama.

Por esta altura, as pálpebras do Will estão pesadas e precisa de ajuda só para se erguer do chão e voltar a subir para a cama. Se alguma vez foi perigoso, já não é. Mas não sei se acredito que alguma vez o tenha sido.

– Amy. – A voz do Will é agora arrastada. – Não… não confie…

A Ramona assenta uma mão firme no meu ombro.

– Venha, Amy. Deixe-o dormir.

Firmemente, guia-me para fora do quarto e fecha a porta atrás de nós. Não posso deixar de me lembrar de que aconteceu exatamente o mesmo à Mary. A Ramona injetou-lhe um sedativo e deixámo-la sozinha no seu quarto. E agora ela desapareceu e tudo o que resta é o sangue nos seus lençóis.

Condenei o Will.
E o pior é que agora não resta absolutamente ninguém em quem possa confiar.

50

O Dr. Beck está sozinho no posto de enfermagem, a escrever no processo do Will. Ao ver-me aproximar, franze o cenho.

– Lamento imenso que tenha tido de passar por aquilo, Amy – diz ele.

– Pois – murmuro eu.

– Foi uma noite invulgarmente difícil. – Deixa descair os ombros. – Por favor, não pense que é sempre assim. Não quero que isto lhe tire o interesse pelo ramo da psiquiatria.

Consigo esboçar um sorriso hesitante.

– Eu já não ia seguir psiquiatria, fosse como fosse, lembra-se?

O Dr. Beck bate com a caneta na página.

– Sim, é verdade. Foi o seu colega, o Cameron, a fingir interesse.

– Doutor Beck. – Sento-me ao seu lado no posto de enfermagem. – Quando o Cameron lhe deixou aquela mensagem no seu atendedor de chamadas, como lhe pareceu?

– Já lhe disse. Parecia embargado. Acreditei certamente que tinha uma emergência familiar. – Arqueia uma sobrancelha. – Porque pergunta?

– Pareceu-lhe assustado?

Por um momento, o Dr. Beck fica a refletir na minha pergunta. Os seus olhos toldam-se enquanto olha para a porta fechada do Will e depois de novo para o meu rosto.

– Amy – diz, baixinho. – Alguma vez ouviu falar numa síndrome psiquiátrica chamada *folie à deux*?

– Hã… não…

– Também é denominada de distúrbio psicótico partilhado – continua ele. – Basicamente, é uma crença delirante, às vezes envolvendo até alucinações, partilhada por duas pessoas. Por exemplo, se ambos os membros de um casal acreditassem que o seu cão sabia falar inglês.

Pestanejo.

– Oh, não creio que…

– O Will conseguiu infelizmente convencê-la de que alguns dos seus delírios eram verdadeiros – diz o Dr. Beck. – Mas, se pensar bem, verá que nada daquilo em que ele acreditava era racional. Estava a utilizar esses delírios para justificar acontecimentos insignificantes e, em última instância, o seu próprio comportamento violento.

Olho para as mãos.

– Oh.

– Temo que a psicose do Will seja muito mais grave do que o meu colega do turno diurno me comunicou – observa ele. – Na verdade, devia ser transferido para uma instituição de muito mais alta segurança, possivelmente até para uma instituição prisional, dadas as nossas suspeitas sobre o que fez à Mary Cummings.

– Eu… compreendo.

O Dr. Beck estende o braço e põe-me uma mão no ombro.

– A noite está quase a terminar. Por favor, tente só dormir um pouco e tudo isto será resolvido. Não se preocupe com o Will. Receberá o tratamento psiquiátrico de que precisa, quer queira, quer não.

Com estas palavras de sabedoria, fecha o processo identificado com o nome SCHOENFELD e volta a enfiá-lo na prateleira. Em seguida, regressa ao seu gabinete.

Pergunto-me o que sentiria se eu lhe perguntasse se podia segui-lo até lá e passar o resto da noite escondida a um canto.

Mas, em vez disso, fico sozinha no posto de enfermagem. A Jade voltou para o seu quarto, a Ramona desapareceu algures e o Will está num sono drogado. Agora, sou só eu. E o louco que possivelmente anda a vaguear pelos corredores desde a falha de energia.

Damon Sawyer.

Fecho os olhos, recordando os sons que ouvi dentro daquele quarto ao chegar. Aqueles horríveis ruídos guturais. Ou quando Sawyer se estava a atirar contra a porta, tentando derrubá-la. Ou quando me implorou que o deixasse sair. Apesar de o mais assustador ser o silêncio. De algum modo, o homem conseguiu libertar-se das amarras que lhe prendiam os pulsos. E agora pode ter fugido do quarto.

Mas onde está ele?

Pensava que o processo de Damon Sawyer tinha sido removido do posto de enfermagem, mas apercebo-me agora de que foi apenas empurrado para o canto. Não tinha razões para o consultar quando aqui cheguei porque não acreditava que fosse vê-lo. Mas agora é a única forma de saber o que enfrento.

Preciso de saber o que fez esse homem para acabar aqui. Preciso de saber do que é capaz. Preciso de me poder defender, sobretudo agora que o Will está incapacitado.

Pego no processo, as mãos a tremer de tal modo que quase o deixo cair. Abro a capa, virando para as notas das Urgências. Tal como todas as outras fichas, tem uma nota sobre a sua admissão. Foi escrita na noite em que chegou e descreve os acontecimentos que levaram ao seu enclausuramento aqui, bem como o seu historial de saúde mental.

Ao começar a ler, uma sensação de náusea apodera-se de mim. Oh, meu Deus. Oxalá tivesse lido isto logo no início.

Isto muda absolutamente tudo.

51

Damon Sawyer é um homem de trinta e dois anos com um historial de transtorno esquizoafetivo. O transtorno esquizoafetivo é uma combinação de esquizofrenia com um transtorno do humor – neste caso, doença bipolar. No caso de Sawyer, tinha sintomas de esquizofrenia, incluindo alucinações, delírios e pensamento desorganizado, mas também mania.

Nunca tinha visto um historial psiquiátrico tão extenso. Não havia nada assim nos processos dos pacientes do Dr. Sono.

Há documentos enviados de múltiplas fontes, todos resumidos num histórico detalhado de dez páginas sobre Sawyer. Leio todas as frases, de olhos fixos no processo. A cada página que viro, fico com um entendimento melhor do homem trancado no quarto de isolamento e do porquê de todos aqui o julgarem tão incrivelmente perigoso.

A história familiar de Damon Sawyer é banal. O pai é empresário e a mãe é dona de casa. Não houve maus-tratos ou negligência registados que explicassem o facto de, em tenra idade, ter sido diagnosticado a Sawyer algo chamado transtorno de comportamento.

Apesar de não ter Internet, tenho várias aplicações médicas no meu telemóvel que não exigem esse acesso. Consulto a aplicação de psiquiatria, que me informa de que o transtorno de comportamento é um distúrbio mental diagnosticado na infância ou na adolescência que se manifesta através de um padrão persistente de roubos, mentiras e violência física. Um clássico padrão de comportamento antissocial.

No caso de Sawyer, gostava muito de atear fogos.

A partir dos dez anos, Sawyer foi sendo intermitentemente hospitalizado ao longo de vários anos na sequência de várias altercações físicas e acusações de fogo posto. Finalmente, aos quinze, ateou um incêndio que resultou em «duas baixas». Alegou terem sido vozes na sua cabeça a dizer-lhe para o fazer e, em resultado, passou os quatro anos seguintes internado num centro psiquiátrico.

Durante a sua passagem pelo centro psiquiátrico, foi-lhe feito o seu diagnóstico de transtorno esquizoafetivo, a somar ao seu transtorno de comportamento. Seria de

esperar que, após atear um fogo que matou duas pessoas, fosse encarcerado de vez, mas foi libertado aos dezanove anos, após supostamente ter sido estabilizado com medicação.

Na casa dos vinte, Sawyer debateu-se com o abuso de estupefacientes. Depois da *overdose* da mãe da Jade, aprendi como é comum as pessoas com doenças mentais terem também problemas de dependência. Sawyer passou esse tempo a oscilar entre a prisão e hospitais psiquiátricos, tendo sido apanhado múltiplas vezes por posse e tráfico de droga. Mas, pelo lado positivo, não ateou mais fogos.

Pelo menos, que se soubesse.

A nota prossegue mencionando que Sawyer foi condenado por agressão e até por tentativa de homicídio involuntário, mas que, devido ao seu extenso historial psiquiátrico, essas penas foram comutadas em estadias em hospitais psiquiátricos. Ainda assim, trata-se nitidamente de um homem muito perigoso. Nas Urgências, teve de ser contido por quatro membros do pessoal, apesar de ter acabado por acalmar o suficiente com a medicação para acharem que seria um paciente apropriado para a Ala D.

Estavam enganados.

Mas não é nada disso que é chocante. O que faz o meu coração cair-me aos pés é a história do que levou Damon Sawyer às Urgências em primeiro lugar nesta ocasião específica. Ao lê-la, tenho a certeza de que devo ter lido mal. Não pode ser o que eu penso que é. Mas, de cada vez que leio as palavras, elas dizem exatamente o mesmo.

Sawyer estava com a namorada. Estavam a beber cerveja juntos e decidiram que seria hilariante irem assaltar um monte de bancos com as suas garrafas de cerveja. Assim, foram por toda a cidade, exigindo dinheiro aos funcionários dos bancos enquanto lhes apontavam as suas garrafas de cerveja.

A Jade tem realmente um namorado. Mas esse namorado não é Will Schoenfeld, que nunca ouviu vozes nenhumas e apenas foi longe de mais para realizar o seu sonho de ser jornalista do *The New York Times*.

Não, o namorado da Jade é Damon Sawyer.

52

Tudo faz finalmente perfeito sentido.

Foi a Jade quem ajudou Sawyer a escapar do Quarto de Isolamento Um durante o apagão. Tem vindo a ajudá-lo em tudo esta noite. Incluindo enganar os restantes de nós ao fingir que o Will era seu namorado. Caí direitinha nessa armadilha.

Com um estalido, fecho o processo e afasto-o, como se fosse feito de veneno. Damon Sawyer, que tem uma lista de internamentos psiquiátricos do tamanho do meu braço, anda agora a vaguear pela Ala D. Damon Sawyer, que precisou de ser contido por quatro membros do pessoal nas Urgências.

Oh, meu Deus, o que faço?

Ergo-me do meu banco e esgueiro-me para o corredor. Olho para os dois lados, mas não está ninguém por perto. A porta do quarto 905 está fechada e a luz está apagada lá dentro. Passa-me pela cabeça que Sawyer pode estar escondido nesse quarto. Talvez tenha estado lá o tempo todo.

Temos de sobreviver a esta noite.

Foram essas as palavras de sabedoria do Will antes de a Jade me convencer a virar-me contra ele. Tinha razão. Não preciso de conseguir lutar contra Damon Sawyer. Preciso apenas de sobreviver à noite.

Bato à porta do quarto 906. Não é de admirar que não oiça ninguém a dizer-me para entrar. Mais uma vez, verifico o corredor para garantir que está vazio e entro no quarto.

As luzes estão apagadas, mas, graças a Deus, o Will continua deitado na cama. Não desapareceu e foi substituído por lençóis ensanguentados. Silenciosamente, dirijo-me à cama, onde ele está apagado. Agacho-me, agarro-lhe no ombro e dou-lhe um bom abanão.

– Will! – sussurro. – Acorde!

Não se mexe. Mas o seu peito sobe e desce. Pelo que está vivo, ao menos.

– Will! – Encosto a palma da mão ao seu esterno, que é como nos ensinaram a acordar pacientes extremamente letárgicos. – *Tem* de acordar. Estamos em graves apuros aqui.

Ele geme, mas as suas pálpebras nem tremulam. Mesmo que o consiga despertar um pouco, não ajudará. A Ramona teve o cuidado de o deixar completamente apagado. É inútil agora.

Endireito-me. Chegada a este ponto, tenho de analisar as minhas opções. E não tenho muitas.

Não posso sair da Ala D. Não sem ajuda. O código que funcionava no início do turno já não está funcional. As linhas estão em baixo, tal como os computadores. O meu telemóvel não tem rede. E o único tipo na unidade em quem podia confiar está agora inconsciente.

Só me resta uma coisa a fazer. Tenho de dizer ao Dr. Beck o que se passa. Quase de certeza que vai achar que perdi o juízo e sabe-se lá que impacto isso terá no meu percurso na faculdade de medicina. Quer dizer, já acha que eu tenho aquela coisa da *folie à deux*. Mas, ao mesmo tempo, é ele quem manda aqui. Se eu lhe disser o que a Jade anda a tramar e conseguir ser suficientemente convincente, ele pode ajudar-me.

É a minha única hipótese.

O Will dorme profundamente na sua cama, o braço direito dobrado sobre a testa. Ainda tem os óculos postos e eu tiro-lhos e pouso-os na mesa de cabeceira, junto à sua pilha de livros.

– Não morra – instruo-o eu. – Vou procurar ajuda.

Depois de sair do quarto do Will, percorro o círculo até chegar ao gabinete do Dr. Beck. Mantenho-me atenta à Ramona. A seguir à Jade, é nela que menos confio. Foi ela quem limpou aquele sangue antes que o Dr. Beck o pudesse ver e alegou ser geleia de morango quando nitidamente não era. Não sei quais são os seus motivos, mas não posso confiar nela.

Quando chego ao gabinete do Dr. Beck, a luz está, felizmente, acesa por baixo da porta. Pelo menos não tenho de o acordar ainda mais uma vez. Bato à porta e, passado um minuto, ele abre-a.

– Amy. – Não parece encantado por me ver. Não posso propriamente culpá-lo, chegados a este ponto. Se tiver de me dar uma nota, não vai ser um vinte. – O que se passa desta vez?

Enquanto caminhava até aqui, pensei no que ia dizer. A única coisa a que ele dará ouvidos neste momento será a provas objetivas, não teorias desvairadas.

– Temo pela nossa segurança em caso de emergência – digo eu.

Ele franze o cenho.

– Certo…

– Porque as linhas telefónicas estão em baixo – saliento. Não pode discutir com isso. – E, além disso, deu-se conta de que o código da porta da unidade já não

funciona? Estamos presos aqui.

O seu rosto empalidece.

– O quê? Tem a certeza?

– Absoluta. – Assinto vigorosamente. – A Ramona não lhe disse?

– Não, *não* disse. – Pragueja baixinho. – Isso é inaceitável. E se houvesse um incêndio?

– Exato! Foi o que eu disse!

– Os códigos devem ter-se reconfigurado quando a luz falhou – diz ele. – Já aconteceu uma vez.

Sinto uma vaga de alívio. Finalmente, alguém em posição de autoridade vai tomar conta da situação.

– O que fazemos, então?

– Deixe-me verificar. – O seu sorriso é quase apologético. – Desculpe, não é que não confie em si, mas…

– Tudo bem – digo.

Leva a mão ao bolso das calças e tira um molho de chaves para trancar a porta do seu gabinete. Em seguida, damos novamente a volta à unidade para chegar à saída. Faço figas com todos os dedos para que esta seja a última vez que tenho de dar esta volta.

O teclado no corredor escuro emite o seu brilho verde, como habitual. O Dr. Beck introduz o código – o mesmo que eu tenho estado a tentar. E, tal como durante as minhas tentativas, obtemos o mesmo zumbido em resposta.

– Bolas – murmura ele. – Que chatice.

– Pode resolver isto?

– Talvez…

Embora não pareça esperançoso. Nem me tinha passado pela cabeça a ideia de ele não o conseguir resolver. Afinal, o Dr. Beck é o médico-assistente. É todo-poderoso.

– Foi a manutenção a tratar disto da última vez que aconteceu. – Esfrega o queixo. – Vou procurar a Ramona para ver se tem alguma ideia.

– Não! – arquejo eu.

As suas sobrancelhas disparam-lhe até à linha do cabelo.

– Qual é o problema? A Ramona trabalha aqui há mais tempo do que eu e, a haver alguém capaz de resolver isto, é ela. É ela a especialista.

– Mas não consegue – insisto eu. – Já lhe perguntei.

Ele sacode uma mão.

– De certeza que, se juntarmos as nossas cabeças, podemos solucionar isto. Deixe-me ir buscá-la.

Fantástico. Não só não arranjei maneira de sair daqui como posso ter posto também o Dr. Beck em perigo. Começo a protestar, mas uma vaga de tonturas apodera-se de mim. É como se os acontecimentos da noite me tivessem finalmente apanhado.

– Amy? – pergunta o Dr. Beck, franzindo o sobrolho. – Sente-se bem?

– Sim… só um pouco… zonza…

Tem de me ajudar a ir para a sala do pessoal e mal consigo chegar ao sofá antes de colapsar. As minhas mãos não param de tremer.

– Não vai desmaiar, pois não? – pergunta ele.

– Não – consigo responder.

Solta um longo suspiro.

– Lamento imenso. Esta noite foi uma confusão tão grande. Deixe-me só tratar do código da porta e prometo que a devolveremos a casa inteira. Aguente-se aí.

Não quero que me deixe, mas ele sai porta fora antes de eu conseguir dizer as palavras. Suponho que a sua prioridade é garantir que temos uma saída de emergência. E sinto-me grata por estar finalmente a levar a situação a sério, apesar de temer o que está lá fora.

E se o Dr. Beck não voltar? E se desaparecer, como o Cameron?

Encosto a cabeça ao sofá e fecho os olhos. As tonturas parecem estar a diminuir, mas continuo a sentir-me inquieta. Anda um louco a vaguear pela unidade. E a Jade… Não compreendo muito bem o seu papel nisto. Mas guarda-me rancor desde o secundário.

A Jade nunca me irá perdoar. Fiz o que tinha de fazer – não foi como se tivesse opção na matéria. Não podia deixá-la matar o nosso professor de trigonometria. Mas ela nunca conseguiu ver as coisas dessa forma.

Onde está o Dr. Beck? Não devia ter já regressado por esta altura? A unidade só leva uns sessenta segundos a percorrer. Há quanto tempo desapareceu ele porta fora?

Ter-lhe-ão a Jade e a Ramona feito alguma coisa? Daí ainda não ter voltado?

Levo a mão ao bolso para tirar o meu telemóvel e ver as horas. Céus, como se fez tão tarde? Mas a noite está quase a terminar. De uma maneira ou de outra, vou sair daqui.

E então algo faz o meu coração dar um salto:

Tenho um traço de rede no meu telemóvel!

É só um traço, mas é o máximo que consegui em toda a noite. Ergo o aparelho e ele vibra-me na mão ao receber uma mensagem da Gabby. Isto é incrível! Posso pedir ajuda! Posso finalmente sair daqui!

Clico na mensagem da Gabby, que entrou há horas, pouco depois de eu lhe ter enviado uma a dizer que tinha chegado à Ala D e que o Dr. Beck era giro. Céus, as

minhas prioridades eram diferentes nessa altura. A sua mensagem de texto enche o ecrã:

Achas que o Dr. Beck é giro??? Sua tarada, o Dr. Beck tem para aí oitenta anos!!!!!

Olho para a mensagem no ecrã. O meu coração quer saltar-me do peito.

O Dr. Beck tem para aí oitenta anos!

Segundo a Gabby, que passou uma semana a trabalhar com ele, o Dr. Beck é um velho. E, se o médico assistente desta unidade é um velho, *quem diabos esteve comigo ainda agora nesta sala?*

E então o traço de rede no meu telemóvel desaparece.

53

Estou ainda mais em apuros do que pensava.

Quando eu e o Cameron chegámos à Ala D, um homem na casa dos trinta com um pijama cirúrgico e uma bata branca apresentou-se como Dr. Richard Beck, que era também o nome bordado na sua bata. Não tinha um crachá de identificação, mas não dei importância a isso, na altura. Não havia razões para pensar que fosse outra pessoa que não o Dr. Beck. E isso foi confirmado pela enfermeira, a Ramona.

O Dr. Beck tem para aí oitenta anos!

A Gabby não tinha razões para mentir. É muito evidente agora que o homem que tenho vindo a tratar como o médico assistente da unidade não é o Dr. Beck. E depois, claro, há a questão de onde está o verdadeiro Dr. Beck. Porque era ele o psiquiatra designado no plano de serviço. Terá estado aqui a dada altura?

Ainda sinto a cabeça à roda, mas obrigo-me a levantar-me. Ergo o telemóvel, rezando para conseguir um ou dois traços de rede. É só disso que preciso para poder ligar para o 112. Dirijo-me à janela, encostando o telemóvel ao vidro, como fiz antes.

– Por favor – sussurro. – Por favor… só um traço…

As minhas preces não são atendidas.

Não posso passar o resto da noite aqui, a rezar por um traço de rede. Tenho de descobrir uma forma de escapar. Porque começa a tornar-se claro que não tenho amigos na Ala D. Já não.

Mas como posso sair daqui quando as portas estão todas trancadas?

Penso nos acontecimentos da noite. Lembro-me de como as coisas mudaram quando o Miguel urinou na tomada. Apagou todas as luzes da unidade. Na altura, achei que tinha sido feito de propósito por quem estava a puxar os cordelinhos, mas agora já não tenho assim tanta certeza. Talvez tenha sido apenas o Miguel a ser louco e a apagar as luzes. Não acredito que nada disso esteja relacionado com a falha dos telefones fixos, que julgo ter sido propositada, mas a falha de energia foi real.

Se a luz voltar a falhar, desengatar-se-á o fecho da porta?

Vale a pena tentar.

Há um monte de canecas alinhado junto ao lava-loiça. Pego numa que diz «Se és

feliz e sabes disso, agradece à tua medicação». Abro a torneira e encho-a de água tépida. Em seguida, dirijo-me à tomada.

Cá vai disto.

Verto a água diretamente sobre a tomada, esforçando-me ao máximo por a atirar mesmo lá para dentro. Voam imediatamente faíscas. Estico o pescoço, olhando para as luzes do teto. Tremulam por um instante.

E depois apagam-se.

Se alguma vez tive uma hipótese, é esta. Tiro o telemóvel do bolso e ativo a função de lanterna. Aponto-a à sala até encontrar a porta. E então corro para lá.

A porta da unidade está diretamente à minha esquerda. Tudo o que tenho de fazer é agarrar no puxador e pôr-me a andar daqui. Mas, antes que possa fazê-lo, dou por mim a hesitar. Sinto o meu olhar atraído na direção dos quartos de isolamento. Nomea-damente, do Quarto de Isolamento Um.

Não queres ver o que está lá dentro?

Aponto a minha lanterna na direção do Quarto de Isolamento Um. O teclado que habitualmente brilha de verde ficou escuro. Terá sido então que Damon Sawyer escapou? Ou ainda estará no quarto, pronto para atacar quando eu abrir a porta?

E é então que me invade um pensamento terrível.

Quando alguém sai da unidade, o alarme da porta dispara. É como uma sirene – ouve-se em todo o lado. E eu não ouvi esse som nem uma vez desde que entrei na Ala D.

Supostamente, o Cameron teve uma emergência familiar e saiu da unidade. Mas, se isso fosse verdade, teríamos ouvido essa sirene ensurdecedora vinda da porta. O que significa que…

O Cameron nunca partiu.

Se tivesse cruzado essa porta, eu teria ouvido a sirene. O que significa que ainda deve estar aqui. Visto que procurei em todo o lado, só resta um lugar onde possa estar. E se está ali dentro – se, de alguma forma, Damon Sawyer o agarrou e puxou para lá – devo ao Cameron tentar salvá-lo antes que seja demasiado tarde.

Não posso sair daqui sem ver o que está atrás daquela porta. Só levará um segundo.

Estendo o braço para o puxador, que roda facilmente na minha mão. Os fechos desengataram-se, tal como eu esperava. Abro a porta, apontando a luz do meu telemóvel ao espaço escuro.

Ao olhar para dentro do quarto, tremem-me as pernas. Oh, não. Oh, meu Deus.

Nunca devia ter aberto a porta deste quarto. Devia ter fugido enquanto podia.

54

O fedor a sangue enche o Quarto de Isolamento Um.

Alguns dos meus amigos estão neste momento a fazer a sua rotação de cirurgia e, ao discutirem as cirurgias que viram, nunca referiram o cheiro a sangue. Mas este quarto está cheio dele – um cheiro acre e metálico que me ataca as narinas enquanto olho para o pequeno espaço escuro.

Há morte neste quarto.

Devia fugir. Mal sinto o cheiro a sangue, devia ser essa a minha deixa para escapar enquanto posso. Mas estou paralisada, o meu telemóvel colado à minha palma. Quero desviar o olhar, mas não consigo. Tudo o que sei é que jamais esquecerei isto, até ao dia da minha morte. Nunca deixarei de ver este quarto, nem mesmo ao fechar os olhos para dormir à noite.

O feixe da minha lanterna pousa primeiro na cama. Está lá uma mulher. Uma mulher baixa de cerca de oitenta anos. Olha fixamente para o teto, uma gota de sangue ao canto da boca. Está tão quieta.

É a Mary. Mary Cummings.

Juntou-se finalmente ao marido.

Desvio o feixe de luz do cadáver da Mary. Mas é um erro. Porque o que a luz ilumina a seguir é uma figura caída ao canto do quarto. Um homem com a estatura de um jogador de futebol, vestido com um pijama cirúrgico azul. E, quando o feixe lhe toca os olhos, estes estão a olhar fixamente para o vazio.

Tapo a boca com a mão livre.

– Cameron – sussurro. – Cam…

Também está morto. Nem tenho de verificar. Estava furiosa com ele pela forma como acabou tudo comigo, mas não queria isto para ele. Queria que sofresse um pouco e depois fosse viver a sua vida e ser cirurgião ou o que quisesse. Mas isso já nunca irá acontecer.

Quase deixo cair o telemóvel, mas, ao baixar o feixe de luz, dou-me conta de que há mais dois cadáveres no chão do quarto. A carnificina ainda não acabou.

O primeiro é de uma mulher. Não a reconheço, mas está tão imóvel como a Mary e

o Cameron. Está deitada de bruços no chão, de braços e pernas abertos à volta do corpo. Veste apenas a sua roupa interior.

E há um último cadáver.

Este é de um homem. Parece estar na casa dos setenta, com uma basta barba branca. Tal como a mulher, está também em roupa interior. Vejo um hematoma a desabrochar-lhe no ombro, de onde tentou derrubar a porta. Ao apontar-lhe a luz à cabeça, consigo distinguir a funda mossa no seu crânio.

– Pensei que estava morto da primeira vez – declara uma voz atrás de mim. – Mas não estava. Levantou-se e não parava de tentar sair do maldito quarto. Felizmente, da segunda vez que lhe bati na cabeça, obtive melhores resultados.

Viro-me, erguendo o telemóvel no ar como uma arma. E ei-lo. Mesmo à minha frente. O homem que passou toda a maldita noite a fingir ser o Dr. Beck. A fingir cuidar de todos estes pacientes quando, na realidade, não passava de um impostor.

E então as luzes voltam a acender-se. O gerador voltou a entrar em ação.

A minha hipótese de fuga foi-se. Devia ter fugido enquanto podia. Não voltarei a ter outra oportunidade como essa. Ele assegurar-se-á disso.

– É mais engenhosa do que eu pensava. – Ergue o olhar para as luzes fluorescentes do teto. – Se não tivesse sido tão curiosa, podia realmente ter conseguido fugir. Respeito, Amy. A sério.

Dou um passo atrás.

– Fique longe de mim…

– Porque tem tanto medo?

– Não sei quem é, mas sei que não é o doutor Beck.

– Tem razão. Nem sequer me apresentei. – Sorri-me e as suas covinhas brotam. É realmente bonito. Consigo perceber porque se apaixonou a Jade por ele. – Chamo-me Damon. Damon Sawyer. E é tão bom conhecê-la finalmente, Amy. Ouvi *tanto* sobre si.

55

Tenho de me agarrar à parede para me impedir de desmaiar.

Durante todo este tempo, pensei que o monstro estava no Quarto de Isolamento Um. Pensei que andava a vaguear pelos corredores, escondendo-se em cantos escuros. Mas esteve sempre mesmo à minha frente.

Passos ecoam ao fundo do corredor, cada vez mais próximos. Sobe-me a bílis à garganta ao ver a Jade e a Ramona virarem a esquina. Agora são três contra uma, não que eu tivesse qualquer hipótese contra Damon Sawyer, mesmo que estivesse sozinho.

– Encontraste-a! – O rosto da Jade abre-se num sorriso. – Onde estava?

O Damon vira-se para olhar para ela e o afeto no seu rosto é inconfundível.

– Estava a ver o quarto de isolamento. A admirar o nosso trabalho.

– O que achas, Amy? – Os olhos azuis pontilhados de amarelo da Jade pousam no meu rosto. – E achavas tu que eu nunca ia fazer nada de importante com a minha vida…

– Eu nunca disse isso – murmuro eu.

A Jade chega-se mesmo junto a mim, trespassando-me com os olhos.

– Não, nunca o disseste. Mas *pensaste*. Não é verdade?

Não está inteiramente errada.

– Jade…

– Mas desiludiste-me, Amy – observa ela. – Sempre pensei que eras muito esperta, mas não previste nada disto. Acreditaste em *mim* em vez de naquele jornalista cromo, apesar de saberes que sou uma mentirosa brilhante. – Olha para o namorado com admiração. – E o pior de tudo é que confiaste *nele*.

O Damon agarra-se ao peito.

– Ei, estás a dizer que não sou de confiança?

– É certo que fizeste uma atuação excelente – admite ela. – Suponho que aqueles livros de psicologia que estavas sempre a ler compensaram.

– Bem, obrigado.

A Jade pisca-me o olho.

– O Damon é realmente maravilhoso, Amy. Oxalá o pudesses ter conhecido num contexto diferente. Claro que isso não podia acontecer porque não querias ter nada a ver comigo fora daqui.

– Eu… lamento – consigo dizer.

Ela ignora a minha débil tentativa de pedir desculpa.

– E conhecemo-nos de forma tão interessante. Como é mesmo que lhe chamam? Um encontro afortunado? O Damon era o traficante de droga da minha mãe. Sabes como ela estava sempre agarrada aos comprimidos? Bem, era ele quem lhos costumava levar.

Não sei se chamaria a isso um encontro afortunado, mas não vou contrariá-la.

Esboça um sorriso distante.

– E foi ele quem lhe levou a mistura com que teve a *overdose*. Não fazia ideia do que estava a meter no sistema. O Damon foi tão esperto em relação a isso.

Ele sorri, mostrando as covinhas.

– Não tens de quê, querida.

Fico de boca aberta.

– Foste tu a responsável pela *overdose* da tua mãe? Como foste capaz?

O sorriso desvanece-se do rosto da Jade.

– A mulher costumava queimar-me com os cigarros. Achas que me arrependo minimamente de lhe ter dado exatamente o que merecia?

Lembro-me de como a Sra. Carpenter partiu aquele cinzeiro contra a parede. Das marcas suspeitas nos braços da Jade. Implorou-me que não dissesse a ninguém. Nunca lhe devia ter dado ouvidos.

Cometi um erro terrível. Devia ter ajudado a minha amiga, mesmo quando ela me pediu para não o fazer. Há uma pequena parte de mim que sente que mereço tudo o que está prestes a acontecer.

Mas não. Estas pessoas são monstros. O que quer que os tenha criado já aconteceu. Não posso deixar que façam mal a mais ninguém.

Recuo contra a parede, tentando decidir o meu próximo passo. Três contra um. Não gosto dessas probabilidades. Se ao menos o Will ainda estivesse consciente, teria uma hipótese. Mas sem ele…

Tenho de ganhar algum tempo. Algo que sei sobre a Jade é que gosta de falar. Provavelmente, podia mantê-la a falar até ao nascer do Sol.

– Não compreendo – digo eu. – Como… como conseguiram fazer isto? Como foi que ninguém o reconheceu?

– Foi surpreendentemente fácil – responde a Jade. – O verdadeiro doutor Beck não estava a trabalhar na unidade esta semana, pelo que a maioria dos pacientes nunca o

tinha visto antes.

O Damon aponta com a cabeça na direção do quarto cheio de cadáveres.

– E conseguimos tratar da maioria das pessoas que me reconheciam.

Pois claro. O Miguel e a Mary estavam ambos convencidos de que Damon Sawyer andava a vaguear pelos corredores muito antes de todos os outros. Felizmente para ele, nenhum dos dois era propriamente de confiança. Suponho que, se abrisse a porta do Quarto de Isolamento Dois, encontraria o corpo do Miguel lá dentro.

– Assim que o pessoal do turno de dia saiu – continua a Jade –, abri a porta do quarto de isolamento. Foi quase pateticamente fácil obter esse código. Tão fácil como dar-te o código errado. E, depois de o Damon sair, tratámos do verdadeiro doutor Beck e da Ramona.

Os meus olhos são atraídos para a mulher que, durante toda a noite, acreditei ser a Ramona. Olha criticamente para as unhas, mas, ao ver que tem a minha atenção, ergue o olhar e sorri.

– Chamo-me Nicole – diz ela. – E sou *realmente* enfermeira.

– Ou eras, até ficares doida – salienta a Jade.

A Ramona, que na realidade é Nicole, lança-lhe um olhar.

– Pediste a minha ajuda e recebeste-a.

Nicole. Era esse o nome da paciente com quem a Mary me confundiu. Lembro-me de a Mary ter dito algo sobre o Dr. Beck não a ter deixado partir.

Os meus olhos voam para o crachá de identificação preso ao pijama cirúrgico da Nicole. A foto é pequena e desfocada e, embora se pareça um pouco com a Nicole, qualquer outra mulher de meia-idade com o cabelo castanho seria provavelmente compatível.

– Não finjas que nos estavas a fazer um favor – atira a Jade à Nicole. – O teu irmão estava a tentar *internar-te*. Fizemos-te um grande favor ao deixarmos-te entrar no nosso plano. Que tal um pouco de *gratidão*, hã?

A Nicole franze o rosto. Não parece que se avizinhem quaisquer expressões de gratidão no futuro.

– *Enfim.* – A Jade revira os olhos ao virar-se de novo para mim. – Tínhamos de nos livrar do teu amiguinho Cameron, porque, encaremos os factos, é um tipo grande e os dois juntos seriam difíceis de dominar. Mas, com o fator surpresa, foi bastante fácil de derrubar. – Solta um risinho. – Devia ter passado mais tempo no ginásio e menos a estudar.

– Não te atrevas a fazer piadas sobre ele – atiro-lhe eu. – O Cam era muito boa pessoa. Não merecia isso.

– Oh, a sério? Não te deixou para estudar para um exame? – retorque a Jade.

– Além de que era um graxista insuportável – acrescenta a Nicole.

A Jade vira a cabeça para lhe lançar um olhar fulminante.

– Não precisamos que nos dês a tua opinião sobre tudo.

– Queres fazer o favor de te calares, Jade? – retorque a Nicole, de olhos a brilhar. – Passaste a noite inteira a comportar-te como se mandasses em tudo. Disse-te que a Amy estava a ficar desconfiada, mas deste-me ouvidos? É claro que não! Estás sempre a falar e nunca ouves. Sinceramente, não culpo a Amy por não te respeitar! Estás sempre…

Não sei o que a Nicole ia dizer a seguir, mas não tem oportunidade de o fazer. O Damon tira o que parece ser um pisa-papéis do bolso do seu pijama cirúrgico e bate-lhe com ele no crânio com uma força incrível. A Nicole pára de falar a meio da frase e, passado um segundo, cai ao chão. Uma pequena poça de sangue começa a formar-se à volta da sua cabeça.

Dou outro passo atrás, boquiaberta. Mal consigo respirar.

– Jesus Cristo – comenta o Damon. – Começava mesmo a irritar-me. Não admira que o irmão a quisesse internar.

A expressão da Jade não se alterou. Se o ato de violência do namorado a perturbou, tal não lhe transparece no rosto.

– Não te preocupes, Amy. Isto sempre fez parte do plano. As únicas pessoas que vão sobreviver a esta noite somos eu e o Damon. A Nicole estava só a fazer de vela.

Olho de um para o outro, tentando perceber se será possível argumentar com algum deles. A Jade – bem, já antes tentei fazê-lo. Tentei dissuadi-la de fazer algo terrível. E não resultou. Mas, por outro lado, era a minha melhor amiga. Conhecemo-nos toda a vida. Não me faria realmente mal, no fim de contas.

Pois não?

Agora que sei quem o Damon realmente é, vejo o brilho demente nos seus olhos castanhos. Até o seu cabelo adquiriu um aspeto desvairado, espetado para todos os lados em vez de impecavelmente penteado, como no início do turno. Quando soube do homem trancado no quarto de isolamento, pareceu-me que estavam a descrever um animal selvagem. E é isso que vejo ao olhar para Damon Sawyer. Um homem capaz de esmagar o crânio de uma mulher com um pisa-papéis e matá-la só porque estava a ser *irritante*.

Não, é impossível argumentar com este homem. É a Jade ou ninguém.

– Jade – digo eu. – O que quer que estejas a planear, não tens de fazer isto. Não é demasiado tarde para voltar atrás.

– Achas mesmo que não? – Aponta na direção do Quarto de Isolamento Um. – Achas realmente que não é demasiado tarde?

Tem uma certa razão.

– Sempre achaste que tinhas todas as respostas – diz ela. – Sempre achaste que eras melhor do que eu. Bem, esta noite, sou *eu* quem manda, para variar.

– Eu não sou melhor do que tu. – Falha-me a voz. – Não acho isso. Nunca achei.

– É claro que achas! – explode a Jade. – Sempre achaste! Eras tu quem tinha vinte a tudo e era a queridinha do professor, ao passo que eu era a louca. Nunca fizeste ideia de como era ser eu.

O Damon sorri.

– Talvez lhe devesses ter deitado mais alguns alucinogénios no chá gelado de pêssego.

É como se ele tivesse acabado de me bater. Por um momento, todo o meu mundo desaba à minha volta.

– *O quê?*

A Jade baixa os olhos, mas o Damon limita-se a rir.

– Vá lá, Jade. Ela vai morrer. Devias dizer-lhe ao menos o que lhe costumavas fazer. É *divertido*.

– Não foste capaz! – exclamo.

A Jade encolhe um ombro.

– Estavas sempre a beber aqueles chás gelados de pêssego. Era tão fácil deitar qualquer coisinha lá dentro se fosses à casa de banho ou… enfim.

– Oh, meu Deus. – Agarro-me às faces. – Pensava que estava a *enlouquecer*. Foste tu a drogar-me o tempo todo? Como foste capaz de me fazer isso, Jade?

– Não foi nada assim tão especial. – Espeta o lábio inferior. – Eras tão quadrada. Provavelmente, ajudou-te a descontrair um pouco. Mas não te tornou certamente mais simpática.

Não posso acreditar. Quando comecei a ver aquela rapariguinha em todo o lado, pensei que o meu cérebro estava avariado. Nunca tinha sentido tanto medo na vida. Mas, na verdade, era só a minha melhor amiga a pôr drogas no raio da bebida sem eu saber.

Mas o meu alívio tem vida curta. Continuo presa nesta unidade fechada com duas pessoas extremamente perigosas e sem saída.

– Enfim – diz o Damon, olhando para o seu relógio. – É melhor despacharmo-nos com isto. O Sol não tarda a nascer.

Sinto um aperto no coração.

– Despacharem-se com *o quê*? O que vão fazer?

A Jade ignora a minha pergunta.

– Tens razão, Damon. Vou buscar o diluente?

Diluente?

O Damon atira o pisa-papéis, manchado com o sangue da Nicole, de uma mão para a outra.

– Sinceramente, alguém suficientemente parvo para deixar uma lata de diluente numa ala psiquiátrica está mesmo a pedir para alguém reduzir o sítio a cinzas.

Lembro-me do que li no processo do Damon. O historial de fogo posto em criança. Tinha uma afinidade por atear fogos. *Duas baixas.*

– Não – murmuro. – Não vão fazer isso…

Ele pisca-me o olho.

– Não foi a Amy que disse que este sítio era um perigo em caso de incêndio?

Começo a dirigir-me a ele, mas mal dei um passo quando o Damon ergue o pisa-papéis acima da cabeça. Lembro-me da forma como o mármore bateu contra o crânio da Nicole e paraliso.

Não. Não agora. Não é este o momento.

A Jade vai atrás do posto de enfermagem e puxa um balde para fora. Começa a trautear para consigo enquanto espalha o material cáustico pelo chão. Ensopa o soalho e, por precaução, verte um bom bocado em cima do corpo da Nicole.

– Não podes fazer isto – crocito eu. – Não podes matar todas estas pessoas por estares zangada comigo. Não está certo.

– Oh, não te aches tão importante – diz-me a Jade, com um sorriso escarninho. – Isto não tem a ver contigo. Eu e o Damon queríamos começar de novo, e que melhor forma de o fazer do que reduzir a unidade psiquiátrica a cinzas e fingir que ardemos os dois? – Sorri. – Ainda que, ao ver o teu nome no plano de serviço desta semana, tenha ficado empolgada com a ideia de me divertir um pouco contigo no processo. Íamos fazê-lo ontem à noite, mas decidimos mudar os nossos planos só para ti.

– É verdade – confirma o Damon. – A Jade fez-me esperar mais uma noite inteira. Deve odiar-te mesmo.

Brota-me suor nas palmas enquanto imagino toda a unidade a incendiar-se. Imagino a temperatura a subir enquanto as chamas me lambem os pés. Ouvi dizer que ser queimado vivo é uma forma horrível de morrer.

Mas ainda não perdi a esperança. Vão ter de sair os dois da unidade se não quiserem arder com ela. Assim que saírem, posso causar outro curto-circuito no sistema elétrico. E então poderei sair.

Só que então vejo a Jade agachada no chão, a vasculhar os bolsos da Nicole. Cai-me o coração aos pés ao vê-la tirar uma seringa – do mesmo tipo que a Nicole espetou no braço do Will mais cedo.

– Não somos completamente impiedosos – diz a Jade. – Vais dormir durante todo

o processo. Vamos pôr-te a dormir e depois vais acordar morta.

Não. Oh, meu Deus, *não.*

– Damon, e se a segurasses enquanto eu lhe injeto isto? – sugere a Jade.

Ele volta a piscar-me o olho.

– Parece-me um plano.

– Por favor. – Os meus olhos enchem-se de lágrimas. – Jade, não me podes fazer isto. *Por favor.*

Ela franze-me o cenho.

– Éramos melhores amigas – lembro-lhe eu, enquanto limpo os olhos. – Isso não significa nada para ti?

– Melhores amigas – repete ela, trocista. – Por favor, Amy. Devias ter visto a repulsa na tua cara quando eu sugeri que fôssemos jantar as duas. Nem te deste ao trabalho de ir ao funeral da minha mãe. Quer dizer, sim, fui eu que a matei, mas *tu* não sabias disso. É assim que se trata uma melhor amiga?

– Desculpa! – exclamo eu. – Fui terrível para ti e admito. Mas quero mudar. Quero conhecer-te melhor. Quero que voltemos a ser melhores amigas.

O olhar da Jade suaviza-se. Talvez isto resulte. Talvez ela reconsidere mesmo o que está prestes a fazer e mude de ideias.

Mas então o Damon desata em sonoras gargalhadas.

– Jade, não estás mesmo a cair nessa treta, pois não?

Se alguma vez tivemos um momento, esse momento quebrou-se.

– Não. Não sejas estúpido. – Olha para o relógio na parede. – Vamos a isto.

Não há forma de deter isto. Sou só eu contra eles os dois. Vão pôr-me inconsciente e depois vão pegar fogo à Ala D. E não há nada que eu possa fazer em relação a isso. Talvez tivesse uma hipótese se fosse apenas a Jade, mas não tenho nenhuma contra o Damon. Os músculos retesados dos seus braços projetam-se – é muito forte. Afinal, matou a Nicole com uma só pancada na cabeça.

Não há saída.

56

Recuo pelo corredor, sabendo que não há mais nada atrás de mim a não ser a porta cujo fecho não consigo abrir. O Damon voltou a guardar o pisa-papéis no bolso e avança para mim apenas com as suas mãos nuas. O que é quanto basta, infelizmente.

– Não tornes as coisas mais difíceis para ti, Amy – diz a Jade. – Acredita, *não* queres estar acordada quando este sítio começar a arder. Estamos a fazer-te um enorme favor.

– Somos muito boas pessoas – acrescenta o Damon.

– Por favor – imploro eu. – Por favor, não façam isto.

Sinto a cabeça à roda. Entre o avanço dos dois contra mim e os vapores do diluente, é difícil pensar em condições. Bato contra algo maciço e quase tropeço. Choquei contra a porta da Ala D.

O teclado verde brilha, atormentando-me. Podia ter saído quando tive oportunidade e não o fiz. Pagarei por essa estupidez para o resto da minha vida, que será excecionalmente curta.

A Jade aperta a seringa na mão direita.

– Muito bem, agarra-lhe nos braços.

– Não! – grito eu.

O Damon começa a chegar-se para mim e eu preparo-me, jurando lutar o máximo que puder contra ele, apesar de o Will ser maior e mais forte e não ter sido capaz de se livrar dele. Posso estar condenada, mas não importa. Vou lutar na mesma.

Mas a ofensiva nunca vem. Do nada, o rosto do Damon transforma-se numa rede de linhas brancas. Grita e começa a arranhar a cara.

– Vai, teia! – grita uma voz.

Olho para a cena a desenrolar-se à minha frente. Tardo um momento a perceber o que acaba de acontecer e, quando percebo, não consigo acreditar. É o Dan-Aranha. Saiu do nada e largou uma teia feita de *fio dentário* em cima do rosto do Damon. E agora está a apertá-la, bloqueando-lhe as vias respiratórias.

O Dan-Aranha é mais forte do que aparenta. Além disso, parece que é *mesmo* possível fazer uma teia de aranha a partir de fio dentário. Não posso acreditar – o

Cameron tinha razão.

Obrigada, Cam.

– Para com isso, seu lunático! – grita a Jade.

Tenta atirar-se ao Dan-Aranha com a seringa e, se alguma vez tive um momento, é este. Com todas as minhas forças, salto para cima da Jade e derrubo-a, fazendo a seringa voar-lhe dos dedos.

O Dan-Aranha e o Damon estão embrulhados no chão e eu atiro-me à Jade com tudo o que tenho.

Mas nunca antes estive envolvida numa luta. Aposto que a Jade sim e, além disso, é extraordinariamente forte. A seringa voou para o outro lado do corredor, mas, mesmo assim, ela consegue dominar-me e apoiar o seu peso em cima de mim. Começo a desejar ser o tipo de estudante de medicina que se enchia de comida quando estava nervosa, em vez de passar fome. Davam-me jeito uns dez ou quinze quilos extra neste momento.

– Não vais sair daqui viva – silva-me a Jade para a cara, cuspindo-me perdigotos para os olhos. – Não vais sair daqui e viver a tua vida de sonho, com o teu emprego de sonho, enquanto eu apodreço num hospital psiquiátrico para o resto da vida. Não é justo!

Oiço um arquejo ao meu lado. O Dan-Aranha está em cima do Damon, a apertar-lhe a teia à volta do pescoço. Mas a Jade nem parece reparar. Está totalmente concentrada em mim. Diz que não era eu o seu alvo esta noite, mas não acredito nisso.

– Aconteça o que acontecer, esta noite acaba tudo para ti, minha menina – diz ela.

E então fecha as mãos à volta do meu pescoço.

57

Não consigo respirar.

O peso do corpo da Jade esmaga-me o abdómen e os seus dedos esmagam-me a traqueia. Estendo as mãos e tento agarrá-la, tentando arranhar-lhe o rosto, mas ela está em vantagem sobre mim e, a cada respiração que não sorvo, torna-se cada vez mais difícil.

Começo a ver manchas na minha visão. Os meus braços caem languidamente ao meu lado e dou-me conta de como seria fácil simplesmente render-me. Não é bom que esteja a pensar assim, mas não sei se tenho forças para lutar contra esta mulher.

Já a detive uma vez, ainda assim. Talvez o possa repetir.

Se ao menos tivesse uma arma.

A agulha de tricô da Mary! Ainda está no teu bolso! Apunhala-a com ela!

Tateio com a mão direita e os meus dedos fecham-se sobre a fria agulha de aço. Toda a atenção da Jade está focada no meu rosto, que parece estar a ficar azul. Mais alguns segundos e não sei se continuarei a ser capaz de pensar com clareza. Só tenho uma oportunidade de fazer isto bem.

Com todas as minhas forças, espeto a agulha de tricô na caixa torácica da Jade.

Acerto em cheio. Ela grita e sai de cima de mim, agarrada ao flanco. Ainda com a agulha na mão, subo para cima da Jade, usando o peso do meu corpo para a imobilizar. E então ergo a agulha de tricô e aproximo a ponta afiada da sua face.

– Mexes-te um centímetro – digo – e juro por Deus que te enfio esta agulha de tricotar no olho.

O rosto da Jade está rosa-vivo. Há um brilho de suor na sua testa.

– Sim, pois – responde, em voz estrangulada. – Não tens coragem para fazer uma coisa dessas.

Chego a agulha mais perto, quase a tocar-lhe o branco do olho. Ela retorce-se.

– Põe-me à prova – desafio entredentes.

Arrisco um olhar ao Dan-Aranha e ao Damon. Para meu absoluto choque, o Dan-Aranha levou a melhor a Damon Sawyer, que jaz agora inconsciente no chão de azulejo. O fio dentário deixou-lhe marcas profundas na pele. Tenho de admitir que

foi uma teia muito bem-feita.

– Eu disse-lhe que a protegia, Amy – diz-me o Dan-Aranha.

– Pois foi – reconheço eu. – Muito obrigada. Não sei como lhe agradecer.

– Faz parte do trabalho do seu amigo e vizinho Homem-Aranha – diz ele. O seu tom continua a ser monocórdico, mas poderia jurar que oiço também um laivo de orgulho.

Antes que consiga decidir ao certo como responder, oiço bater à porta da Ala D.

– Está tudo bem aí dentro? – pergunta uma voz masculina. – Ouvimos gritos.

Quase me rio do quanto não está nada tudo bem aqui dentro.

– Estamos trancados! – grito para a porta. – Ajude-nos, por favor!

O homem grita que vai buscar alguém para abrir a porta. Por mais aliviada que me sinta, não afrouxo o meu aperto sobre a Jade ou a agulha de tricô. Não confio nela nem por um segundo. É quanto bastará para ela se virar contra mim, por isso, até aquela porta se abrir, vou mantê-la debaixo de olho.

– Acabou, então – crocita ela. – Parece que ganhaste.

Limito-me a abanar a cabeça. Há pelo menos cinco mortos nesta unidade, incluindo o rapaz que costumava achar que amava. Cinco vidas interrompidas. E é, pelo menos em parte, culpa minha. Podia ter feito mais pela Jade. Como posso eu dizer que sou médica se nem fui capaz de tentar curar a minha melhor amiga?

Pode ter acabado. Mas não ganhei de certeza.

58

Não solto a agulha de tricotar nem o meu aperto sobre a Jade até ouvir o alarme e o estalido que significam que a porta da Ala D está agora destrancada.

Mal isso acontece, levanto-me e atiro a agulha para o mais longe possível. Ergo as mãos sobre a cabeça, só para jogar pelo seguro. Há muitas coisas más a acontecer aqui e não quero que ninguém fique com a ideia de que sou responsável por alguma delas.

A Jade apressa-se também a levantar-se, esforçando-se ao máximo por alisar o cabelo louro, de modo a não parecer tão desgrenhado. Teria feito bem em fazer o mesmo. Só cerca de cinco por cento do meu cabelo continua no rabo de cavalo, com o resto a pender solto à volta do meu rosto ou possivelmente espetado no ar. Mas ao menos não estou de maquilhagem esborratada, como ela.

Um homem irrompe na unidade. É um funcionário da manutenção que reconheço vagamente dos últimos dois anos, com o cabelo grisalho, uma pança suspensa sobre o seu cinto de trabalho e um crachá de identificação que diz «Chuck» em grandes letras negras. Pergunto-me se me reconhece. Provavelmente não. Há tantos alunos.

O Chuck arregala os olhos ao irromper na unidade. Olha para a Jade, com o seu cabelo louro desgrenhado e o rímel a escorrer, para mim, de mãos no ar, para o Damon, no chão e com o rosto coberto de fio dentário, e depois para o Dan-Aranha, com um ar todo orgulhoso de si mesmo.

– Que raio se passa aqui? – ladra o Chuck.

Nem sabe que isto é só a ponta do icebergue. Não viu o que está nos quartos de isolamento.

– Ela atacou-me! – A Jade limpa os olhos enquanto me fulmina com o olhar. – É maluca. Graças a Deus que nos veio salvar!

– Isso não é verdade – digo eu, numa voz calma e regular que desmente o que sinto por dentro.

O Chuck olha de uma para a outra. *Tem* de perceber que ela é a paciente e eu sou a… bem, ainda não sou médica, mas não sou decididamente uma paciente – ainda que, ao baixar os olhos para o peito, veja que o meu crachá de identificação se soltou durante a refrega.

O Chuck tem de ver que sou eu que estou lúcida.

Certo?

Finalmente, pousa os olhos em mim.

– Eu conheço-a – observa. – É a estudante de medicina que estava sempre a esquecer-se da combinação do cacifo no laboratório de anatomia.

É extremamente preciso, ainda que embaraçoso. Tive de pedir ao Chuck para me cortar o cadeado nada menos que três vezes durante o meu primeiro ano. Nunca disse que era boa a memorizar números.

– Sim – digo eu.

– Como se chama, Estudante de Medicina?

– Amy. Amy Brenner.

– Muito bem, Amy. – Esboça um aceno firme. – Quero ouvi-la a si e só a si. O que aconteceu aqui esta noite?

***

Depois de ouvir uma versão resumida da minha história e de captar um vislumbre do que está dentro do Quarto de Isolamento Um, o Chuck liga para o 112.

Vários outros membros do pessoal do hospital juntam-se a nós na Ala D para avaliar os danos e levar a Jade e o Damon sob custódia. O Damon perdeu fugazmente os sentidos, mas recupera-os quando os seguranças chegam à unidade. Ainda assim, ser estrangulado com fio dentário tirou-lhe grande parte da combatividade. Uma enfermeira cujo crachá a identifica como Hazel chama-me à parte.

– Há mais algum ferido? – pergunta.

O Dan-Aranha parece… bem, tão bem como sempre. Mas então lembro-me do Quarto de Isolamento Dois.

– Também está um paciente lá dentro. Chama-se Miguel.

Tal como na porta da entrada, também nesta o código não funciona. O Chuck tem de o reconfigurar manualmente e todos recuamos para o deixar fazer o seu trabalho. Enquanto o observo, o meu estômago revolve-se. Quais são as probabilidades de o Miguel estar perfeitamente bem ali dentro?

Assim que a porta se abre, vejo imediatamente o resto do sangue que a Nicole não conseguiu limpar. Geleia de morango – como pude *alguma vez* ter acreditado nisso? Cobre todo o chão do quarto, ainda que não consiga ver muito mais porque a equipa de emergência já se precipitou para o interior. Só mostra o quanto a Jade me andava a mexer com a cabeça para me fazer duvidar de mim mesma.

– Não tem pulsação! – anuncia alguém no interior do quarto.

Apesar de saber que tinha de ser verdade, não deixo de sentir uma vaga de tristeza.

Mais uma baixa da noite. Esperemos que a última.

Alguns pacientes saíram dos seus quartos para ver o porquê do alvoroço. Apesar de os funcionários estarem a tentar desesperadamente mantê-los lá dentro, há demasiados pacientes e o pessoal está demasiado ocupado com os cadáveres. O Clint vagueia para o exterior, esquivando-se a uma enfermeira que tenta interpor-se no seu caminho. É astuto, ele.

– Amy! – chama o Clint. Ainda segura o saco com as bolachas de água e sal.

Nem sabia que conhecia o meu nome – é confrangedor, visto que não sei o dele. Na minha cabeça, é Clint Eastwood. Tento sorrir, mas não consigo obrigar os meus lábios a cooperar.

– Devia voltar para o seu quarto, senhor.

As suas farfalhudas sobrancelhas brancas franzem-se.

– A Mary está bem?

Não tenho coragem de lhe dizer a verdade.

– Sim, vai ficar bem. Por favor, volte só para o seu quarto.

Nunca saberá a diferença. Pensará apenas que teve alta. Não há razões para saber que está morta.

– Está bem. – Remexe no saco de bolachas de água e sal e extrai uma das pequenas saquetas. – Quando a vir, pode dar-lhe isto?

Aceito a saqueta e guardo-a no bolso do meu pijama cirúrgico.

– Com certeza.

Enquanto o Clint se arrasta obedientemente de regresso ao seu quarto, ocorre-me um pensamento terrível. Olho para o quarto 906 – um dos poucos cujo paciente se manteve no quarto. Agarro na Hazel, que está à porta do Quarto de Isolamento Dois.

– Tem de ir ver o paciente do quarto novecentos e seis – digo-lhe eu, com urgência. – Drogaram-no com qualquer coisa.

A Hazel assente e apressa-se a entrar no quarto 906, sem se dar ao trabalho de bater à porta fechada. Oiço o ranger das molas da cama dentro do quarto e, passados poucos segundos, o intercomunicador soa sobre as nossas cabeças:

Código azul no quarto novecentos e seis.

Nem preciso de consultar o guia de referência na parte de trás do meu crachá de identificação, que lista o significado dos diferentes códigos de cor. Código azul significa paragem cardiorrespiratória.

Oh, meu Deus. O Will está em paragem cardiorrespiratória.

Não, outro não. Não aguento mais.

Chego-me para o lado enquanto a equipa de suporte avançado de vida corre para o quarto com um carro de emergência. Tento captar um vislumbre do interior, mas

tudo o que vejo é alguém a entubá-lo. Não é bom sinal. Passado um momento, têm-no numa maca e passam por mim a toda a velocidade, com o Will entubado. Uma enfermeira insufla-lhe manualmente ar nos pulmões com um ventilador enquanto o levam.

– Ei. – A Hazel agarra-me no braço. – Sabe o que lhe deram?

A minha boca parece quase demasiado seca para falar.

– Acho que foi *Ativan* – crocito. – Ele está… o que se passa?

Lança-me um olhar lúgubre.

– Não estava a respirar.

Passado um segundo, saem porta fora e desaparecem. Presumo que o vão levar para os Cuidados Intensivos. Mas ao menos está vivo. Tem uma hipótese de sobreviver.

Por favor, que sobreviva a esta noite.

59

Há mais de uma hora que a polícia me está a interrogar.

Em minha defesa, é uma longa história, com muitos pormenores. E, embora seja uma história muito louca, não olham para mim como se eu fosse louca. Bebem cada palavra minha e escrevem tudo o que eu digo num pequeno bloco de notas.

– Teve uma noite atribulada – comenta um agente alto e de cabelo escuro chamado Moreno.

– Sim. – As minhas mãos não pararam de tremer na última hora. Não sei se alguma vez pararão. Ainda bem que não quero ser cirurgiã. – Para onde levaram a Jade e o Damon?

– Para a prisão – diz Moreno. – Não se preocupe. Nunca mais lhe poderão fazer mal.

Claro que isso não é grande consolo depois de tudo o que já fizeram. Cinco cadáveres na unidade. E o Will nos Cuidados Intensivos, com um tubo enfiado na garganta para poder respirar.

Por cima do ombro de Moreno, vejo-os tirar uma maca do quarto de isolamento. Ao contrário de quando iam a tirar o Will da unidade, não há agora qualquer urgência. Todas as pessoas naquele quarto já estão mortas. A maca tem um corpo em cima, coberto da cabeça aos pés por um lençol branco.

Ao atingir uma racha no chão, algo cai de baixo do lençol. Tardo um segundo a perceber o que é.

É uma embalagem de *Ring Dings*.

Deve ser o Cameron debaixo dos lençóis. Devia ter adivinhado, com base na silhueta volumosa do cadáver – o antigo jogador de futebol universitário. Tapo a boca com a mão, os meus olhos a encherem-se de lágrimas. Fui tão parva para ele da última vez que falámos. Tentou estender um ramo de oliveira e eu bloqueei-o.

Em minha defesa, não me apercebi de que seria a última vez que falávamos.

E agora está morto. Nunca será cirurgião ortopédico. Nunca será *nada*. Como é possível? Só tinha vinte e quatro anos. Sim, não era perfeito, mas era um bom homem. Tudo o que queria era reconstituir as pessoas depois de se magoarem.

– Está bem? – pergunta-me Moreno.

Pondero mentir e tentar ser forte, mas em vez disso abano a cabeça.

– Não. De todo.

O meu telemóvel vibra no bolso das minhas calças. Com a porta da unidade aberta, parece que temos rede, apesar de ter estado demasiado ocupada para passar algum tempo ao telemóvel. Mais cedo ou mais tarde, terei de dizer aos outros o que aconteceu aqui, mas não estou pronta para isso. Ainda não.

Fiz uma coisa, ainda assim, quando tive um momento livre. Pesquisei pelo *The Daily Chronicle* e abri uma lista dos membros da equipa. E lá estava ele, o terceiro a contar do fim, com uma fotografia a cores. William Schoenfeld, Jornalista de Redação.

Esteve sempre a dizer a verdade.

O meu telemóvel volta a vibrar e tiro-o novamente do bolso. Tenho um monte de mensagens da Gabby, com medidas iguais de curiosidade, irritação e preocupação. Salto para a última mensagem:

Onde estás??? Está, tipo, um milhão de carros da polícia aqui!

Pigarreio.

– Ei, posso ir-me embora? A minha colega de casa está à espera lá fora e passei a noite inteira acordada.

Moreno hesita.

– Está bem, mas vou dar-lhe o meu cartão. Depois de descansar um pouco, ligue-me de imediato. Temos muito de que falar.

Não duvido.

É como se estivesse num torpor enquanto desço o corredor até aos elevadores. Ontem à noite, fiz o mesmo exato trajeto ao contrário. Era então uma pessoa totalmente diferente. É como se tivesse entrado num universo paralelo em que toda a minha vida mudou da noite para o dia.

Ao chegar ao elevador, pondero parar nos Cuidados Intensivos. Estou desesperada por saber se o Will está bem. Mas a Gabby está à minha espera lá em baixo e nem sei em que andar são os Cuidados Intensivos. Ligo quando chegar a casa. Posso até tentar visitá-lo, se conseguir ganhar coragem para voltar a pôr os pés neste edifício.

Os elevadores são tão lentos a descer como a subir. Há uma mão-cheia de pessoas no elevador, todas alheias ao que aconteceu ontem à noite no nono andar. De certeza que a maioria das pessoas sabe que algo se passou, mas os pormenores irão provavelmente emergir ao longo das próximas vinte e quatro horas. É surreal estar num espaço pequeno cheio de pessoas que não fazem ideia do que acabo de passar.

Encosto-me à lateral do elevador, apoiando a cabeça na superfície de metal. Passei

as últimas horas a funcionar à base de adrenalina, mas agora a exaustão atinge-me como uma tonelada de tijolos. Podia dormir de pé, por esta altura. Os meus olhos fecham-se e, por um momento, quase começo a adormecer, até que o meu telemóvel volta a vibrar. É uma mensagem de texto da minha mãe.

Estás ocupada este fim de semana? Pensei que podia levar-te a almoçar amanhã.

Almoçar com a minha mãe? Oh, meu Deus, parece extenuante. E, no entanto, dou por mim a responder com um:

Claro.

E depois com um:

Amo-te.

Talvez tenha sido a coisa errada a dizer. Quase de imediato, surge uma mensagem no ecrã:

Também te amo. Está tudo bem?????

E então digo à minha mãe a maior mentira que lhe contei em toda a minha vida:

Sim.

Guardo o telemóvel no bolso no preciso momento em que as portas do elevador se abrem. Cheguei ao átrio.

Sem pensar, as minhas pernas impelem-me para a frente. Continuo a andar até chegar à entrada do hospital. Perscruto a entrada até avistar o *Toyota* cinzento mesmo na lateral – o que me trouxe aqui há doze horas, apesar de parecerem doze anos. Alguém buzina à Gabby, mas ela não sai do sítio. Acena-me vigorosamente.

Dirijo-me ao *Toyota* e deslizo para o banco do passageiro sem dizer olá. A Gabby abre-me um sorriso.

– Pensei que me iam rebocar ou assim – diz ela. – Há algo de seriamente louco a acontecer no hospital. Viste todos aqueles carros da polícia?

– Suponho que sim – murmuro eu. Mais cedo ou mais tarde, a Gabby vai saber de tudo o que aconteceu ontem à noite. Saberá que o nosso colega está morto. Mas, neste momento, não quero falar mais sobre isso.

– Então, o que achaste do doutor Beck? – pergunta ela. – É bas- tante incrível, não é?

– Sim.

– Se decidir seguir psiquiatria – diz a Gabby –, quero que ele seja o meu mentor.

Enquanto roda a chave na ignição e o motor ganha vida, vasculho o bolso do meu pijama cirúrgico, desviando para o lado o pacote de bolachas de água e sal. Passado um segundo, tiro a crepitante embalagem de plástico que apanhei sub-repticiamente do chão da Ala D mesmo antes de partir.

– *Ring Dings*! – exclama a Gabby. – Os teus favoritos! Onde os arranjaste?

– O Cam trouxe-os – murmuro eu. – Ele, hã… trocou com a Stephanie para estar de serviço esta noite.

– Oh, uau – suspira ela. – Sabes, cruzei-me com ele na semana passada e ele perguntou-me se havia alguma hipótese de o aceitares de volta. Disse-lhe que nem pensar. Que o *odiavas*.

Uso os dentes para rasgar a embalagem de plástico.

– Oh…

– Mas tenho estado a pensar e ele não é assim tão mau – diz ela. – Quer dizer, é um idiota, claro. Mas gosta muito de ti. Achas que serias capaz de voltar para ele?

Ignoro a pergunta enquanto o plástico se rasga sob os meus dentes. Acabo de rasgar o saco.

– Queres um destes?

– Claro. Nunca digo não a bolo de chocolate.

Passo-lhe um dos dois bolos de chocolate enquanto dou uma dentada no meu. Fecho os olhos, mastigando a mistura de creme e chocolate. É o último *Ring Ding* que alguma vez comerei.

Epílogo

UM ANO DEPOIS

Consegui chegar inteira ao fim do meu terceiro ano da faculdade de medicina. Por pouco.

Quando o ano começou, as probabilidades estavam contra mim. Não achava que, em julho do ano seguinte, fosse estar sentada à mesa do canto de um *Starbucks*, a beber um *iced dirty chai tea latte*. Há um ano, nem sabia o que isso era. Foi o meu namorado que mos apresentou e agora estou estranhamente viciada. Talvez tenha de me juntar a um grupo de apoio se alguma vez os quiser deixar.

Bebo um gole da minha bebida. Isto é bom. Ainda melhor do que chá gelado de pêssego. Mas não melhor do que *Ring Dings*.

Pouso a minha bebida e ergo a mão quando o meu companheiro de café entra pela porta. O culpado da minha dependência. Will Schoenfeld.

Os olhos cor de avelã do Will iluminam-se ao ver-me, e ergue a mão em saudação. Está muito giro hoje, com a sua *T-shirt* da *Columbia* e umas calças de ganga largas, o cabelo despenteado na medida certa pelo vento lá fora. Nem dá para perceber que, há um ano, passou uma noite nos Cuidados Intensivos, a recuperar de uma *overdose* de *Ativan*. Há já quatro meses que andamos juntos e tivemos recentemente uma conversa em que perguntámos um ao outro se éramos realmente namorados ou apenas algo casual. E decidimos que sim, somos realmente namorados. Pelo que é aí que estamos agora.

– Pediste um para mim? – pergunta ele, deslizando para a cadeira à minha frente.

– Quer-me parecer que podes muito bem pedir a tua própria bebida – brinco eu.

Ele ri-se. Rimo-nos muito juntos, mas não foi assim que a nossa relação começou. Bem, na verdade, começou naquela noite na Ala D, mas depois disso o Will escreveu sobre a sua experiência para o *The Daily Chronicle* e passámos muito tempo a reconstituir os acontecimentos dessa noite para o seu artigo de fundo. Tendo em conta que o puseram inconsciente antes da empolgante conclusão, precisou que eu o ajudasse a recriar tudo o que aconteceu, o que me ajudou também a lidar com isso.

Passou ainda uma eternidade a entrevistar todos os outros pacientes que estavam no hospital nessa noite, apesar de, ao que parece, nunca ter conseguido localizar o paciente original que o inspirou a investigar a Ala D em primeiro lugar.

Admitiu mais tarde que não precisava de me ligar *tantas* vezes. Mas tínhamos muito em comum – John Irving era apenas a ponta do icebergue cromo de livros, filmes e séries de televisão que ambos adoramos – e eu gostava de passar tempo com ele. A sua amizade significou muito para mim durante um período difícil.

Esperou muito tempo antes de tentar transpor essa amizade para o nível seguinte. Passei meses a ter pesadelos com aquela noite horrível. E semanas sem conseguir parar de chorar depois do funeral do Cameron. Não estava mentalmente em condições de iniciar uma relação e ele sabia.

Esperou até depois de o seu artigo ter sido publicado por praticamente todos os jornais do país e de andar toda a gente a falar sobre aquela noite insana na ala psiquiátrica. Só na primavera é que sugeriu que talvez, em vez do almoço que tínhamos planeado, pudéssemos ir antes jantar e ver um filme. Pagava ele.

Não me arrependo de ter aceitado.

– Então, como vai o livro? – pergunto-lhe eu.

– Muito bem – responde ele. – Vou mais ou menos a meio. Mal posso esperar que o leias todo.

– Reviste muito o início?

– Um pouco. – Abre-me um sorriso de esguelha. – Não te preocupes. Não mudei a dedicatória.

Depois de o artigo do Will sobre a Ala D se ter tornado viral, as editoras desataram a pedir que escrevesse um livro sobre a experiência. O Will perguntou-me se queria escrevê-lo com ele, mas a minha vida já é suficientemente louca tal como é. Quando me mostrou os primeiros capítulos, ainda assim, vinham com uma dedicatória:

Para a Amy. Sem ti, não estaria aqui para escrever este livro.

Achei muito querido. E também extremamente verdadeiro.

Claro que temos ambos cicatrizes dessa noite. O Will passou uma noite nos Cuidados Intensivos e depois mais uma semana no hospital, a recuperar da pneumonia que desenvolveu. Continuamos ambos a ter pesadelos, mas agora é mais uma vez por semana, em vez de várias vezes por noite.

Damon Sawyer sobreviveu ao ataque da teia de aranha. (Ou teia de *fio dentário*, melhor dizendo.) Ele e a Jade foram ambos presos, apesar de terem acabado por ser enviados para um hospital psiquiátrico para criminosos. A alegação de insanidade mental poupou-os à prisão perpétua, mas li que alguns desses hospitais psiquiátricos são muito piores do que prisões. Afinal, estarão rodeados de pessoas iguaizinhas a

eles.

Não tenho dúvidas de que a Jade merece passar o resto da vida encarcerada, mas há uma pequena parte de mim que se pergunta se tudo não poderia ter sido evitado. Se eu tivesse feito as coisas de forma diferente quando tínhamos dezasseis anos, talvez a pudesse ter salvado. Terei de viver com essa culpa para sempre.

Mas estou a tentar aprender a ser mais sensível. Jamais poderia ser psiquiatra depois de tudo o que passei, mas vou fazer outra rotação em psiquiatria ambulatória antes de embarcar numa carreira na medicina familiar. Até me tornei amiga do Dan-Aranha. Depois de ajustada a sua medicação, teve alta e pôde regressar ao seu abrigo, onde o tenho ido visitar algumas vezes por mês. Geralmente, vemos um filme de super-heróis juntos, que é a melhor forma de o fazer sorrir. Aprendi muito com a nossa amizade e quero dar o meu melhor ao tratar pacientes com problemas psiquiátricos no futuro. Não quero que mais ninguém acabe como a Jade.

Afinal, não há nada pior do que perder o juízo.

– Estou tão entusiasmada por ti. – Pego na mão do Will, em cima da mesa. – Este livro vai ser tremendo. Dá para perceber.

– Não o poderia ter feito sem ti. – Lança-me um olhar solene enquanto me aperta a mão. – A sério. Não sei o que faria sem ti.

– Então talvez não devesses estar sem mim.

– Espero nunca estar.

E agora estamos os dois a sorrir um ao outro como idiotas. Gostava muito do Cameron e todos os dias sinto a sua falta, mas a minha relação romântica com ele nunca foi assim. O Will é o primeiro tipo com quem alguma vez andei que me pareceu que podia levar a algo mais. Mais tipo *para sempre*.

Mas ainda é tão cedo. Quatro meses. Lá porque tenho a sensação de que ele pode ser o tal e passar metade do tempo a andar por aí em estado de euforia, não quero ficar demasiado empolgada. Temos tempo.

– Ei. – Levanto-me da cadeira. – Como recompensa por teres feito ótimos progressos no teu livro, vou buscar-te aquele *iced dirty chai tea latte*, afinal.

– Uau, és mesmo a mulher perfeita.

O Will começa a ver os *e-mails* no seu telemóvel enquanto eu corro para o balcão para lhe comprar a bebida. Compra-me sempre uma quando chega primeiro, por isso é apenas justo.

Felizmente, não há grande fila. Faço o pedido e encosto-me ao balcão, à espera que a barista prepare a bebida. O Will continua sentado à nossa mesa, a mexer no ecrã do telemóvel. Vê que o estou a observar e abre-me um sorriso adorável antes de regressar ao ecrã.

O Will é simplesmente incrível. Faz-me querer encher um caderno de argolas de maus poemas sobre os seus *ardentes olhos cor de avelã*. Consigo realmente ver isto a resultar. Casamento. Dois vírgula quatro filhos. Um *golden retriever* e uma casa com uma cerca de estacas brancas.

– É demasiado bom para ti, sabias?

Sobressalto-me um pouco ao ouvir a voz. Baixo os olhos e cai-me o coração aos pés.

Uma menina bonita ergue-se diante de mim, como que à espera do seu próprio *iced dirty chai tea latte*. Os seus cabelos louros encaracolam-se em torno do seu rosto em forma de coração e veste um imaculado vestido cor-de-rosa aos folhos. Os seus familiares olhos azuis trespassam-me, com uma expressão indecifrável no rosto.

Odeio esta rapariguinha. Tanto.

Desvio o olhar, tentando ignorá-la, como sempre tento fazer. Mas ela recusa-se a ser ignorada.

– Provavelmente, vai deixar-te em breve – declara.

Viro a cabeça para ver a barista preparar uma bebida, observando os passos com grande fascínio. Pergunto-me como sabem preparar todas estas bebidas. Farão algum tipo de curso para aprender? Introdução ao Café?

– Vai deixar-te, tal como o Cameron – acrescenta a menina. – Tal como todos os outros te deixaram.

– Cala-te – resmungo eu, em surdina.

Os seus lábios róseos em arco de cupido curvam-se num sorriso, satisfeita por finalmente me ter conseguido abalar.

– Sabes que é verdade, Amy. O Will vai partir-te o coração, como todos os outros.

– *Cala-te* – repito eu, entredentes.

– A menos que o mates primeiro.

Fico de queixo caído, a olhar para o rosto doce da menina, que continua a sorrir-me. Ainda há poucos minutos me sentia tão bem. Porquê? Porque tem ela sempre de…

– Menina?

A barista terminou de preparar a minha bebida e tem estado a tentar chamar-me a atenção. Tiro-lhe o *iced dirty chai tea latte* das mãos, apesar de as minhas tremerem tão violentamente que quase o deixo cair. Quando volto a olhar para o sítio onde a menina estava, não está lá ninguém. Desapareceu.

Como habitual.

Nunca me deixará por inteiro, ainda assim. Via-a mais vezes quando andava a beber aqueles chás gelados de pêssego adulterados com alucinogénios, mas, mesmo depois de a Jade ter saído da minha vida, continuei a ver a menina de vez em

quando. Passaram nove anos e nunca disse a mais ninguém, além da Jade. Não sei se as drogas que ela me deu ativaram algo em mim que não pode ser desligado, mas essa rapariguinha está sempre comigo. Sempre.

E está sempre a dizer-me para fazer coisas. Coisas *más*.

Mas eu não lhe dou ouvidos. É claro que não.

Bem, a maior parte do tempo.

Dei-lhe ouvidos naquela festa em que eu e o Cameron nos envolvemos. Deitei alguns laxantes do armário dos medicamentos na bebida da namorada dele, a Jess, porque há já algum tempo que estava de olho no Cameron e a rapariguinha sabia o quanto eu o queria apanhar a sós. Dei-lhe ouvidos quando me disse para enviar uma carta demolidora ao diretor daquela bolsa de investigação a que o Cam se tinha candidatado porque sabia que eu não o queria a desaparecer do outro lado do país durante um ano inteiro.

Também lhe dei ouvidos quando me disse para voltar atrás e ir verificar o Quarto de Isolamento Um em vez de fugir da Ala D. E quando me sussurrou ao ouvido que apunhalasse a Jade com a agulha de tricô da Mary. Jamais teria pensado nisso sozinha.

Mas não a oiço cegamente. Não é como se fizesse absolutamente tudo o que ela me diz para fazer. Quer dizer, jamais *mataria* alguém só porque a menina me mandou. Apesar de parecer que é cada vez mais isso que ela me tem vindo a dizer para fazer. Mas seria incapaz.

Afinal, teria de ser louca para fazer algo assim.

AGRADECIMENTOS

Foram muitas as pessoas que leram este livro antes de eu o publicar e preciso de agradecer a todas!

Obrigada à minha mãe por o ter lido (duas vezes) e por me dizer efusivamente: «OH, MEU DEUS, É O MELHOR LIVRO DE SEMPRE!!!» Obrigada ao meu pai pelas suas opiniões enquanto psiquiatra em exercício, nenhuma das quais envolveu sapatos de mulher (desta vez). Obrigada a Jenna, Maura, Rebecca e Beth, por serem um grupo de escrita absolutamente motivador! Obrigada a Kate pelas excelentes sugestões. Obrigada aos meus outros leitores beta, Pamela e Mark. Obrigada a Avery pelos conselhos sobre a capa. Obrigada a Val pelos seus olhos de águia.

Como sempre, quero deixar um agradecimento enorme a todos os meus leitores. Não podia realmente fazer isto sem o vosso apoio, por isso são incríveis. Sim, todos.

Table of Contents

1. 1
2. 2
3. 3
4. 4
5. 5
6. 6
7. 7
8. 8
9. 9
10. 10
11. 11
12. 12
13. 13
14. 14
15. 15
16. 16
17. 17
18. 18
19. 19
20. 20
21. 21
22. 22
23. 23
24. 24
25. 25
26. 26
27. 27
28. 28
29. 29
30. 30
31. 31
32. 32
33. 33
34. 34
35. 35
36. 36
37. 37
38. 38
39. 39
40. 40
41. 41
42. 42
43. 43
44. 44

45. 45
46. 46
47. 47
48. 48
49. 49
50. 50
51. 51
52. 52
53. 53
54. 54
55. 55
56. 56
57. 57
58. 58
59. 59
60. Epílogo

Page List

1. 3
2. 4
3. 5
4. 7
5. 8
6. 9
7. 10
8. 11
9. 12
10. 13
11. 14
12. 15
13. 16
14. 17
15. 18
16. 19
17. 20
18. 21
19. 22
20. 23
21. 24
22. 25
23. 26
24. 27
25. 28
26. 29
27. 30
28. 31
29. 32

30. 33
31. 34
32. 35
33. 36
34. 37
35. 38
36. 39
37. 40
38. 41
39. 42
40. 43
41. 44
42. 45
43. 46
44. 47
45. 48
46. 49
47. 50
48. 51
49. 52
50. 53
51. 54
52. 55
53. 56
54. 57
55. 58
56. 59
57. 60
58. 61
59. 62
60. 63
61. 64
62. 65
63. 66
64. 67
65. 68
66. 69
67. 70
68. 71
69. 72
70. 73
71. 74
72. 75
73. 76
74. 77
75. 78
76. 79
77. 80
78. 81
79. 82

80. 83
81. 84
82. 85
83. 86
84. 87
85. 88
86. 89
87. 90
88. 91
89. 92
90. 93
91. 94
92. 95
93. 96
94. 97
95. 98
96. 99
97. 100
98. 101
99. 102
100. 103
101. 104
102. 105
103. 106
104. 107
105. 108
106. 109
107. 110
108. 111
109. 112
110. 113
111. 114
112. 115
113. 116
114. 117
115. 118
116. 119
117. 120
118. 121
119. 122
120. 123
121. 124
122. 125
123. 126
124. 127
125. 128
126. 129
127. 130
128. 131
129. 132

130. 133
131. 134
132. 135
133. 136
134. 137
135. 138
136. 139
137. 140
138. 141
139. 142
140. 143
141. 144
142. 145
143. 146
144. 147
145. 148
146. 149
147. 150
148. 151
149. 152
150. 153
151. 154
152. 155
153. 156
154. 157
155. 158
156. 159
157. 160
158. 161
159. 162
160. 163
161. 164
162. 165
163. 166
164. 167
165. 168
166. 169
167. 170
168. 171
169. 172
170. 173
171. 174
172. 175
173. 176
174. 177
175. 178
176. 179
177. 180
178. 181
179. 182

180. 183
181. 184
182. 185
183. 186
184. 187
185. 188
186. 189
187. 190
188. 191
189. 192
190. 193
191. 194
192. 195
193. 196
194. 197
195. 198
196. 199
197. 200
198. 201
199. 202
200. 203
201. 204
202. 205
203. 206
204. 207
205. 208
206. 209
207. 210
208. 211
209. 212
210. 213
211. 214
212. 215
213. 216
214. 217
215. 218
216. 219
217. 220
218. 221
219. 222
220. 223
221. 224
222. 225
223. 226
224. 227
225. 228
226. 229
227. 230
228. 231
229. 232

230. 233
231. 234
232. 235
233. 236
234. 237
235. 238
236. 239
237. 240
238. 241
239. 242
240. 243
241. 244
242. 245
243. 246
244. 247
245. 248
246. 249
247. 250
248. 251
249. 252
250. 253
251. 254
252. 255
253. 256
254. 257
255. 258
256. 259
257. 260
258. 261
259. 262
260. 263
261. 264
262. 265
263. 266
264. 267
265. 268
266. 269
267. 270
268. 271

Landmarks

1. Cover